

# A DOMÉSTICA DE MAGÉ

PEDRO VITOR COSTA

UMA ARQUITETURA EM 8 ATOS



O caderno reúne o processo de desenvolvimento e aprofundamento teórico do tema estudado no Trabalho Final de Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/UFRJ

Orientadores: **Ayara Mendo** e **Cauê Capillé**

**Nov, 2020**

Vila Operária no bairro de Raíz da Serra, distrito Vila Inhomirim. A vila começou a ser construída em 1831, ano em que a Real Fabrica de Pólvora foi transferida para cidade, atual Fábrica da Estrela (IMBEL)



**Maria, Maria**

É um dom, uma certa magia  
Uma força que nos alerta  
Uma mulher que merece  
Viver e amar  
Como outra qualquer  
Do planeta

Maria, Maria

É o som, é a cor, é o suor  
É a dose mais forte e lenta  
De uma gente que ri  
Quando deve chorar  
E não vive, apenas aguenta

Mas é preciso ter força

É preciso ter raça

É preciso ter gana sempre

Quem traz no corpo a marca

Maria, Maria

Mistura a dor e a alegria

Mas é preciso ter manha

É preciso ter graça

É preciso ter sonho sempre

Quem traz na pele essa marca

Possui a estranha mania

De ter fé na vida



Areal Del Rey. Área de extração de areia  
às margens da rodovia BR-116, no bairro  
Bongaba, distrito Vila Inhomirim

Esquentei o arroz e os peixes e dei para os filhos.  
Depois fui catar lenha.  
Parece que vim ao mundo predestinada a catar.  
Só não cato felicidade



Ruínas do cais na estação Guia de Pacobaíba, construído em 1854 e desativado em 1926, no bairro Mauá, distrito Guia de Pacobaíba

**Brasil, meu nego**

Deixa eu te contar  
A história que a história não conta  
O avesso do mesmo lugar  
Na luta é que a gente se encontra

Brasil, meu denço  
A mangueira chegou  
Com versos que o livro apagou  
Desde 1500  
Tem mais invasão do que descobrimento  
Tem sangue retinto pisado  
Atrás do herói emoldurado  
Mulheres, tamoios, mulatos  
Eu quero um país que não está no retrato

Brasil, o teu nome é Dandara  
Tua cara é de cariri  
Não veio do céu  
Nem das mãos de Isabel  
A liberdade é um dragão no mar de Aracati

Salve os caboclos de julho  
Quem foi de aço nos anos de chumbo  
Brasil, chegou a vez  
De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, malês

Mangueira, tira a poeira dos porões  
Ô, abre alas pros teus heróis de barracões  
Dos Brasil que se faz um país de Lecis,  
jamelões  
São verde- e- rosa as multidões

Samba-enredo apresentado pela **Estação Primeira de Mangueira** no carnaval de 2019, onde conquistou o 20º título de campeã.

Composição: **Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira, Danilo Firmino, Manu da Cuíca e Luiz Carlos Máximo**

Paisagem vista do alto do morro  
da Capela Nossa Senhora dos  
Remédios (séc. XVIII), localizada  
no bairro de Mauá, distrito Guia  
de Pacobaíba.





### Para que ninguém leia...

Que ninguém me leia. Sou de cor que não pega; raça ruim que a  
existência afronta.  
Sou consequência!  
Vivo a sutil racialização das relações; como gotas impondo,  
internalizando que o sol não é para todos, logo, acredito; sigo sem  
tino, esse caminho distante de tudo, que me leva a servir sem sentir  
nada...enquanto a vida gira...  
Mas tenho segredos...escondo anseios e medos; escrevendo um  
enredo sem protagonizá-lo...  
Já que não serei lida, é melhor que eu diga: Minha janela tem  
frestas...  
Me revela um mundo, do qual fujo num segundo, volvendo ao meu  
adequado;  
racismo estruturado!  
Sou filha daquela barriga molhada, das mãos calejadas e bolsos sem  
nada, que mal  
me conta quem fui.  
Genealogia? Besteira! Por mais que eu queira, sou filha e mãe.  
Sou apenas!  
Consuetudinário retrato; passado arrancado das mãos.  
Que ninguém me leia!  
O que busco na fresta, não verei, estou bem certa.  
Minha janela é fechada. Ainda é dominação! É culpa. É  
constrangimento moral.  
É para que ninguém leia...  
A realidade, é que quando todo o suor, a minha cor desbotar,  
haverá uma fila  
que sem contestar, fará tudo de novo, nesse mecanismo tolo, que  
nos desconstrói.  
Não me leia!  
Construíram uma perfeita cadeia cuja morada é em nós.  
Não serei lida!  
Hoje, minha saída é coleção de sonhos...  
Tenho sonhos, pelos quais me exponho.  
Quero acreditar que assim será até que um se levante, e saindo da  
fresta, insulte essa medíocre festa, abrindo de fato a janela.

Eu Jamais diria, se fosse ser lida; mas não vivo.  
Sobrevivo amargando a exclusão.  
Meus dias são contraste; eu vivo aparência, vulnerabilidade, baixa  
escolaridade.  
Eu vivo dominação!  
Não é sociedade!  
É racismo!  
É pós abolição!  
Que não me leiam.  
É desabafo!  
É indignação!  
Sou de gente iletrada, sem interpretação, mas sei bem; fazem pra  
alguns poucos, esse “Brasil de todos”.  
Progresso pra uns, ordem pra outros...

**Silvana Muniz**, advogada e poetisa

Filha de **Maria Auxiliadora Pereira**, doméstica e datilógrafa  
Neta de **Maria Clementina Pereira**, lavradoura  
Bisneta de **Margarida**, vítima do regime escravocrata

# SUMÁRIO

PRÓLOGO	25
A DOMÉSTICA	37
O TERRITÓRIO	41
O COTIDIANO	53

Ivone: 3h	59
■ Vanda: 6h	65
Cris: 9h	75
Maria: 12h	81
Zuca: 15h	91
Nana: 18h	99
■ Bila: 21h	109
Laura: 00h	115

<b>A DOMÉSTICA DE MAGÉ</b>	<b>121</b>
A rodoviária	
O ônibus	
O banheiro de serviço	

## 133 INSERÇÕES EM CIRCUITOS URBANOS OU PROPOSTAS PARA PRÓXIMA CIDADE

155	A casa hedônica: 21h	■
175	Almoço agrônico: 12h	
193	Museu da Conversa Fiada: 03h	
211	Circuito Faber: 18h	
229	Dreamland: 00h	
247	Piscinão das marés: 15h	
265	Janela do mundo: 06h	■
283	Monumento Ciborgue: 09h	

299	<b>RUÍNAS POSSÍVEIS</b>	
	A laje e o círculo	
	O vão e o rio	
	O banho à deriva	

## 350 REFERÊNCIAS

## **AGRADECIMENTOS. /**

Aos meus pais, Antônio e Cida, pelo apoio incondicional, por serem porto e calma.

Aos meus orientadores, Ayara e Cauê, por todo conhecimento compartilhado, inspiração, expiração e vibração.

Às 8 protagonistas dessa história: Ivanilda, Vania, Neia, Aparecida, Rezeni, Creusa, Roselir e Lauremeri pela força, amor e suor que me permitiram um dia escrever este caderno.

À Silvana, por toda paciência, apoio e companheirismo.

À Patrícia, por ser abraço imenso.

Aos dorminhões do Auê, por serem sorrisos sem fim.

À família Trappo, por ser a loucura necessária.

À Raira, Ana Laura e Gui, pela inquietude fascinante.

À todos os amigos que fizeram parte dessa trajetória e me fizeram olhar o mundo por olhos diferentes dos meus.

Ao GPCHU, por me ensinar que mais importante que encontrar as respostas é construir novas perguntas

Ao ensino público de qualidade que me deu a oportunidade de ir além dos muros.

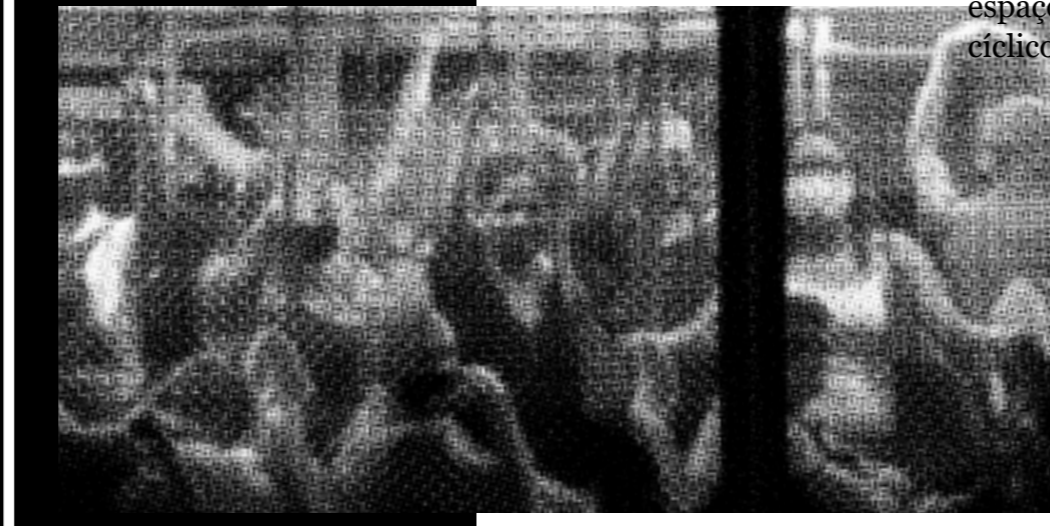
# Prólogo

A pesquisa parte de uma análise da arquitetura e o espaço cotidiano vivenciado pela empregadas doméstica de Magé. A partir de entrevistas feitas com oito mulheres e vivências próprias, se costura um mosaico composto de pequenas peças. Peças e fragmentos se unem na construção de uma narrativa que busca compreender os reflexos de um processo histórico-social refletido nos corpos e no espaço construído.

O material se desdobra a partir de relatos, fatos e projeções (ou projetos?). Mergulha no tempo fracionado em horas, linear, para compreender o cotidiano além dos ponteiros. A partir de memórias compartilhadas, o cotidiano passa a ser narrado sob uma ótica que transita entre o real e ficcional. Cenas analisadas a partir de cruzamentos interdisciplinares. O trânsito dos corpos na cidade como produto de uma construção social e espacial que moldam a realidade urbana contemporânea.

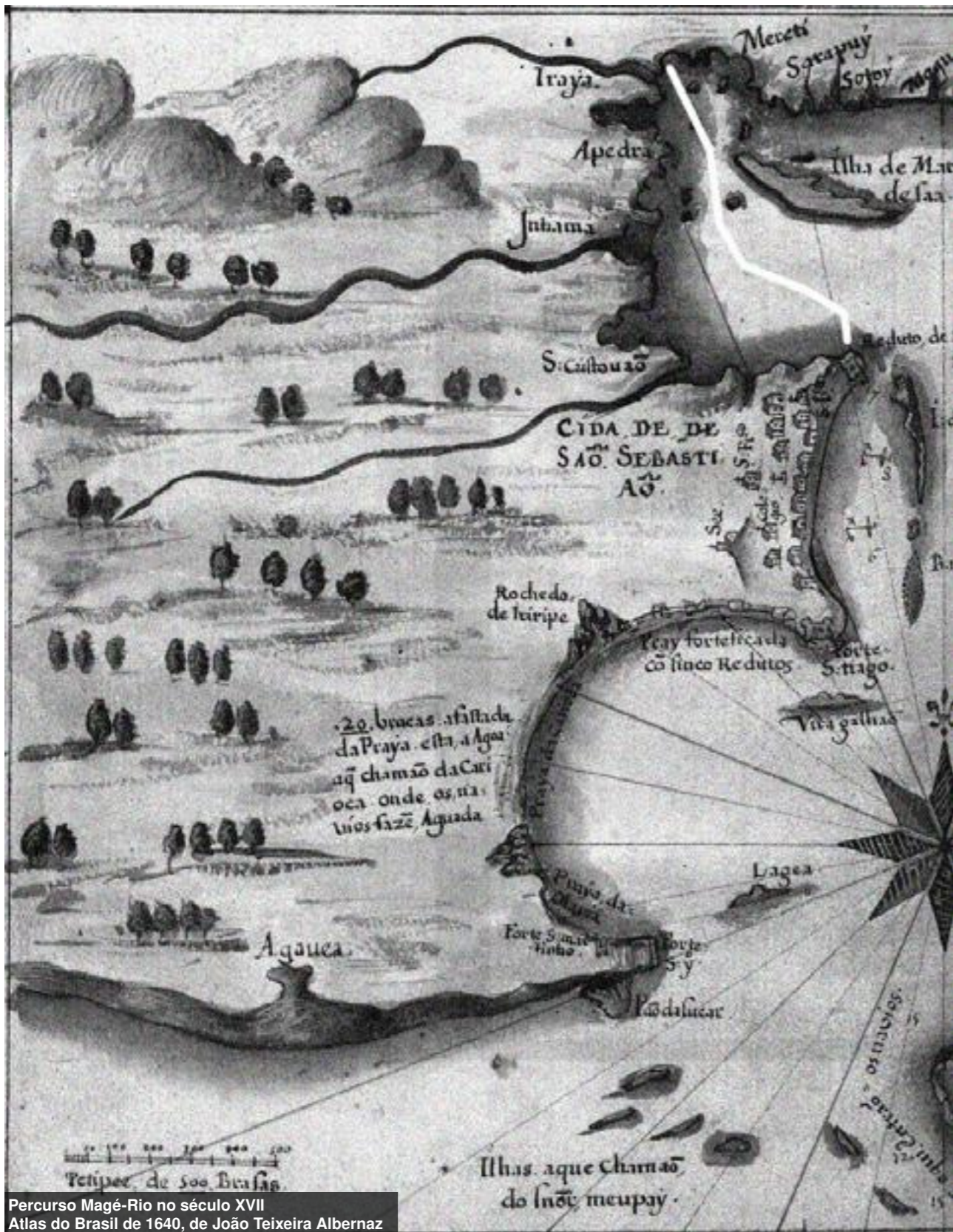
Magé é uma cidade, como muitas da região metropolitana do Rio de Janeiro, onde seus habitantes passam o dia trabalhando em um centro e habitam a própria cidade, periférica, apenas no período da noite. Filho de empregada doméstica, sempre acompanhei a rotina das mulheres da minha família. Sair antes do sol nascer e retornar após o sol se pôr. Passar dia exercendo funções domésticas. Longas horas no transporte público por cinco, seis dias da semana e nos finais de semana o retorno ao espaço doméstico, dando continuidade ao trabalho num processo cíclico e repetitivo.

Ônibus lotado durante a  
pandemia da Covid-19.  
2020. Permanecer  
em quarentena foi  
privilégio de poucos.

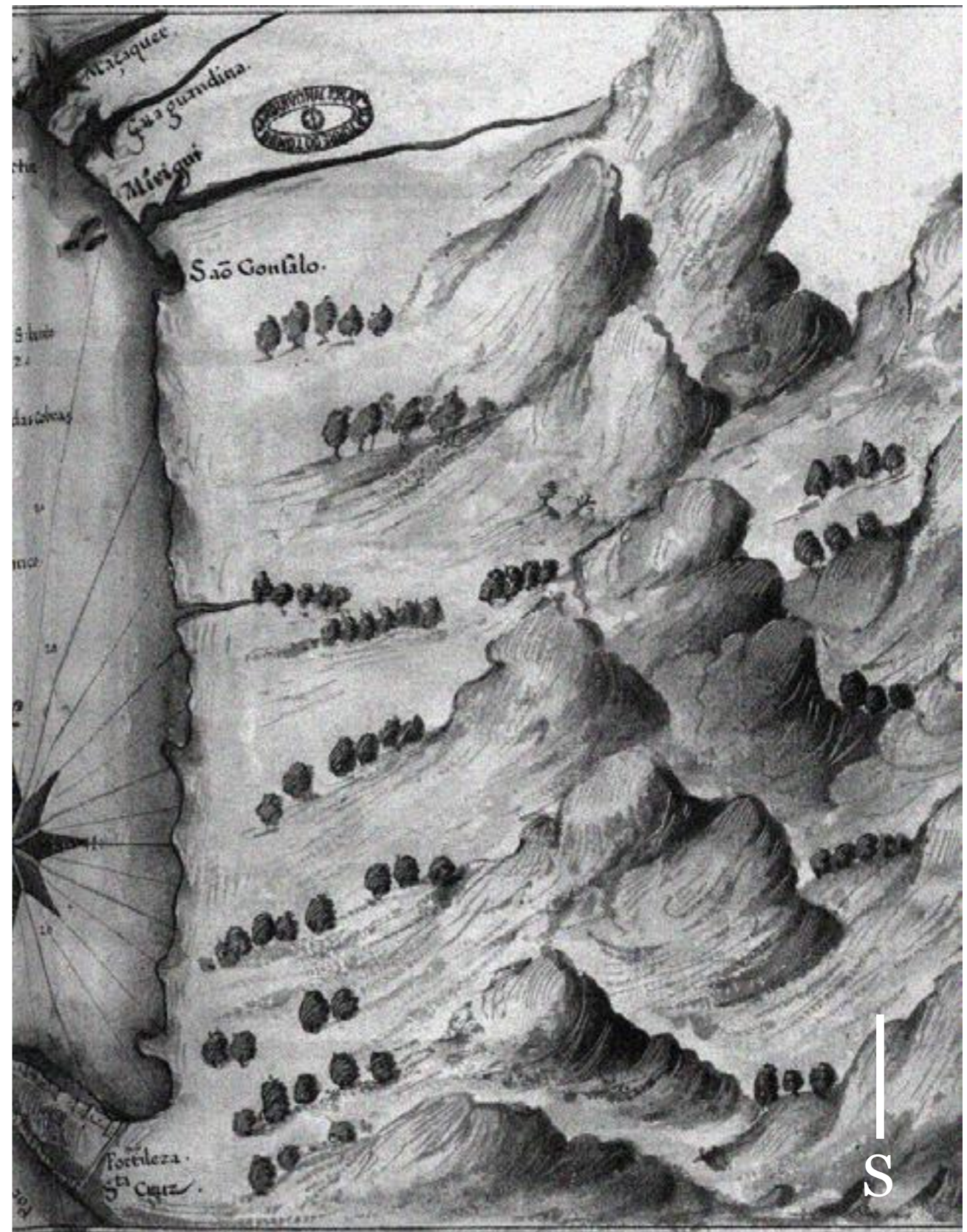


**Como o desenho urbano  
injeta no cotidiano  
dessas mulheres doses  
homeopáticas de  
frustração, subalternidade e  
segregação?**



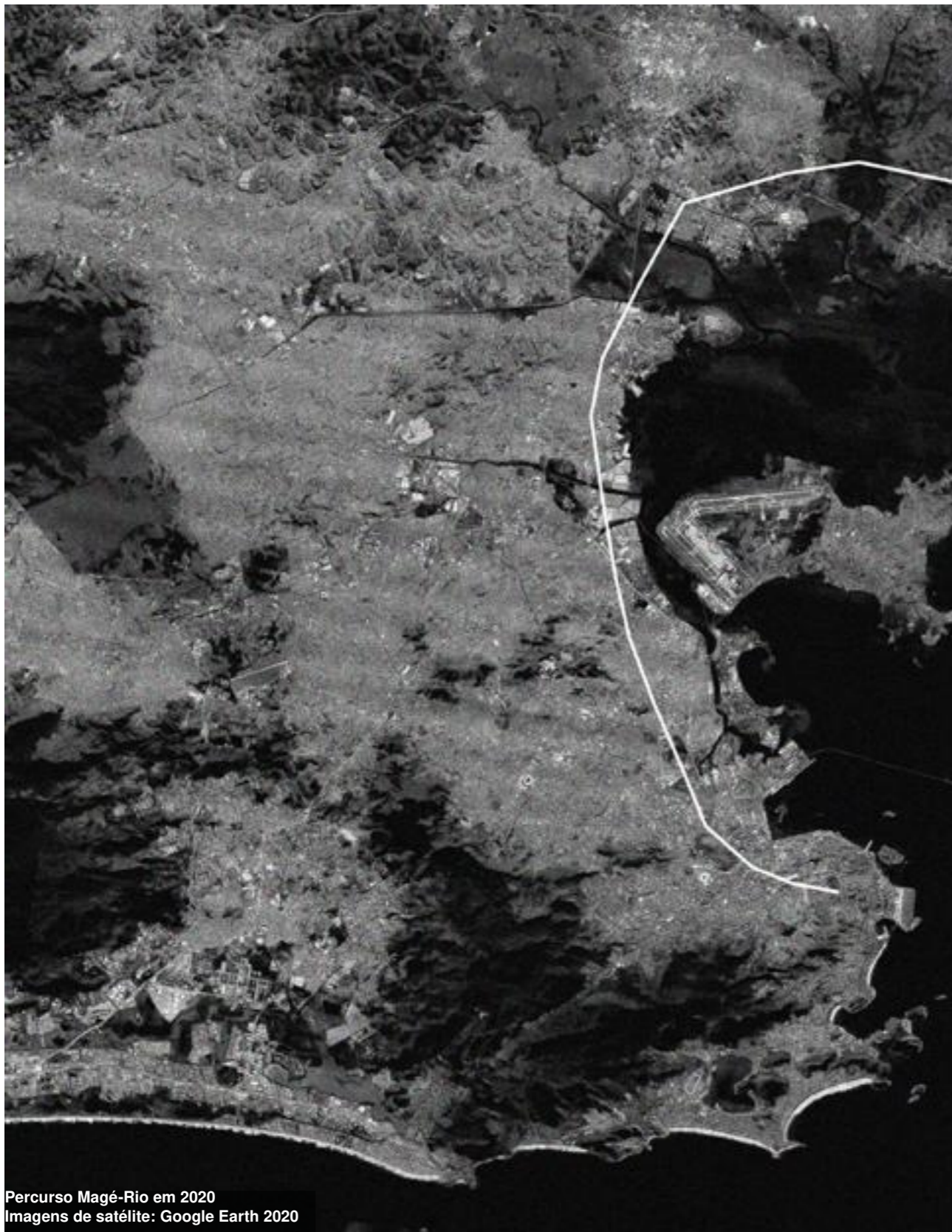


Percurso Magé-Rio no século XVII  
Atlas do Brasil de 1640, de João Teixeira Albernaz

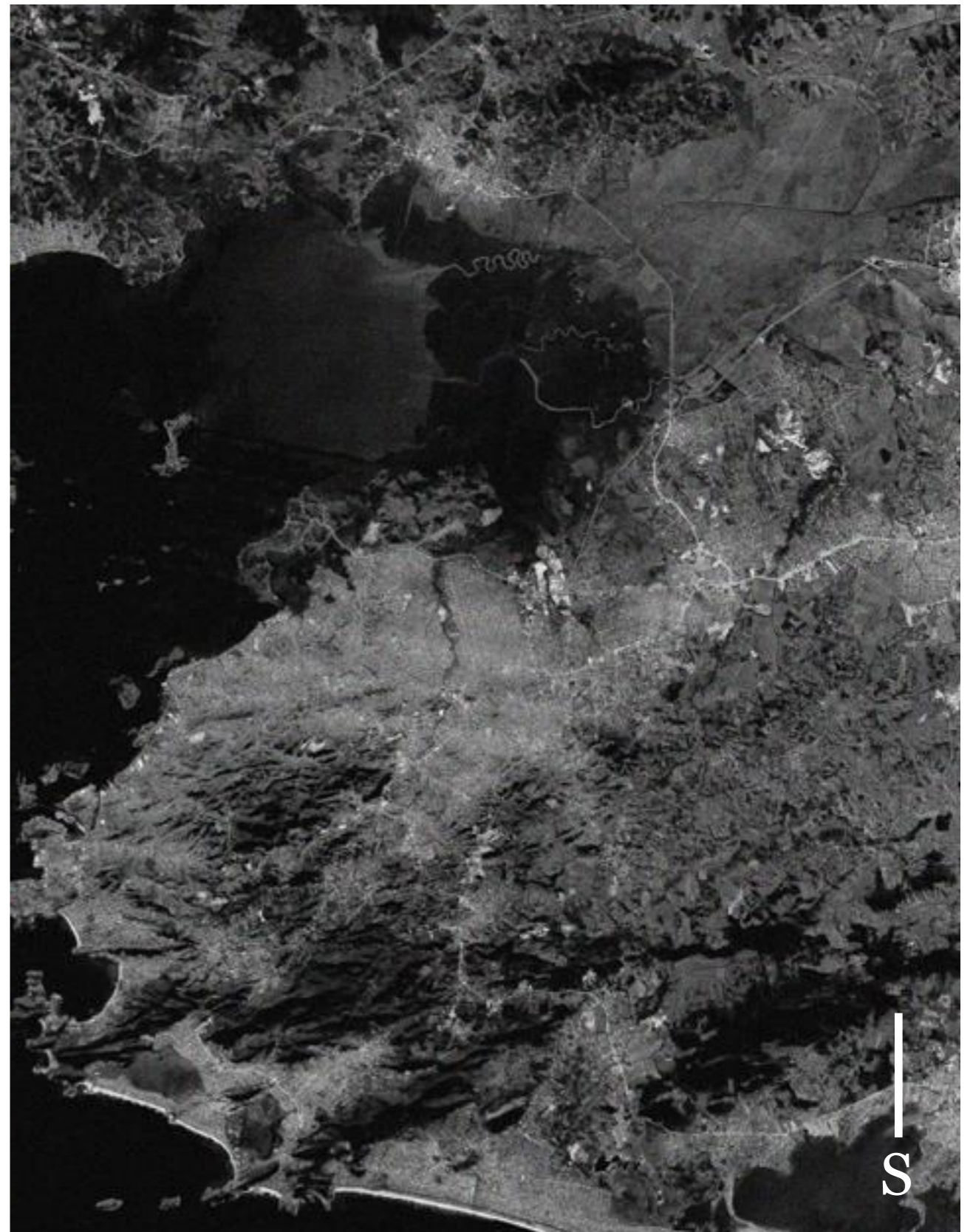


S





Percurso Magé-Rio em 2020  
Imagens de satélite: Google Earth 2020





O caderno se desenvolve sobre o processo contido entre a primeira inquietação até o aprofundamento teórico como principal ferramenta projetual. A partir de conversas, entrevistas, vídeos e pesquisas históricas, monto um panorama capaz de narrar um pouco da história da periferia fluminense. A consolidação de um sistema ancorado em relações de dominação e desigualdade responsáveis por marcar o corpo e a consciência dessas mulheres.

Não abro mão do meu papel e responsabilidade como planejador urbano, porém, insiro nesse processo vozes constantemente silenciadas por nossa escrita, nossos desenhos, nossas cidades.

## **2020: “Eu não consigo respirar!”**

Em 2020, fomos confrontados por eventos capazes de transparecer marcas pulsantes deixadas pela colonização, traduzidas em um cenário de extrema desigualdade social e seletividade de corpos e vidas.

Em fevereiro de 2020, Paulo Guedes, então ministro da economia de Jair Bolsonaro, sobre a alta do dólar, afirma: “Não tem negócio de câmbio a R\$ 1,80. Vamos exportar menos, substituição de importações, turismo... Todo mundo indo para a Disneylândia, empregada doméstica indo para Disneylândia, uma festa danada”.

Em março, a pandemia causada pelo vírus, Covid-19, chega ao país e expõe o extremo despreparo e descaso do governo federal com as populações mais vulneráveis, onde os índices de mortalidade nas regiões mais pobres são mais altos e suas vítimas fatais são em maioria mulheres e negros. Em 17 de março a primeira vítima fatal no Rio de Janeiro foi uma empregada doméstica, a diarista Cleonice Gonçalves, de 63 anos, mesmo durante a pandemia não pode deixar de se deslocar 120km (distância entre sua casa e o trabalho no alto Leblon) para trabalhar. Cleonice, contraiu o vírus ao cuidar da patroa que voltara adoecida de uma viagem à Itália.

No dia 02 de junho, Miguel Otávio, de 5 anos, morreu ao cair de uma altura de 35 metros. A mãe do menino, a empregada doméstica, Mirtes Renata Souza, saiu para passear com a cadela da patroa, Sari Corte Real (Corte Real chega a ser irônico),

Frase proferida por George Floyd momentos antes de morrer estrangulado por um policial branco na cidade de Minneapolis. O assassinato do ex-jogador de futebol americano foi estopim para o início de uma onda de protestos nas cidades estadunidenses.

“Guedes diz que, com câmbio baixo, até empregada doméstica estava indo para Disney.”

-Infomoney

**“Mulheres e negros são os mais afetados pela covid-19 no Brasil, aponta IBGE.”**

**-UOL NOTÍCIAS**

**“Primeira vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon.”**

**-UOL NOTÍCIAS**

Primeira dama da cidade de Tamandaré, esposa do prefeito Sergio Hacker. Sari, cuidava do filho de Mirtes durante o passeio da cadela. A cadela voltou da rua a salvo. Miguel, abandonado no prédio, morreu. Durante as investigações foi descoberto que a doméstica recebia como funcionária da prefeitura de Tamandaré, porém prestava serviços pessoais na casa do prefeito. Sari Corte Real, pagou uma fiança de 20 mil reais e responde ao processo em liberdade. Mirtes, afirmou que quer que a justiça seja feita:

**“Se fosse eu, a essa hora, já estava lá no Bom Pastor [Colônia Penal Feminina], apanhando das presas por ter sido irresponsável com uma criança.”**

## ESPAÇO COR CORPO

A relação entre corpo e espaço, nesses casos, são de extrema importância para o entendimento da construção da realidade urbana brasileira. O espaço que esses corpos ocupam e a relevância de sua existência, retratam uma sociedade marcada por segregações e injustiças: um corpo intruso na Disney, não digno de uma experiência de lazer. Um corpo que pode ser exposto ao risco de vida. Um corpo que não necessita de cuidados.

É importante lembrar que nos três casos, as vítimas são negras e o agressor branco. Corte Real. Se torna clara as ações e estratégias que constituem uma necropolítica<sup>1</sup>, ao descrever as políticas estatais de violência como ferramenta de controle das massas. O refinamento desse controle transita entre políticas capazes de proteger, negligenciar e matar como principal sistema de manutenção de poderes e aniquilação dos corpos que não representam valor diante dessa estrutura social. Ao invés de matar, se deixa morrer (FOUCAULT, 1975).

1. Conceito cunhado por Achille Mbembe ao revisar o conceito de biopolítica de Foucault sob uma perspectiva de raça. (MBEMBE, A. Crítica da razão negra. São Paulo: n-1 edições, 2018)

**“Caso Miguel: Após quase 1 mês, ex-patroa depõe sobre a queda do menino no Recife.”**

-G1

**“Caso Miguel: Justiça prorroga prazo para Sari Corte Real apresentar defesa.”**

-G1

**“Mãe de menino que morreu ao cair de prédio diz que patroa, que estava com a criança, é mulher de prefeito: ‘Se fosse eu, meu rosto estaria estampado’.”**

-G1



# A doméstica

No ano de 2018, o Brasil vivencia uma mudança drástica em seu cenário político ao eleger um candidato conservador e representante da extrema direita à presidência. As eleições brasileiras não podem ser vistas como evento isolado, visto que existe uma tendência global de crescimento dos ideais conservadores e nacionalistas, além do crescente reaparecimento de movimentos nazifascistas<sup>1</sup>. Campanhas eleitorais marcadas pela manipulação de informação e disseminação de “Fake News”, o momento exige um amadurecimento subjetivo capaz de perfurar a superficialidade de algumas ideias disseminadas pelo senso comum e que generalizam e planificam o indivíduo.

O Brasil é o país com a maior população de domésticas do mundo. São 7 milhões de trabalhadores domésticos, segundo estudos do IPEA de 2015. 95,4% são mulheres. Dessas, 3,7 milhões eram negras e pardas e 2 milhões brancas, todas marcadas pelo baixo nível escolar.

A relação casa grande-senzala, centro-periferia expõem estruturas sociais e políticas herdadas de um período colonial marcado por 353 anos de escravidão. Quando as cidades passam a ser divididas entre regiões que concentram equipamentos e políticas que oferecem maior qualidade de vida e outras regiões excluídas de qualquer tipo de assistência e apoio, é necessário compreender as populações que habitam cada um desses lados e toda costura histórica que entrelaça o processo de construção da cidade. Fronteiras se elevam e se tornam tão visíveis quanto muros. Em essência, um binarismo obsessivo, herdado das culturas ocidentais, se assenta como liga indispensável para construção desses muros.

A população que passa a viver nas regiões periféricas, marcadas pela ausência do estado e precariedade das estruturas urbanas. A população mais vulnerável, por condição, possui apenas sua força de trabalho como moeda de troca no centro (ou corte?). A relação com o centro se traduz na distância que cada uma dessas pessoas precisa percorrer para chegar aos postos de trabalho e equipamentos urbanos básicos e essenciais. O movimento pendular, mais do que um fenômeno urbano contemporâneo, é o retrato de uma cidade fragmentada e passa

## PRECISA-SE

alugar uma criada que saiba cozinhar e fazer os arranjos de uma casa de família, e um moleque para recados, na rua da Princesa n. 1. 3-1

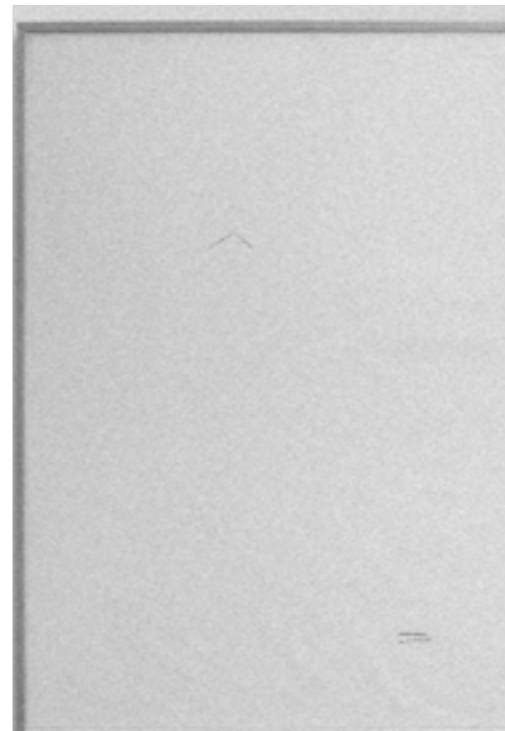
## ESCRABAVA

VENDE-SE uma, mulata de 38 annos, com um filho de 3 annos de cor clara e compra-se um negrinha de 10 a 12 annos. Para tratar á rua Quitanda n. 20. 3-3

o comércio de  
escravos nos  
jornais do século  
XIX.

ser instrumento fundamental para conservação de dinâmicas e estruturas de servidão e colonialidade.

O transito desses corpos subalternizados se tornam a principal matéria de questionamento no trabalho artista Clara Ianni. Em seu trabalho Desenho de Classe 7 (2015), a artista organiza quadros em dípticos, telas postas lado a lado. Em cada tela em branco, o traçado representa o percurso feito entre sua casa e o trabalho. De um lado empregadora/o e do outro a empregada doméstica. Os traçado foi feito em papel vegetal sobre o mapa do município de São Paulo. Depois cada um dos participantes coloca ao lado o valor de seu salário. A comparação entre as linhas revela cicatrizes que ultrapassam a obra, atravessam séculos de injustiças e exploração.



## AS MULHERES DE MAGÉ

Magé é um município que se enquadra no que conhecemos como cidade-dormitório. Cidades onde a maior parte de sua população trabalha fora da cidade, passando o dia em outras cidades, geralmente capitais, retornando à própria cidade apenas para dormir.

Os trabalhadores de Magé que trabalham na cidade do Rio de Janeiro, percorrem 57 km todos os dias. O movimento pendular é traduzido em grande gasto de tempo em trânsito. Cotidiano comum às domésticas da cidade, que muitas vezes passam de 3 à 5 horas por dia no trajeto.

Existem alguns fatos que realçam a necessidade de entendimento do território e do papel que a cidade exerce sobre

1. SANT'ANNA, Lourival. Eleições na Itália confirmam crescimento de fascistas. 2018. Disponível em: <<https://comunidade.rockcontent.com/como-fazer-referencia-de-site/>> Acesso em 23 out. 2019

os corpos que nela habitam. Opto por me aprofundar, cada vez mais, nas especificidades da busca por alcançar a pele, a voz.

De acordos com dados do IBGE, Magé possui uma população de aproximadamente 245 mil habitantes, maioria mulheres e apenas 11,2 % da população ocupada, ou seja, com empregos formais. Uma população onde a maioria dos indivíduos se encontram em situação de trabalho informal, torna difícil uma pesquisa baseada em dados e estatísticas, as quais as domésticas são praticamente invisíveis. Entretanto, alguns dados instigam. O resultado das eleições de 2018 expõe uma realidade intrigante: a cidade com maioria do eleitorado feminino (52,65%) e em condição de trabalho informal depositou aproximadamente 70% dos votos no candidato de extrema-direita: Jair Bolsonaro, único deputado federal a votar contra a PEC das Domésticas em 2013. Defensor de valores conservadores, muitas vezes opostos à luta pela igualdade racial, de gênero e social. Como principal questionamento me pergunto se esses 70% dos votos não seriam como “votos-suicidas”, onde os eleitores apoiam um candidato que defende ideologias responsáveis pela manutenção de uma estrutura social que insiste em escravizar e marginalizar seus próprios corpos.

*Como a cidade e toda dinâmica urbana, contribui para construção dessa realidade? Como a manipulação dos espaços e os objetos arquitetônicos podem controlar o corpo, memória e o tempo em função da manutenção de lógicas opressivas?*

Mais do que repostas, encontrar um corpo, se torna essencial para encontrar as perguntas corretas. O entendimento da cidade e da arquitetura parte do corpo.

“[...] a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta (a cidade), e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente.”(BERENSTEIN, 2004)

# O território

Livros e escritos sobre a história cidade de Magé dão aos invasores portugueses o papel de “fundadores” do território e ignoram milênios de ocupações e conhecimento primitivo, indígena. O apagamento da memória dos dominados responde algumas das questões levantadas anteriormente.

O nome Magé, proveniente da palavra Megepe-Mirim, cacique jovem em tupi guarani, revela um pouco da ocupação do território. Um acontecimento, mantido vivo por uma memória popular, marca um dos primeiros passos para construção da ideia de território e identidade cultural, o nascimento da árvore Mirindiba. Nativa da região, foi fruto da metamorfose de uma índia Timbira, após um encantamento feito pelo pajé da tribo. A árvore localizada em um dos pontos mais altos e centrais da cidade, se torna um dos primeiros marcos territoriais da região. Em 1973, a descoberta de um sítio arqueológico dos índios Tupinambás em Barão de Iriri, no distrito de Suruí, revelará a ocupação de diversas tribos indígenas por longos períodos<sup>1</sup>.

A região foi uma das primeiras a receber o título de cidade no Brasil, com 454 anos, possuindo aproximadamente a mesma idade da capital do estado. Por sua condição litorânea, foi um dos primeiros lugares a receber os invasores portugueses, apenas 3 anos após a chegada da primeira tripulação europeia no Brasil, na Bahia.

Construções históricas em ruínas e completo descaso com a identidade cultural revelam a degradação da memória na paisagem urbana, deixa evidente o assolamento da história urbana como um dispositivo ativador do processo de alienação espacial do indivíduo, processo capaz de retirar do habitante a capacidade de luta. Uma vez que a memória se torna principal material de construção da existência, o processo de apagamento da mesma retira deste indivíduo a consciência sobre a condição de agente essencial para construção do meio em que vive e da própria história.

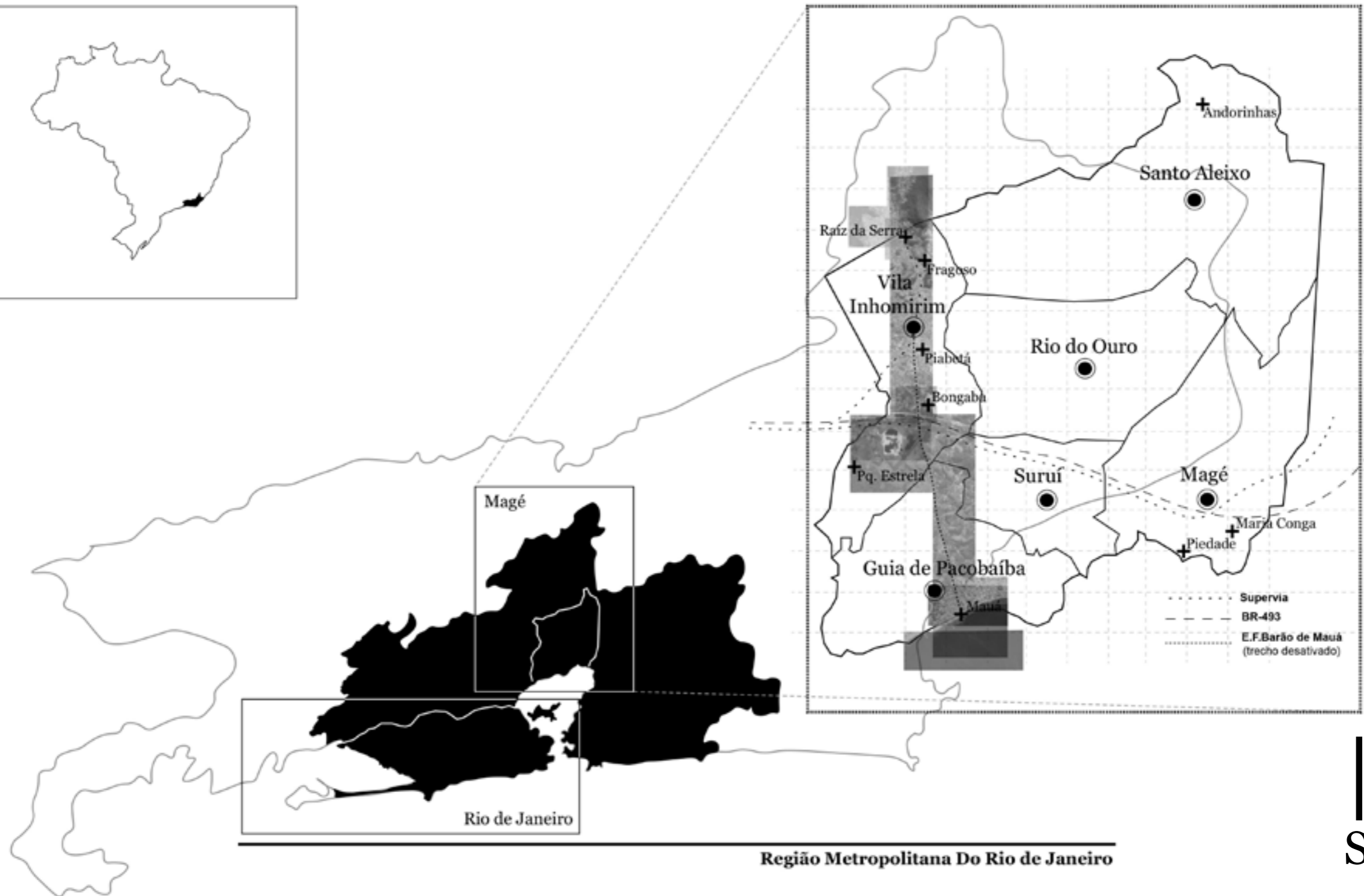
Sem memória não há luta. O confinamento ao eterno presente caracteriza a maior parte da população brasileira, privada de sua memória, vivendo o cotidiano como um ciclo infindável e sufocante.



A mítica árvore Mirindiba permanece no alto do Morro do Bonfim no centro da cidade de Magé.

A árvore afronta por séculos a igreja de N<sup>o</sup> Senhor Do Bonfim. Uma convivência tão silenciosa quanto rancorosa.





No livro “Magé – a terra do Dedo de Deus”<sup>2</sup> (A rocha, conhecida como Dedo de Deus, deixa de fazer parte do território na década de 90 com a emancipação do município de Guapimirim) e “A saga dos Ullmann - História da cidade de Magé 1870/1950”<sup>3</sup>, tratam de forma épica uma ocupação europeia do território e celebra os imigrantes brancos do fim do século XIX, silenciando dominados e marginalizando movimentos contrários aos protagonistas.

Alguns documentos datam a chegada dos portugueses em 1503, navegando a partir da Baía da Guanabara, adentrando o território pelo rio Magepe (atualmente, Inhomirim). Apenas com a chegada do português Simão da Motta, em 1567, o território passa a ser ocupado definitivamente. É muito provável que a resistência indígena tenha durado cerca de 64 anos, apagados. Simão da Motta recebe a região como prêmio pelo apoio dado à Estácio de Sá, na batalha que resultou na expulsão dos franceses do território fluminense. O navegador ocupa a área com auxílio do processo de catequização. Processo liderado pelo padre jesuíta José de Anchieta, considerado santo da cidade por um milagre feito no local atualmente conhecido como Poço Bento. O trajeto entre o mar e o atual, Morro do Bonfim, configura o início da formação do território: trecho que liga o morro à praia de Piedade.

A ocupação do território é marcada pela dizimação e catequização do povo indígena e escravização do povo negro para o início da produção de cana de açúcar. Os engenhos marcam o fim do século XVI e início do século XVII com o desenvolvimento econômico a partir da produção de açúcar. A ocupação do território é marcada pela construção de igrejas que inserem a arquitetura colonial na paisagem como símbolo de domínio e construção de memória. No século XVIII, com auxílio de rotas deixadas pelos povos indígenas, abre-se o terceiro caminho do ouro (conhecido como 3ª Estrada Real ou Caminho Novo), ligando a região às regiões mineiradoras, com destino à Vila Rica (atual Ouro Preto). O escoamento do ouro por terras mageenses impulsiona a ocupação urbana e o desenvolvimento dos meios de transporte como ferramenta de otimização do processo de escoamento da produção pelo trecho Vila Rica-Praça Mauá, para então seguir para Lisboa.

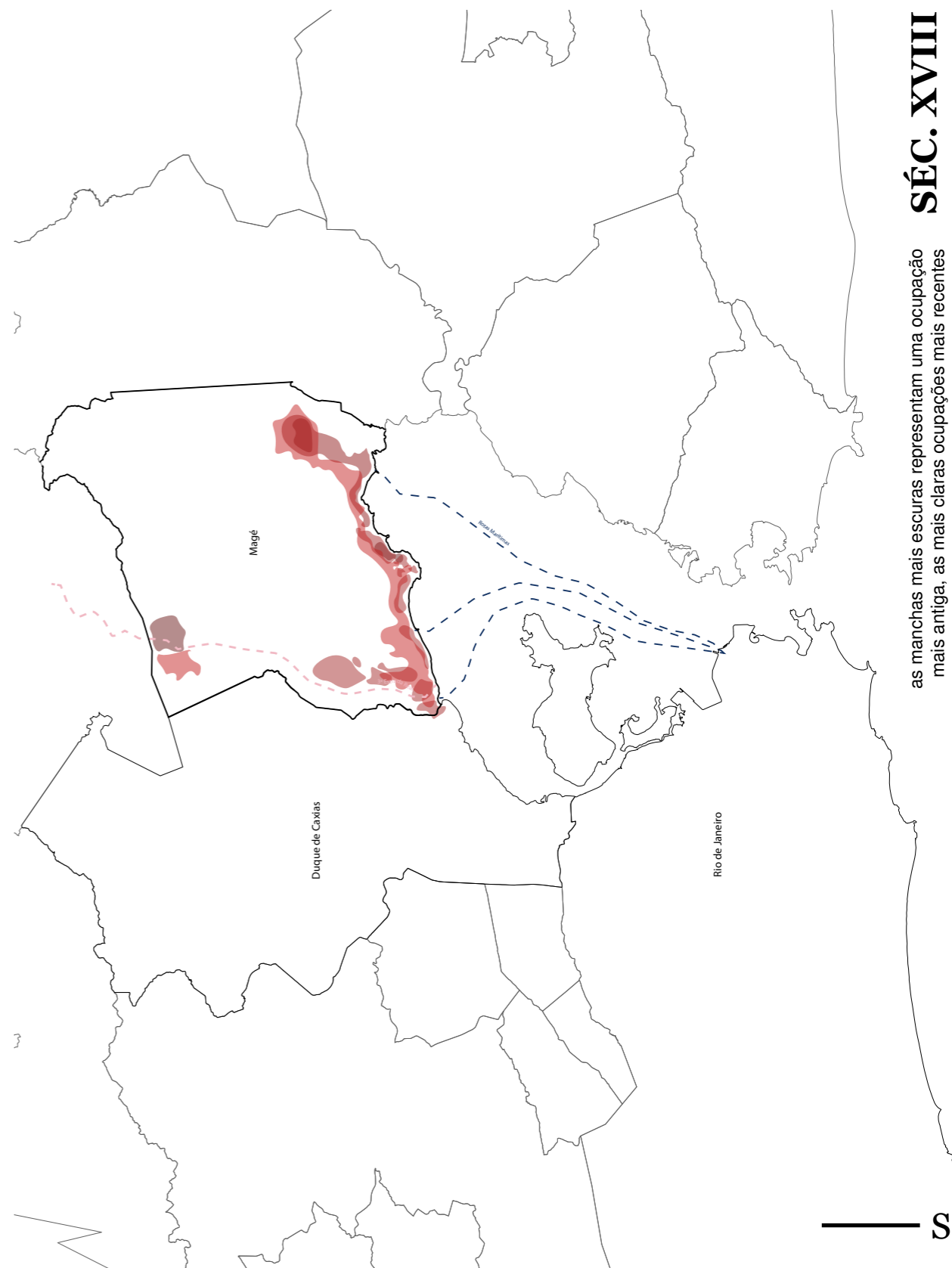
O século XVIII e XIX marcam um período de enriquecimento da cidade. A economia se baseia na produção açucareira impulsionada pelo trabalho escravo. As constantes passagens da

**Mapa:** O mapa apresenta o período de expansão territorial impulsionado pelas rotas de mobilidade. Desde as primeiras trilhas e pontos de ocupação indígena até as rotas marítimas traçadas pelos primeiros portugueses. O 3º caminho do Ouro, também conhecido como Caminho de Proença (tracejado do litoral em direção ao interior), deixa de ser trilha indígena para ser rota do ouro em 1725. As rotas marítimas, por sua vez, foram responsáveis por impulsionar a ocupação do litoral.

1. MARANHÃO, Maria Fernanda. O cemitério Tupiguarani de Barão de Iripi. Scientia et Labor, 1987.

2. SANTOS, Renato Peixoto dos. Magé: Terra do Dedo de Deus. op.cit

3. SANTOS, Renato Peixoto dos. A saga dos Ullmann. História da cidade de Magé. – 1870-1950. Petrópolis: Editora Gráfica do Jornal da Cidade Ltda, 1988.



corte portuguesa pelo trajeto com destino à cidade serrana de Petrópolis (Cidade de Pedro), local onde a família real pasava no verão, no século XIX, concede uma importância estratégica à região para economia colonial.

Em 1854, é inaugurada a primeira estrada de ferro do Brasil na região, pelo então Barão de Mauá. A Estrada de Ferro Barão de Mauá, passa a ser responsável por receber a produção vinda do interior do país até o litoral, na estação Guia de Pacobaíba e, então, seguir via mar para Praça Mauá (Corte), centro do Rio de Janeiro.

A estrada de ferro e a presença de recursos hídricos em abundância são fatores determinantes para receber as primeiras indústrias da região, no século XIX. Com a presença de importantes indústrias têxteis como a Fábrica Nacional de Santo Aleixo (1848), Fábrica de Tecidos Pau Grande (1878), Companhia de Fiação e Tecidos Andorinhas (1890) e Companhia de Fiação e Tecidos Mageense (1891), a região se torna um dos principais polos têxteis da América Latina, na época<sup>4</sup>.

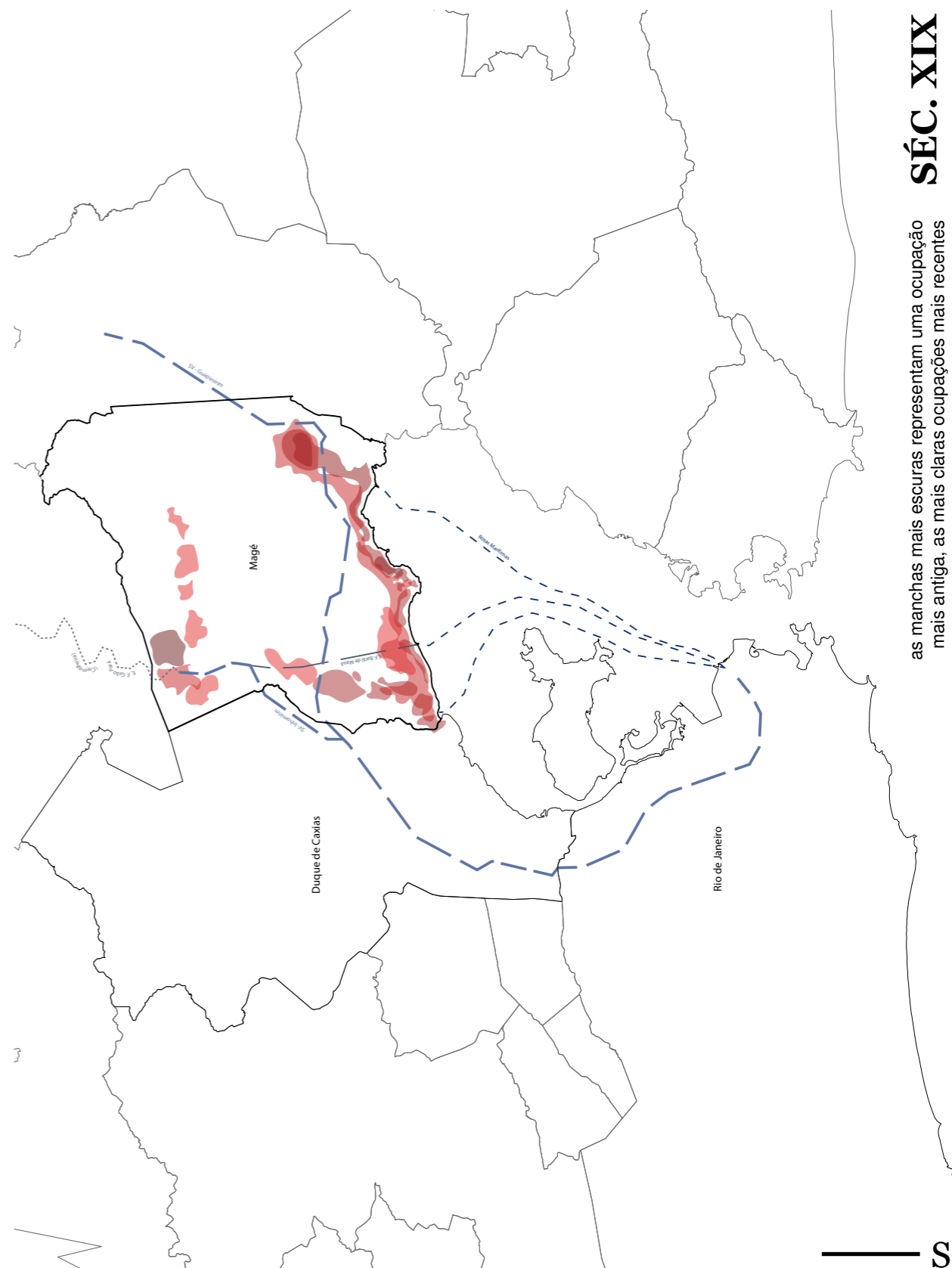
No mesmo período, a escrava conhecida como Maria Conga, inicia uma luta de resistência. Ao fundar um dos principais quilombos do país, Maria Conga é responsável por auxiliar e proteger escravos vindos de todo Brasil e se torna importante ponto de luta contra a escravidão. Atualmente, é único quilombo reconhecido na Baixada Fluminense. Maria Conga, apesar de ser reconhecida como heroína da cidade em 1988, não estabelece qualquer relação com a memória local uma vez que sua história não é contada pela cidade, sem quaisquer resquícios simbólicos na paisagem urbana.

Com a abolição da escravatura em 1888, a cidade perde seu poder econômico com a drástica diminuição da produção de açúcar. Um ano depois, a Proclamação da República é marcada por um episódio conhecido como: os horrores de Magé, quando, por ordem do Marechal Floriano, a cidade é atacada e sua população dizimada na busca por conspiradores favoráveis à monarquia.

Durante esse período a cidade passa por um processo de esvaziamento, resultando na perda de importância e influência no território fluminense. O início do século XX é marcado pela disseminação dos ideais que guiavam a Revolução Russa, com avanço das lutas e conquistas dos direitos trabalhistas, o setor

**Mapa:** O mapa mostra a implementação da E.F. Barão de Mauá (primeira estrada de ferro do Brasil) em 1854, indo da Estação Guia de Pacobaíba em direção à Petrópolis e Minas Gerais. Em 1874, a E. F. Leopoldina, realiza o percurso Rio-Vitória(ES). Em 1898, passa a ser operada pela Leopoldina Railway Company Ltd., chegando à cidade do Rio de Janeiro. As vias marítimas passam a escoar produtos industriais provenientes das fábricas instaladas no interior da região. A mobilidade passa a guiar uma ocupação Norte-Oeste-Sul.

4. RIBEIRO, Felipe. Apontamentos sobre a indústria têxtil fluminense no contexto pós Segunda Guerra Mundial: padrões e peculiaridades de fábricas com vila operária. Espaço e Economia [Online], 12 | 2018.



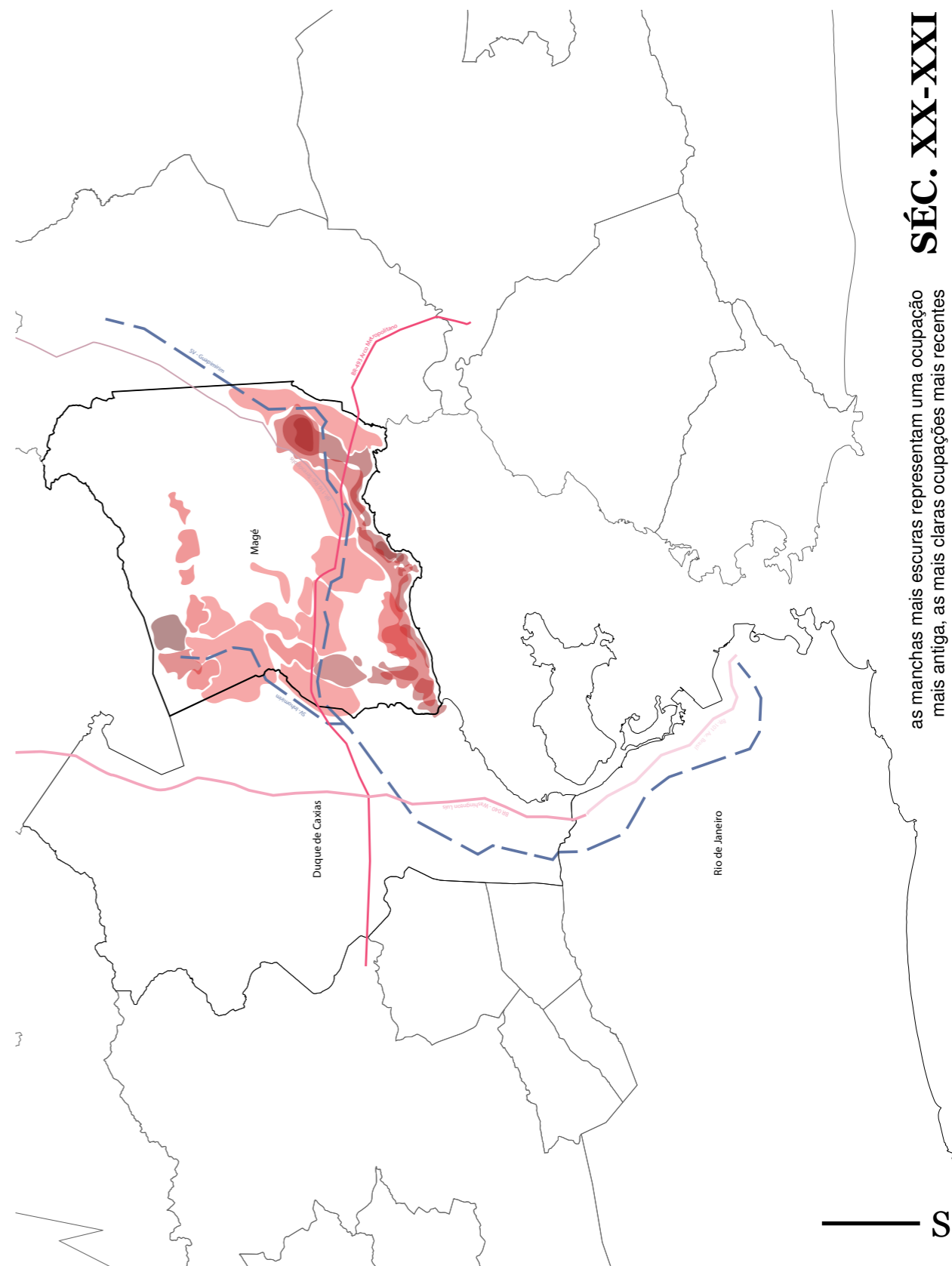
industrial perde força e o potencial renascimento econômico e extintas, linhas férreas interestaduais e a intenso investimento brasileiro em grandes rodovias possibilita uma reocupação em massa do território na década de 50, trazendo à cidade a população expulsa do campo pela mecanização da produção, em geral descendentes de imigrantes europeus e escravos. O período marca um intenso êxodo rural e a busca por postos de trabalho e oportunidades nas capitais como Rio de Janeiro e São Paulo.

Entretanto a terra se tornara escassa nessas capitais, a sokução foi bucar as regiões ao redor da capital que tivessem, de alguma maneira, serviços de mobilidade garantidos, ainda que marcados pela extrema precariedade. Outro fator que contribuía para ocupação das áreas periféricas era a ausência da intensa fiscalização estatal sobre o território. Essa população passa a se conformar no entorno do desenho ferroviário. O aumento populacional alinhado às políticas rodoviaristas da década de 60 e 70, reconfigura o território e consolida as zonas periféricas como Região Metropolitana.

Atualmente, a cidade de Magé, possui uma economia considerada estagnada, baseada na agricultura e serviços, onde a maior parte de sua população é condicionada ao movimento pendular em direção à capital. Essa dinâmica é responsável pela formação de um circuito pendular de mobilidade, que marca o condicionamento dos corpos a uma conformação urbana capaz de conservar injustiças e dinâmicas sociais provenientes dos períodos coloniais.

O ocupação do território ao fundo da baía da Guanabara, hoje conhecido como município de Magé e outras cidades da, atual, região metropolitana é marcado por uma série de disputas econômicas, políticas e sociais. A lógica centro-periferia, o binarismo absoluto derramado sobre o território americano, implica no apagamento constante de memórias e corpos. Pensamos nas cidades como um sistema que se refina constantemente numa busca constante por “progresso”. Caminhando na mesma linearidade que costumamos tratar o tempo, entretanto, ao comparar cidades como Magé e Rio de Janeiro, com aproximadamente a mesma idade, é possível questionar o que faz com que ambas se desenvolvam de maneiras diferentes. Um terreno não é apenas solo delimitado, o lote é apenas a ponta do iceberg.

**Mapa:** No século XX, com a construção das rodovias e o constante êxodo rural, a região testemunha um intenso crescimento populacional. A grande disputa por terra na capital do estado direciona a ocupação para as áreas periféricas, às margens dos eixos de mobilidade. O intenso incentivo federal às políticas rodoviaristas enxugam a malha ferroviária, que se contrai até que as rodovias sejam o principal sistema de mobilidade.

















MARCOS

INDÍGENA	COLÔNIA	CRISTÃO	INDUSTRIAL
			
 Aroeira Miradouro, símbolo indígena Morro do Bonfim, Centro	 Quilombo Maria Congo, 1854. Único quilombo reconhecido da Baixada Fluminense, Centro	 Igreja São Nicolau, 1750 Suruí	 Ruínas da estação Guia de Pacobamba, 1854. Local de inauguração da primeira Estrada de Ferro do Brasil. Mauá
 Crânio Tupinambá, encontrado em 1973, Suruí	 Fazenda Maggepa Mirim, 1750 Centro	 Igreja N. S. do Bonfim, 1780, Centro	 Sede da fábrica de pólvora Estrela, 1826. Habz da Serra
	 Barragem Porto Estrela, 1816 Parque Estrela	 Capela N. S. dos Remédios, 1740, Mauá	 Fábrica Andorinhas, 1891 Andorinhas
		 Peço Bento, 1965, Piedade	
		 Igreja N. S. da Piedade, 1750 Centro	
		 Igreja N. S. da Piedade de São João, 1740, Centro	

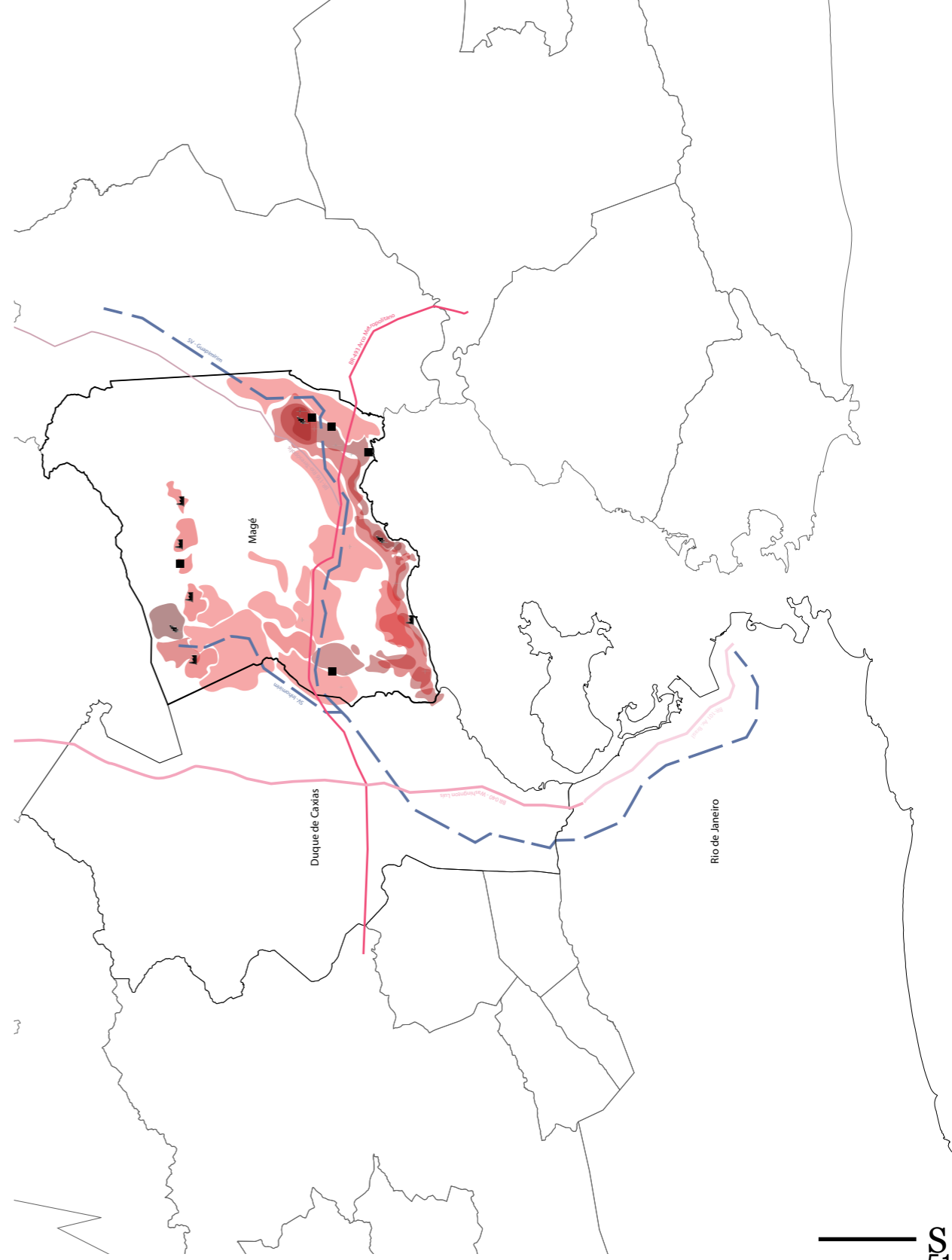
VIAS E PERCURSOS

INDÍGENA	SEC. XVI	SEC. XVII	SEC. XVIII	SEC. XIX	SEC. XX	SEC. XX
						
Trilha indígena, ligando o interior ao litoral	Rotas Marítimas 1503 - 1883		3ª Estrada Real (antiga rota indígena) - 1726	E.F. Barão de Mauá E.F. Príncipe Grão Pará 1854 - 1883  E.F. Leopoldina 1898 (Trecho controlado, atualmente, pela SuperVia)	BR-101 1950  BR-116 1951	BR-493 2014

OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

					
---	---	---	---	---	---

As dinâmicas urbanas narradas por longos processos históricos são responsáveis por moldar o cotidiano dos habitantes de um território. A cidade de Magé é marcada pela ausência da memória, uma vez que a paisagem urbana é pela resistência de marcos que, apesar de negligenciados, insistem em manter as ruínas como símbolo do passado e da resistência. Uma população sem memória é uma população sem identidade, uma pessoa sem memória é uma pessoa sem força de luta, lobotomia.





Olha como a flor se ascende  
Quando o dia amanhece  
Minha mágoa se esconde  
E a esperança aparece  
O que me restou da noite  
O cansaço, e a incerteza  
La se vão na beleza deste lindo  
alvorecer

E este mar em revolta que canta na  
areia  
Qual a tristeza que trago e minha alma  
campeia  
Quero solução sim, pois quero cantar  
Desfrutar desta alegria

Que só me faz despertar do meu penar  
E este canto bonito que vem da  
alvorada  
Não é meu grito aflito pela madrugada  
Tudo tão suave, liberdade em cor

Alvorecer, 1974  
música escrita por Ivone Lara e Delcio Carvalho

# O cotidiano

“Dir-se-ia inscrita na própria indagação. Pois não é mais o corpo, é a alma. À expiação que tripudia sobre o corpo deve suceder um castigo que atue, profundamente, sobre o coração, o intelecto, a vontade, as disposições. Mobly formulou o princípio decisivo: Que o castigo fira mais a alma do que o corpo.”

**FOUCAULT, 1975**

A citação, parte da obra “Vigiar e Punir”(1975), onde Foucault se aprofunda historicamente no processo de desenvolvimento dos dispositivos de controle construídos pela sociedade ao longo dos tempos. O texto resgata a história do sistema penitenciário e sua extensão à outras instituições sociais, percebendo que num momento o castigo se recaía sobre o corpo e a morte se aproximava de um estado de redenção. Aos poucos, o sistema punitivo ultrapassa superfície da pele para amputar a alma e vai, gradativamente, disciplinando, controlando e retirando qualquer tipo de resistência.

Foucault chega ao Panóptico como a arquitetura capaz de sintetizar o controle por excelência. O território perimetropolitano é capaz de construir um cotidiano responsável por configurar uma espécie de circuito do controle, deixando marcas e resquícios de uma história marcada pela opressão dos corpos marginalizados.

A construção desse cotidiano é marcada por duas etapas essenciais para manutenção de uma condição submissa: o roubo do tempo de lazer e ócio e o apagamento constante da memória, uma espécie de lobotomia. A sujeição do corpo às dimensões espaciais sufocantes e degradantes, denunciam um desenho arquitetônico imprudente ou, simplesmente, a falta do desenho, como castigo ou indiferença. Da planta ao mapa, a paisagem contribui para preservação de uma alienação espacial e temporal que auxilia diretamente numa neutralização política dos corpos dominados.

O tempo do trabalho, a cidade vista através do vidro na longas horas em trânsito, o banheiro claustrofóbico e humilhante. O cotidiano das domésticas de Magé configura o que identifico como

um circuito, uma cadeia de eventos e dispositivos que se posicionam de modo que o cotidiano se torne uma sentença, uma punição. A relação construída entre cidade e indivíduo, entre arquitetura e corpo, expõe as marcas deixadas por uma paisagem que preserva a submissão e, em contrapartida, esconde memórias de luta e resistência.

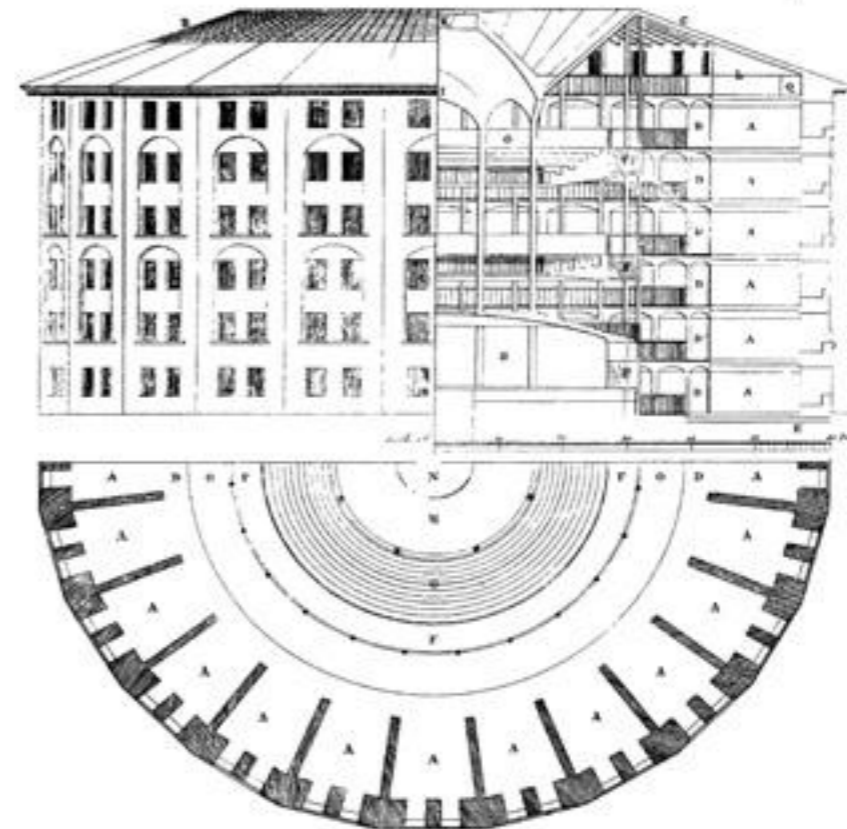
Em “Reflexões Sobre o Uso da Cultura nos Processos de Revitalização Urbana”(2013), Lilian Vaz e Paola Berenstein, refletem sobre a importância do tempo livre em oposição ao tempo alienante. Atualmente parte da população sofre com o roubo do tempo por um sistema de mobilidade ineficiente, fruto de uma configuração desigual do território. O acesso a cultura e lazer se torna privilégio de poucos, a ausência do que deveria ser um direito partilhado torna o controle cada vez mais refinado.

A influência do movimento situacionista na década de 50. período em que Magé começa a receber uma população vulnerável em busca de espaços de moradia, pensadores como Guy Debord identificam uma força transformadora no cotidiano, passa a identificar potência nas pequenas práticas urbanas:

“O cotidiano seria a fronteira onde nasce a alienação, mas também pode crescer a participação, assim como lazer seria o tempo livre para o prazer e não para a alienação, o lazer passaria a ser ativo e criativo através da participação popular. A crítica situacionista ao urbanismo moderno se dá exatamente pelo caráter anti-participativo deste, e o interesse dos situacionistas pelas questões urbanas, pelo contrário, ocorre pela importância dada por estes ao meio urbano como terreno de ação, de produção de novas formas de participação e de luta contra passividade da sociedade. Debord já dizia, em 1957, em seu discurso fundador da Internacional Situacionista: É fácil de se ver até que ponto está ligado à alienação do velho mundo o princípio mesmo de espetáculo: a não-intervenção. Se vê, ao contrário, como as mais válidas pesquisas revolucionárias na cultura procuraram quebrar a identificação psicológica do espectador ao herói, para levar este espectador à atividade, provocando suas capacidades de modificar a própria vida. A situação é assim feita para ser vivida por seus construtores. O papel do “público”, se não passivo ao menos figurante, deve diminuir sempre, a medida em que aumentará a parte destes que não podem ser chamados de atores, mas, em um sentido novo do termo, de vivedores.”(BERENSTEIN; VAZ. 2013)

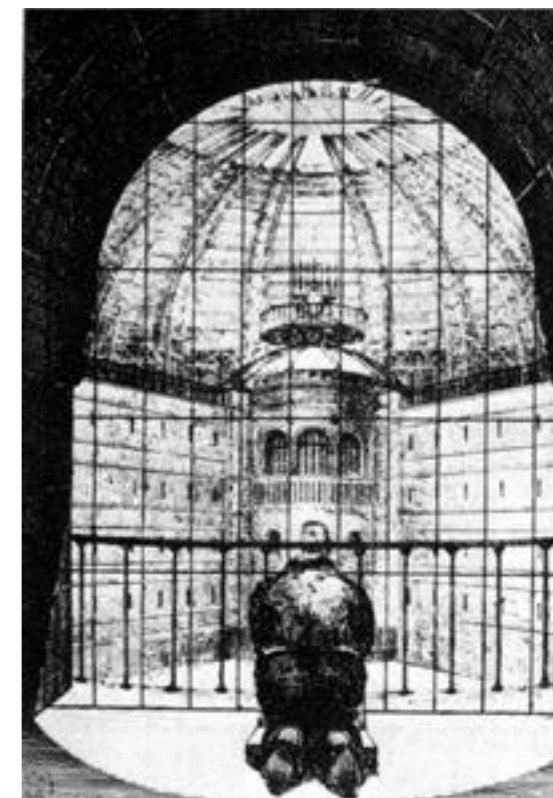
A constante monetização do tempo, aliado aos processos de apagamento da memória urbana e uma paisagem marcada pela precariedade e ilegibilidade, ressaltando a completa ausência do estado, é essencial para o anestesiamiento de uma população com acesso restrito à educação e saúde.

Se, em 1854, Maria Conga, mulher negra e ex-escrava, era protagonista de uma luta de resistência, torna-se importante manter essa população e, principalmente, as mulheres aqui



Planta da estrutura do Panóptico idealizado por Bentham. Símbolo de uma arquitetura do controle citada por Foucault em Vigiar e Punir.

J. Bentham, Planta do Panopticon (The Works of Jeremy Bentham, ed. Bowring, t.IV, p. 172-173). V. p. 177.



N. Harou-Romain. Projeto de Penitenciária, 1840. Odetento reza diante da torre de vigilância. A torre possui total controle visual do espaço e dos detentos, solitários.

apresentadas, longe de qualquer tipo de identificação com esse símbolo. Se a escravidão castigava o corpo, hoje esse castigo pode ser preservado pela organização espacial e arquiteturas presentes nesse cotidiano.

## INTRA AÇÃO

Em uma realidade marcada por um processo de banalização da informação, caminho para além dos dados. Parto do indivíduo para entender o todo. A proximidade com a realidade abordada e o posicionamento de dentro da ação investigativa é reponsável pela construção de novos pontos de vista e ação. Em “Performatividade Pós-Humanista”(2017), Karen Barad, discorre sobre a importância da matéria no processo de construção do conhecimento e de um posicionamento intra-ação:

“Nós” não somos observadores fora do mundo. Nem estamos simplesmente alocados em determinados lugares no mundo; antes, somos parte do mundo em sua contínua intra-atividade. Este é um ponto a que Niels Bohr tentou chegar em sua insistência de que nossa epistemologia devesse levar em conta o fato de que somos parte desta natureza que tentamos entender.”(BARAD, 2017)

Ao me reconhecer no processo, busco a horizontalidade para alcançar subjetividades próprias de um processo de embaçamento das fronteiras. O objeto vindo desde de galhos anteriores de minha árvore genealógica, galhos movimentados por acontecimentos históricos e, conseqüentemente, pela redefinição constante do traçado urbano. Escolho 8 mulheres como interlocutoras diretas. 8 domésticas, partes da minha família, moradoras da cidade de Magé e personagens de uma pendularidade cotidiana capaz de revelar dinâmicas e relações que elucidam questões contemporâneas acerca do processo de formação da cidade. A escala micro é o início, o detalhe arquitetônico e a relação com esse corpo evidenciam um processo histórico refletido no macro, o mapa e a cartografia.

A partir de 8 relatos, é possível tecer uma costura entre arquitetura, cidade e corpo; passado e futuro, realidade e fantasia, memória e imaginação. Aos poucos relatos se tornam narrativa e passam a traçar a realidade periférica. A partir da voz dessas oito mulheres, é possível compreender o papel da cidade na preservação de dinâmicas sociais e segregações territoriais. Em tempos de ódio e achismos é preciso desinvisibilizar, dessilenciar.



Operários, Tarsila do Amaral (1933). O cotidiano planifica os corpos. O relógio é uma máquina compatibilizadora de histórias, capaz de padronizar a individualidade para criar a massa. O todo sem particularidades, de fácil manuseio.



Placa de identificação improvisada pelos moradores do quilombo Maria Conga, único colombo reconhecido da Baixada Fluminense. A história da heroína da cidade resiste, sem louros ou bustos.



# Ivone: 3h

**“Se eu tinha sonho? Ué, naquela época eu não pensava nessas coisas não, eu só trabalhava mesmo...”**

**“Explorada a gente sempre é né? A gente trabalhava a vida inteira pra ganhar uma mixaria, não me lembro nem o nome do dinheiro. Dormia no emprego, ficava a semana toda. Depois que meu marido faleceu tinha que voltar todo dia pra ficar com os filhos, saía as 3h da manhã e chegava 22h em casa...”**

**“Fiquei na escola um dia, saí porque eu estava na casa dos outros e não tinha como dizer: eu vou, era como eles queriam, me botaram na escola um dia e me tiraram, so os filhos deles que estudavam...”**

Ivone, às 3h da manhã, se levanta para mais um dia de trabalho. O ano é 1963. Ela se apoia nas paredes avermelhadas, retirando a camada mais seca do barro que dá forma à estrutura de seu pequeno barraco. Caminha na ponta dos pés para não acordar os dois filhos que ainda dormem. Acende um lampião para passar o café, única bebida capaz de separar, definitivamente, suas pálpebras. O dedo indicador, imóvel, não acompanha os outros ao se enroscar na alça da xícara e revela uma cicatriz, marca de um corte profundo no tendão, deixada pelos tempos de corte de cana no interior do estado do Espírito Santo, exatamente onde inicia sua história.

Em plena década de 30, mais precisamente 1932, nasce, na cidade de Rio Doce, nossa primeira personagem. Em uma área rural, onde vivia a maior parte da população brasileira naquela década, enquanto Getúlio Vargas assina o decreto que concederia o voto à mulher brasileira, ainda, com inúmeras restrições como: a exigência do contrato matrimonial e, também, a permissão do marido para o exercício da cidadania. A mulher brasileira sobe um dos mais importantes degraus na luta pela igualdade, inicia-se uma escalada rumo à conquista de sua participação política.

Esse acontecimento representa o início da construção da mulher como atriz social, numa sociedade cruelmente machista. Isso significa que durante 400 anos de domínio europeu sobre o Brasil (estamos na década de 30), a construção das cidades é guiada por uma lógica patriarcal branca, que influenciará desde o desenho da casa até o traçado das ruas.

“[...]numa sociedade patriarcal o homem havia construído sua identidade masculina como única identidade possível e nos havia negado às mulheres uma subjetividade própria, sendo condenadas ao silêncio. Portanto o que conhecemos como feminino em uma lógica patriarcal não seria o que as mulheres são ou foram no passado, mas sim o que os homens – alguns homens – construíram para elas e disseram que elas são.”. (ZAYDA, 2018)

À essa altura, Ivone, ainda não se dá conta, mas o fato de nascer sem propriedades e em condições mínimas de

sobrevivência, tendo que trabalhar em regimes subumanos, se dá pelo fato de fazer parte do grupo mais oprimido desse contexto social. Se a planta doméstica é construída para delimitar a vida pública da mulher branca europeia, deixando-a excluída e à margem do ambiente urbano<sup>1</sup>. Ivone, com sangue negro e índio, não estará apenas à margem, mas marginalizada em uma cidade que a condiciona ao estado de submissão completa. Muxi Zayda destaca em “Mujerers, Casas y Ciudades”(2018), o fato:

“[...]nessa divisão foi reservado às mulheres o espaço interior, a invisibilidade doméstica. Portanto, o grande desafio vem sendo o de construir um espaço sem gênero nem ordem patriarcal e, portanto, sem hierarquias, um espaço para visibilizar as diferenças um espaço de todas e todos, em igualdade de valores, saberes e experiências, frente a essa exclusão feminina é preciso repensar a cidade e a lógica urbana com objetivo de incorporar no cotidiano questões que tangenciam a realidade de homens e mulheres.”

Além da condição feminina, o recente passado escravista se reflete na divisão da terra. Nas décadas de 30 a 50, o território brasileiro se reconfigurava numa busca pela industrialização, onde grandes latifúndios se dividem para dar início aos loteamentos. As cidades passam a ser dominadas por grandes indústrias e tem sua lógica modificada pelas novas formas de trabalho. Aos “sem-terra”, resta a busca incessante pela sobrevivência por meio de uma submissão compulsória e implacável.

Aos 12 anos, em 1944, enquanto o mundo é tomado por políticas totalitaristas e fascistas, Ivone é entregue, por sua mãe, à uma família proprietária de um canavial. Passa a trabalhar em troca de abrigo e comida, em condições de escravidão.

A menina não sabe, mas há exatos 128 anos atrás, uma criança negra, nomeada Maria Conga, chega como escrava ao Porto de Salvador, e, em 1854, desembarca no Porto Estrela, atual cidade de Magé. Ali, se torna líder do quilombo que representaria a principal resistência negra da região, por coincidência, a mesma cidade para qual Ivone se deslocará no ano de 1959, e sentirá na pele os resquícios da luta de Maria. A cidade apaga a memória de uma heroína e impede que essa memória de luta seja preservada entre semelhantes.

Com a queda das importações de café e cana pelos EUA, em recuperação pós 1929, o campo brasileiro sofre mudanças drásticas: sociais e territoriais. A falta de trabalho impulsiona o deslocamento forçoso de Ivone para cidade, a capital Vitoria.

Sem ter onde morar ou o se alimentar, se submete novamente aos serviços domésticos em regime de escravidão. Trabalhar “em casa de família” se torna a única opção de uma mulher negra vinda do campo. Ivone, vive na casa dos “patrões”, porém quando engravida é dispensada, obrigada a buscar outro lugar para viver, lhe resta apenas as encostas ignoradas pelos olhos do mercado imobiliário, os arredores à margem da cidade formal.

Após o nascimento de seu primeiro filho, vítima de violência doméstica, decide se mudar para o Rio de Janeiro. A mecanização do trabalho no campo na década de 50, leva milhares de brasileiros que, como Ivone, buscam apenas a sobrevivência nos grandes centros urbanos do país.

A cidade em processo para deixar de ser capital, não possui espaço para alguém nas condições de Ivone. Viaja, em 1958, de trem pelos antigos trilhos da E.F. Príncipe Grão Pará, desativada poucos anos depois, e se instala numa região desvalorizada economicamente como consequência de um processo de retrocesso econômico, longe das regulamentações do solo, porém com acesso a capital pelas ferrovias e imaturas rodovias. Magé se trona o destino de muitas pessoas nas mesmas condições de Ivone. Esse período representará um boom de loteamentos em torno da estação Entroncamento, atualmente Piabetá (bairro da cidade de Magé) que, com a desativação do trecho que ligava a região à capital por mar, se trona um ponto de atração para população sem acesso à moradia. Essa explosão de loteamentos redesenhará o território metropolitano ao redor das linhas ferroviárias, espaços que conformam a atual região metropolitana do Rio de Janeiro.

Em Magé, Ivone se casa com um descendente de imigrantes portugueses, também expulso do campo. Juntos constroem o casebre de pau a pique, à beira de um riacho. Uma paisagem que aos poucos vai se redesenhando lote a lote, gradativamente o verde dá lugar ao vermelho do barro das pequenas habitações que se multiplicam ao redor dos rios que se tornam destino do esgoto residencial, processo comum nas regiões periféricas do Rio.

“[...]uma condição física determinada pela distância do centro, uma dimensão qualitativa diferenciada pela carência de infraestrutura, e uma qualidade urbana em geral pobre, e uma dimensão relacional fortemente marcada apela dependência e dominação do centro[...]” (VESCINA, 2010)

1. Em “Familiar Horror”(2016), Aureli e Giuduci, destacam o desenvolvimento do espaço doméstico. A arquitetura como materialização de relações de domínio e opressão.

À Ivone, cabe o trabalho doméstico na casa de famílias abastadas das áreas mais privilegiadas da capital, espaço que sempre lhe foi imposto e designado. Sua rotina se inicia às 3h, apanha o trem na estação Entroncamento (Piabetá) e precisa estar pontualmente às 6h na casa de seus patrões no bairro do Leblon, Zona Sul do Rio. Por conta da distância, é obrigada a permanecer todos os dias da semana na casa em que trabalha, seus dias se reservam à área de serviço, ou o que o mercado imobiliário preservou da senzala em solos urbanos.

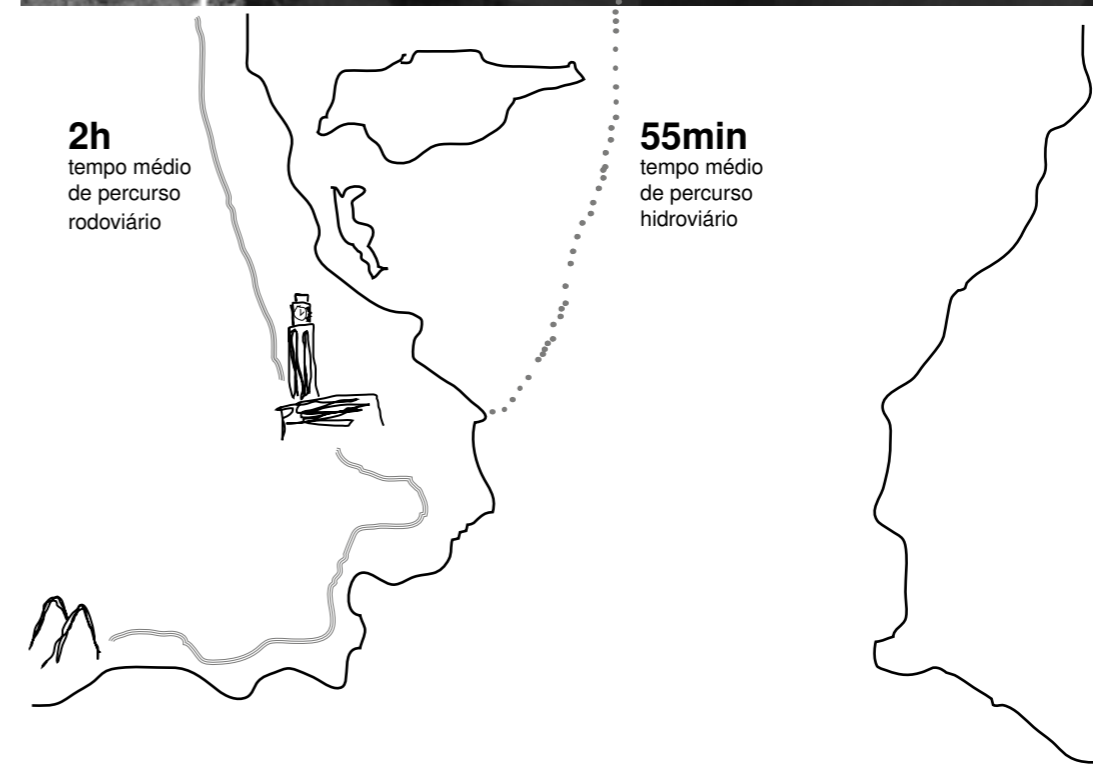
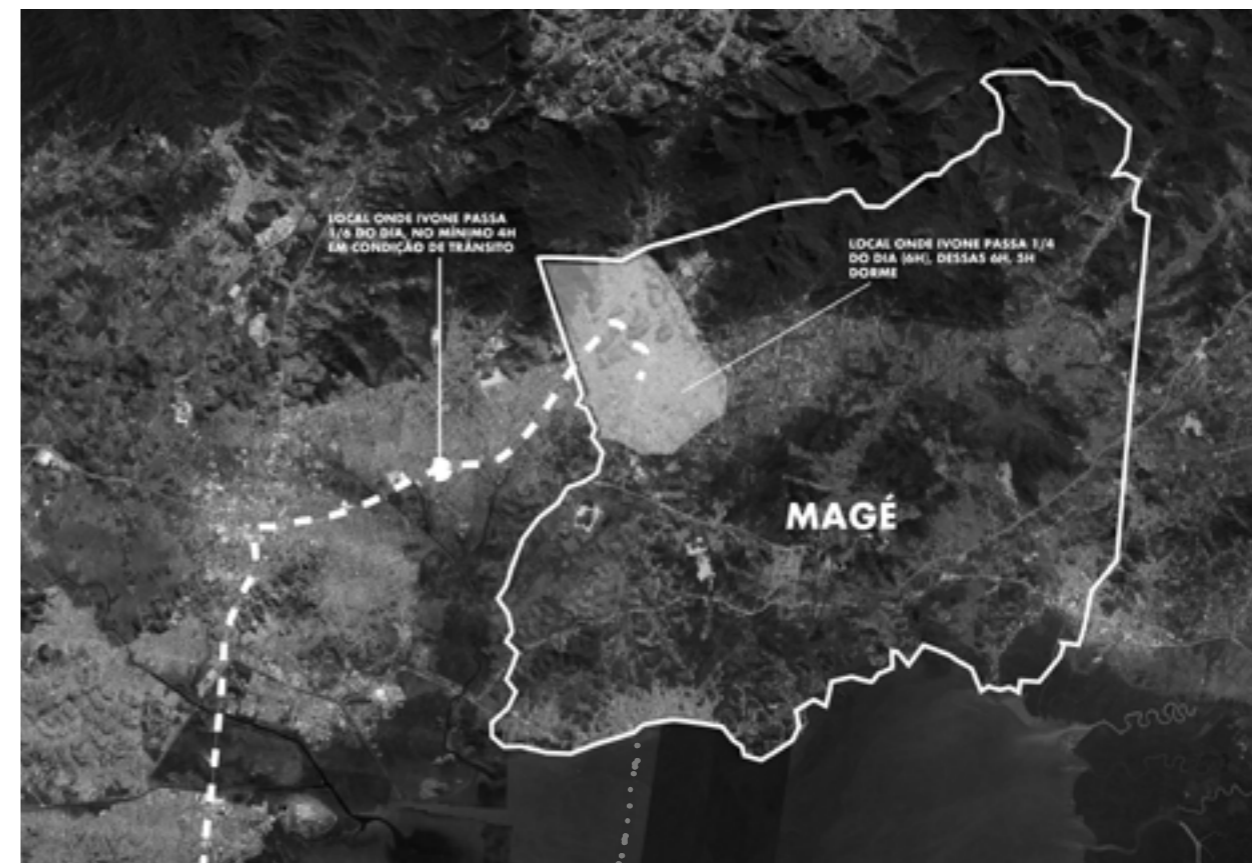
Aos poucos a família de Ivone, contando agora com 10 pessoas, juntam o pouco que ganham, é importante destacar que os 8 filhos começam a trabalhar por volta dos 11 anos. Assim, as paredes de barro dão lugar ao tijolo baiano. As comunidades se fortalecem, a natureza recua e a região perimetropolitana se constrói a partir de movimentos de segregação e exclusão, numa urbanidade emergente marcada pela precariedade e ausência de infraestruturas urbanas básicas.<sup>2</sup>

“onde falta, quase sempre, um elemento ordenador consistente. A estratégia tradicional de ocupação se faz, em geral, sem plano urbanístico e através da implantação de projetos de infraestrutura que pouco dialogam entre si, desenvolvidos de modo funcionalista, segundo critérios e juízos restritos, aos seus sistemas específicos. Esse processo à medida que impulsiona a ocupação na grande escala, acaba por ampliar as fraturas nos tecidos urbanos preexistentes e, portanto, a degradação ambiental em diferentes níveis.” (FARIAS, 2012)

Ivone é engolida pelo cotidiano, sem memória de luta ou resistência, sem se reconhecer no espaço e no território urbano. Se enxerga como um ser do presente, presa aos ponteiros. Ao descendente dos negros e índios dizimados, resta apenas sobreviver.

2. Em sua tese, “Projeto Urbano Ex-centricio. Um estudo exploratório sobre a espacialidade de políticas, programas e projetos urbanísticos em periferias metropolitanas.” (2012), Farias analisa o desenvolvimento do espaço periférico na região metropolitana do Rio de Janeiro, analisando historicamente o desenvolvimento do território e destacando situações comuns na ocupação do solo

Imagem: O percurso hidroviário entre Magé e a cidade do Rio de Janeiro seria capaz de reduzir em mais da metade do tempo de viagem em relação ao percurso rodoviário. As viagens metropolitanas poderiam ser feitas de forma mais digna e eficiente. Apesar de existirem diversos projetos e estudos de implementação de estações hidroviárias, nunca houve interesse político e econômico para realização de tais projetos



**“Se eu pudesse falar com meus patrões, eu diria que eles deveriam ter mais humanidade e respeito, porque nos somos seres humanos iguais a eles...”**

**“Quando lembro do trajeto me vem posto de gasolina na cabeça. Eu durmo, acordo e posto de gasolina, posto de gasolina...”**

**“ Apesar de todo trabalho e sufoco, às vezes acho que o trajeto chega ser mais cansativo que o trabalho em si...”**

# Vanda: 6h

Foi na altura de Manguinhos que Vanda despertou num susto. A cabeça, por horas encostada no vidro, logo se alinhou a coluna buscando na paisagem um ponto de referência capaz de revelar-lhe onde estava. O castelo mourisco, da FioCruz, aponta sua localização. Apalpou a bolsa e os bolsos em busca do celular, o alívio de encontrar o aparelho logo foi substituído pelo espanto de saber que já eram 6h. Logo, pega o espelho no fundo da bolsa, arruma o cabelo e retoca o batom. Guarda a manta que sempre leva consigo, afinal faz muito frio no ônibus as 4h20m, horário que embarca. Olha novamente a tela do celular: 6h2m, tenta fazer o cálculo de quanto tempo estivera sentada naquela mesma posição. Se o ônibus saiu exatamente às 4h20m, conclui que passara 1h40m no trajeto, ainda faltava um tanto até a Central. Somando o tempo no metrô, percebe que só conseguirá chegar no trabalho às 7h30m.

São aproximadamente 4h de trajeto: “- Maldito engarrafamento!” Pensa. Gostaria que todos os dias fossem como os raros dias em que passa apenas 2h em um transporte público. Considerando o tempo mínimo que passou nesse trajeto, são 2h indo e 2h retornando. 4h diárias em trânsito. 20h semanais. 80h mensais. 960h anuais. Considerando uma média de tempo de trabalho de 35 anos, são 33.600h. 1400 dias. 47 meses. Aproximadamente 4 anos ininterruptos dentro do transporte, o equivalente ao sonho de Vanda: se formar em Enfermagem. Sonho que permanece latejante em sua cabeça nessas longas horas observando a cidade pela janela do ônibus.

A maior parte do tempo que passa diariamente no espaço público se resume às horas sentada, preferencialmente, em uma das cadeiras na fileira próxima à janela. A conquista da janela é fruto do esforço diário que faz, ao preferir esperar 20/30 min na fila para conseguir uma cadeira no ônibus.

Durante a espera na fila, alguns reencontros agradáveis, outros nem tanto. Entra no ônibus em busca do lugar à beira da janela, senta, se acomoda, se cobre com a manta e muitas vezes se lembra de quando precisava entrar no ônibus pela janela. Na década de 80 a frota de ônibus na baixada fluminense com destino ao Rio



de Janeiro era ínfima.

Sentada, Vanda, consegue vislumbrar os primeiros raios de sol do dia por trás da silhueta das construções em tijolo aparente, as ruas ainda estão vazias, poucas pessoas transitam pelo seu campo de visão enquadrado pela moldura emborrachada, preta. Aos poucos, a paisagem vai se modificando, os lotes vão desaparecendo e os grandes outdoors anunciam que o ônibus acaba de chegar à BR-493. Não há muito o que ver, pensa. Não resiste, dorme.

A experiência urbana através da janela do ônibus resume e delimita a condição desse corpo no meio urbano. Os olhos observam a paisagem como frames de um filme que se repete diariamente. Através do vidro, não é possível ouvir o diálogo entre o jornaleiro e o torcedor do vascao, não é possível sentir o cheiro do pão francês acabando de sair do forno. Estar em trânsito significa estar “eternamente suspensos entre um ‘antes’ e um ‘depois’ - momentos elípticos e impregnados que nunca se resolvem realmente. Há um enorme reservatório de ansiedades psicológicas em seu trabalho, uma sensação de histórias reprimidas sob a superfície calma”<sup>1</sup>, a conceituação feita por Gregory Crewdson sobre o sentimento presente nas pinturas de Edward Hopper, consegue definir algo que se aproxima da condição de estar espacialmente localizado no veículo coletivo: posicionado em fileiras, a frente alguém de quem provavelmente não se saberá mais que a cor do cabelo, ao lado alguém que, obviamente, não deseja ser incomodado, mas que as vezes deixa escapar um “bom dia”, “desculpa”, “com licença”.

A janela se torna uma fuga, é estar e quando percebe não estar mais, é não estar em lugar nenhum e em todos os lugares, é não ser percebido, um voyer urbano, ao mesmo tempo que também se pode ouvir algumas vozes interiores.

A cena: uma mulher olhando para fora através da janela, com corpo levemente tensionado para frente, rosto apreensivo e olhos fixos em algo que parece estar longe, fugindo do seu campo de compreensão. Os braços apoiados sobre um objeto, sólidos, realçam uma tensão que parece percorrer todo o corpo mas que é suavizada por um silêncio violentamente apaziguador. Ela está numa posição segura no interior de uma construção residencial, protegida da imprevisibilidade do ambiente exterior, mas seus olhos denunciam um desejo de alcançar algo além do vidro, seus

1. CREWDSON, Gregory. Aesthetics of alienation, 2004. Disponível em: < <https://atlasofplaces.com/painting/aesthetics-of-alienation/> > Acesso em: Out. 2019.

A cidade através do vidro. O espaço urbano vivenciado exclusivamente pelos olhos. A cidade borrada sem odor, sem tato. O confinamento em um presente potencialmente efêmero. As relações se voltam para o interior da carroceria do ônibus, o espaço real.  
Imagens: Arquivo Pessoal.



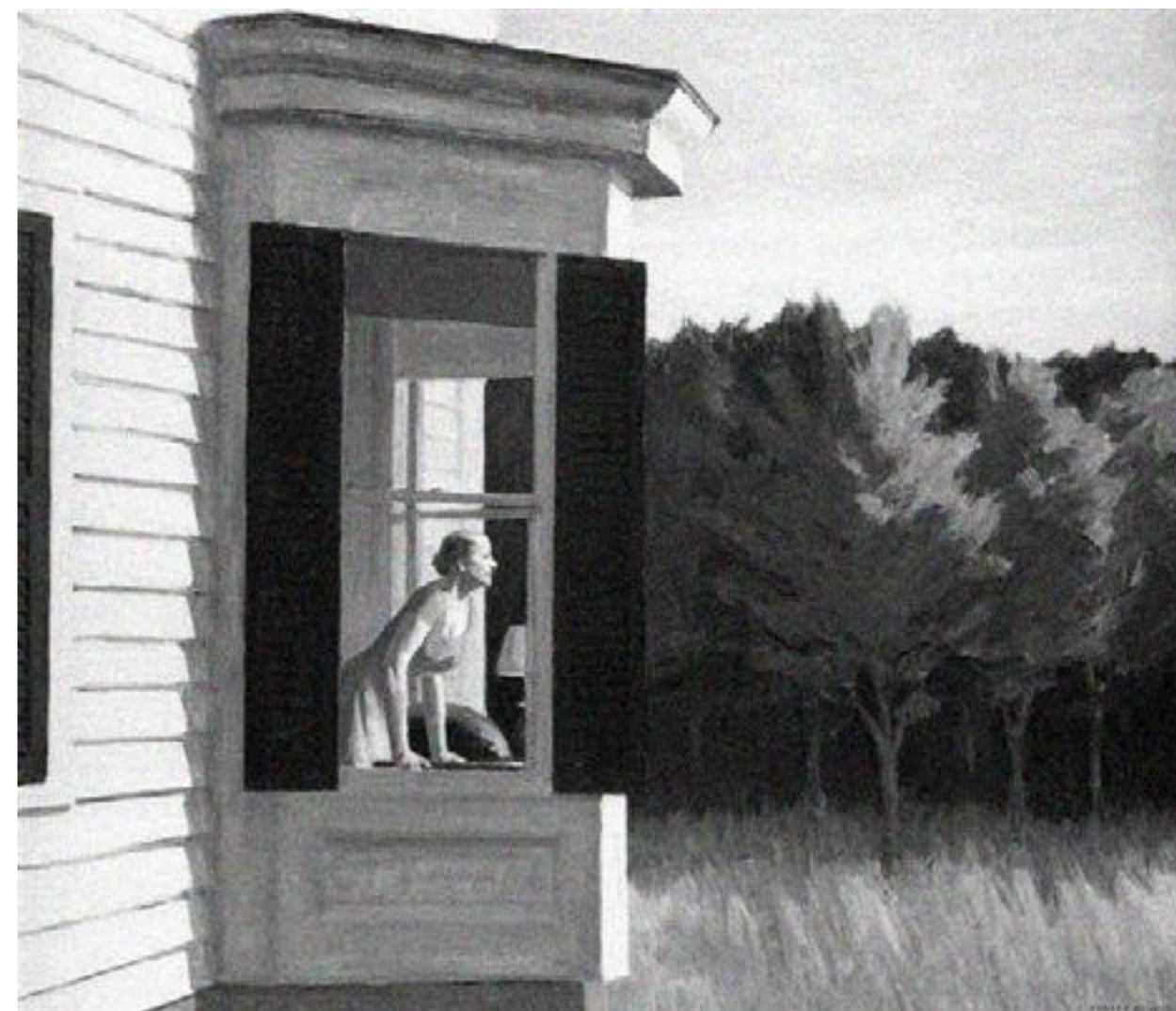


olhos buscam o horizonte. Mas, existe uma condição, uma força que a encarcera e resguarda. Na obra “Manhã de Cape Code” (1950), Hopper demonstra sua capacidade de nos angustiar com a tensão de um momento “entre”, nos privando do entendimento de uma cena anterior e nos impossibilitando de saber do futuro iminente pela imobilidade da pintura. Nos prende nesse eterno e angustiante “presente”, numa passividade agressiva, diante de uma cidade que se transforma e modifica a todo momento, entretanto por trás do vidro nada se pode fazer, se mantém seguro, refém.

Pela janela do ônibus a velocidade suspende uma condição do “aqui e agora”, pela fusão do espaço e tempo que se planificam em uma paisagem enquadrada que se modifica a cada segundo, deformando os próprios objetos vistos, deformando o campo de visão e transformando a cidade em cores e texturas borradas, é como se as dimensões fossem esmagadas em uma só superfície. A sensação visual de estar em trânsito é reproduzida pelo clipe da música “Moon”, da banda francesa Kid Francescoli, onde o espectador é guiado por trás da janela de um veículo em movimento. Não é possível perceber minúcias e especificidades da paisagem, o tempo e enquadramento nos dá pouco tempo para descobrir a paisagem que se constrói a partir de formas simples e cores puras, em imagens que planificam o espaço externo e passam assim que se começa a ter uma ideia de localização. Todo percurso guiado por uma melodia repetitiva que reforça uma condição de espectador fixo, paciente.

A experiência urbana vivida por Vanda pode ser facilmente reproduzida pela lente de uma câmera, que consegue transmitir e traduzir a relação que essa mulher possui com a cidade em em seus poucos momentos que não está comprometida com trabalho. A possibilidade de reprodução dessa experiência denuncia um processo identificado por Walter Benjamin em “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”(1935), onde o filósofo contesta o valor da arte em um período industrial de produção em massa. Utilizando o cinema como indústria capaz de suscitar uma discussão sobre a “áurea” da obra de arte<sup>2</sup>. Uma experiência urbana reprodutível anula a “áurea” e o valor de uma experiência fundamental na construção do ser político? O vidro seria o dispositivo capaz de, apesar de manter o contato visual e anunciar uma certa relação com exterior, impedir uma conexão

2.  
BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1987.



A cristalização do agora, prisioneira do presente.  
Manhã em Cape Cod, Edward Hopper. (1950)

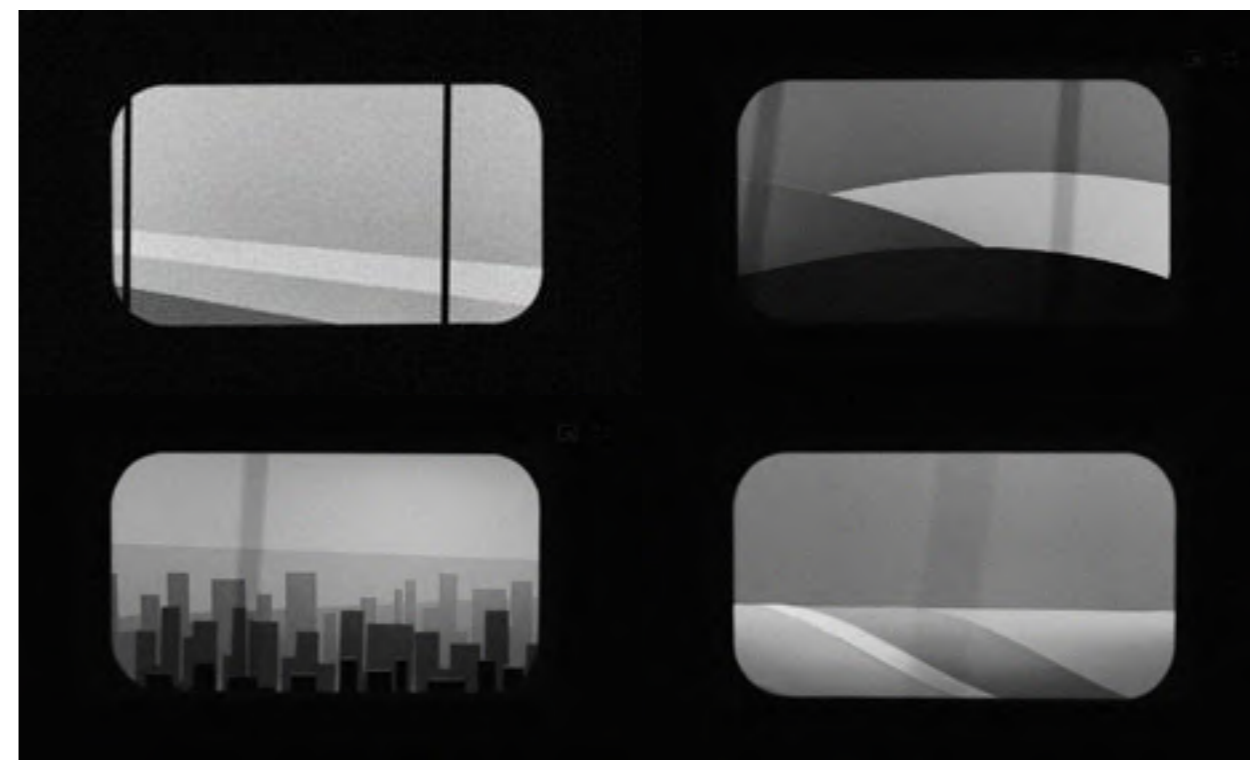
entre esse indivíduo e a cidade. O vidro, a janela, o ônibus formam um ambiente que reforçam uma condição de anestesia.

O que chamo de reprodutibilidade urbana ou a redução do espaço público a imagens em movimento pode ser visualizada e questionada no clipe da música “Gosh”, do produtor e músico britânico Jamie XX. O clipe, dirigido por Romain Gavras, tem como pano de fundo a cidade de Tianducheng, na China. Criada para ser a cópia de Paris e atrair 10 mil habitantes (hoje sua população não chega a duas mil pessoas), as construções neoclássicas e grandes boulevares vazios e sombrios se tornam fundamentais para composição de um cenário assustadoramente melancólico. Em uma das cenas finais, um exército uniformizado executa uma agonizante coreografia que constrói uma forma circular, impenetrável em baixo da réplica da torre Eiffel. Enquanto a câmera se afasta oferecendo a possibilidade de uma visão aérea, se ergue uma cidade em ruínas. Toda rugosidade e complexidade presentes na dinâmica urbana que caracteriza a verdadeira Paris se esvazia, reduzida apenas às suas formas e estruturas. A paisagem anuncia uma realidade aprisionada num momento “entre”, uma cidade que busca reproduzir o passado e se torna ruína de um futuro inalcançado.

A experiência espacial de Vanda pode ser dividida em três momentos: casa, cidade, trabalho. Privado, público, privado. Doméstico, urbano, doméstico. Uma vez que a maior parte de sua atividade pública se resume a um posicionamento observador, paralisado diante de uma realidade inquestionada.

Em “A condição Humana”(1935), Renè Magritte, posiciona um cavalete em frente à uma janela que enquadra uma paisagem ao fundo, a tela se confunde às linhas resultantes da perspectiva da paisagem em 3º plano. Num primeiro instante nossa visão é enganada e somos levados a acreditar na existência de uma tela invisível. Ao perceber que fomos traídos pela visão, o pintor atinge um objetivo claro: questionar a fé depositada cegamente no sentido mais explorado pela sociedade contemporânea. É como se o vidro, a esquadria, o ônibus desaparecessem, nudez.

Com a respiração acelerada pelos passos apressados do metro ao prédio 222 da rua Visconde de Pirajá, Vanda, cumprimenta o porteiro. Ofegante, segue em direção ao elevador de serviço. Sobe.



A experiência visual ou planificação da cidade pela condição de trânsito.  
Cenas do clipe “Moon”, da banda Kid Francescoli. (2017). Imagens: Clipe disponível no YouTube





A cidade reproduzida ou impossibilidade da reprodutibilidade da experiência urbana. Cenas do clipe "Gosh", do músico Jamie XX. (2016). Imagem: Clipe disponível no YouTube



A traição da visão. A condição humana, René Magritte. (1933)

**“Se eu entrar num shopping pra passear...Aí eu já acho que eu tenho uma mania de perseguição, eu já penso que o segurança toda hora tá olhando, porque é negro, né?! Já pensa que é bandido. Um dia eu fui no Shopping Leblon, tô sentada lá...tava chovendo, aí sentei em frente uma loja, aí veio um moço e ficou sentado (faz gesto de tempo passando). Eu pensei logo que ele estava vigiando o que eu ia fazer, o que eu ia falar...aí eu não sei se é a minha mania de perseguição ou se é porque eu sou negra...não sei...”**

# Cris: 9h

O relógio anuncia 9h. Cris arruma a mesa do café da manhã pela segunda vez. Às 8h, precisou arrumar a mesa para o Sr. Cavalcante. Às 9h, a mesa precisa ser repostada para Dona Claudia que precisa seguir à risca sua dieta, milimetricamente calculada e aproveita para lembrar Cris que ela precisa usar o uniforme. Cris odeia usar o uniforme. A roupa parece marcar seu corpo como pertencente a uma categoria inferior, serve para lembrar, à ela e à todos, sua posição como serviçal. Após retirar a mesa de Dona Claudia, leva Gucci, o bulldog da família, para passear, enquanto Juninho não acorda. Juninho, quando se levantar precisa ter a mesa posta novamente. O cachorro da família Cavalcante só sai com seus sapatinhos protetores, os sapatinhos, que custaram o valor do curso de inglês que Cris sonha em dar para o filho. Os sapatinhos estão perdidos no meio de toda bagunça deixada no quartinho da empregada. Agora que a família não pode pagar por uma doméstica que durma no trabalho, tudo que não serve mais é deixado nas dependências de serviço que, minúsculas, se tornam praticamente intransitáveis. Cris desce pelo elevador de serviço e aproveita pra levar o lixo. Ao caminhar pelo quarteirão se sente envergonhada de usar a roupa que não lhe veste bem e, inteira, branca. Em meio à bela arborização da rua com iluminação e pavimentação, ela se sente uma intrusa. Tudo aquilo parece não ter sido feito para ela, ela não faz parte dessa cidade. A que cidade pertence?

É moradora da cidade de Magé, porém a maior parte do tempo que passa na própria cidade se reserva entre os muros de sua residência. Durante a semana nem consegue ver o sol iluminar a cidade, sai antes do sol nascer e volta depois que o sol se pôs. Aos finais de semana não ultrapassa o portão, precisa fazer todas as tarefas da própria casa. Quando não está em casa, está no ônibus, onde passa a maior parte do tempo em que está em solo público. Em um terceiro momento da rotina está na Zona Sul do Rio de Janeiro, local em que sua roupa anuncia: você não faz parte dessa cidade. A que lugar pertence, então?

Cris não tem tempo para realmente refletir sobre isso, apenas deixa a paisagem passar diante dos seus olhos, sem se questionar

ou pensar quando deixou de pertencer a cidade. A domesticidade se torna uma condição para ela, não existe um lugar além de sua condição, o presente é uma caixa enclausurada, onde agradece por, de alguma maneira, estar conseguindo respirar, sobreviver.

Cris volta ao trabalho. Recoloca a mesa, agora para Juninho, que acordou mais cedo dessa vez, às 10h. Durante o trabalho sente algumas dores, prefere ignorar já que não terá tempo para ir ao médico, não pode deixar de receber a diária. Ao limpar a janela enxerga o mar, não se lembra a última vez que se banhou em águas salgadas ou qualquer outra água que não seja a do chuveiro. Logo retoma os movimentos circulares de limpeza do vidro.

A área de serviço, área da casa a qual lhe foi destinada não possui janela, apenas um basculante que mal se abre, voltado para o prisma central do edifício. As dimensões mínimas e materiais em más condições de conservação gritam a todo momento a posição que Cris ocupa na casa, na cidade. A iluminação branca e ofuscante a deixa alerta. Em constante estado de tensão, precisa terminar todo os afazeres para sair o mais cedo que puder, precisa sair antes da volta do Sr. Cavalcante. Sente repulsa ao lembrar que a distância entre a pia e o armário servem de desculpa para que o homem “sem querer” esbarre em seu corpo no dela. Vulnerável, submissa e ocupando o espaço das coisas sem utilidade. Durante 9 horas do seu dia, por cinco dias na semana a única coisa que lhe conforta é saber que depois de alguns meses de economia conseguirá comprar a mochila nova que a filha tanto quer.

Enquanto espera a máquina terminar de bater a roupa, manda um áudio para amiga que trabalha há alguns quarteirões dali, as duas marcam de se encontrar na estação General Osório e ir embora juntas. A conversa é interrompida pelo chamado de Juninho, se apressa. Ao passar pela cozinha, é tomada pela angústia da lentidão das horas, denunciadas pelo relógio moribundo, parecem perdurar anos naquela área de serviço.

Em uma belíssima cena do filme Roma, a personagem principal Cleo (doméstica que trabalha na casa de uma família de classe média alta em Colonia Roma, no distrito Cuauhtémoc, no México em plena década de 70), lava a roupa no terraço da casa quando o pequeno Pepe, filho mais novo dos patrões, a interrompe em uma brincadeira. Por um momento Cleo se permite deitar sobre piso elevado e confessa:”- Estoy muerta!”, logo a câmera se eleva



Cena do filme “Roma”, de Alfonso Cuarón. (2018)



revelando um mar de roupas estendidas por todos os terraços do bairro, com suas respectivas domésticas realizando a mesma atividade de Cleo. A cena captura com maestria um cotidiano solitariamente compartilhado. Restritas às áreas de serviço, o espaço opressor é também o único que permite uma possível liberdade entre dentes, uma vez que é o espaço evitado por toda família. Todas presas em suas tarefas cotidianas, separadas espacialmente, unidas por uma história desconhecida pela maioria.

As paisagens e o espaço que toca esse corpo são responsáveis por reforçar um passado de submissão e apagar memórias de luta. A cidade que se ergue sobre essas domésticas e conserva paisagens, marcos, e dimensões responsáveis por fazer a manutenção de um aprisionamento colonial, não apenas do corpo, mas da consciência.

Em *Metropolis*, clássico do cinema Alemão de 1925, dirigido por Fritz Lang, a cidade se divide entre a classe dominante, rica, que habita os jardins e espaços de lazer da cidade e a classe trabalhadora, pobre, que habita o subterrâneo e é condicionada ao trabalho constante. O filme reproduz algumas dinâmicas encontradas nas cidades europeias no final do século XIX. Os cortiços londrinos e guetos franceses desse período se relacionam diretamente com a ficção. Relatos sobre as condições subumanas vividas por essa população durante esse período e as cenas que retratam a cidade em exercício de controle e separação em *Metropolis* se relacionam diretamente com o cotidiano vivido por essas mulheres. Uma cidade claramente dividida, onde são preservados alguns dispositivos urbanos e arquitetônicos que mantêm essas mulheres condicionadas a um estado de hipnose.

Se em *Metropolis* existe uma cidade subterrânea, aqui há o uniforme, a área de serviço, o transporte público precário e a periferia. O shopping frequentado pela classe mais alta da cidade seleciona cordialmente os corpos.



A cidade subterrânea dos operários no filme “Metropolis”, de Fritz Lang. (1927)



**“Na casa da minha patroa, se eu quisesse comer uma coisa diferente eu tinha que levar. Ela só comprava pra gente comer ovo, arroz, feijão e músculo. Se quisesse comer um carré, eu tinha que levar de casa. Biscoito tinha que levar de casa. Na casa dela não comia nada, não podia comer nada. Um dia minha filha foi comigo, eu tinha que levar tudo, não podia pegar nada dela, aí a empregada foi pegar uma coxinha de frango e ela falou que quando pegar qualquer coisa tinha que falar com ela. Perguntar se poderia pegar, pedir permissão. É humilhação isso, é muita humilhação. Todo mundo que chega na minha casa pode comer tudo. Eu tinha que levar papel higiênico, shampoo, pasta de dente, uma fruta tinha que levar de casa. Quando a gente comia algo ela falava pra não comer, aí quanto estava estragando ela dava pra gente. Quando tinha carne boa não podíamos comer. Pra gente era só músculo, músculo e músculo. Lá era uma prisão, eu não aguentava ficar lá, eu trabalhava de babá pra duas crianças e não ganhava por isso. Eu pedi pra ela pra vir embora quarta-feira e ela achou ruim porque ia gastar mais dinheiro de passagem. O dinheiro faz falta, mas o dinheiro dela eu não sinto falta, juro por Deus. Você perde tudo, você passa mal, fica doente, fica estressada, deprimida. Nem televisão no meu quarto eu tinha, ficava no celular, tristeza cara. A gente era prisioneira lá, o quartinho era pequeno, só cabia o guarda roupa, tinha um banheiro e a cama. Eu não tinha nada, no calor eu sofria, uma vida de cão...”**

# Maria: 12h

Maria termina de colocar a mesa, às 12h. Ela retorna para área de serviço em busca de sua marmita. O pote ocupa metade da sua bolsa e pesa um pouco, mas desde que foi proibida de comer qualquer coisa da geladeira da casa em que trabalha, prefere levar sua própria comida a comer as sobras de músculo e frutas esmaecidas deixadas pela patroa: “- Maria, se quiser comer eu deixei isso aqui separado pra você, a gente não gosta de misturar as coisas aqui em casa.”

Maria coloca sua comida no micro-ondas e se apressa para mandar mensagens pros filhos pelo WhatsApp. Ela queria ter 1h de almoço e descanso, mas na realidade precisa se apressar antes que ouça o primeiro chamado vindo da mesa: “- Maria, traz o damasco, por favor!”, ela deixa o celular e se apressa para atender o pedido. O micro-ondas avisa que a comida está quente. Na mesa: “- Maria você pode dar uma esquentadinha nesse molho, está um pouco frio”, e “- Maria, a Julia deixou a colher cair no chão, da uma lavadinha pra mim?”. Nesse vai e vem sua comida esfria aguardando sua inexistente hora de almoço. Maria come uma colher, duas e logo precisa retirar a mesa principal e lavar toda louça, pensa: “Melhor eu adiantar o trabalho pra tentar sair mais cedo, ao invés de comer”. O trabalho não termina, quando vê o almoço principal acabou, a louça sujou novamente, a mesa precisa ser posta e repostada. Não almoça, não sabe como anda os filhos e muito menos que Maria Conga é heroína da cidade onde mora. É preciso ter força.

O movimento entre a sala de jantar e a cozinha revela muitos fragmentos de uma história construída sobre camadas segregacionistas. A planta é constituída por divisórias e divisões responsáveis pela composição dos ambientes e a conformação do espaço doméstico. Também feito de algumas divisões essenciais para o processo de construção das relações sociais brasileiras. A planta do apartamento onde Maria trabalha é capaz de apontar alguns processos nos quais as divisões sociais se edificam. A construção do ambiente está completamente relacionada com o desenvolvimento econômico da sociedade ocidental, gatilho do enrijecimento de estruturas responsáveis pela manutenção e conservação de tais estruturas.

A domesticidade se torna um dispositivo indispensável para

o exercício disciplinante de uma ordem social consolidada. A palavra “domesticidade” deriva da palavra “doméstico”. A origem grega revela a construção de relações que mantem uma comunicação direta com a realidade descrita:

**Dome.est.ico:** de origem grega, domus remete a construção, construir, mas sua utilização estará diretamente ligada à casa, ao lar (lar, por conseguinte se refere ao espaço de cozimento aquecimento da casa, lareira, feminino), ou o espaço protegido, dominado por um “chefe”, apresentando a construção de um espaço onde há uma hierarquia subentendida. Ico: sufixo ligado à palavra grega oikos, economia.

A palavra “doméstico” passa ter uma conotação ligada ao pertencimento à economia da casa. Aquele ou aquilo que pertence a uma economia familiar. Família, por sua vez, é uma instituição indispensável para o desenvolvimento histórico da economia, uma vez que o ambiente doméstico passa a configurar a articulação entre três relações:

“a relação despótica entre mestre e escravo, a relação conjugal entre marido e esposa e o relacionamento paternal entre pais e filhos.”  
(AURELI; GIUDUCI. 2016)

A hierarquia intrínseca de um ambiente doméstico é a condicionante da existência de “um relacionamento subalterno, naturalizado pelo conceito de família”<sup>1</sup>, que, inicialmente, se refere à todo indivíduo pertencente à propriedade. Escravos e parentes, circunscritos num espaço comandado por um líder patriarcal. Portanto, “família” como conhecemos hoje, deriva de uma conformação de relações de submissão, “cujo objetivo é garantir a reprodução de uma ordem geral da sociedade”<sup>2</sup>, a família está mais ligada ao direito à propriedade do que aos laços biológicos e afetivos a qual é comumente atrelada.

O que define o Oikos, ou a economia, para Aristóteles, é, portanto, uma conformação formalizada pela instituição família. Relação entre dominante e dominado, mestre e escravo, que ocorre dentro dos limites de uma propriedade, domus. Controlada e regida pelo proprietário da terra. No ambiente doméstico, as atividades exercidas pelo escravo não se diferem da atividade exercida pelos animais domésticos, onde ambos contribuem com seus corpos e força de vida para o suprimento das necessidades humanas.

Portanto o fato do homem estar ligado ao ambiente público e a mulher ao privado (AMANN, 2005), entende-se que à mulher



A domus romana, o espaço como articulador da economia familiar. Casa dos Vécios, na cidade de Pompeia. 62 D.C.

1. O espaço doméstico como espaço de exercício das relações familiares. A relação familiar passa preservar uma hierarquia necessária para organização de uma economia patriarcal. AURELI; GIUDUCI. Familiar Horror. 2016. Black Square, London.

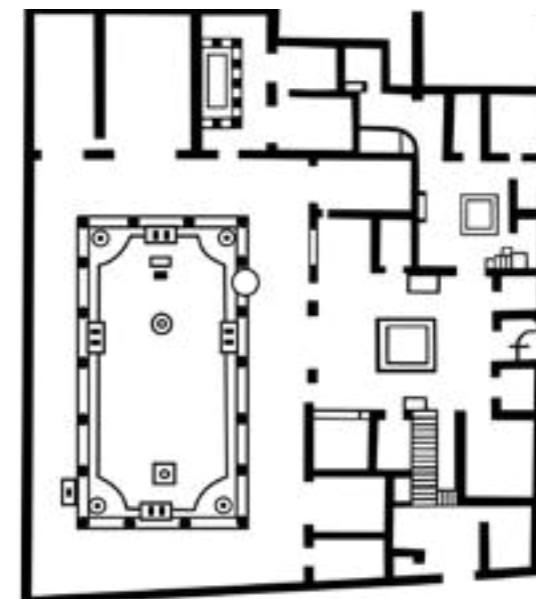
2. Idem nota 1.

é designada ambiente onde se desenvolve as atividades responsáveis pela manutenção da vida humana. A mulher estará relacionada ao lar, o cozimento dos alimentos, à reprodução e o homem estará ligado às atividades que acontecem no âmbito social, público, político.

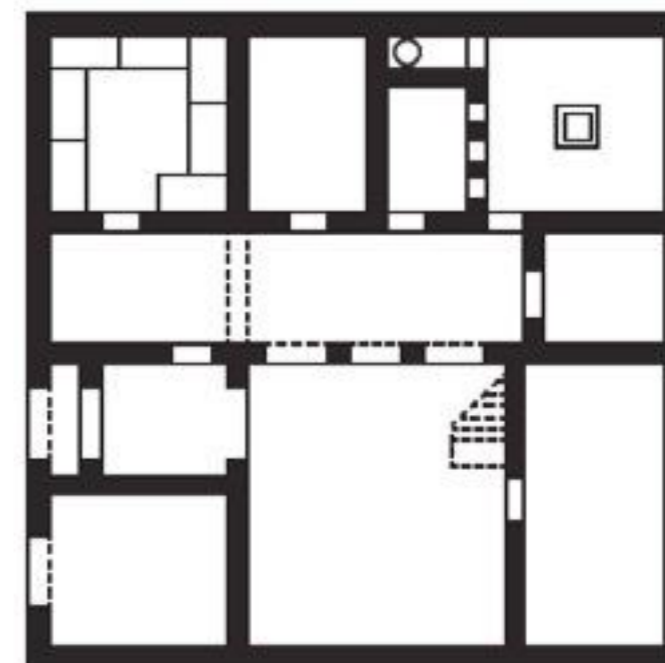
A casa se torna o dispositivo responsável por estabelecer, arquitetonicamente, a preservação dessas condições. Existe, como Aureli (ao olhar para Aristóteles) e Giuduci apontam, a conformação da polis reproduzida num interior doméstico, delimitando os limites entre público e privado, impondo divisões de gênero e classe. Assim como na sociedade grega e romana, a arquitetura se torna um dispositivo que ordena a coreografia doméstica:

“[...]as portas da casa frequentemente ficam abertas para a rua, mas a sequência axial do átrio e peristilo se assemelhava a um fórum aberto ao público. Uma posição visualmente dominante eixo é ocupado pelo tablinum. Antes da introdução do peristilo, o tablinum, o quarto principal e o local de o leito conjugal, eram o cômodo mais importante da casa, mais tarde tornando-se um escritório onde os patriarcas preservavam os registros familiares. Enquanto a composição axial da casa celebrou a autoridade patriarcal, assim como o espaço da basílica celebrou a autoridade do imperador, os espaços que flanqueavam esse eixo estavam dispostos mais livremente para preencher a área dentro das linhas de propriedade. Espaços de serviço como a cozinha foram empurradas para longe do eixo central, e os quartos podem ser adaptados para acomodar qualquer pessoa da família e necessidades imprevistas. Os quartos foram definidos mais pelo seu uso do que pelo seu espaço. A infinidade de pequenos vestibulos, cubículos, e triclinica que cercavam o átrio e o peristilo sugerem que na casa romana o gênero do espaço estava muito mais relaxado do que na antiga casa grega. Romano, além disso, os escravos não eram segregados espacialmente de seus mestres. Como faziam parte da família, seu lugar era em toda parte. Tal fluidez na organização do mercado doméstico, reflete a fluidez da família romana, cuja único definidor era a ideia da família como propriedade privada. Assim, os conceitos de domesticidade e família foram definidos não por costume, mas por lei, especialmente pelas leis que distinguiam a res publica da res privata.”

Atualmente, as hierarquias e divisões se sobrepõem e são expressas no apartamento em que Maria trabalha. A planta reafirma a condição da mulher como pertencente ao ambiente de serviço, isolado do âmbito social e público. Sobreposto à essa realidade, existe o histórico escravagista de um país marcado pela exploração colonial europeia que irá enclausurar Maria na condição de mulher, negra e pobre.



Casa dos Vécios (Planta Baixa)



Planta de uma casa Grega, em Olyntos (450 a.C.). A sala no canto superior esquerdo é o andron, espaço masculino, área social da casa. O canto superior direito está ocupado pelo complexo oecus, privado, três quartos equipados com uma chaminé, um poço e equipamentos de cozinha.



com o fim do sistema feudal, emergem importantes relações e configurações urbanas e econômicas que irão ditar uma transição econômica irrevogável.

Marx identifica esse processo no momento em que as relações comerciais são pautadas pelo lucro e pela acumulação, chamada por ele de “acumulação primitiva”<sup>3</sup>. Esse processo será responsável por separar o produtor dos meios de produção. O que significa que um indivíduo detém poder sobre a produção, enquanto outro possuirá apenas o poder de sua força de trabalho, essa realidade será agravada pela mecanização do campo e substituição da força de trabalho humana por máquinas. O trabalhador será forçado a se mudar para os centros urbanos em busca de condições de sobrevivência, tendo apenas seu corpo como ferramenta de trabalho, estando vulnerável à qualquer imposição e condição de subalternidade.

Esse processo é revelado, também e principalmente, no âmbito doméstico, quando a mulher é aprisionada cada vez mais ao interior como forma de preservação da economia familiar e manutenção da propriedade privada. O corpo feminino é condicionado ao trabalho sem remuneração numa romantização criminosa do feminino como condição cuidadora, maternal. A área de serviço, a cozinha, separadas do âmbito social da casa serão responsáveis por naturalizar espacialmente essa dinâmica:

“Naturalizar essa separação tornou-se a principal tarefa da arquitetura da habitação.” (AMANN, 2005)

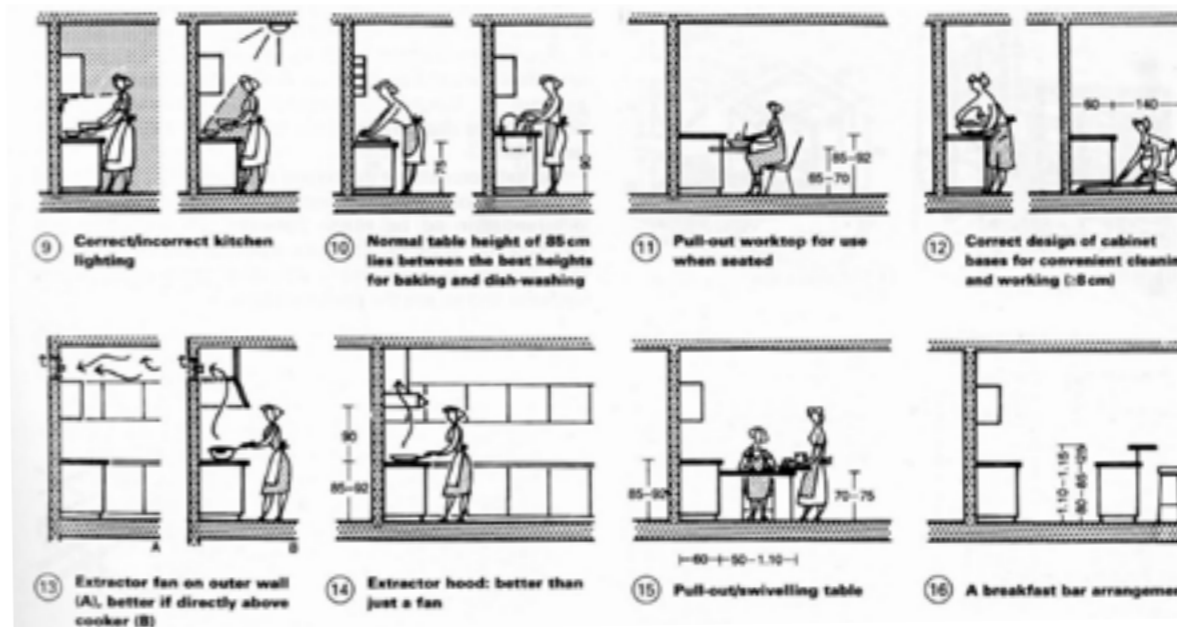
Aureli e Giuduci identificam, então, a arquitetura como um dispositivo essencial para manutenção da divisão de classes:

“A casa tornou-se um projeto responsável por acomodar todas as classes, reforçando suas diferenças, cujo objetivo final não era simplesmente ordenar a sociedade, mas garantir a reprodução da vida da maneira mais ordenada e segura. A definição e fortalecimento das diferenças de classe tem sido o objetivo tácito de muitas arquiteturas, e Serlio não foi exceção: ele organizou seus exemplos pela ocupação e riqueza do proprietário, usando a linguagem arquitetônica do edifício para expressar o “personagem” associados a cada classe, do telhado de palha, do camponês às ordens clássicas do aristocrata. O que é impressionante sobre a atitude de Serlio, no entanto, é que vários aspectos são comuns a todas as propostas, sugerindo declarações consistentes no espaço doméstico aplicável a todas as classes sociais.”

3. MARX, Karl. O Capital. Vol. 2. 3ª edição, São Paulo, Nova Cultural, 1988

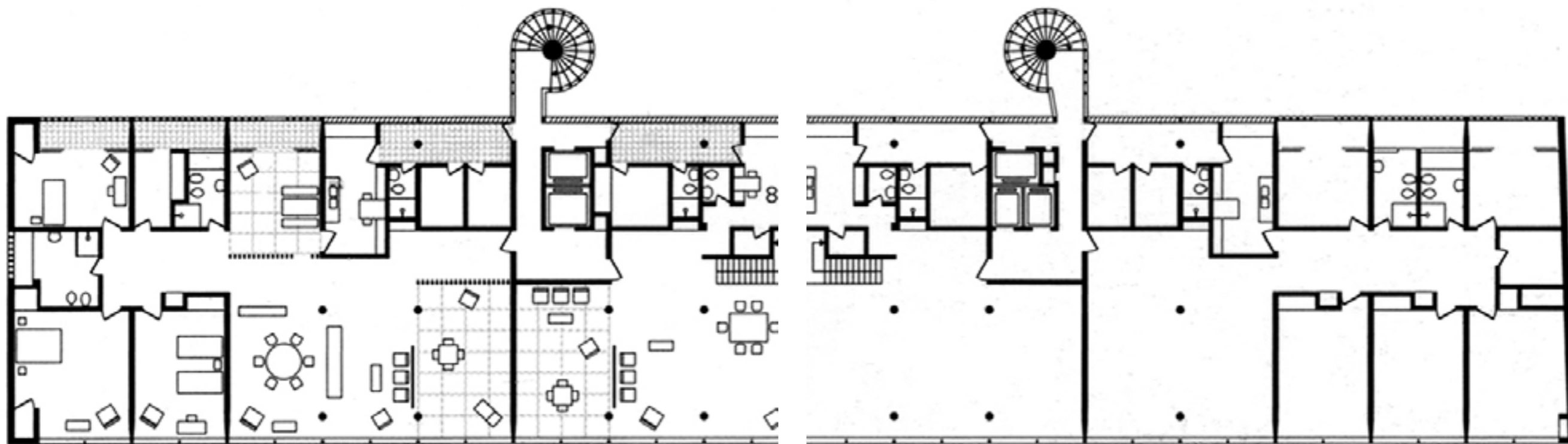
Quando Maria passa pelo corredor, indo da cozinha à sala de jantar. Do espaço mais privado ao espaço mais público, apenas para servir e oferecer sua força de trabalho, significa que lógicas de controle e subalternidade, vivas desde a Grécia, continuam moldando os espaços e a vida contemporânea. Estar limitada a área de serviço como sua principal área de atuação, torna Maria uma personagem solidificada por uma história que ultrapassa milênios. Estar em uma das 48 áreas de serviço que existem num edifício construído como ferramenta de especulação e produção de capital, em uma cidade que reproduz uma prática segregacionista de exclusão e silenciamento de Marias, aponta para um sistema cruel de engrenagens que se perpetua e perpassa todas as escalas arquitetônicas. Desde o momento em que a pior maçaneta da casa é posta no ambiente destinado à Maria ao fato da mesma morar em uma cidade localizada em uma das principais regiões metropolitanas do país e não haver uma sala cinema.

Quando Maria termina de lavar o último copo, se entristece com os calos em suas mãos.



As ilustrações de um dos manuais de arquitetura mais difundidos no mundo inteiro, Neufert, mostram a cozinha como um ambiente feminino. Um espaço extremamente funcional e controlado.





Planta Pavimentos 1,3 e 5 Edifício Nova Cintra. Um dos edifício do conjunto Parque Guinle, projetado por Lucio Costa em 1954. A planta do século XX conserva a setorização rígida e hierarquizada.

**“Eles colocam tudo que é lixo no nosso quarto e mal cabia uma cama. Quando estava muito quente, tinha que levar o ventilador de casa porque eles não querem saber da gente, nem janela tinha o quarto...”**

**“A gente trabalha o dia todo e nem um banho descente pode tomar. O banheiro é um ovo. O chuveiro fica em cima do vaso e molha tudo, o banho é de perna aberta ou sentada no vaso, né? A gente cansada, doida pra ir embora, ainda tem que secar o banheiro...”**

**“Eu não tenho muito o que reclamar, o banheiro e meu quarto tinham tudo direitinho, nem tinha nada quebrado...”**

# Zuca: 15h

Quando alarme toca avisando que é hora de lembrar Dona Ana do seu remédio, um certo alívio percorre as veias de Zuca: 15h. Zuca leva o remédio com um copo d'água para Dona Ana que não costuma agradecer. Aproveita para terminar de passar pano no último cômodo que faltava, agora falta apenas a cozinha, colocar a roupa pra bater e finalmente ir embora, umas 16h, 16h30m.

A hora de ir embora, apesar de representar uma certa alegria em poder voltar pra casa, é também motivo de uma angústia entrelaçada à frustração e ressentimento. Zuca precisa tomar banho. O banheiro social é espaço proibido aos empregados. À Zuca é destinado um banheiro sem janela, 1m de largura por 1,40m de comprimento. É importante ressaltar as dimensões, pois elas são responsáveis por gritar nos ouvidos de Zuca, todos os dias, que seu lugar é o espaço mínimo, o mais desagradável, a sobra arquitetônica, a senzala mascarada de área de serviço.

O pequeno compartimento possui apenas o vaso e logo acima o chuveiro, na mesma direção. Numa decisão cruel de divisão dos espaços, onde o ambiente reservado à empregada doméstica é reduzido de maneira que esse espaço não comprometa a valorização e qualidade espacial do restante da casa grande. Como Zuca não dorme no emprego a família, para qual trabalha, guarda todo lixo e objetos sem uso no quarto de serviço e banheiro.

Depois da longa jornada de trabalho, para tomar banho e voltar para casa, Zuca precisa retirar todos esses objetos do banheiro, se desnudar na área de serviço, exposta, vulnerável, para, então, tomar banho. O chuveiro elétrico está queimado. Quando a água fria escorre pelo seu corpo, revela uma figura cambaleante que precisa manter as pernas abertas em volta da bacia sanitária, se apoiando nas paredes que parecem a todo momento querer esmagá-la. Zuca respira, suporta, toma o banho mais rápido que pode, se senta sobre a privada, pensa no que poderia ter sido, em como seria o banheiro do avião se tivesse realizado o sonho de ser aeromoça, com certeza o banheiro devia ser maior.

Quando termina, precisa sair molhada, na ponta dos pés, se esgueirando, tentando molhar o mínimo possível da lavanderia. Seu coração acelera a qualquer barulho que indique a aproximação

aproximação de alguém. Pega a toalha e se seca rapidamente, logo se veste. Conseguiu, enfim. Agora precisa secar toda aérea molhada, o banheiro, o piso e reposicionar todo entulho da família Ferreira. Quando terá fim? 16h20, pensa: “- Meu Deus, preciso me apressar, a fila na Central deve estar gigante e o engarrafamento é certo”. Pega suas coisas, bebe um copo d’água, lava o copo. Apanha o dinheiro deixado sobre a mesa com o seguinte bilhete: “Zuca, amanhã, quando chegar pode levar o Thor pra tosar? Obrigada.” Zuca não é paga para levar o Thor pra tosar, nem para dar o remédio à Dona Ana na hora exata, mas ela o faz. Afinal, eles dizem que é como se ela fosse parte da família.

“Quanto à doméstica, ela nada mais é do que a mucama permitida a da prestação de bens e serviços, ou seja, o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas. Daí, ela ser o lado oposto da exaltação; porque está no cotidiano. E é nesse cotidiano que podemos constatar que somos vistas como domésticas.”(GONZALES, 1979)

A imagem do corpo feminino encurralado por medidas subumanas, em condição de completa vulnerabilidade e subalternidade evidencia práticas racistas, machistas e segregacionistas vigentes na nossa sociedade. A preservação do valor imobiliário gera uma planta onde o ambiente destinado à mulher doméstica possui as medidas e qualidades mínimas, deixando-a em condições animais. Ser habitante desse espaço é estar abaixo do animal de estimação da família, é ser apenas uma extensão objetificada da casa.

“Enquanto uma classe de mulheres que passaram por um processo extensivo de desumanização, as negras que trabalharam a partir do período colonial desempenhando serviço doméstico das casas e famílias de outrem são aquelas que sofreram e sofrem com os estereótipos referentes ao trabalho que praticavam desde que foram compulsoriamente trazidas ao Brasil como escravas. Estereótipos estes construídos a partir de uma concepção e imaginário social racistas e machistas que se desenvolveram a partir da colonização portuguesa e todos os processos animalizadores de seres humanos não- europeus que vieram com ela”(NOGUEIRA, 2019)

Em sua dissertação, Tamis Nogueira, dissecas as origens da condição marginalizada do corpo da mulher negra. Principalmente, no trabalho doméstico e revela um processo de hereditariedade que preserva e conserva dinâmicas coloniais.

A separação dos fluxos por espaços sociais e de serviço se mascaram num discurso funcionalista pragmático, uma camuflagem que protege e conserva os dispositivos necessários

**“Brasileiros ricos em Portugal exigem apartamentos com ‘dependências de empregados’”**

-Revista Fórum

**“[...] para atender a demanda brasileira, as construtoras de lá vêm fazendo pequenas adaptações nos projetos, como a inclusão de área de serviço, quarto dos fundos e tanque[...]”**

-O Globo

necessários para persistência de uma divisão hierárquica de classes, etnias e gênero.

Zuca, supera o fato de ter que tomar banho em cima do vaso sanitário, se considera até sortuda de ter seu espaço livre de portas, e vidros quebrados: “- Eu não tenho tanto que reclamar, até que nem tem nada quebrado, está tudo direitinho”.

O poder das dimensões como dispositivo de controle e castigo do corpo, constroem uma narrativa visual capaz de atingir a autoestima e aprisionar a consciência. O cotidiano sufocante e uma certa rejeição espacial se tornam os novas algemas. O banho em sua composição simbólica se aproxima do tronco das antigas fazendas de açúcar, coroando o fim de um dia de trabalho com a conformação de uma cena humilhante e depreciativa.

“Em uma perspectiva mais estrutural, estes eixos engendram diferenças geradoras de desvalorizações tão profundas que chegam até mesmo a descaracterizar este tipo de ocupação enquanto um trabalho, no sentido de trabalho desceite, dotando o trabalho doméstico remunerado de características servis, exploratórias e de dominação que historicamente foram construídas a partir de sua origem no Brasil, a escravidão”(NOGUEIRA, 2019)

Zuca sai pela porta de serviço levando o lixo do dia, se prepara para longa jornada que enfrentará até chegar em casa. Pensar na família e nos filhos a faz esquecer de todo esgotamento diário. Em toda sua vida, o momento mais feliz que vivera foi o nascimento dos filhos, se sente aliviada por ter essa memória guardada onde ninguém pode roubar, nem mesmo o cotidiano.

Apesar de tudo, agradece por ter um trabalho e principalmente agradece a Deus por ter saúde. Saúde é a coisa mais valiosa que pode ter, uma vez que vive numa sociedade onde sua saúde é o único produto consumível. Portanto sua saúde e força de trabalho se tornam as únicas coisas que impedem que a vida de Zuca seja descartável. Para ela é curioso ouvir discursos, vindos da periferia, que lamentam as mortes pelo fato de ter se perdido uma vida trabalhadora: “-Senão o fossem, não seriam lamentadas?”

A cozinha, lavanderia, quarto e banheiro de serviço possuem mais que um caráter espacial, revelam a desigualdade e potência segregacionista de um país marcado por um processo criminoso de colonização. Calcado em genocídios e escravização em massa.

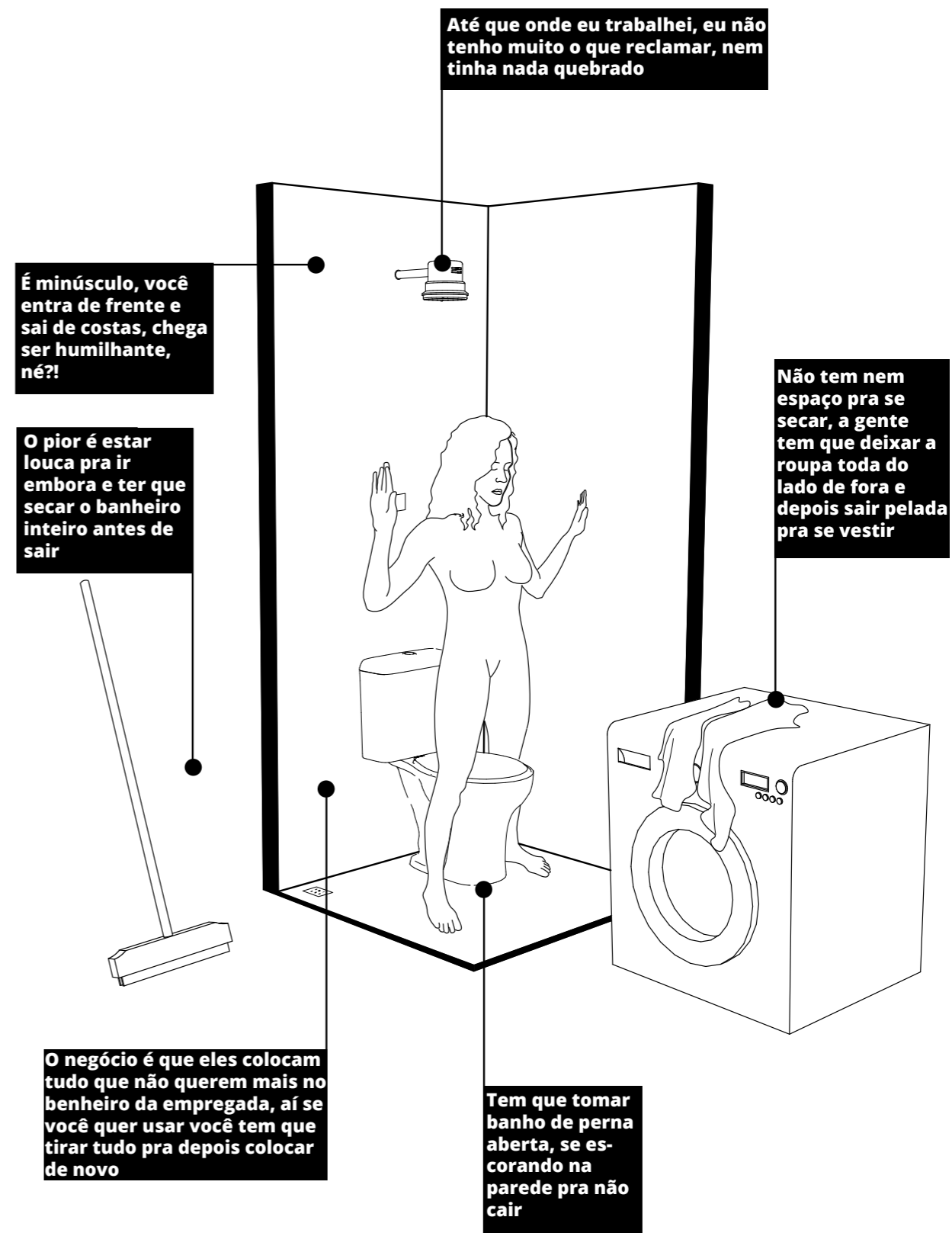
O chuveiro sobre o vaso não é uma simples economia de espaço, é a reprodução do castigo corporal de alguns séculos atrás. É uma ferramenta espacial responsável por preservar uma condição de subalternidade e subserviência dos povos dominados.



O banheiro de serviço, um espaço subumano. Imagens retiradas de anúncios da imobiliária Aspa (2019)



A porta do metro se abre, Zuca se espreme entre as centenas de corpos que transbordam os vagões. Aceita.



**“Da história de Magé eu só sei daquele valão que passava onde hoje é a praça, que construíram a rodoviária...”**

**“Eu lembro da gente brincando na rua até bem tarde. Hoje em dia se você coloca a cara no portão você é assaltada...”**

**“A primeira imagem do trajeto pro trabalho que vem na minha cabeça? A fila do ônibus, eu já penso nisso, já pensava: chegar e a fila. Aí tinha que sair de casa mais cedo pra poder ir sentada, senão não senta. Falta aqui botar um trem elétrico, mas o governo não deixa..”**

# Nana: 18h

Nana sente o ar voltando aos pulmões quando as portas do metrô se abrem, libertando uma multidão de pessoas que se direcionam para fora da estação como uma manada sedenta em busca de água fresca. Os pés de Nana voltam a tocar o chão e, finalmente, ela consegue sair do vagão. Desceu duas estações antes de seu destino final, Central. Saltou na estação Uruguaiana, precisava comprar fones. As longas viagens de ônibus são muito entediantes sem música. Ao sair da estação, olha em uma das dezenas de relógios expostos em uma barraca, 17h40: “- Tá certo o relógio?”, recebe: “-Tá sim dona, 20 pras seis”. Nana se apressa para comprar os fones, dá uma olhada rápida e logo escolhe o branco.

Retoma seu trajeto cotidiano, no caminho para Central não presta muita atenção na paisagem em volta. Nada faz muito sentido pra ela. Não consegue definir um valor ou significado ao espaço que percorre, se aproxima as 18h, é preciso correr pra não perder o ônibus das 18h30m.

Nesse pequeno trajeto caminhando, a Estátua de Duque de Caxias, sólida sobre o Panteão Duque de Caxias em frente ao palácio Duque de Caxias, chama atenção. “-Deve ter sido quem fundou Caxias”, pensa. Não tem tempo para ler a placa, é preciso chegar logo em casa, aproveitar o máximo do pouco tempo que passa com a família.

Nana estudou até a 5ª série, aos 10 anos começou a trabalhar como babá, em sua própria cidade, para conseguir comprar uniforme e material escolar, logo a rotina se tornou insustentável e precisou deixar a escola.

Era interessada por história, porém não consegue lembrar de muita coisa. Em Magé, onde vive, museus e marcos, que não exaltem a prefeitura eleita, são incomuns ou inexistentes. É uma cidade sem teatros ou cinemas. O pouco conhecimento de história não envolve a história sobre a cidade em que vive, apenas se lembra de reis impiedosos e algumas figuras masculinas e brancas. A lembrança rarefeita impede que saiba que o homem representado pela estátua, no caminho para Central, foi morador e batizado em sua cidade, na igreja Nossa Senhora da Piedade de

Inhomirim, construída em 1696, hoje em ruínas.

A perda da memória de uma cidade significa para o habitante a construção de uma condição onde existe apenas o presente, impossibilitando prospecções e amputando ferramentas de luta e transformações futuras.

Alguns fatores são responsáveis pela inexistência de uma memória solidificada na paisagem urbana de Magé, cidade de Nana. No início do século, a cidade, após viver um período de êxodo populacional pelo processo de desindustrialização e episódios históricos como os Horrores de Magé, e o , iminente, declino econômico, a administração e governo da cidade é marcada pela supremacia da Família Ullmann. A família, vinda da Alemanha, demarca suas terras no decadente território ao fundo da baía. A história é contada no livro “ A saga dos Ullmann”(PEIXOTO, 1988), a família se apodera de grandes áreas, enriquece e passa atuar politicamente. O nepotismo é comum, prática que marcará o município até os dias de hoje.

Na década de 50, a cidade se torna destino de centenas de imigrantes vindos, principalmente, de estados como Espírito Santo e Minas Gerais. Expulsos pela mecanização do campo, em busca de oportunidades na capital do estado e sem acesso à terra, encontram em Magé as condições mínimas de moradia e mobilidade. O processo acelerado de loteamento é responsável pela reconfiguração do território. Tendo nos principais cargos públicos políticos imigrantes europeus, a cidade perde todo e qualquer tipo de memória que não faça parte da trajetória dessa etnia. Durante décadas, a preservação do patrimônio é uma tarefa ignorada por gestores urbanos da cidade, esse processo de apagamento aliado a uma ocupação em massa de imigrantes, torna o passado embaçado e opaco. A ausência de uma identidade presume um processo de perda de identidade, de memória. A frágil relação entre indivíduo e território é responsável pela construção de um cenário urbano marcado pela perda da importância do coletivo e expressiva ausência da participação popular em decisões urbanas.

A importância da memória em elementos presentes na paisagem urbana se torna essencial para manutenção da relação entre o ser urbano e o espaço em que habita. A memória é parte essencial na preservação de culturas e consolidação da identidade,, não há possibilidade de se pertencer a um território onde não



Placa do Iphan, em meio ao lixo, sinalizando tombamento e demarcando o local onde passou a primeira estrada de ferro do Brasil. Arquivo pessoal.



Igreja Nossa Sra. da Piedade de Inhomirim (1696) em ruínas, Piabetá, Magé. Arquivo pessoal.

há memória. A ausência de um sentimento de pertencimento se torna essencial num sistema de enfraquecimento do povo como organismo coletivo e potente. A individualidade se torna, então, uma condição permanente. A cidade passa a privilegiar os espaços privados, o público, ao invés de ser de todos, se torna o espaço de ninguém, sem valor político. Tal cenário se reflete em mandatos municipais marcados por corrupção e dissidências. A rua se torna o único espaço de convívio e trocas comunitárias, a rua é o espaço público inevitável e, portanto, o único presente no cotidiano urbano dos habitantes de cidades como Magé.

O grande relógio da Central do Brasil marca: 18h. Nana se apressa. A grande estação, construída em 1937, se impõe na paisagem e direciona Nana para os fundos, o ponto final do ônibus Piabetá-Central é o terminal rodoviário Americo Fontenlle, erguido por estrutura metálica simples, se conformando em uma série de pilares e vigas metálicas cobertos por uma telha de amianto. Inserida em um ambiente caótico e degradante, Nana, salta entre uma poça e outra para não molhar os pés na água suja e desvia, ágil, das mercadorias dispostas por toda calçada. O terminal está ao pé do Morro da Providência, primeira favela carioca. Relevo que marca em sua paisagem as consequências de um processo de urbanização cruel e desigual. Nana não tem tempo para analisar toda essa paisagem. A fila do ônibus é quilométrica e ela se espreme no meio das dezenas de mulheres que na maioria das vezes são como ela, domésticas voltando de longas jornadas de trabalho.

Entre uma confusão e outra, troca algumas palavras, conhece algumas pessoas e até faz amizades. Há tempos, Tadeu deixou de ser o “moço da paçoca”. Nana prevê que só conseguirá sair no ônibus de 18h40m, torcendo para que o engarrafamento não esteja muito longo. Calcula que aproximadamente às 20h30m estará em casa. A preocupação com horário também se dá pela violência e insegurança em sua cidade. Na fila, consegue encontrar Marcia, amiga de longa data, se sente aliviada por ter companhia pra voltar de bicicleta da rodoviária, em Piabetá, até em casa. As duas conversam sobre os tempos em que as ruas eram cheias e seguras. Uma das melhores memórias de Nana é do tempo em que frequentou a escola, pensa na liberdade de brincar nas ruas da cidade, adentrando noites e clareando madrugadas.

A falta de acesso ao principal espaço de memória e convívio,



Porto Estrela por Johann Moritz Rugendas. (1824)



Casa das três portas (séc. XIX). A construção em ruínas tinha função comercial no antigo Porto da Estrela, Parque Estrela. Arquivo pessoal.



Estação Guia de Pacobaíba, início do século XX.



Ruínas do cais na estação Guia de Pacobaíba. Com a construção da E.F. Barão de Mauá, o local se tornou um dos principais portos do império e ponto de chegada de centenas de passageiros. Arquivo pessoal.



representa a perda da pouca relação que tinha com a cidade. A violência se torna um mau invencível e amedrontador. Nana chega a pensar em voltar para o interior do Espírito Santo, onde nasceu.

O esvaziamento das ruas, significa para uma cidade sem espaços públicos de qualidade, a morte completa do espaço político. Em uma analogia a casa, a periferia se torna a área de serviço e a capital a área social. A cidade e sua população são excluída da esfera de atuação pública. Especialmente Nana, a todo momento deixada fora da dinâmica social.

Adhailton Dourado Junior, em sua dissertação, fala sobre a condição de solidão como ferramenta de potencialização de ideias totalitaristas, evidenciando um gatilho ativado por uma condição urbana que propicia a aceitação de ideologias autoritárias:

“O totalitarismo gera indivíduos alienados, sós, isolados e desamparados. Sob uma ideologia baseada no terror, retira qualquer possibilidade de governantes agirem e de efetivamente se lançarem à ação. Terror e ideologia enraízam-se no isolamento vivido por integrantes de uma sociedade massa que, por causa do isolamento, pelo desenraizamento do mundo e pela superfluidade humana que disso tudo resulta, passam a não pertencer mais a um mundo comum. Em outras palavras: são expulsos do mundo humano, o mundo da política, passam a uma espécie de inumanidade caracterizada pela falta de pluralidade inerente a condição humana.”<sup>1</sup>

A violência urbana se torna fruto de um processo de desenvolvimento urbano desigual e, ao mesmo tempo, arma de ideologias totalitaristas e segregacionistas. A ausência do estado e da força coletiva na paisagem, no solo urbano, geram uma sensação de desconfiança e decepção constante. A desesperança se torna uma capa da passividade que cobre e sufoca a potência do indivíduo periférico como ator social e urbano.

O Filme “Bacurau”(2019), de Kleber Mendonça, conta a história de uma cidade no interior do sertão nordestino que desaparece misteriosamente do mapa. A história é contada através de uma dinâmica urbana existente na pequena cidade, a partir das vivências cotidianas de seus habitantes. O cenário se torna parte essencial da narrativa, destacando construções importantes para a compreensão e conexão com a história contada: o bar, a rua, a igreja e o museu.

O museu se torna um ponto chave do roteiro. Quando a comunidade descobre que está sendo atacada, o museu se torna espaço de resistência. A preservação da memória e das lutas de um povo, os objetos do museu se tornam a arma necessária para



1. DOURADO, Adahilton. O Animal Laborans e as origens do totalitarismo. 2013. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

A rodoviária de Piabetá, Magé (acima) e o terminal Americo Fontanelle, Rio de Janeiro (abaixo) significam as extremidades do percurso cotidiano de Nana. As edificações representam o espaço público vivenciado por esse corpo. As filas interrompem a condição de trânsito contínua, forçando a pausa. Imagens Earth 2020

combater o desaparecimento, o esquecimento. A preservação da identidade materializada na edificação do museu destaca a importância da memória como ferramenta de sobrevivência cultural, humana. A existência desse território e do povo, passa a ser protegida pela arquitetura do museu. O filme mantém uma conexão direta com a realidade brasileira em fins da década de 10 do segundo milênio. Em novembro de 2018 um dos principais museus do país, o Museu Nacional do Rio de Janeiro, sofre com um incêndio catastrófico causado pela negligência. Por outro lado, cidades perimetropolitanas como Magé sofrem com o soterramento de sua história, não há museu.

Nana conquista seu lugar no ônibus. Se acomoda na poltrona próxima à janela, compra de Tadeu um saco de biscoito de polvilho e espera que a viagem não seja tão longa. Aproveita para tentar descansar.



A memória em toda sua potência de luta e resistência. Cena do filme “Bacurau”, Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. (2019)

# Bila: 21h

**“Quando chego em casa tomo um banho, dou um jeito na casa né, faço comida e cama. Pra acordar no outro dia dez pras quatro e começar tudo de novo...”**

**“Trabalho de casa não termina nunca, descansar só quando morrer mesmo...”**

**“Eu vou com minha amiga de bicicleta. A gente sai 3h20m de casa. Uma dá apoio pra outra né, se chegar algum bandido eu não sei o que a gente vai fazer, mas a gente se sente mais segura juntas né...”**

Chegando na rodoviária, em Piabetá, Bila segue em direção a garagem de bicicletas. Ainda faltam aproximadamente dois quilômetros para concluir o trajeto até em casa. Fica feliz de encontrar Magali, sua vizinha, também chegando do trabalho.

Bila se lembra de quando a rodoviária era apenas um ponto de ônibus em condições precárias, um telhadinho colonial com goteiras sobre uma estrutura de madeira prestes a cair. Se lembra de quando corria o rio que dividia o bairro e era local de pesca e banho. Foi testemunha do processo de degradação e canalização do rio que agora passa silencioso e discreto por baixo da rodoviária. Além do rio, está sob o asfalto espesso a primeira estrada de ferro do Brasil. Os trilhos, ora aparentes ora aterrados, revelam um processo de decomposição da memória.

Enquanto alguns saem do teatro, outros da academia, às 21h, Bila pega sua bicicleta e se apressa para chegar em casa, precisa chegar antes das filhas dormirem. Vai do centro à sua casa no menor tempo que pode. Depois de uma longa reta onde observa todo comércio local fechado e alguns ainda descendo as portas, vira à esquerda e segue pela rua da sua casa. Sente imensa alegria de estar em casa. Observa a rua vazia e se lembra de alguns anos atrás quando dona Zilá colocava sua cadeira na calçada e o bar do seu Zé anunciava a hora pela programação que passava na tv com volume alto por causa da falação.

Chegando em casa, toca o interfone e manda um beijo pela câmera do portão. O interfone com câmera foi um investimento que Bila não abriu mão de fazer. A insegurança se tornara uma angústia contínua e se pudesse aumentaria os muros e gradearia toda casa: “- Eu tenho muito medo da violência, tá difícil, tá fora de controle”, diz lembrando de algumas capas de jornais.

Na fachada principal da casa, a varanda, seguida de uma porta entreaberta, revela a família reunida em torno da tv, assistindo à novela. Esse é o momento mais feliz do dia para Bila, enfim, reencontra suas filhas e pode desfrutar do conforto do lar. O marido, sentado no sofá, se sente tão aliviado quanto Bila, por horas aguardara sua chegada pra fazer o jantar. Bila tira apenas o sapato, pega o alho e o sal e está novamente na cozinha. Apesar de

ter passado 9 horas do seu dia imersa em trabalhos domésticos, ao chegar em casa, é engolida por ele novamente: “- Trabalho em casa não termina nunca”, pensa. Precisa colocar a roupa pra lavar, saber um pouco sobre as tarefas escolares das filhas, passar um pano no chão, tirar o pó não vai dar tempo. Tem que deixar para o final de semana. Apesar do cansaço, está satisfeita por estar em casa. Feliz por poder apenas dar um beijo de boa noite nas meninas.

O trabalho doméstico é, em sua essência, um trabalho efêmero. Atividades como lavar a louça, lavar a roupa, preparar o alimento, são atividades que, depois de completas, logo precisam ser refeitas, conformando um ciclo infindável de repetições.

Ao indivíduo que se ocupa de tais tarefas como as principais de seu cotidiano, resta a frustração ter por pouco tempo a sensação de finalizar um trabalho. Bila convive diariamente com o fato de exercer as mesmas atividades todos os dias e saber que no outro dia o cotidiano se encarregará de fazê-la repetir, em uma série cíclica e interminável, todo trabalho doméstico. Retoma uma condição paralisante do estado presente, onde o passado é rapidamente apagado e o futuro previsível.

O trabalho doméstico, função exercida inesgotavelmente por Bila, se aproxima do que Hanna Arendt chama de Labor em sua obra “A Condição Humana”(1958). Hanna, divide a vida humana em três esferas: o trabalho, labor e ação política. A partir de uma análise, da polis grega, alinhada aos escritos aristotélicos. A polis apresentava, em seu traçado, uma rigidez na delimitação do espaço público e privado. A casa e o comércio representavam , então, o espaço privado e a ágora uma área pública por excelência. O privado está diretamente relacionado ao oikos, a economia. No espaço privado se construía a base para a manutenção da vida pública. O público seria a esfera para ver e ser visto, mas, principalmente, ouvir e ser ouvido. Essa dinâmica espacial se interliga aos conceitos de ação política que seriam as atividades exercidas no ambiente de convívio social e estão diretamente relacionadas com a condição de produção do mundo e das coisas.

A ação política se torna o gesto capaz de modificar a realidade e ressaltar a importância da subjetividade e criatividade inerentes ao ser humano como forma de manipulação direta da realidade mundana. A ação política, relacionada a ágora, corresponde ao Trabalho que, de acordo com Hanna, representaria o processo

de coisificação do intelecto humano. As atividades que tem como objetivo exteriorizar uma capacidade de criação e transformação relacionadas ao eterno, ao prazer se distanciam do ônus da produção contínua.

“[...] a vita activa para os gregos da antiga pólis (cidade-estado grega) estava associada à dedicação aos prazeres do corpo, os assuntos pertinentes à polis e a contemplação das coisas eternas [...]” (ARENDR, 1958)

O Trabalho é algo que supera a finitude da vida e da condição humana. Está relacionado a uma aproximação da infinitude dos deuses, dinâmica identificada na Grécia antiga, onde se valorizavam trabalhos que pudessem deixar algo no mundo, algo que clamasse pela eternidade, que se aproximasse da imortalidade. Uma busca por eternidade.

Em contrapartida o Labor está ligado às atividades essenciais para manutenção vital, às tarefas relacionadas à atividades como comer, dormir, cozinhar, cuidar da casa; seriam atividades cíclicas. Atividades que não possuem a capacidade de diferenciar o homem do animal, uma vez ambos estão condenados por uma condição biológica a manutenção de tais exercícios. Entretanto, a existência do Trabalho é condicionada à existência do Labor, assim como

“[...]a economia é o pré-requisito para a política. Isto se reflete nos dois primeiros capítulos da Política de Aristóteles, que são devotados aos oikos e às necessidades da vida. Reprodução e a manutenção da vida biológica são a base da vida política, e desde a antiguidade eles foram escondidos no espaço silencioso e fechado do oikos, privado, excluído da visibilidade pública da vida política.” (ARENDR, 1958)

Hanna destaca a existência do Homo Faber e o Animal Laborans. O Homo Faber, seria o fabricante, o produtor, o ser que materializa a ideia, que, em si, possui uma força transformadora capaz de contribuir ativamente para produção e construção do mundo

“[...]somente nós, que erigimos a objetividade de um mundo nosso a partir do que a natureza nos oferece, que o construímos dentro do ambiente natural para assim nos proteger dele, podemos observar a natureza como algo objetivo[...]” (ARENDR, 1958)

Por outro lado, o Animal Laborans estaria condicionado a reprodução contínua de atividades cotidianas relacionadas à sobrevivência. O Animal Laborans se afasta da esfera pública e da ação. Representa o sujeito passivo, preso à uma cadeia opressora e alienante, traduzida por Arendt, na modernidade, como o indivíduo que “trabalha para comer e come para consumir”.



Preso às necessidades do seu próprio corpo, o Animal Laborans assume uma postura privativa, alienando-se do mundo, pois as suas atividades não podem ser compartilhadas em público. Conforme Arendt:

“O Animal Laborans não foge do mundo, mas dele é expelido na medida em que é prisioneiro da privatividade do seu próprio corpo, adstrito à satisfação de necessidades das quais ninguém pode compartilhar e que ninguém pode comunicar inteiramente [...]” (ARENDR, 1958)

O processo de industrialização da produção vai representar uma certa sofisticação do processo de alienação. Uma vez que se passa a produzir coisas para o consumo, consumidas ao existir. O que permanece diferenciando o Trabalho do Labor seria a obra como a materialização de uma individualidade e peculiaridade humana

“[...] somente na medida em que o processo vital se apodera das coisas e as utiliza para seus fins é que a instrumentalidade limitada e produtiva da fabricação se transforma na instrumentalização ilimitada de tudo o que existe [...]”(DOURADO, 2013)

Existe um encadeamento entre a condição de existência e sobrevivência, construídos nas bases da sociedade ocidental, e a construção do espaço como legitimador de uma estrutura social e econômica. Passados séculos, as cidades brasileiras carregam traumas de fantasmas facínoras.

Quando Bila termina de lavar o último copo, sente sua coluna se contrair em um clamor por descanso e repouso. Passa no quarto das filhas antes do banho. Em um momento de conversa, lamenta não poder testemunhar as diversas ocasiões relatadas no dia delas. No banho, sente a água quente como uma recompensa pelo dia que se finda. Na cama, confere o celular pela última vez, tarde, acalma alguns pensamentos que borbulham, precisa dormir. Fecha os olhos. Enfim, dorme.



Cenas do filme  
“Koyaanisqatsi  
Uma Vida Fora  
de Controle”, de  
Godfrey Reggio.  
(1983)

**“Eu nunca fui em uma reunião de escola dos meus filhos, às vezes tenho a sensação de que me roubaram isso, sabe?”**

**“A gente não tem tempo pra sair. Todo dia é casa-trabalho, trabalho-casa. Não tem tempo. Final de semana a gente tira pra lavar roupa, fazer as coisas de casa, né?! Quando dá eu tomo uma cervejinha...”**

**“Aqui na cidade não tem um cinema, um teatro, um parque, um nada. E quando tenho tempo eu corro de ônibus, não vou pegar ônibus de novo pra sair, prefiro ficar em casa...”**

# Laura: 00h

Laura se vira e revira na cama, de um lado para o outro até que o lençol se perde na cama. O vento frio a faz estremecer e acordar. Puxa de volta o lençol, mas decide buscar um copo d’água na cozinha. No caminho se surpreende com o piso iluminado pela luz amarelada do poste, vai até a janela e se debruça sobre o peitoril em busca da lua. O relógio marca 00h. A esfera reluzente lhe faz pensar. Pensa em quanto tempo não parava pra observar, simplesmente observar o céu, o mar... De repente suas lembranças transformam o piso cerâmico em areia, retrai os dedos dos pés para juntar os grãos, em vão. Busca, com esforço, lembranças da última vez que foi ao cinema. Não consegue se lembrar nem mesmo do último filme que viu com as crianças. No meio desse mergulho nostálgico, constata que nunca participara da reunião escolar dos filhos. O pensamento logo abre caminho para o lamento, chuveja tristeza. Sente o tempo escorrendo pelos dedos, pingando como óleo nas engrenagens que movem seu cotidiano ensurdecedor. A angustia lhe espreme ainda mais quando percebe que logo terá de se levantar para trabalhar. É atormentada pelo pensamento de que todo tempo se volta para um trabalho interminável, desvalorizado. Pensa no tempo que passou em quartos de empregada, sem janela, nem mesmo um ventilador. O tempo que passou uniformizada no parquinho com as filhas da patroa, enquanto nem sabia onde estava ou que estava fazendo sua própria filha. É como se tivesse vendido a vida a preço de banana e suas lembranças? Roubadas.

Em “Que horas ela volta?”(2015), filme de Ana Muylaerte, a doméstica Val, interpretada brilhantemente por Regina Casé, passa treze anos servindo uma família de classe média alta, em São Paulo, longe de sua filha. O filme, além de apresentar um quadro brasileiro de desigualdades gritantes trata, já em seu título, de uma questão desoladora para as empregadas domésticas: o tempo.

A monetização e manipulação do tempo como uma ferramenta de dominação do corpo e da memória. O tempo de Val é completamente dedicado ao trabalho e à família para qual trabalha. A rotina, durante os treze anos, lhe roubou memórias preciosas

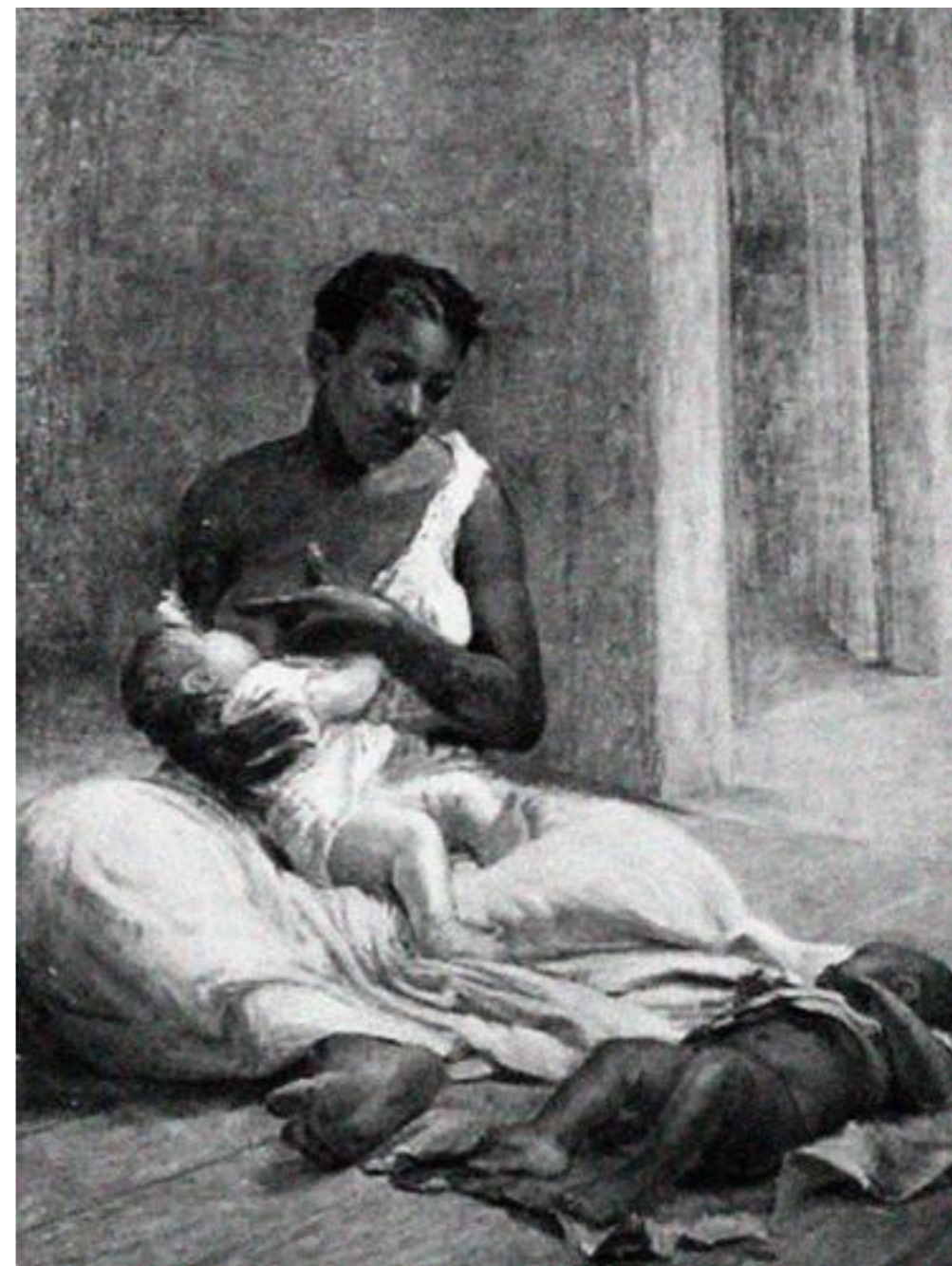


para compreensão de si mesma como ser individual e emancipado.

A casa se torna um personagem ao guiar o espectador pelas paredes e cômodos que esmiúçam a condição de subalternidade da empregada. Qual seria a função de um quarto de hóspedes sem o hóspedes? O quarto em dimensões mínimas resguarda a doméstica à senzala moderna. O filme muda de perspectiva com a chegada da filha de Val. Vinda do interior do Nordeste para estudar na cidade de São Paulo. A menina, com sonhos de cursar a faculdade de Arquitetura e Urbanismo na USP, retrata um indivíduo em busca de ascensão social, livre das amarras de uma vida doméstica.

Uma das cenas apresenta o tempo da doméstica como um objeto manipulável. Um tempo voltado para o ofício de servir. Tempo responsável por construir uma memória de servidão como essência do indivíduo. Com essa memória construída e consolidada, se torna única fonte de luz capaz de clarear o presente, ou seja, a construção de uma identidade servil se torna a lente pela qual a personagem enxerga seu presente e pela qual se posiciona no espaço. Pela mesma lente, Val, projeta o futuro não muito longo de sua condição naturalizada. Esse processo de construção de consciência deixa Val enclausurada numa posição de objeto, extensão da casa. A cena em que Val entra na piscina da casa pela primeira vez em treze anos de trabalho, elucida uma quebra do cotidiano repetitivo e do tempo como simples suporte para o trabalho. Pela primeira vez, a doméstica ultrapassa as paredes e limites que a escondem em esferas interiores e privativas para fazer parte da área social, de lazer, pública. Ao tocar a água e caminhar pela grande estrutura, maior que seu próprio quarto, dedicada exclusivamente ao lazer da família abastada, a doméstica está no mesmo lugar no qual esteve durante os treze anos. A diferença está no fato de que agora passa a se enxergar no mundo tão humana quanto seus patrões, como um indivíduo capaz de moldar sua própria realidade, como merecedora de uma consciência própria. Quando o tempo do trabalho se transforma em tempo de construção de consciência a partir de uma ruptura. Quando o corpo ultrapassa o limite do privado para o público, inicia-se um processo de emancipação capaz de alterar uma condição antes inquestionável.

Laura pensa em seu tempo no transporte público, no ônibus, na vontade de querer voltar a estudar e no quanto precisa estar



Mãe Preta, Lucilio de Albuquerque. (1912)

mais próxima da família e, talvez, de si mesma.

O tempo de lazer e ócio é roubado pela cidade a todo momento, em sua falha lógica de mobilidade baseada num modelo rodoviarista ianque. Se o tempo de trabalho é responsável pelo consumo de um terço do dia dessa trabalhadora, a maior parte do tempo na cidade é vivido no transporte público, espaço de disputa e sobrevivência. Espaço semi-público e desprovido de um desenho capaz de proporcionar uma vivência de construção política, mesmo que, inevitavelmente, haja alguma profanação da função. A desvalorização da experiência política como arma de luta é constatada pela ausência desse corpo em espaços de discussão e construção intelectual por essência. A doméstica é mantida longe dos espaços que possam incitar profundos questionamentos. O espaço urbano como palco de disputas democráticas perde seu sentido e significado no cotidiano dessa mulher, uma vez que o espaço deixa de ser um ambiente de trocas conscientes e passa ser palco de trocas passionais convergidas numa busca pela existência, se distanciando da construção de uma consciência de liberdade e pluralidade para se tornar um “espaço de relações anônimas entre indivíduos”(BERENSTEIN;VAZ. 2013). Para Arendt, seria a vitória do Animal Laborans, a construção de uma sociedade que baseia suas relações em detrimento apenas do consumo, como simples condição de sobrevivência (DOURADO, 2013).

Mesmo estando no coletivo, existe uma elevação da individualidade sobre a coletividade. Coletividade tão necessária para o indivíduo que necessita estar atrelado a um grupo ou massa para, numa construção conjunta, sentir que existe um propósito maior que o cotidiano sufocador. Isso explica a força de instituições como a religião e a família nas cidades periféricas. Essas instituições passam a representar a única oportunidade desse indivíduo se sentir fazendo parte de algo maior que a finitude de sua própria vida.

Quando a memória de luta e resistência dos derrotados é condicionada a um processo de decomposição, inexistindo na paisagem urbana, a cidade se desenvolve e se constrói a partir de espaços e paisagens que perdem o valor e o significado na composição de uma consciência de luta coletiva. A problemática se conserva no fato de que a memória do dominador é implementada no dominado, mas o cotidiano permanece como

castigo de guerra. Em uma lógica onde o tempo se torna escasso ou completamente voltado para o Labor, são estabelecidas as condições perfeitas para manutenção de uma estrutura urbana alienante e conservadora de injustiças e desigualdades.

O despertador toca, Laura abre os olhos, 3h.



O corpo ultrapassa a esfera privada. Cenas do filme “ Que horas ela volta?”, de Anna Muylaert. (2015)



### projetar.

1. transitivo direto e pronominal  
atirar(-se) à distância;  
arremessar(-se),  
lançar(-se).  
2. pronominal  
estender-se para fora;  
formar saliência.

### recordar.

1. transitivo direto,  
transitivo indireto  
e bitransitivo e  
pronominal  
fazer voltar à memória  
ou vir de novo à  
memória; lembrar(-se).  
2. trazer de volta ao  
coração.

### imaginar.

1. transitivo direto  
formar imagem mental  
de (algo não presente);  
idear.  
2. transitivo direto  
descobrir, criar (algo  
abstrato); idear,  
inventar.



**“Uma parte crucial da abordagem performativa que tenho proposto é um repensar das noções de práticas discursivas e fenômenos materiais e das relações entre eles. Em uma abordagem realista agencial, práticas discursivas não são atividades fundamentalmente humanas, mas (re)configurações materiais específicas do mundo pelas quais determinações locais de fronteiras, propriedades e significados são operadas diferencialmente. E a matéria não é uma essência fixa; antes, matéria é substância em seu devir intra-ativo — não uma coisa, mas um fazer, um adensamento da agência. E performatividade não é entendida como citacionalidade iterativa, como afirma Butler, mas intra-atividade iterativa.”**

# A doméstica de Magé

A doméstica de Magé é o resultado do entrelaçamento entre memórias, imaginações e projeções costuradas à experiências e ao território. A doméstica de Magé flutua entre o real e imaginado, questionado doutrinas e concepções solidificadas. Um arquétipo costurado pelo vivido, o relatado e o projetado, que ganha corpo a partir do choque entre todas as experiências e percepções envolvidas no processo. Magé desconhece o modolor e a doméstica nunca foi vitruviana.

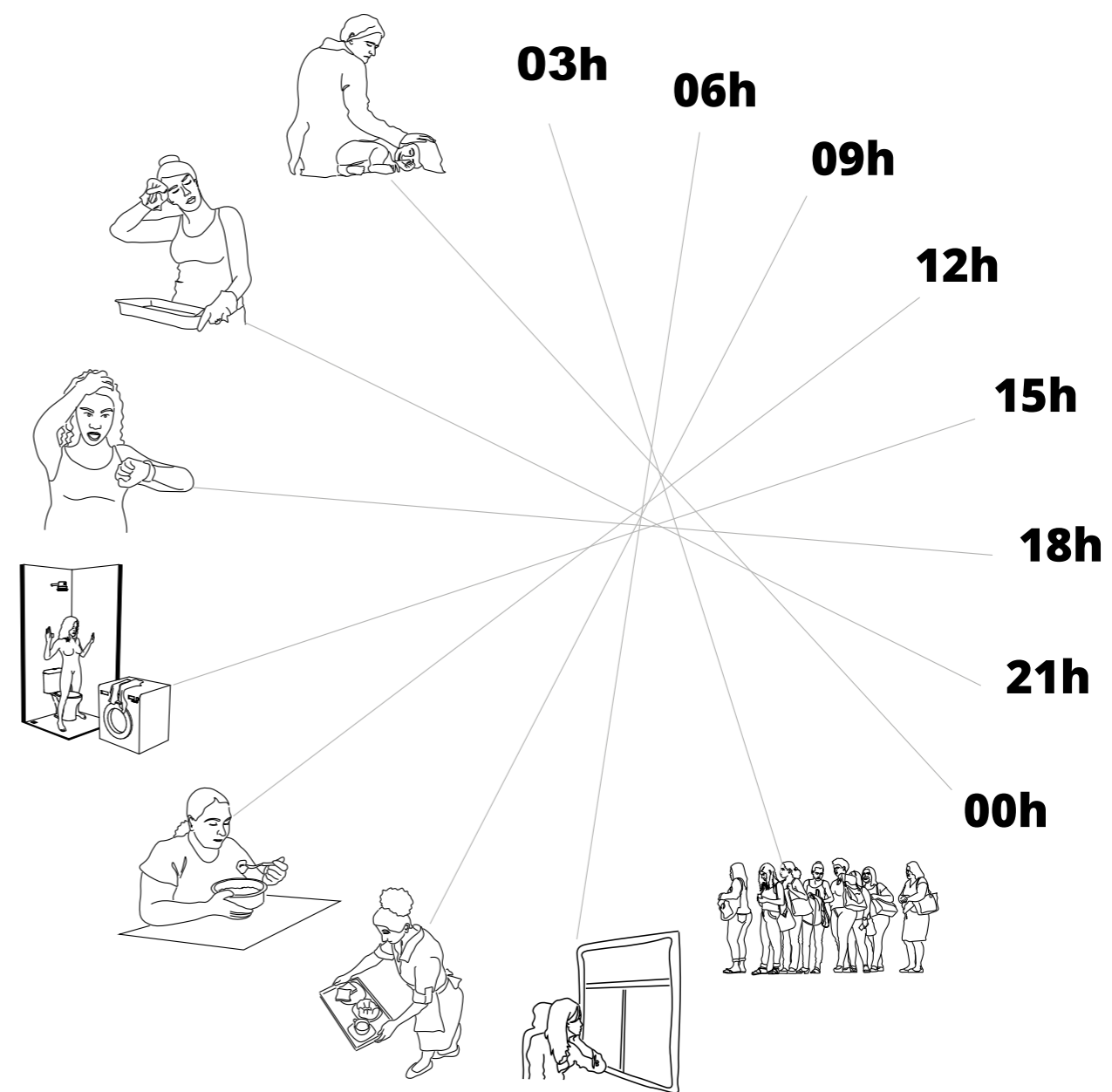
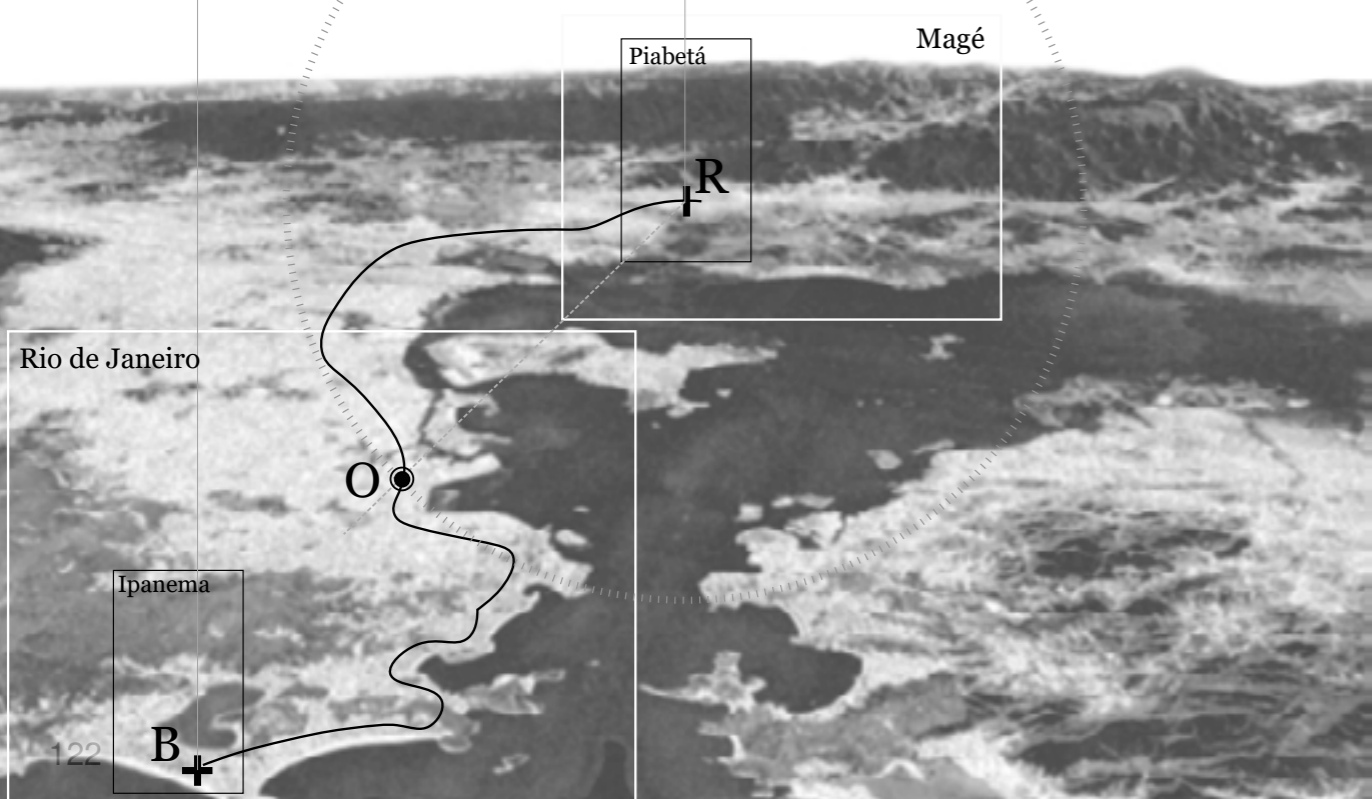
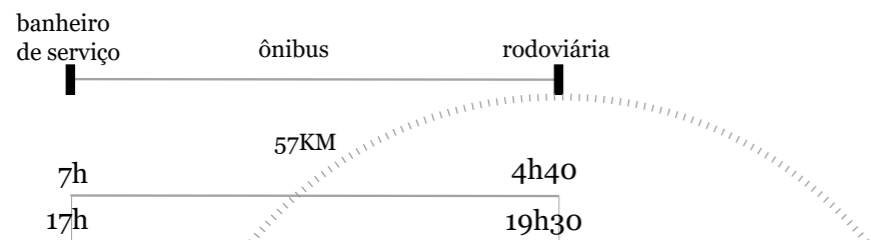
Os oito relatos se chocam à minha experiência individual, resultando em oito narrativas fictícias que buscam costurar o corpo ao território numa união permeada pela história e por memórias. Cada narrativa, contida em frações de horas do dia, é responsável por construir uma cena capaz de expor estruturas de controle presentes no cenário urbano e doméstico. A partir de agora, a Doméstica de Magé se torna a principal interlocutora, num experimento imaginativo, teórico e projetual.

A presença dessa personagem torna possível uma investigação para além das estatísticas. Uma maquete construída a partir de experiências reais contornadas por esboços subjetivos. Existiu no processo uma urgência pela superação da visão do Earth. Havia a necessidade de localizar um corpo. Passo a analisar um objeto do qual faço parte. Matéria ativa e passiva. Uma lupa apontada para o espelho.

- Karen Barad, 2017

As horas passam a balizar o entendimento do cotidiano. O tempo contado pelo relógio se fregamenta em diversos outros tempos inalcançados pelos ponteiros. Tempo e espaço se tornam responsáveis por marcar o corpo, condicionado à tais dimensões. Os relatos são sintetizados em um cotidiano e trajeto comum. O movimento cíclico e repetitivo é levado às últimas consequências. A Doméstica de Magé é sufocada pelo relógio.

O espaço começa a ser definido pelo mapa e a história que contrói, aos poucos, o trajeto cotidiano da Doméstica de Magé. A relação visual com esse trajeto descortina paisagens, afloram sentimentos, sensações e memórias. Os símbolos impregnados nos recortes visuais, o significado das dimensões espaciais comprovam a interdependência entre tempo, espaço e corpo em todas as escalas imaginadas.



O percurso visual e a realidade espacial que se revela nesse cotidiano são divididos em uma espécie de quadros, imagine uma série de fotografias unidas por uma espécie de roteiro. Nesse roteiro o que mais chama atenção é a constância de uma ausência.

Ausência das condições ideais para uma vivência urbana digna, ausência de memória e identidade, ausência da cidade como espaço de evolução e desenvolvimento do ser político, da realização humana. Ausência resultante de uma ocupação territorial marcada por etnocídios<sup>1</sup>. Assassinatos e estupros utilizados como ferramenta de dominação e controle.

Nesse percurso destaque, portanto, três espaços fundamentais para articulação desse cotidiano. A síntese de três momentos cruciais para o compreensão do entrelaçamento corpo-espaço sob uma ótica do controle :

## A RODOVIÁRIA

Localizada no bairro de Piabetá, a rodoviária é o principal objeto arquitetônico a tocar diretamente o cotidiano da doméstica de Magé, espaço carregado de significado para doméstica e para cidade.

Nomeada Terminal Rodoviário Renato Cozzolino, o equipamento saúda o prefeito que foi parte de uma família que marcou a administração da cidade com escândalos e corrupção. Idealizador do projeto que iria enterrar de uma vez por todas o rio Caioaba, símbolo selvagem e inconveniente, e erguer o templo do progresso.

A estrutura simples de metal, da década de 80, se degrada continuamente sem reparos ou reformas. Atualmente, a rodoviária se divide em dois blocos, um oferece viagens municipais e o outro viagens intermunicipais. Entretanto, o primeiro bloco serve de molde para o segundo. No térreo, o vão permite a circulação dos passageiros, com pequenos compartimentos de apoio aos passageiros e as empresas de ônibus, banheiros, lanchonetes e sala de controle para os despachantes. O segundo pavimento, acessado somente por escadas, se divide em diversas salas ocupadas por instituições públicas e alguns serviços. Durante o mandato de um dos prefeitos posteriores, um dos blocos foi

1. Em seu texto “Do etnocídio”, Pierre Clastres, discute o termo “etnocídio” em si, enquanto palavra nova criada para exprimir uma lacuna que o termo “genocídio”, muito difundido anteriormente, não englobava. O etnocídio é a destruição de uma cultura. Processo intrínseco às invasões européias em solo Sul Americano.

modificado, ganhando novo revestimento e telhas abobadadas que se comunicavam melhor com a logo do então prefeito “restaurador”. Outro prefeito posterior, como resposta, decide reformar o outro bloco. A reforma não foi finalizada. A estrutura se degrada pouco a pouco, goteiras escorrem e formam grandes poças centrais, os elementos metálicos são consumidos pela ferrugem. A rodoviária padece de uma imaturidade política. Símbolo de um egoísmo decadente.

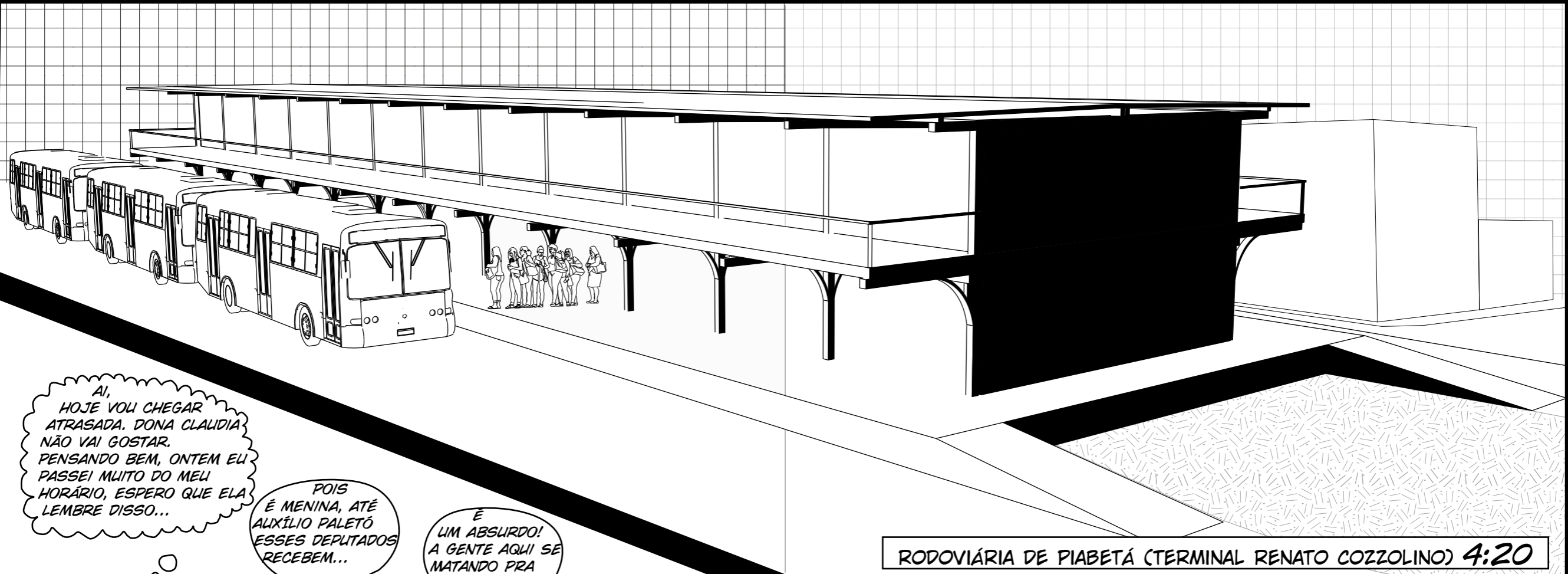
As primeiras horas da manhã são marcadas por longas filas que serpenteiam todo térreo e vazam além da projeção do segundo pavimento. A fila organiza e disciplina o corpo numa preparação para entrada no ônibus. Tensiona a postura para que não haja injustiças. A entrada é por ordem de chegada, é necessário merecer o assento próximo a janela. É necessário acordar quase uma hora antes para merecer esse conforto. A fila evita injustiças, não as históricas.

Entretanto, a fila tem brechas. É profanada por encontros casuais e diálogos que escapam durante os longos minutos de espera. O “bom dia” logo se transforma em conversa fiada, logo uma identificação, início de amizades. Resistência na individualidade da fila, na correria do dia. Encontros, reencontros, conflitos e atravessamentos tornam o início do dia tempo de controle e possíveis transgressões.

## O ÔNIBUS

Transporte coletivo mais utilizado em viagens intermunicipais, nasce como simples objeto de transporte. Seu desenho conserva sua função principal: simplesmente transportar o corpo de um lugar a outro no menor tempo possível. A privacidade e individualidade faz parte do conforto conservado pelo desenho. O espaço semi-público, adquire um caráter mais importante do que simples elemento de transporte, uma vez que as viagens passam a levar cada vez mais tempo nas cidades brasileiras. Em 25 anos de trabalho, a Doméstica de Magé passa 4 anos nesse espaço. A experiência desse corpo na cidade está diretamente ligada ao tempo vivido em trânsito, dentro do ônibus.

O elemento que conserva em si a condição de trânsito, é organizado espacialmente por uma lógica de controle do



AI,  
HOJE VOU CHEGAR  
ATRASADA. DONA CLAUDIA  
NÃO VAI GOSTAR.  
PENSANDO BEM, ONTEM EU  
PASSEI MUITO DO MEU  
HORÁRIO, ESPERO QUE ELA  
LEMBRE DISSO...

POIS  
É MENINA, ATÉ  
AUXÍLIO PALETÓ  
ESSES DEPUTADOS  
RECEBEM...

É  
UM ABSURDO!  
A GENTE AQUI SE  
MATANDO PRA  
GANHAR O  
MÍNIMO

RODOVIÁRIA DE PIABETÁ (TERMINAL RENATO COZZOLINO) 4:20





corpo como ferramenta de garantia da integridade de todos os passageiros. A solução de transporte, herdada de lógicas urbanas europeias, previa cada corpo acomodado em seu espaço e a janela como meio de contemplação da paisagem que corre junto a velocidade do objeto, uma forma de deleite da viagem.

Na atual realidade metropolitana o ônibus ganha outros contornos. Problemas de mobilidade e planejamento, questões sociais e políticas fazem do ônibus um espaço urbano de maior importância que sua função inicial previa.

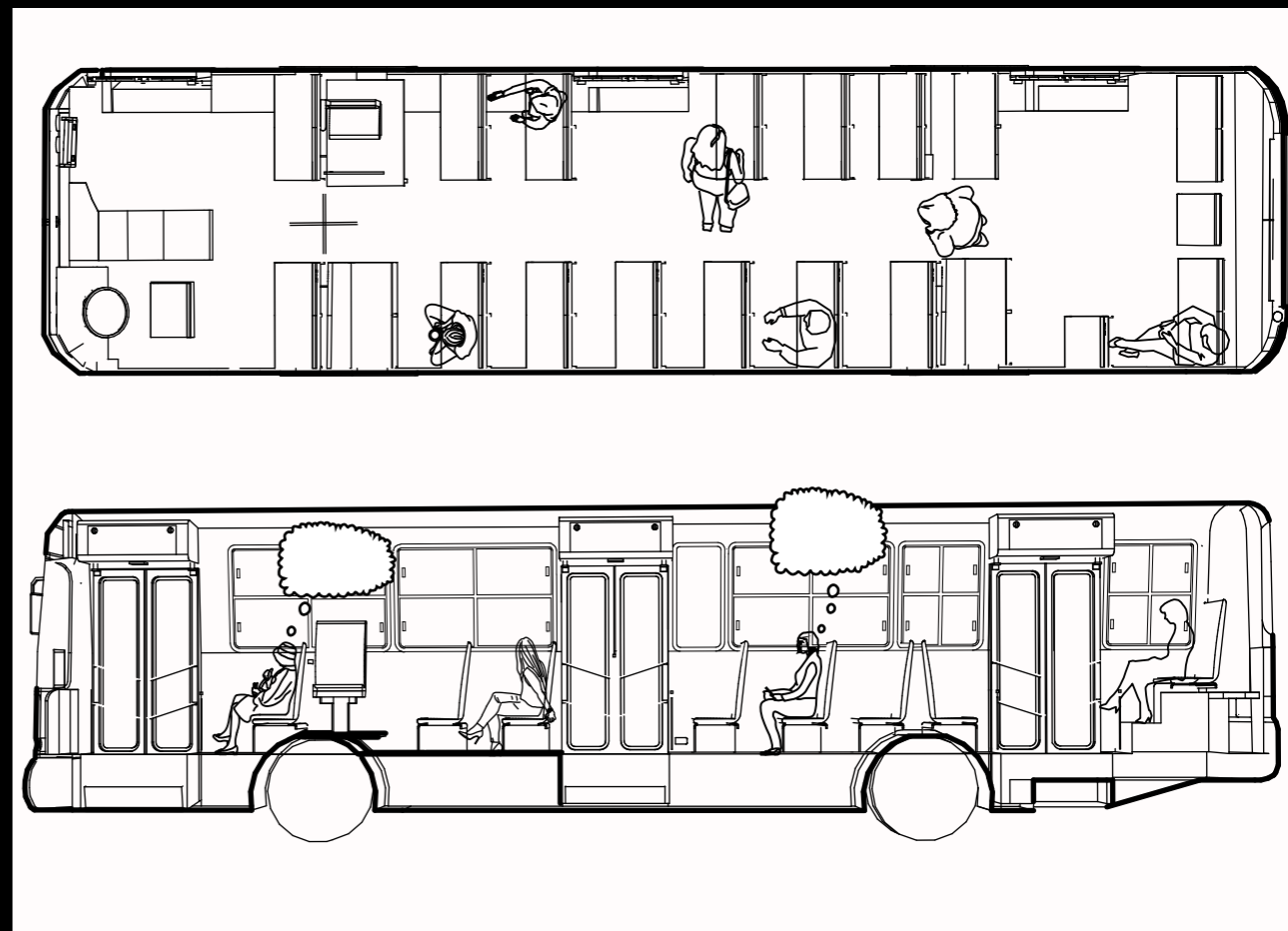
As cadeiras padronizadas em fila, a catraca como dispositivo que garante o caráter semi-público, o ônibus que sai da cidade de Magé em direção à capital não é construído para ser um espaço de convivência. Espaço coletivo, não de convivência. Entretanto os problemas logísticos, convenientes à algumas políticas, resultam em ônibus abarrotados, cenas onde as janelas são utilizadas como portas, contato entre corpos, conflitos de interesses, trocas comerciais, a cidade perturba o conforto individual.

Por outro lado, as horas passadas no ônibus da rodoviária à Central do Brasil, reservam momentos reflexivos e a tentativa de recuperar o sono roubado por uma lógica urbana que privilegia uns e castiga outros. Dormir no ônibus é o banho de sol. Narrativas passam a ser construídas no espaço que se tornou cotidiano, parte da dinâmica urbana periférica. A paisagem passa desconfigurada por trás do vidro, a cidade está entre os limites da carroceria.

## O BANHEIRO DE SERVIÇO

Na casa onde trabalha a Doméstica de Magé é o sorpo que pertence à área de serviço. Nesse espaço doméstico, a área de serviço é a síntese do controle e o banheiro de serviço a materialização da subalternidade imposta ao corpo. As dimensões questionam a humanidade.

O divisão rígida do espaço doméstico entre zonas sociais, privadas e de serviço reproduz uma lógica ocidental de divisão social, onde o corpo feminino é relacionado aos espaços privados e de serviço. Somado a isso, as estruturas sociais herdadas de um longo período de escravidão objetificam o corpo da doméstica negra, transformada na extensão do espaço doméstico, um mero suporte à vida de seus patrões.



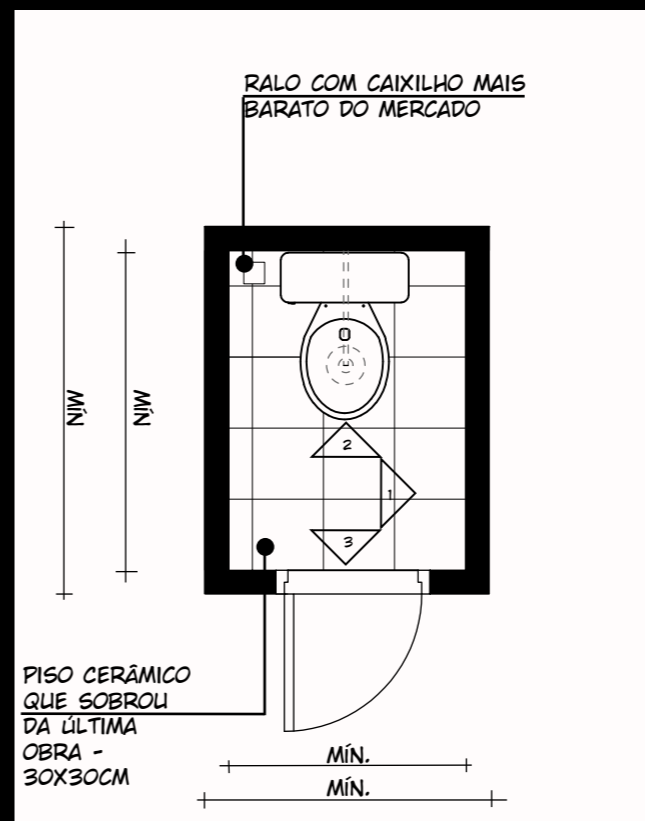
A área de menor qualidade espacial da casa é reservada para o corpo que serve. As dimensões mínimas e materiais da pior qualidade se tornam ferramentas de perpetuação de uma condição servil, subalterna. Ali o chuveiro é posicionado em cima do vaso, não há preocupação com janelas ou ventilação, não precisa estar organizado, nem limpo.

A planta doméstica passa reproduzir uma lógica econômica herdada das invasões que, por sua vez, vai permanecer reproduzindo a constante exploração da colônia e dos povos colonizados, privilegiando e enaltecendo os invasores e seus sucessores. Além disso, vai ser reponsável por naturalizar uma lógica verticalizada de poder, anestesiando a consciência por meio de uma conformação espacial coercitiva.

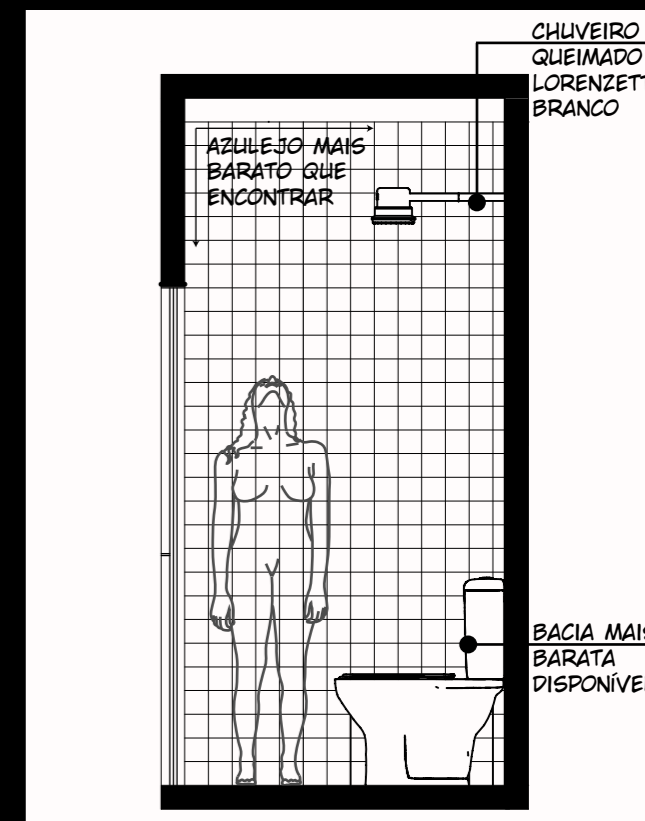
O banheiro em que o chuveiro esta posicionado acima do vaso coloca o corpo em condição de completo desconforto e até perigo durante o banho. A condição degradante conformada pelos espaços de serviço mostram como a arquitetura é utilizada como ferramenta de disciplina e punição, capazes de animalizar o corpo.

Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter o domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita. Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.”(FOUCAULT, 1975)

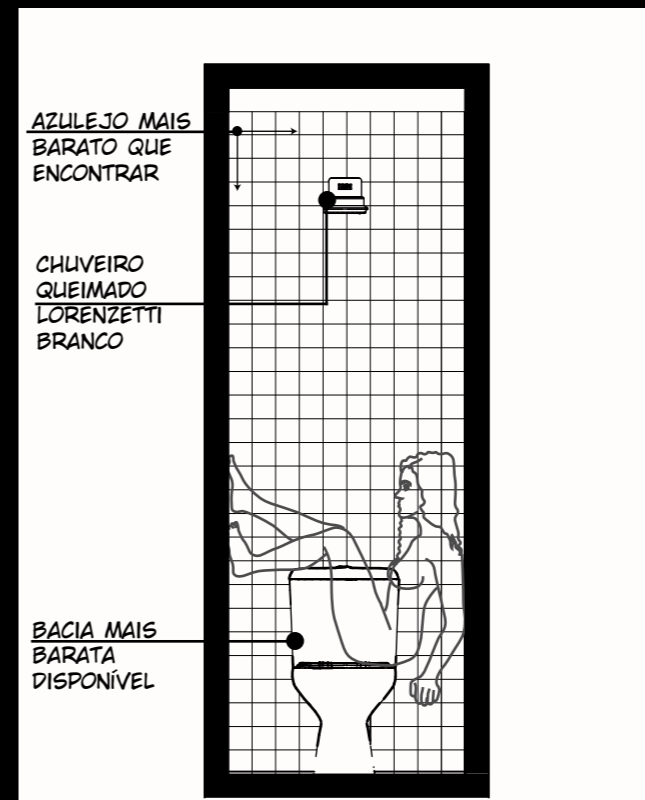
Dessa forma, a investigação busca entender a relação entre corpo e espaço em diversas escalas. O corpo e sua relação direta com espaço edificado a sua volta e o desenvolvimento dessa relação como fruto de processos históricos denunciados pela construção do território metropolitano. O cotidiano vivido pela Doméstica de Magé configura um circuito marcado pelo controle e resistência. Um jogo constante de sobrevivência e existência na cidade que insiste em preservar lógicas e estruturas coloniais de dominação.



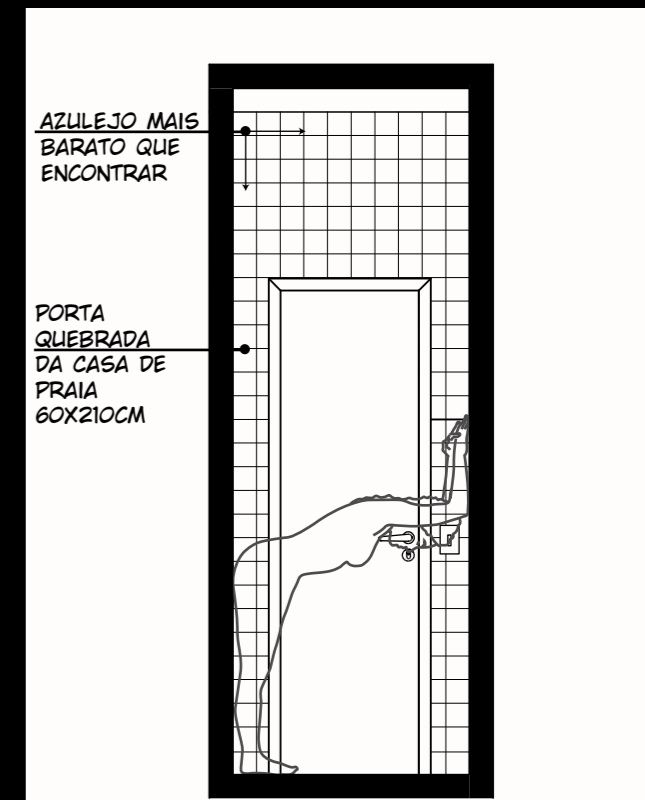
BANH. SERVIÇO - PLANTA BAIXA



BANH. SERVIÇO - VISTA 1



BANH. SERVIÇO - VISTA 2



BANH. SERVIÇO - VISTA 3

# Inserções em circuitos urbanos

## OU

### Propostas para próxima cidade

“As “Inserções em circuitos ideológicos” nasceram com dois projetos: o projeto “Coca-Cola” e o projeto “Cédula”. O trabalho começou com um texto que fiz em abril de 1970 e parte exatamente disso:

1. existem na sociedade determinados mecanismos de circulação (circuitos):
2. esses circuitos veiculam evidentemente a ideologia do produtor, mas ao mesmo tempo são passíveis de receber inserções na sua circulação:
3. e isso ocorre sempre que as pessoas as deflagrem.”

- Cildo Meireles, 1981

Quando Cildo Meireles desvirtua a “inofensiva” garrafa de Coca-Cola com sua receita de coquetel Molotov em 1970, ele esbarra em questões cruciais para o entendimento da sociedade brasileira em plena ditadura militar.

Sob um governo autoritário e ditatorial, após o golpe de 64, Cildo identifica a cadeia de consumo como uma dinâmica de produção alienante baseada na manutenção de um circuito, um ciclo paralisante. Um movimento circular, tão agonizante, quanto alienante. A Coca-Cola, em sua embalagem retornável, se torna a síntese desse movimento descontrolado do consumo pelo lucro pelo consumo. A coroação do Animal Laborans. Entretanto, Cildo identifica nesse circuito a oportunidade de inserir, como um hacker, um elemento explosivo, ideológico, mascarado pelo próprio sistema circular.

A estratégia “retornável” da marca se torna um meio de propagação de uma ideia, uma espécie de Cavalo de Troia. A receita como símbolo de revolta e rebeldia, inserida na embalagem de um objeto símbolo de uma era marcada pelo consumismo e



O projeto COCA-COLA da série “Inserções em circuitos Ideológicos”(1970) de Cildo Meireles, insere na garrafa retornável de Coca-Cola a receita de coquetel molotov. A receita muito utilizada como arma em protestos e movimentos rebeldes propõe uma espécie de hackeamento no circuito capitalista representado pela garrafa.



e pela produção em massa. A ideia é atingir o indivíduo imerso nesse circuito. Com doses homeopáticas de ideologia e reflexões, busca a ruptura desse círculo, uma quebra capaz de redesenhar a lógica inquestionada.

Em “Cédulas”, o artista carimba a frase: “Quem matou Herzog?” em notas de um cruzeiro. O jornalista assassinado pelo regime militar for a símbolo de resistência e luta frente à ditadura. Na época, o governo declarou que a morte havia sido consequência de um suicídio, a versão foi desmentida. O dinheiro, símbolo sagrado de um sistema desigual, é transformado em peça de questionamento, resistência.

Cildo Meireles reverte a lógica inaugurada em 1912 por Duchamp, quando os “ready mades” representaram a absorção de um objeto cotidiano pela arte. Cildo faz o reverso: a arte é absorvida pelo cotidiano, inserida num circuito diário que reflete a problemática de uma cadeia consumista, que constrói uma lógica onde, até mesmo, o tempo foi consumido.

Em 2019, a exposição “Entrevendo” reúne no Sesc Pompeia uma das maiores mostras do artista em anos. Na exposição, a série é revisitada quase 50 anos depois. Agora, o rosto da vereadora assassinada Marielle Franco é carimbado em notas de dois reais. Com isso, somos confrontados por uma história que reproduz o espectro de um movimento circular sufocante.

É possível entender a cidade e todo arsenal arquitetônico nela construído como um circuito? Um circuito urbano que concede suporte a um cotidiano moldado por sistemas e lógicas subjetivas que atingem as vias e as veias?

Se a cidade se conforma como um circuito e a arquitetura é um dispositivo capaz de espacializar e conservar estruturas de exploração e dominação, como fazer inserções capazes de ativar pequenas rupturas?

Em 1810, aos 10 anos, Maria Conga chega à terras brasileiras como escrava. Em 1944, Ivone trabalha em troca de sua sobrevivência, escrava. Existe uma condição cíclica capaz de preservar desigualdades e condições que perduram até os dias de hoje. Se a disciplina era materializada no objeto de tortura: o tronco de aço, a arquitetura de um banheiro com 1 metro de comprimento por 1,4 metros de largura açoita o corpo num castigo institucionalizado, naturalizado.



Projeto Cédula da série “Inserções em Circuitos Ideológicos” (1970 - 2019), Cildo Meireles.



“Cada vez que o reino humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle. As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos...”

No universo infinito da literatura sempre se abrem outros caminhos a explorar, novíssimos ou bem antigos, estilos e formas que podem mudar nossa imagem do mundo.”

### **-Italo Calvino, “Seis propostas para o próximo milênio” (1988)**

“Seis propostas para o próximo milênio” é um livro póstumo que reúne o material que seria apresentado, por Calvino, em uma série de conferências na Universidade de Harvard em 1985. Frente a chegada de um novo milênio, num momento em que fervilhavam previsões, o autor decide olhar para o passado e trazer seis virtudes que, de acordo com ele, somente a literatura poderia resguardar:

“Minha confiança no futuro da literatura consiste em saber que há coisas que só a literatura com seus meios específicos nos pode dar. Quero pois dedicar estas conferências a alguns valores ou qualidades ou especificidades da literatura que me são particularmente caros, buscando situá-los na perspectiva do novo milênio.” (CALVINO, 1988)

Numa belíssima viagem pelo repertório literário, Calvino resgata seis virtudes: leveza, rapidez, exatidão, visibilidade, multiplicidade e consistência. Apesar do título e do autor já ter ideia e material para todas, sua morte impossibilitou a conclusão da sexta: consistência. As propostas são discorridas de maneira argumentativa, onde o autor consegue provar por meio de trechos e referências a diversas obras literárias como o ato de escrever resguarda em si tais especificidades.

Logo no início, ao falar sobre a leveza, Calvino é extremamente preciso citar a narrativa de Ovídio sobre Perseu e a Medusa. Ovídio vai desenhando as cenas com palavras escolhidas com uma exatidão impressionante, as imagens são inevitavelmente construídas mentalmente pelo leitor que empresta à narrativa

Sobre a relação entre Perseu e a Medusa podemos aprender algo mais com Ovídio, lendo as Metamorfoses. Perseu vence uma nova batalha, massacra a golpes de espada um monstro marinho, liberta Andromeda. E agora trata de fazer o que faria qualquer um de nós, após uma façanha desse porte: vai lavar as mãos. Nesse caso, o problema está em onde deixar a cabeça da Medusa. E aqui Ovídio encontra versos (iv, 740–752) que me parecem extraordinários para expressar a delicadeza de alma necessária para ser um Perseu dominador de monstros: para que a areia áspera não melindre a anguícoma cabeça (*anguiferumque caput dura ne laedat barena*), ameniza a dureza do solo com um ninho de folhas, recobre –o com algas que cresciam sob as águas, e nele deposita a cabeça da Medusa, de face voltada para baixo. A leveza de que Perseu é o herói não poderia ser melhor representada, segundo penso, do que por esse gesto de refrescante cortesia para com um ser monstruoso e tremendo, mas mesmo assim de certa forma perecível, frágil. Mas inesperado, contudo, é o milagre que se segue: em contato com a Medusa, os râmulos aquáticos se transformam em coral, e as ninfas, para se enfeitarem com ele, acorrem com râmulos e vergôntes, que aproximam da horrída cabeça.

CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio. Companhia das Letras, 1990. 1ª ed. p.18

imagens únicas. A literatura é absolutamente democrática, nesse sentido. Ela apenas lhe empresta as letras que juntas formam palavras e a imagem é construída a partir de sua própria experiência com aquele significado, com aquela sonoridade. Nesse trecho analisado por Calvino, existe um emaranhado de sensações, em cenas que misturam guerra e gentileza, sangue e delicadeza, descritos de forma que pulsam emoções. O que Calvino chama de leveza é completamente entendido quando Ovídio faz as costuras certas, quando esculpe a imaginação do leitor de modo que o resultado seja uma imagem completa carregada de uma sensação excepcional. Como poderia haver tanta brandura numa cena carregada de morbidez?

Talvez não só a literatura possua tais virtudes, mas é louvável a crença do escritor naquilo que faz. Talvez não só a literatura possua tais virtudes, mas Calvino mostra claramente como enxergá-las na literatura e conquista a atenção e o desejo de preservar tais qualidades. Ingenuamente inspirado, me pergunto se a arquitetura carregaria em si sensações que somente a manipulação do espaço poderia proporcionar.

Ao pensar a mesma questão, o arquiteto Juhani Pallasmaa destaca:

“Apenas por meio da arte da arquitetura é possível forjar os sentidos existenciais de habitar o espaço. A arquitetura continua sendo detentora de uma grande tarefa humana: fazer a mediação entre o mundo e nós mesmos e proporcionar um horizonte de entendimento de nossa condição existencial.”(PALLASMAA, 2016)

Existe uma cautela contínua e a busca por escapar de um positivismo piegas. Mas, se a arquitetura é capaz de auxiliar na manutenção de uma realidade apoiada em injustiças históricas, o espaço poderia carregar em si qualidades que fossem capazes de proporcionar rupturas, inserindo no cotidiano a possibilidade de experiências poéticas carregadas de uma certa utopia. Assim como a arquitetura não foi responsável por construir as lógicas urbanas de exclusão, sendo apenas ferramenta reflexiva de uma sociedade escravocrata. Não é possível depositar nela, sozinha, a esperança de transformação da realidade, mas esta poderia ser a espacialização dos anseios por transgressões, ainda que as ferramentas estejam fora do estojo de um projeto arquitetônico “tradicional”, também carregado de ordens e progressos.

## O EIXO

A linha que compreende o percurso entre a cidade de Magé e Rio de Janeiro elucida uma situação muito comum nas cidades brasileiras. Além da relação centro-periferia, é possível entender a construção do território a partir do desenvolvimento dos eixos de mobilidade no decorrer dos anos, refletindo os anseios econômicos e a organização social de cada etapa. A história é refletida nos traçados que se cruzam e sobrepõem em malhas que carregam em si intensas e constantes transformações urbanas.

A urbanização do território fluminense é narrada, principalmente, pelos eixos de escoamento da produção colonial que, por sua vez, impulsionam a ocupação urbana como consequência dos fluxos criados. A presença indígena é repelida pela invasão portuguesa, responsável pelos primeiros núcleos urbanos.

A partir do percurso feito pela Doméstica de Magé, traço uma cronologia de eixos. Atualmente, o percurso feito pela maioria das trabalhadoras é completamente rodoviário, atravessando grandes rodovias no movimento entre municípios. O trem é uma opção para muitas cidades da região metropolitana, entretanto a priorização do modelo rodoviário torna o serviço ferroviário na cidade de Magé extremamente precário. A inconstância das viagens oferecidas pelo serviço e baixa qualidade estrutural tornam a opção ferroviária inviável para o cotidiano. Apesar de representar uma economia de tempo em relação ao ônibus, a imprevisibilidade do serviço resulta em vagões abarrotados e horários de funcionamento inconstantes.

Entretanto, a chegada da ferrovia na cidade, foi responsável por um momento de explosão ocupacional da região ao fundo da Baía da Guanabara. Com a construção do trecho entre Guia de Pacobaíba e Vila Inhomirim em 1854, a facilidade de acesso e promessa de desenvolvimento industrial, tornam o local potencialmente atrativo. Nesse período, o trajeto entre a capital e a região era feito pelo mar, da Praça Mauá até Guia de Pacobaíba, desse ponto seguia-se de trem até Vila Inhomirm (ao pé da Serra da Estrela) para, então, seguir rumo ao interior do país e se tornar um dos principais canais de escoamento da produção de café e ouro.

O primeiro trecho ferroviário, se alinha paralelamente ao



- - 1509  
Trajeto indígena que ligava a serra ao mar

----- Trilha



1726  
**Caminho de Proença ou Caminho Novo** - rota de escoamento da produção colonial

----- Tração Animal  
..... Transporte Marítimo



1854  
**Estrada de Ferro Barão de Mauá**  
Primeiro trecho ferroviário do Brasil

..... Transporte Marítimo  
..... Ferrovia



1948 - -  
Predominância do transporte rodoviário

..... Ferrovia  
----- BR-040  
- - - BR-493  
..... BR-116  
..... RJ-107  
----- BR-101

Caminho de Proença (1726). Rota de escoamento antecessora, utilizada por colonizadores na busca por otimizar o processo ao substituir rotas mais penosas. Proença deve aos povos originários a descoberta de tal percurso, visto que utilizavam a rota como conexão entre a serra e o mar. Após o genocídio indígena, o conhecimento do território e da terra foi apropriado pelos invasores.

Em termos de experiência paisagística e qualidade visual, o percurso feito entre Magé e a capital pelo mar descortina uma das mais belas visões do território fluminense. Em contraposição às sufocantes rodovias, uma rota pelo mar retiraria longas horas perdidas nos exaustivos engarrafamentos. Me parece que a mercadoria levada à corte, do século XVIII ao início do XX, desfrutava de belos momentos pela baía.

Portanto, opto pela cicatriz deixada pela ausência da primeira estrada de ferro da região, a E. F. Barão de Mauá, como um eixo estritamente conectado à construção do cotidiano periférico. Cortada por diversas vias e rodovias, o trecho desativado (Guia de Pacobaíba - Entroncamento) repousa em ruínas, desaparecendo sob o cimento e o asfalto. A outra parte, incorporada à E. F. Leopoldina (Entroncamento-Vila Inhomirm), atualmente é controlado pela SuperVia e permanece em funcionamento.

O eixo se constitui por uma arqueologia invisível que se eleva numa imaterialidade capaz de guiar a construção do território urbano em geometria e morfologia, contendo em si problemáticas esculpidas durante o processo de desenvolvimento da cidade ao espelhar as ambições de uma sociedade insaciável e marcando diretamente o cotidiano da Doméstica de Magé.

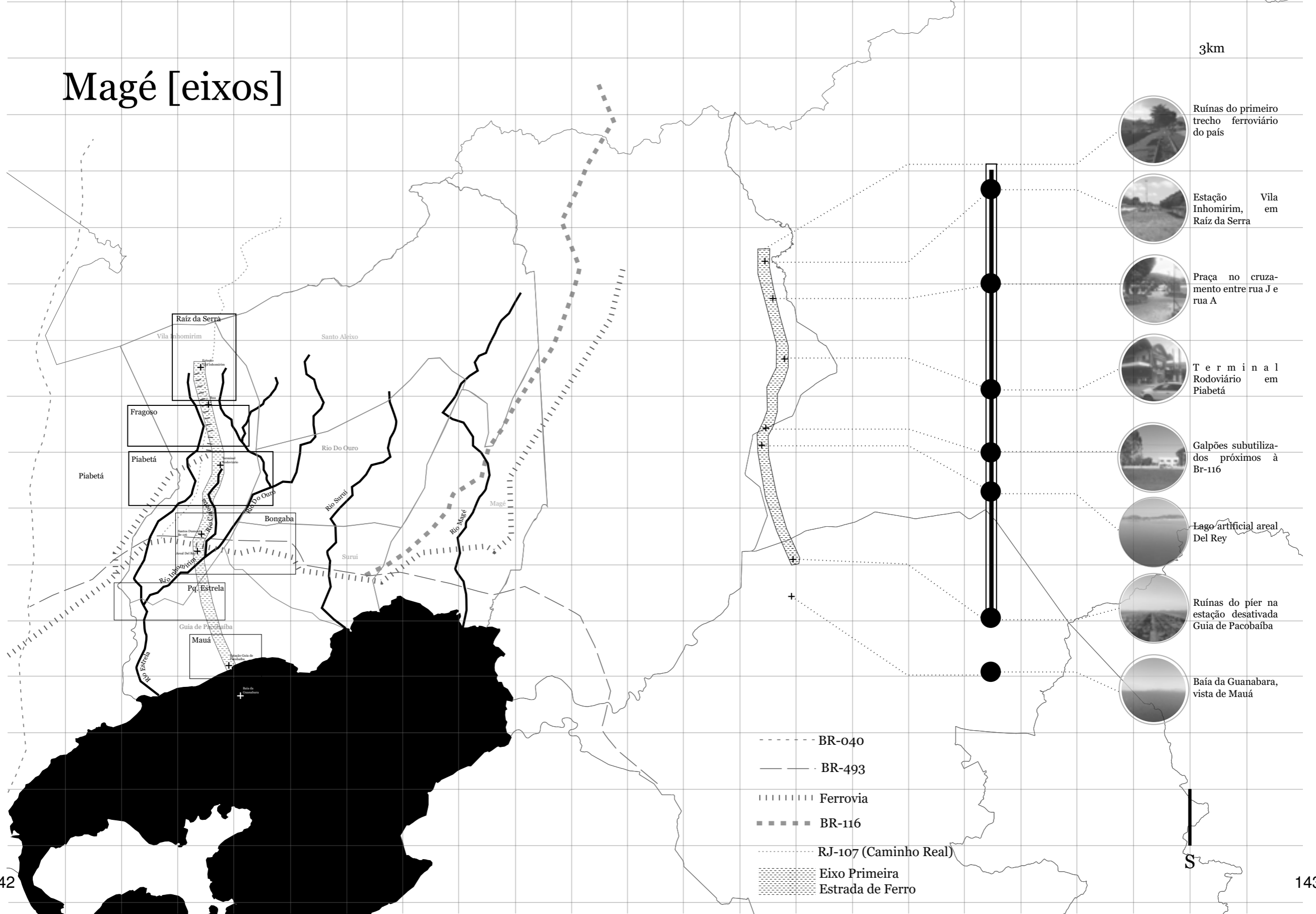
## TRECHOS URBANOS






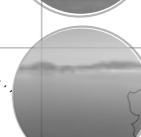

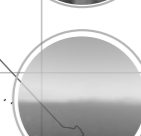
Preservando uma simetria processual que beira uma certa esquizofrenia, identifiquei 8 pontos no eixo. 8 cenários urbanos construídos pela história e cruzados por problemáticas expostas pelo desenho de suas malhas. Pontos responsáveis por apontar questões urbanas herdadas da construção de uma cidade enlaçada às recentes (por que não contínuas?) relações coloniais.






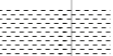
As ruas, vias, avenidas, construído e não-construído, fluxos e ruínas se tornam pistas de um passado que se cruza às memórias

# Magé [eixos]

3km



-  Ruínas do primeiro trecho ferroviário do país
-  Estação Inhomirim, Vila em Raiz da Serra
-  Praça no cruzamento entre rua J e rua A
-  Terminal Rodoviário em Piabetá
-  Galpões subutilizados próximos à BR-116
-  Lago artificial areal Del Rey
-  Ruínas do píer na estação desativada Guia de Pacobaíba
-  Baía da Guanabara, vista de Mauá

-  BR-040
-  BR-493
-  Ferrovia
-  BR-116
-  RJ-107 (Caminho Real)
-  Eixo Primeira Estrada de Ferro



da Doméstica. O corpo perfura o território e por ele é perfurado, nada sai ileso.

A ocupação humana de cada território, atividade econômica desenvolvida, posicionamento político e outros tantos aspectos são essenciais para compreensão do constante movimento de expansão e contração da malha, assim como sua relação com os habitantes. Para além do que se vê, todo território é movimentado por forças e interesses inerentes ao traçado.

Os trechos conformam circuitos, formados pelo emaranhado de forças e vetores que se constitui a partir do cruzamento entre cotidiano e território. Um emaranhado de impulsos guiados pelo tempo, espaço e corpo. O circuito é formado pela atuação do corpo no território e em como este, por sua vez, influencia o movimento e a condição desse corpo.

O circuito se age num movimento cíclico, onde não se sabe quem veio primeiro ou qual das partes tem mais poder sobre a outra. O cotidiano se desenha sobre e junto ao território que vai sendo desenhado por elementos intengíveis, com ou sem um planejamento consciente.

Tempo, memória e paisagem são ferramentas que constituem esse circuito, se configuram e reconfiguram de acordo com movimento contínuo e elástico do desenvolvimento da vida na cidade, se modificando em diversas intensidades e potencialidades.

## INSERÇÕES

A partir das 8 frações de tempo demarcadas no cotidiano da Doméstica, uma cena e ação são adotadas como problemática vivida pelo corpo. Momentos que revelam o corpo como objeto humano da história e da cidade, com cicatrizes e marcas deixadas por sua experiência e memória na cidade.

Após identificar uma situação cotidiana, destaco um trecho no eixo capaz de revelar uma malha urbana carregada de uma problemática que se cruza diretamente com o cotidiano vivido pela Doméstica. Então, recorro ao repertório arquitetônico, numa busca por encontrar em nossa disciplina espacialidades consolidadas e que carregam em seu desenho uma intenção, romântica, de representar ideias e projeções que ora foram

capazes expor problemas, ora capazes de apontar soluções. Sobretudo, desenhos que trouxeram consigo um frescor de transformação. Recorro a desenhos que se propuseram o enfrentamento, a busca por ultrapassar fronteiras e borrar limites como forma de questionamento e construção de futuro a partir da arquitetura.

Busco o atrevimento de Cildo sob a sombra de Calvino. De forma ingênua e impregnada de modernidade, encontrar na arquitetura ferramentas capazes de neutralizar os dispositivos de controle. Inserir no cotidiano urbano explosivos, rompimentos - Inserções em circuitos urbanos ou 8 Propostas para próxima cidade? Poderia o espaço questionar: “-Quem matou Herzog?”

A proposta é buscar numa estante onde se dispõem o repertório arquitetônico, obras canônicas, obras consolidadas no imaginário de um estudante de arquitetura. Apelar as perspectivas que, de tanto serem vistas, estão impregnadas, cristalizadas numa memória referencial. Então inicia-se um processo imaginativo,

“Pesquisas recentes realizadas por neurocientistas e psicólogos da Universidade de Harvard demonstram que as imagens imaginadas se formam nas mesmas zonas do cérebro que as percepções visuais, e que as primeiras são tão reais quanto as segundas. Sem dúvidas, os estímulos e as imaginações sensoriais nos outros âmbitos dos sentidos são igualmente próximos uns dos outros e, desse modo, são igualmente reais do ponto de vista da experiência.”(PALLASMAA, 2016)

onde a intenção é provocar por meio de imagens, cenas. Causar estranhamento ao manipular imagens resguardadas pela memória posicionando-as em novas situações. Visualizar obras estimadas em solo periférico, sendo contaminadas e corrompidas por fluxos e lógicas urbanas tão distantes das perspectivas intocadas. Especula-se a interseção desses objetos, de áurea sagrada, sobre um solo inesperado e recebendo a inusitada visita da Doméstica de Magé. Um corpo incomum percorrendo espacialidades tão cobiçadas. Obras, muitas vezes fotografadas em um estado de máxima pureza e de forma sublime, agora são profanadas pela figura da Doméstica. Uma visita sem muitas cerimônias.

A obra escolhida se assenta sobre a periferia, toca o território e por ele é automaticamente modificada. A Doméstica adentra as perspectivas e passa a interferir não só na imagem representada, mas na memória da imagem. Memória e imaginação são ferramentas essenciais nesse experimento.

1km

00h

12h

03h

15h

Estação Vila Inhomirim

Cruzamento Av. Santos Dumont  
Br-116

Terminal Rodoviário  
Renato Cozzolino

Areal Del Rey

Cruzamento Rua J

Estação Guia de Pacobaíba

06h

18h

Baía da Guanabara

21h

09h

..... Primeiro trecho ferroviário no Brasil

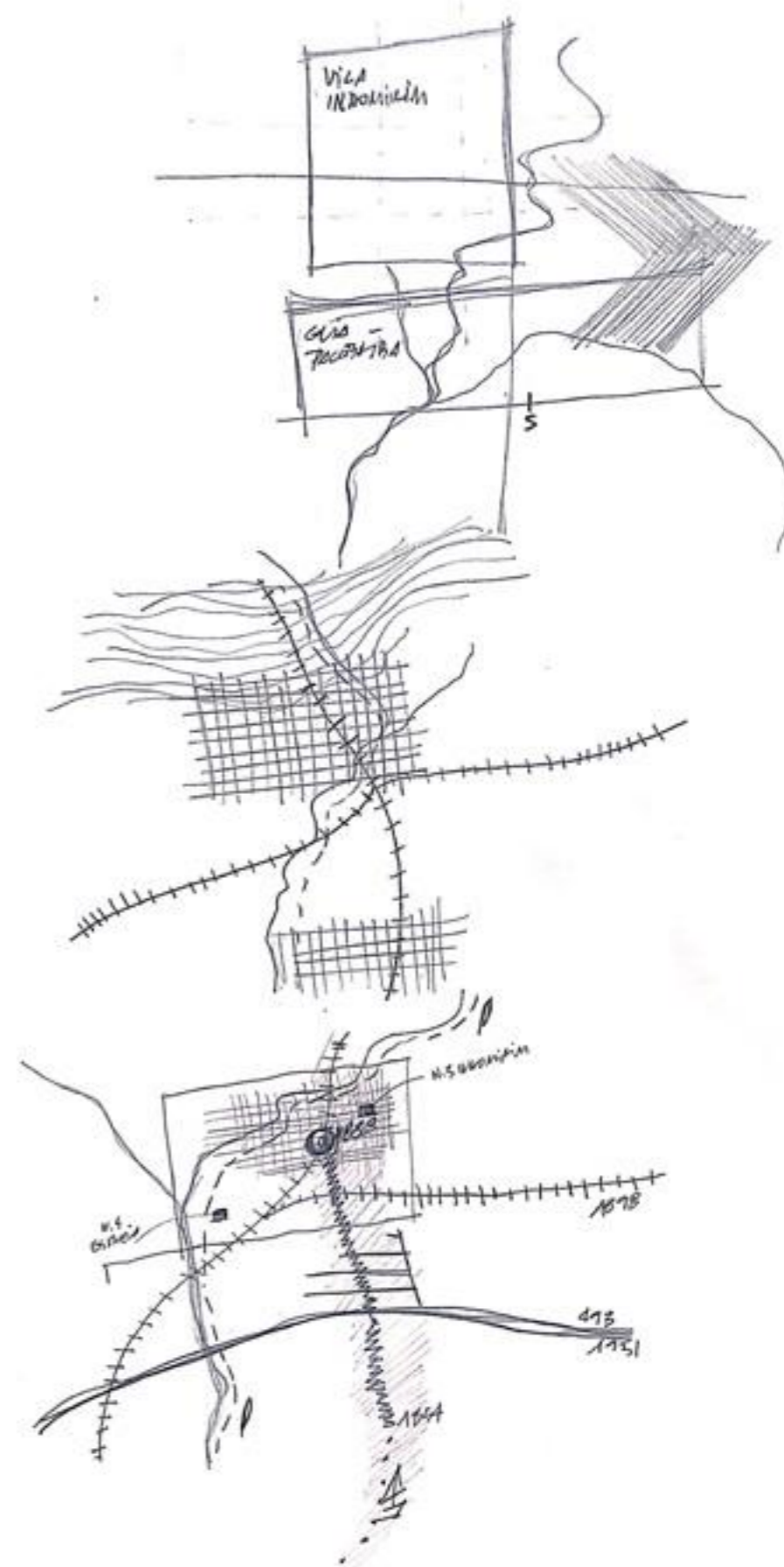


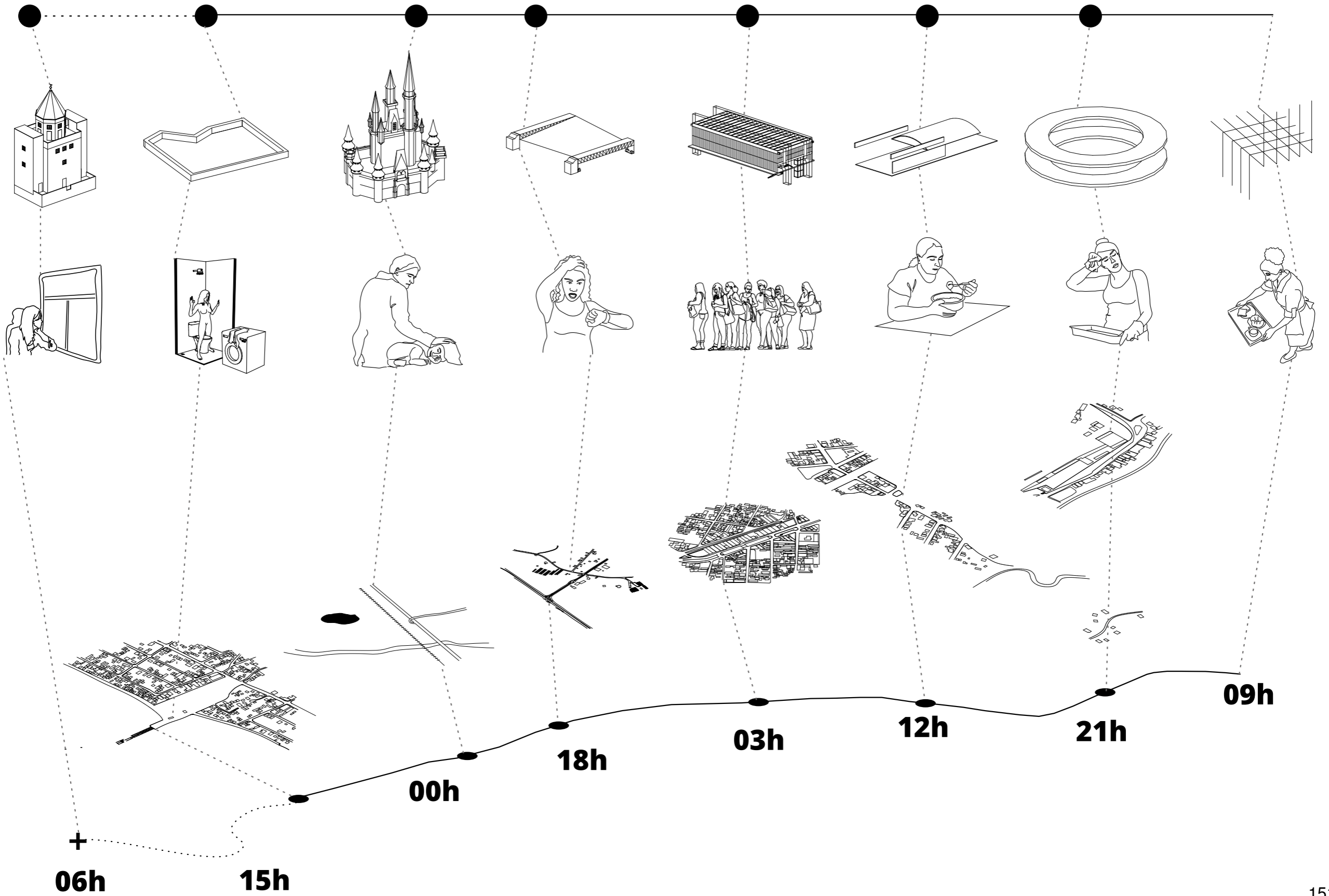
## 8 ATOS

O ensaio é dividido, então, em 8 atos. 8 fregmentos narrativos que transitam entre ficção e realidade, desenho e projeto, corpo, memória e território; um percurso enevado entre escalas e tempos que se tocam num movimento que busca questionar a potencia da representação, da imaginação e o valor do real. 8 exercícios que exploram a representação e a imagem como matérias projetuais essenciais para construção de dialéticas e questionamentos em iminência de transbordamento.

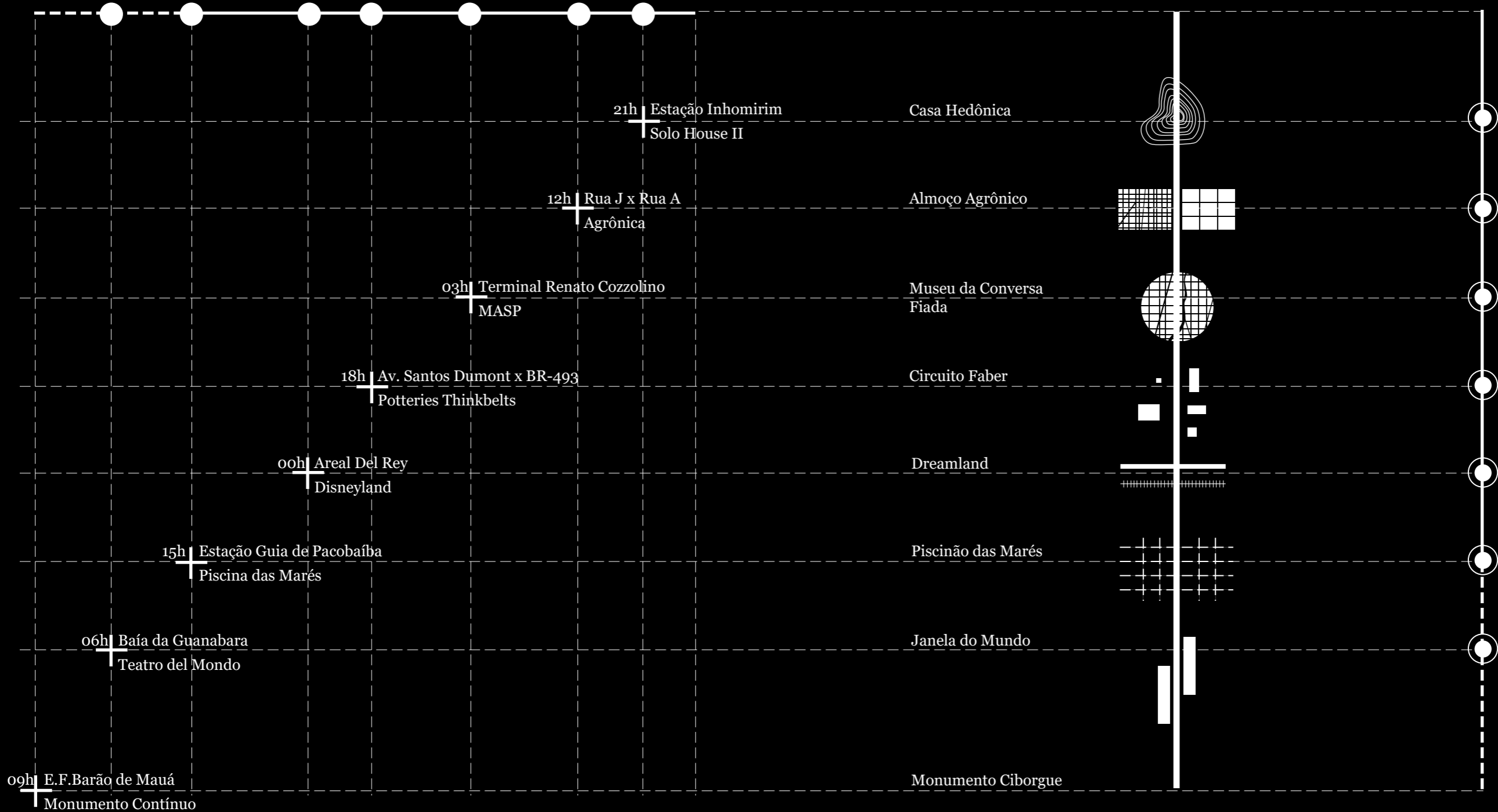
O ato de representar passa a contar uma história que se desenvolve junto à palavra, traçando novas narrativas que percorrem a experiência e a memória como agentes. A imagem questiona percepções e perspectivas, a palavra possibilita a construção de mundos e sensações singulares e intransferíveis, desenhadas pela experiência e memória de quem a toca.

A experimentação é um campo de risco, sem respostas e intenções claras. Busca a todo momento questionar o que nem se sabia ser questionável e, principalmente, identificar novos meios e possibilidades de se fazer novas perguntas.









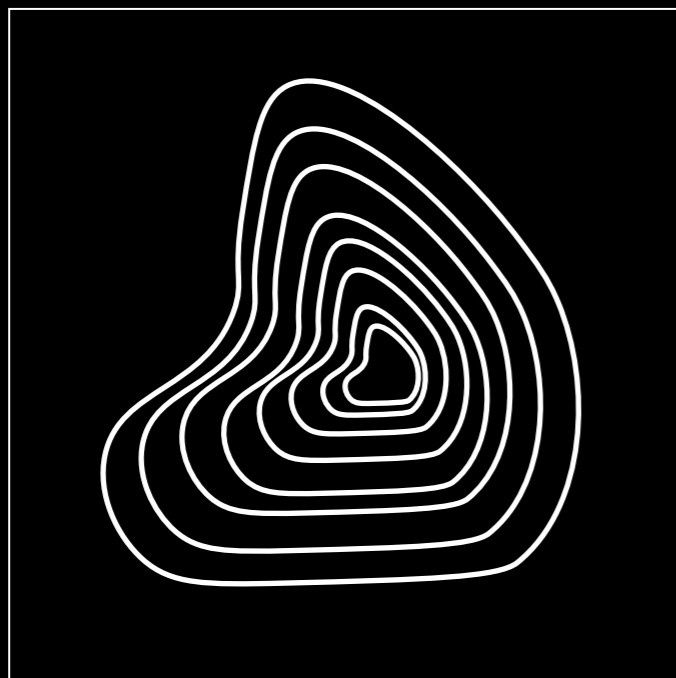
# Casa Hedônica: 21h

## TERRITÓRIO

Aos pés da Serra da Estrela, relevo que liga a cidade de Magé e Petrópolis, se assenta o atual bairro de Raíz da Serra, outrora Vila Inhomirim. O trajeto que liga a baía aos pés da serra (Raíz da Serra), segue em direção à Petrópolis e rumo para o interior do país, apesar de traçado pelo povo Tupinambá, ficou conhecido como Caminho de Proença. O nome concede crédito ao Sargento-Mor Bernardo Soares de Proença, que no século XIX passou a dominar o território que configurava os fundos da Baía da Guanabara. O sargento, junto com outros colonizadores, passou a utilizar uma das rotas Tupinambá para realizar o trajeto que conectava a cidade do Rio de Janeiro às minas gerais, cidade de Vila Rica. O caminho Tupinambá, era menos perigoso e mais rápido que os outros dois caminhos utilizados anteriormente. O trajeto, agora dominado por Proença, acompanha o percurso do rio Estrela, que se torna Inhomirim e vai aos poucos se tornando cachoeira ao confrontar a serra. Sobe em direção ao interior, se torna rota do ouro, enriquece a coroa genocida e passa a ser percurso dos exploradores e seus escravos. Pequenas construções ao longo de sua extensão anunciam povoados e o início da ocupação urbana.

Quando, no século XIX, a coroa portuguesa decide ladrilhar o trajeto como forma de institucionalizar a rota e promover uma fiscalização mais dura e eficaz, o trabalho é realizado por mãos negras que pingam suor e sangue. Hoje, pelo caminho se acumulam cruces talhadas em algumas pedras. Conta-se que cada cruz seria uma vida negra perdida. Dizem, também, que as marcas eram uma forma de comunicação entre os escravos. A certeza repousa no fato de que esses talhos guardam a memória de lutas e injustiças impregnadas no processo de construção das cidades brasileiras.

A chegada da Real Fábrica de Pólvora em 1831, ecoa, na região, as indústrias que redesenham o solo urbano. A chegada dos operários, o loteamento dos engenhos e a chegada da primeira estrada de ferro do país, inaugurada em 1854, são acontecimentos capazes de modificar profundamente o vilarejo





1. Estação Vila Inhomirim,  
Raiz da Serra.

2. Pedra marcada por uma  
cruz. Caminho Novo, Raiz  
da Serra

3. Vila Operária da Fábrica  
da Estrela (Imbel), Raiz da  
Serra.



Solo House II, KGVDS. 2017  
Imagem: Bas Pincen

que se concentrava aos pés da serra da Estrela.

Das ocas às construções de pedra, dos engenhos às vilas operárias, a fumaça que sai das grandes chaminés de tijolos anuncia novos tempos para o pequeno povoado e para o Brasil. O senhor de engenho é substituído pelo patrão, os escravos por operários, as trilhas por trilhos. A relação senhor-escravo permeada por conflitos e violência é substituída por uma vida comprimida pelo cotidiano operário. Racionalização e funcionalização do trabalho e do espaço passaram a remodelar a experiência urbana.

Com abolição da escravidão, a nova mão-de-obra embranqueceu. Chega o imigrante europeu, atraído por políticas covardes que tinham como objetivo branquear a população brasileira e apagar memórias africanas. As fábricas aprimoraram e refinaram as rústicas táticas de controle e punição praticadas nas fazendas :

“equipava-se o local com toda infraestrutura necessária, para que não houvesse necessidade do trabalhador se deslocar para fora do núcleo evitando contatos externos, pois dessa forma se poderiam evitar greves trabalhistas, tal como ocorriam nos países europeus.”(D’AGOSTINI; ABASCAL, 2014)

Existe, principalmente no ambiente doméstico e na escala cotidiana, uma mudança indispensável para nova sociedade que se desenhava. Nas ocas, habitar se caracterizava como uma experiência essencialmente coletiva. O indivíduo ocupava parte de uma comunidade onde cada um exercia um papel fundamental para manutenção da vida na tribo, homens e mulheres. A planta circular e livre desconhecia limites entre público e privado, as atividades compartilhadas e os rituais conformavam a vida indígena.

Na fazenda colonial a divisão espacial entre casa grande e senzala, marca a relação entre pretos e brancos, escravos e senhores. Na casa grande, construída em pedra ou adobe, a divisão entre espaços públicos e privados era sólida. Áreas sociais dominadas pelos homens brancos e áreas de serviço habitadas pelas mulheres brancas e negras. Na senzala, a planta sem divisões por cômodos e a construção precária conformavam uma habitação coletiva e comunitária. A cozinha da casa grande, principalmente, é um lugar ocupado pelas mulheres, as atividades domésticas como a lavagem das roupas, preparação da comida e limpeza da casa são atividades exercidas pelas negras e

comandadas pelas senhoras brancas. As escravas executavam as atividades juntas e também compartilhavam o espaço de dormir nas senzalas. Muitas revoltas eram iniciadas com o envenenamento dos senhores pelas mulheres que ocupavam a cozinha.

As vilas operárias, no século XIX, por sua vez, são comunidades divididas entre residência, espaços coletivos e a fábrica. Toda construção pertence e é comandada pelo patrão, o dono da fábrica. Durante esse período as habitações nas cidades são marcadas pela presença das vilas operárias, ocupadas em sua maioria por trabalhadores brancos, imigrantes vindos da Europa e os cortiços como espaços ocupados pela população negra e mestiça que ocupavam a base da lógica econômica. A diferença entre esses dois espaços residenciais pode ser percebido na divisão dos espaços.

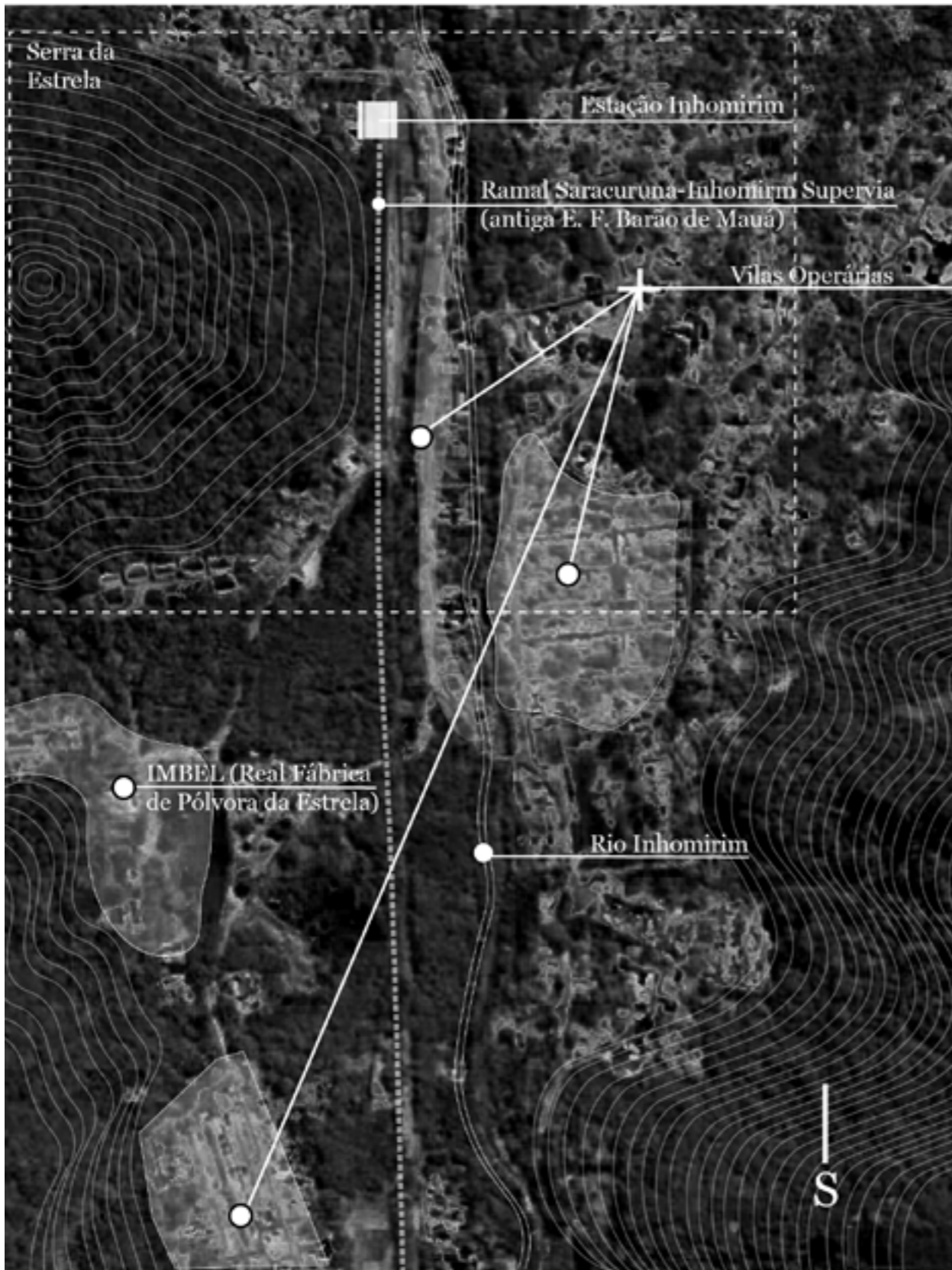
“[H]á uma diferença fundamental [entre a vila e o cortiço]: a localização das áreas de cozinhar, comer e lavar roupas, situadas no fundo da casa da vila definem como ‘região íntima’ os locais destinados para estas atividades, o que no cortiço constitui exatamente a região mais ‘pública’.”(ROLNIK, 1981)

As raízes da antiga serra da Estrela preservam resquícios das vilas operárias, assim como construções coloniais, a última estação da antiga estrada de ferro e refúgios verdes resistentes. As casas das vilas foram se modificando com decorrer do tempo, se desconfigurando e reconfigurando com o passar dos anos, entretanto, a planta residencial continua reproduzindo uma lógica doméstica de subordinação do corpo feminino como herança ocidental, citada por escritos aristotélicos e retomados por Hanna Arendt para elucidar espacialmente seu conceito e diferenciação entre o animal laborans e homo faber.

## CORPO

“Bila tira apenas o sapato, pega o alho e o sal e está novamente na cozinha. Apesar de ter passado 9 horas do seu dia imersa em trabalhos domésticos, ao chegar em casa é engolida por ele novamente: “- Trabalho em casa não termina nunca”, pensa. Precisa colocar a roupa pra lavar, saber um pouco sobre as tarefas escolares das filhas, passar um pano no chão, tirar o pó não vai dar tempo, tem que deixar para o final de semana. Apesar do cansaço, está feliz de estar em casa, feliz por poder apenas dar o beijo de boa noite nas meninas.”





A casa pousa aos pés da Serra da Estrela. O estranhamento é inevitável. Jamais se vira algo parecido, nem sabiam como chamar. Como toda verdade europeia é, aos poucos, digerida. A cada dia que passa um novo questionamento destrói e reconstrói, aos poucos, o círculo.



Às 21h, o trabalho recomeça e continua num ciclo torturante. A maioria das mulheres que se dedicam a manutenção da vida doméstica passam o dia ocupando um espaço de extensão do corpo de seus patrões, uma extensão invisível e silenciosa. Em suas próprias casas precisam refazer as atividades, a condição feminina representa carregar um tipo de sentença, traços de uma sociedade patriarcal. A domesticidade ressaltada e preservada pela arquitetura residencial se torna um dos mecanismos espaciais responsáveis pela condenação desse corpo à uma repetição atrofiante. Ao limitar esse corpo à esfera privada, o propósito é afastar esse corpo de ação política, da existência pública. Se constrói dispositivos para evitar qualquer tipo de resistência.

## INSERÇÃO [SOLO HOUSE II - KGVDS]

Fincada junto as raízes da velha Serra da Estrela, implode-se alguns dos tijolos que sustentavam o domus e sufocavam algumas damas. Um anel se assenta entre as curvas de nível que outrora representavam um obstáculo para os caminhantes do Caminho de Proença.

Definida como: “Anel cósmico. Uma ventura da luz e da sensação”, a casa se ergue com um único objetivo: o deleite e o culto à contemplação, prazer, o hedonismo. Em solo periférico, a casa se torna um corpo estranho perto das construções pré-existentes, porém, protegido e resguardado pelo que restou da mata. A planta circular preserva uma visão panorâmica de 360° de seu entorno. Existe uma busca pela superação da condição doméstica, “um dos seus principais objetivos é descobrir o quanto é possível se apartar da ideia de “casa” e ainda assim criar um lugar adequado para o habitat humano”.

O projeto explora uma certa fusão entre arquitetura e natureza, corpo e paisagem. A casa é transição e comunicação de dois ambientes externos. Não existem janelas, apenas delimitações transparentes. A interação entre interior e exterior se dá apenas pelo coberto e não coberto, piso e terra. A retirada de um plano sólido de transição entre construído e não construído e sua substituição pelas cortinas de vidro que correm infinitamente, permitindo uma abertura completa para o exterior representam, talvez, uma emancipação da casa a sua condição de objeto

1.  
A Solo House II faz parte do projeto Solo Houses, idealizado pelo empreendedor francês Christian Bourdais. A iniciativa consiste na construção de oito casas assinadas por oito nomes estrelados da arquitetura contemporânea. A ideia é construir uma espécie de coleção de arquitetura contemporânea num vasto terreno em Cretas, Espanha. As casas funcionam como o protótipo de um experimento espacial e possuem em comum a busca pela superação da condição doméstica. A ideia é que esse conjunto de casas se tornem espaços de hospedagem de luxo, onde os hóspedes possam desfrutar de uma experiência única e exclusiva. O KGVDS, escritório belga, ficou responsável pela SOLO HOUSE II.



conservador do oikos.

A construção se torna responsável por questionar limites e fronteiras ao se apresentar como uma obra discreta e imponente, sendo ao mesmo tempo cerimoniosa e dispersa, aberta e introvertida, transparente e opaca. Existe uma busca pela experiência e sensação capazes de fazer o corpo se reconectar às questões que ultrapassam a mortalidade, capazes de resgatar o apreço pela contemplação e o exercício da reflexão.

A caixa d'água desenhada pelo artista plástico Pieter Vermeersch concede uma certa sacralidade a objetos ordinários e ao cotidiano. É como se toda a obra se contraísse numa sede pela superação da condição mundana, como se arquitetura se tornasse a ferramenta responsável por libertar o corpo de sua condição biológica. A Casa Hedônica propõe um novo habitar, se opondo à domesticidade, rompendo com séculos, condições e tradições.

Às 21h, caminha-se livremente e os olhos vagam para além da área de serviço. Algumas paredes se dissolvem junto a rotina, os costumes e algumas obrigações. A confusão entre interior e exterior, bagunça percepções e confunde algumas certezas. O dia é sentido na pele e as cores escorrem pelas paredes. Se o relógio açoitava os ombros e as dores nos pés denunciavam a exaustão, hoje se pode notar as novas mudas do quintal, a corrida das nuvens, cozinhar é um prazer.

A transparência do vidro e possibilidade de sua completa ausência reposiciona, reajusta e presenteia a habitante. Ela encontra no espaço a possibilidade de se opor a sua condição. Se a casa rompe com a condição doméstica, pode o corpo romper com sua condição? Ela descobre então na casa um refúgio para o corpo e para alma. O ócio, o prazer e um certo auto deleite sopram novas ideias, descortinam novos caminhos. As paredes não separam, os cômodos não enclausuram, o sol não está enquadrado.



A doméstica de Magé adentra o corpo estranho. Vai descobrindo a nova casa. Se assusta com a beleza da luz que rasga todo espaço. Pensa em como limparia todo esse espaço. Começa a entender o funcionamento de tal objeto, se deleita no quarto onde não sabe o que está dentro e o que está fora, porém não poderia dormir sossegada com tanta violência na cidade. Se preocupa em quando os netos chegarem para visitá-la. Arquiteta pequenas intervenções, reimagina, reconstrói.

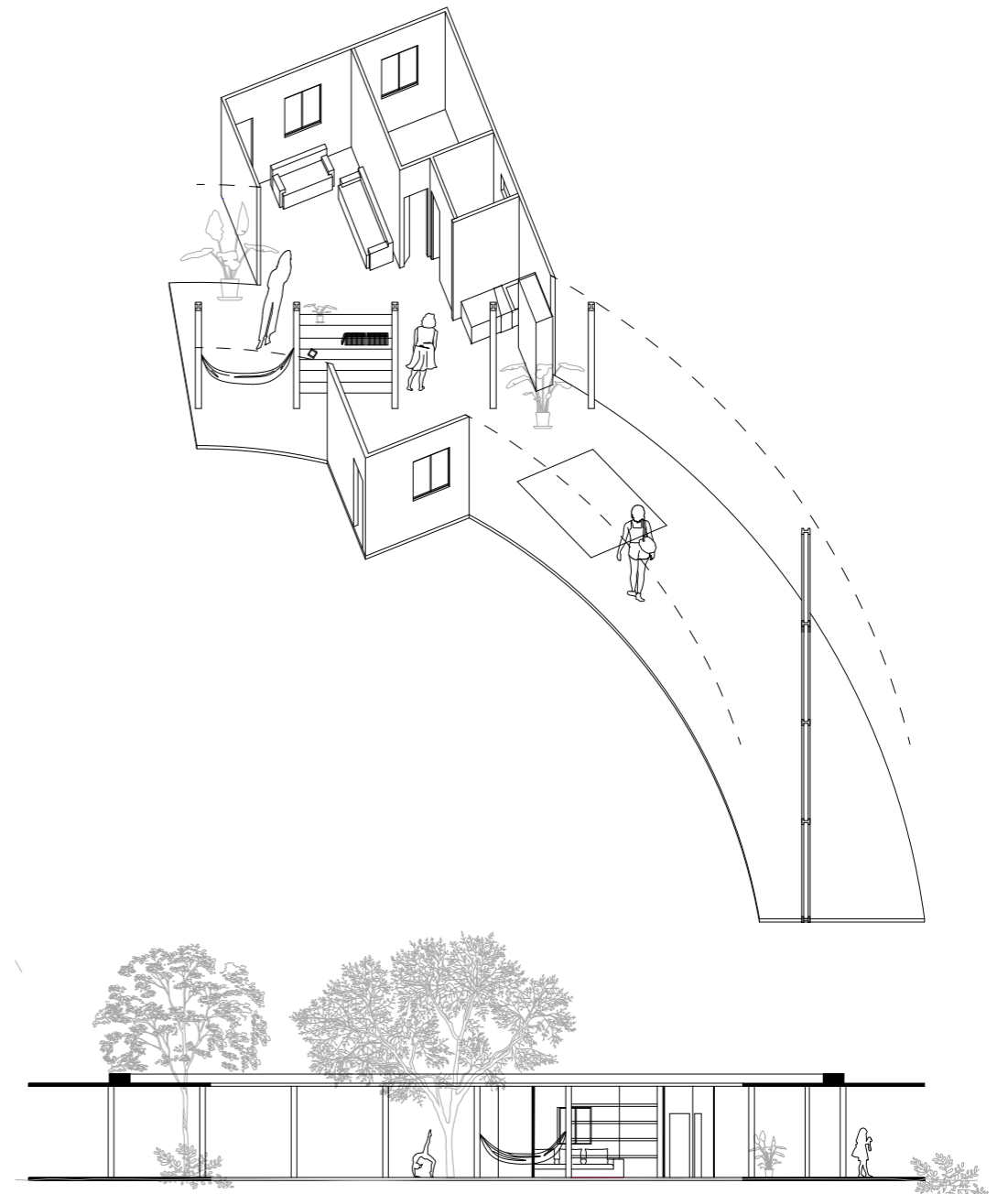
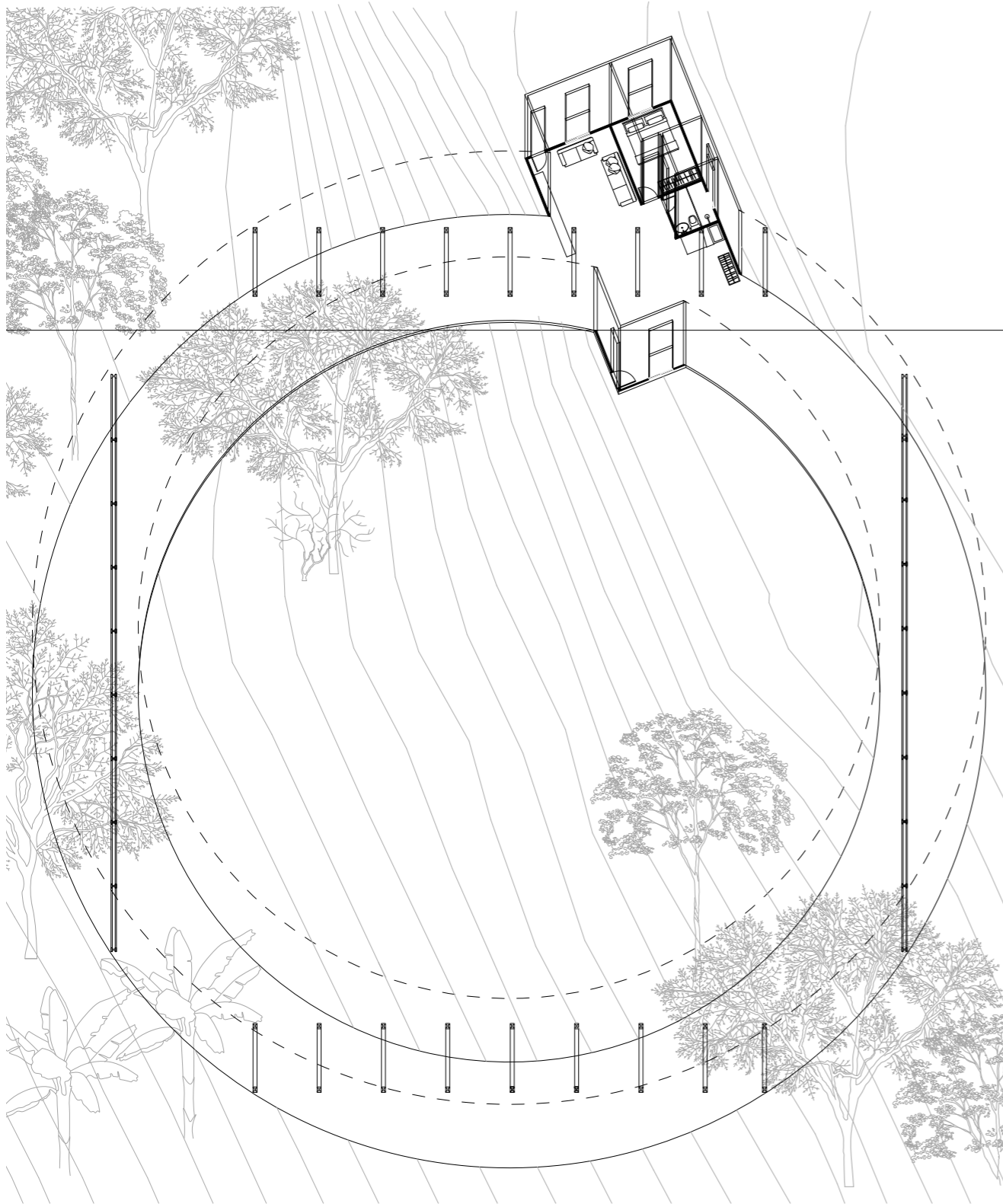








O desenho técnico revela um interseção inusitada. Não se sabe se a casa circular pousou sobre a pequena casa quadrangular, esartejando-a, ou se as paredes retilneas foram construídas como uma sutura cicatrizante. Um objeto mítico nasce ao pé da serra. O território inicia sua digestão.



O funcionalismo de Mies não falhou em prever o máximo potencial funcional do pilar, não lhe pendurou uma rede. E todos os seus descendentes também falharam. O concreto duro não faz bem aos joelhos dos netos. O tapete, herdado de tempos, amolece o concreto.

## REAÇÃO

Logo que o projeto belga pousa sobre terras periféricas um fenômeno inusitado pode ser percebido, uma espécie de parasitismo ou mutualismo passa a reconfigurar o desenho arquitetônico. A icônica residência é atravessada ou atravessa algumas paredes de tijolos e não se sabe quem veio antes e quem veio depois. A vastidão do círculo é assustadora e a planta ocidental insistente.

O encontro do concreto liso e perfeito ao tijolo baiano quente e com texturas, causa certo estranhamento inicial, entretanto, existe nessa relação um charme antropofágico, algo muito comum abaixo dos trópicos. A casa, apegada a tradições distantes, é cortada pela imensidão do grande “círculo cósmico”. Ela estava mesmo precisando de uma varanda excepcional. As lajes circulares macias, esculpidas in loco, são surpreendidas pelas lajes que guardam as imperfeições das mãos humanas. A marca dos dedos deixadas no concreto ainda molhado faz com que todo visitante tente encaixar o próprio dedo na busca por um encaixe perfeito.

Os pilares de aço, uma bela homenagem ao ‘mestre’ Mies, ganham novos usos. Se tornam suportes perfeitos para uma bela e atrativa rede. Aos poucos as espacialidades se devoram, se complementam. A laje circular é, aos poucos, conquistada e vai ganhando contornos que borram sua função. Para que tanto espaço com tanta gente sem espaço? Há ainda a possibilidade de complementar a renda. Tantas possibilidades se abrem nesse grande círculo. Logo é invadido pelo cotidiano periférico.



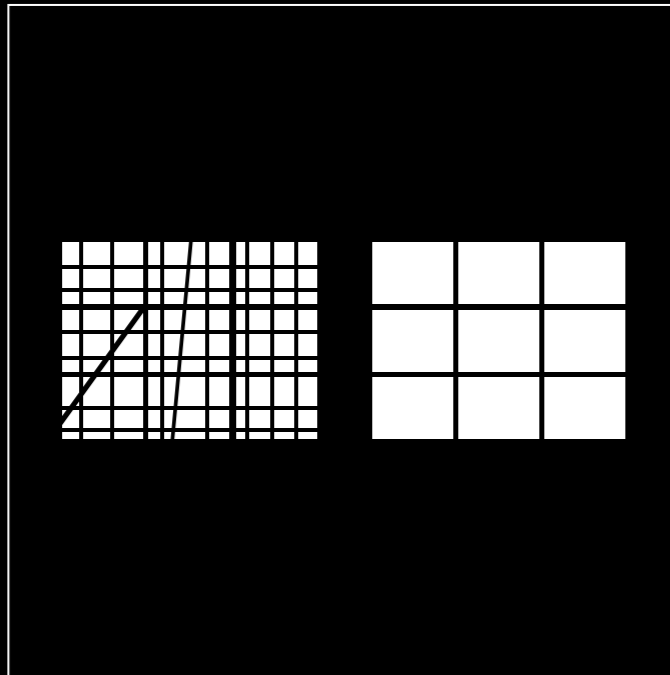
# Almoço Agrônomo:12h

## TERRITÓRIO

A longa via que corta todo bairro de Piabetá, conhecida pelos moradores como Rua J, é responsável por fazer a conexão entre dois bairros importantes do distrito de Vila Inhomirim (Piabetá - Fragoso). É o endereço de muitas domésticas. A rua J é paralela ao traçado da primeira estrada de ferro do país que, também, é paralela ao histórico Rio Inhomirim, também paralelo a antiga rota Tupinambá. O rio, tendo sido o principal canal de entrada no território para navegantes vindos da Baía da Guanabara, agora representa uma fronteira entre duas malhas urbanas. Em uma visão aérea o mosaico de pequenos retângulos pontilhados irregularmente por pequenas construções irregulares contrastam com o quadriculado resoluto, amplo e nítido deixado pelo arado e pelas plantações dos pequenos agricultores estabelecidos na outra margem do rio.

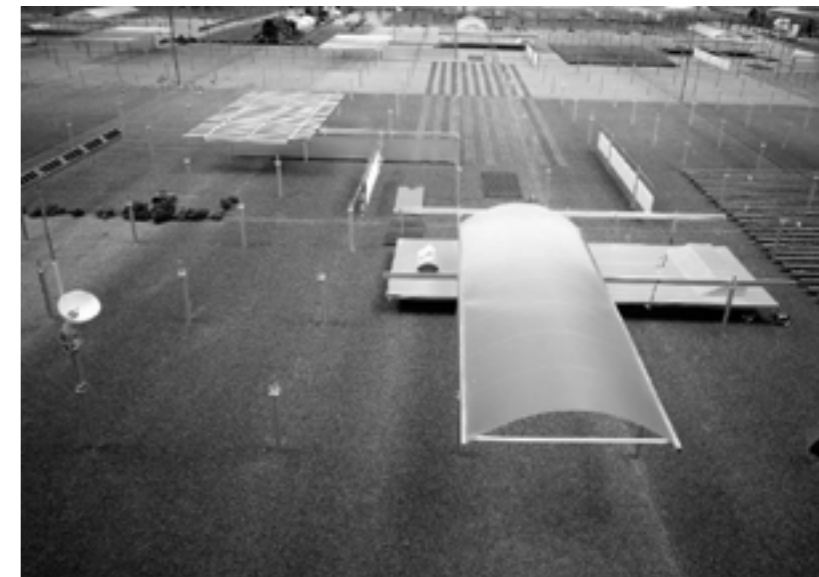
“Nesse sentido, é possível que, em um contexto de escassez de espaço ou de recursos naturais toda uma matriz rural-ambiental venha, em um rápido intervalo de tempo, a constituir fonte privilegiada da cobiça do mercado imobiliário. Cabe notar que no espaço perimetropolitano há uma proliferação de signos e discursos sobre a natureza de tal forma abrangente que relativiza os conceitos do que seria o “natural” (FARIAS, 2012)

A área rural de uma cidade, espaço destinado a agricultura e produção de alimentos sempre representou o oposto da área urbanizada. A ideia de que uma não poderia ocupar o mesmo espaço que a outra numa lógica de zoneamento obsessivo permeia a construção das cidades brasileiras e a concepção da ideia de progresso como a superação da condição rural que, por sua vez, seria a superação do natural, do selvagem. “Colher o fruto no pé” compõe um quadro imagético muito acessado por uma certa memória afetiva cidadina. Em 2007, o mundo se tornou mais urbano que rural, tendo mais pessoas vivendo nas áreas urbanas do que em áreas rurais. A mecanização do campo e industrialização acelerada nas cidades impuseram um êxodo rural em massa, gerando ambientes urbanos hostis e marcados por graves problemas sociais. Na década de 60 a população brasileira se torna mais urbana que rural, nas mesas a fruta do





1. Cruzamento Rua J e Rua A
2. Praça que desenha o cruzamento
3. Estrada de ferro paralela à Rua J



Agônica, Andrea Branzi. 1995  
Imagem maquete

pé aos poucos se torna enlatada, escondida em cores e sabores artificiais, embalados por plásticos e metais, abarrotados de letras, palavras em outros idiomas. Urbanização, globalização.

Se a língua integra parte essencial da construção da identidade de um povo como uma ferramenta de memória e resistência, a cultura brasileira, atravessada por diversas línguas e idiomas, observa no prato ranhuras de um longo processo de miscigenação, trocas culturais e etnocídios. Quando a elite brasileira, no final do século XIX, se posiciona a favor de um processo de “embranquecimento” da população como uma forma de legitimar e institucionalizar as desigualdades sociais do país pós-abolição, são realizadas campanhas para atrair imigrantes europeus que pudessem substituir a força de trabalho escrava nas lavouras.

Os imigrantes recém chegados, apesar de servir como mão de obra barata, ocupam uma posição social acima da população negra, porém muito, muito abaixo da elite branca. Se a abolição foi responsável por expulsar a população negra das fazendas e engenhos, a mecanização do campo vai ser responsável por tornar a mão de obra imigrante dispensável no campo. Vindos do interior do país, essa população se direciona para os grandes centros urbanos no sudeste do Brasil. Sem acesso à terra em capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, esse imigrantes e seus descendentes buscam à beira das estradas de ferro, distante das capitais disputadas, espaço para reconstruir a vida numa realidade que se modificava rapidamente.

O prato brasileiro denuncia todo processo de miscigenação, estupro. Passa refletir diversas transformações sociais, consequentemente muitas desigualdades e marcas de longos períodos de exploração e submissão. A terra se torna um bem cada vez mais escasso, caro, assim como tudo que nela é produzido. O “fruto do pé” custa cada vez mais que a lata, vai se cristalizando numa esfera nostálgica. A alimentação de qualidade se torna privilégio, assim como a terra e o acesso a infraestrutura urbana. A exploração da força de trabalho e direito à terra e alimentação descortinam, não só uma injusta disputa de classe, mas também uma segregação de gêneros, onde as mulheres constituem por volta de 43% da mão de obra agrícola no mundo, mas representam menos de 20% dos proprietários fundiários de terra.

## CORPO

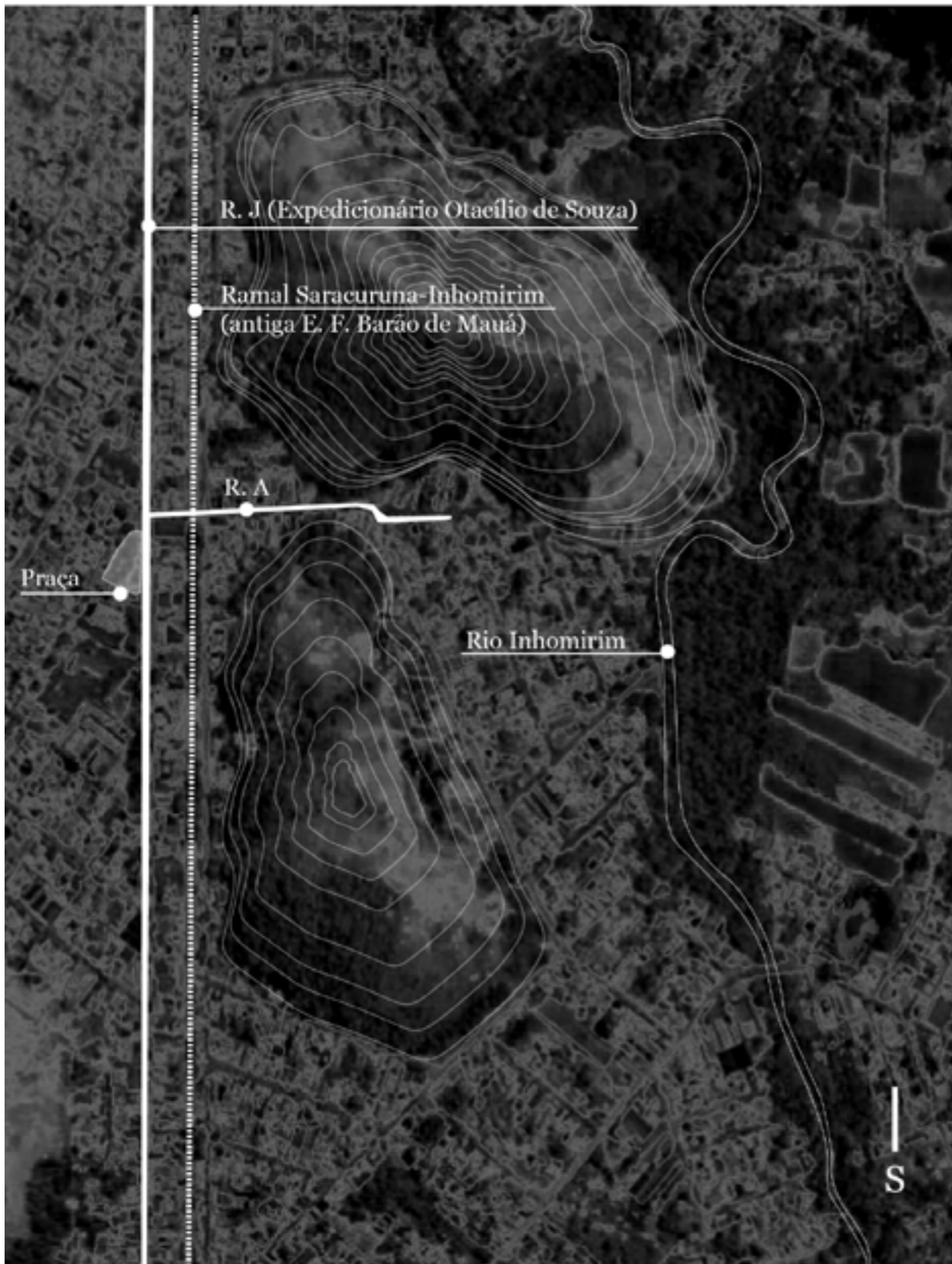
“Maria termina de colocar a mesa, às 12h. Ela retorna para área de serviço em busca de sua marmitta. O pote ocupa metade da sua bolsa e pesa um pouco, mas desde que foi proibida de comer qualquer coisa da geladeira da casa em que trabalha, prefere levar sua própria comida a comer as sobras de músculo e frutas esmaecidas deixadas pela patroa: “- Maria, se quiser comer eu deixei isso aqui separado pra você, a gente não gosta de misturar as coisas aqui em casa.”

Às 12h, Maria, percebe que não merece comer uma comida com a mesma qualidade da patroa. Percebe que no seu prato se confirma uma segregação brutal que insiste em delinear as dinâmicas sociais da sociedade brasileira.

O acesso à alimentação é um fator determinante para manutenção das desigualdades no Brasil. O acesso à alimentação de qualidade é um privilégio restrito a poucos grupos, assim como direito à moradia. A construção das cidades brasileiras e a separação das áreas rurais e urbanas representam um processo que consolida e reforçam cicatrizes deixadas pela colonização e escravização. A alienação do processo de produção alimentícia, atualmente, passa a representar uma ferramenta de controle e manipulação.

A Doméstica é fruto de um contexto de expulsão da terra. Nasce em meio a busca pela sobrevivência nos fervilhantes centros urbanos da metade do século XX. É empurrada para periferia e aos poucos, numa condição de luta pela sobrevivência. A fome é uma mazela próxima. Perde o contato com a terra e com alimento.





Agronica se instala como acupuntura sobre o solo periférico. Uma malha se estende nas direções leste oeste conectando a manta de retalhos ao mosaico de peças irregulares. Os planos se movimentam e se adequam aos desejos periféricos. As agulhas vão sendo retiradas, são reposicionadas. A ferida é outra.



## INSERÇÃO [AGRÔNICA - ANDREA BRANZZI]

Quando o projeto idealizado por Branzzi no fim do século passado é sobreposto a uma malha geometricamente dividida e consolidada, deixa transparecer uma fronteira absoluta entre campo e cidade. Se torna claro distintos processos de ocupação do solo. A divisão entre urbano e não-urbano, comumente relacionado à desenvolvido e não desenvolvido, se tornou intrínseco aos processos de zoneamento urbano. A construção de uma ideia antagônica entre zonas agrárias e industriais esteve presente na maioria dos processos de industrialização e evolução das metrópoles contemporâneas.

Apesar de uma interrelação econômica e de produção, o traçado urbano se tornou responsável por preservar a fronteira. A mecanização do campo representou, no Brasil, a expulsão de centenas de pequenos agricultores e trabalhadores rurais do campo que passaram a ocupar as zonas marginalizadas e periféricas das grandes metrópoles. Por outro lado, consolidou grandes agentes do agronegócio, brancos em sua maioria, como detentores do poder territorial nas zonas rurais, onde posse de terras se alinha ao poder econômico e político. A soberania do agronegócio nas zonas rurais, atrelada a lógica de produção e consumo desenfreados orquestrados por um sistema capitalista insaciável, passa a compor um quadro de alienação alimentar essencial para o exercício das múltiplas formas de controle indispensáveis para manutenção de um sistema infundável de concentração de lucro. A alienação do processo alimentício como ferramenta de uma espécie de biopolítica. A utilização maciça de agrotóxicos prejudiciais à saúde na produção de alimentos, a persistência das relações de escravidão e servidão nas zonas rurais, o prejuízo ambiental decorrente da exploração predatória em prol do abastecimento do mercado internacional configura um quadro possível a partir da alienação do processo de produção de alimentos. Na casa grande contemporânea, resta aos empregados a alimentação de pior qualidade. Na Ilha das Flores (1989)<sup>1</sup> resta ao ser humano o que sobrou dos porcos.

A ideia da dissolução da fronteira entre urbano e rural permite uma coexistência capaz de aproximar as duas extremidades da cadeia de consumo.

1. O documentário “Ilha das flores”(1989), de Jorge Furtado, retrata a desigualdade retratada pelo acesso ao alimento. Alguns seres humanos são mais desvalorizados do que os porcos, estão abaixo do animal sob uma perspectiva econômica. O processo que envolve o alimento, intrínseco à monetização da terra, revela a economia como um sistema conservador de desigualdades estruturais.

A construção de uma paisagem simbiótica composta por elementos, antes tidos como antagônicos, aponta novas perspectivas de ocupação e organização do solo. Passa existir uma complementariedade entre orgânico e inorgânico, cultura e natureza, talvez o nascimento de uma paisagem “ciborgue”.

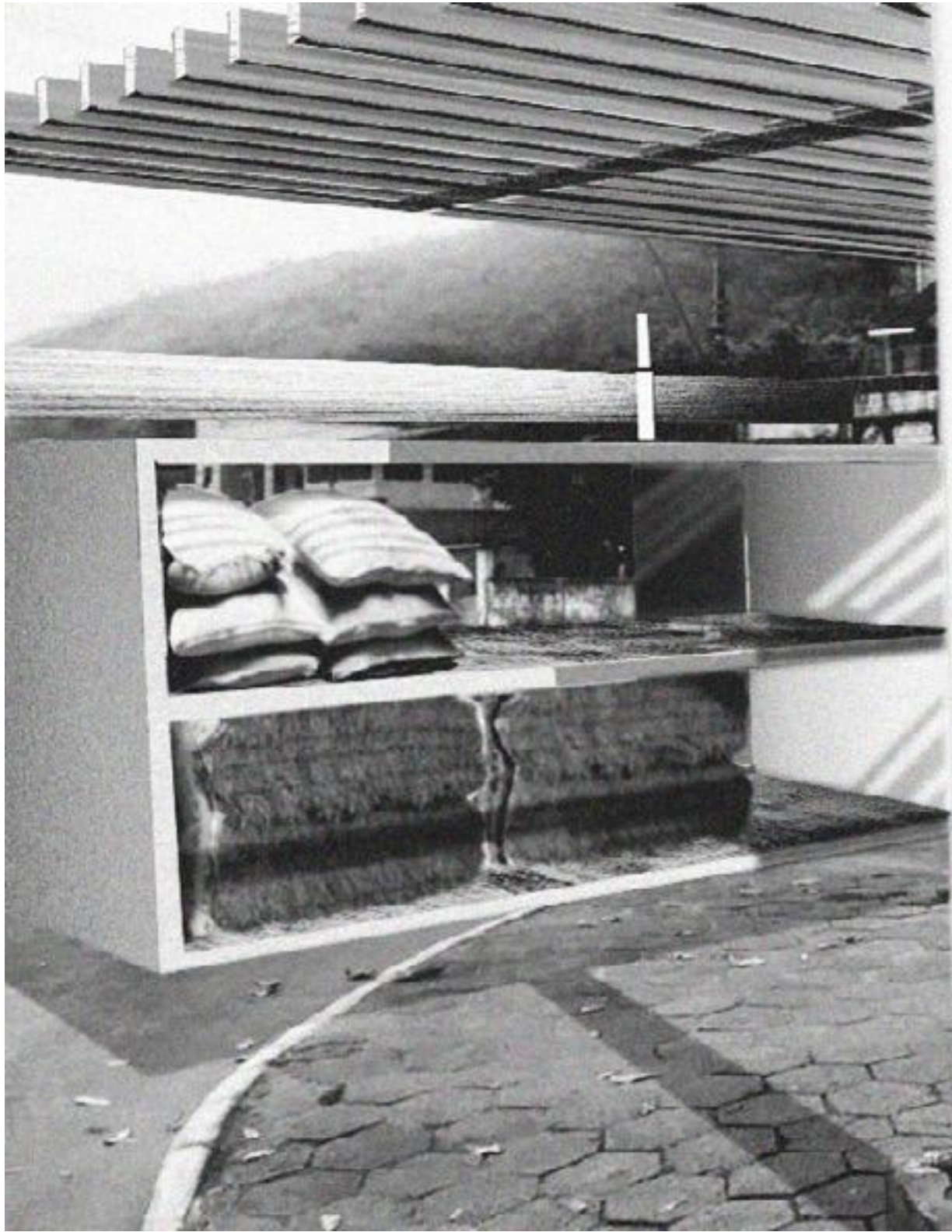
Agrônica insere na equação o tempo como articulador de um projeto móvel, mutante, adaptável. Uma malha é formada pela disposição dos pilares que junto com as vigas formam uma estrutura aberta a qualquer inserção ou exclusão de elementos de fechamento que percorrem o espaço e se modificam em um processo constante de reorganização do espaço. Agrônica questiona as fronteiras e apresenta possibilidades impensadas.

A desconstrução de muros, e questionamento da racionalidade passam a redesenhar paisagens cristalizadas e linhas impenetráveis. É possível entrever a articulação de uma nova consciência econômica, ambiental e urbanística. A cozinha se abre para terra e a terra se evidencia na mesa. Redescobrir o ritual de se alimentar traz à tona tensões capazes de esticar e afrouxar diretrizes que desenham, por séculos, o solo brasileiro marcado pela submissão colonial. Uma retícula que permite a livre movimentação dos elementos numa construção e desconstrução contínua.

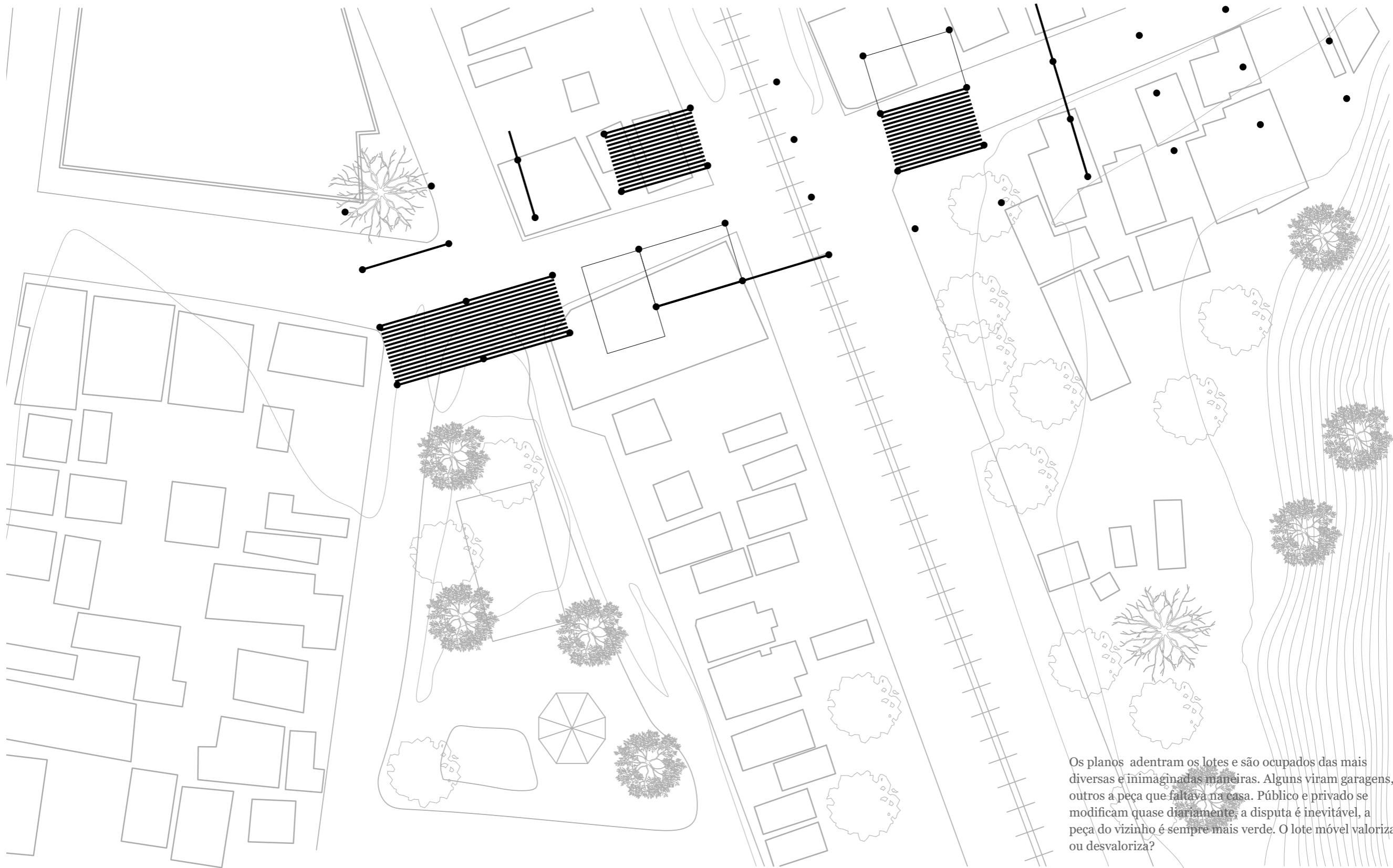


A doméstica de Magé aproveita os planos móveis para tomar café o próximo as fazendas. Frutas frescas e leite quente vão e vem num estante itinerante. Ass frutas acabam de sair do pomar e deslizam até chegar na pracinha mais próxima. Vendedores e vendidos são, realmente, ambulantes.



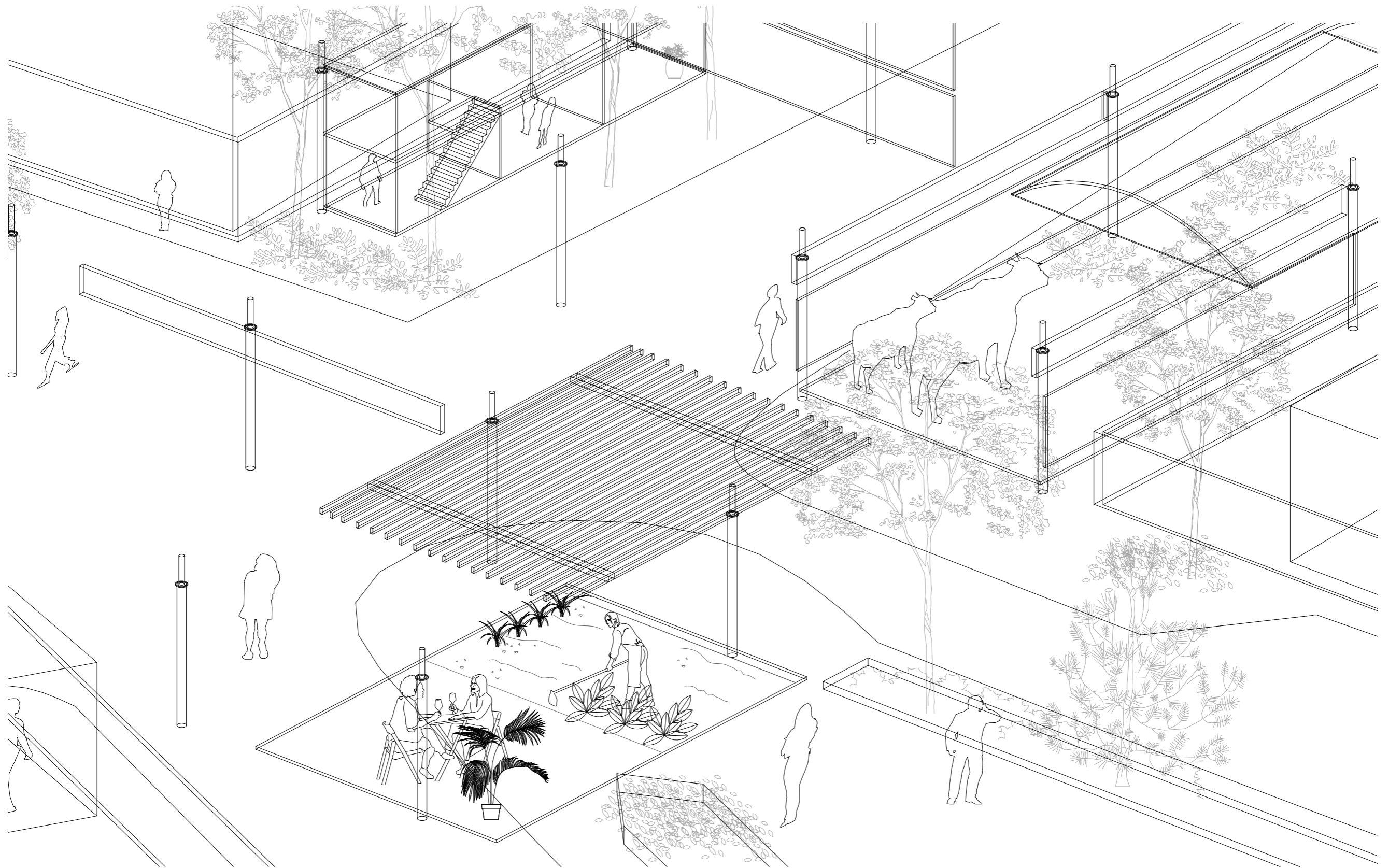






Os planos adentram os lotes e são ocupados das mais diversas e inimaginadas maneiras. Alguns viram garagens, outros a peça que faltava na casa. Público e privado se modificam quase diariamente, a disputa é inevitável, a peça do vizinho é sempre mais verde. O lote móvel valoriza ou desvaloriza?





## REAÇÃO

Depois de implementado no cruzamento entre a rua J e a rua A , não demorou para que os pilares fossem retirados do meio da rua. A intenção era diminuir cada vez mais os espaços dos carros, porém alguns moradores acharam melhor usarem os pilares como estruturas para cobertura da área do churrasco que acontecem periodicamente na praça, posicionada também na interseção das duas vias. O grupo que joga volei diariamente na quadra também achou que os pilares brancos ficavam melhor como postes para amarrar a rede, as estruturas próximas à quadra foram as primeiras a serem realocadas.

Apesar das pequenas subtrações, os planos móveis seguiam até as regiões rurais, atravessando o rio como uma ponte móvel. Agora o agricultor trazia seu produto nos planos horizontais que deslizavam pelas ruas levando boa oferta de frutas e legumes aos moradores do bairro. Algumas conformações possibilitaram até mesmo o cultivo de temperos na praça. Outros conformaram os planos de modo que era possível criar pequenas salas de estar nas calçadas.

Com tanto gente em busca de casa ou terreno, houveram algumas privatizações dos equipamentos. Casas começaram a ser construídas sobre os planos, afinal, juntando as peças certas era possível ter casas de até dois andares. A cobertura não agradava muito, mas era o que estava disponível. A área de exposição do comércio também foi ampliada, a disputa foi grande. Aos poucos Agrônica foi sendo apropriado pelo território, ganhando novos usos e construindo novas dinâmicas.

# Museu da Conversa

## Fiada:12h

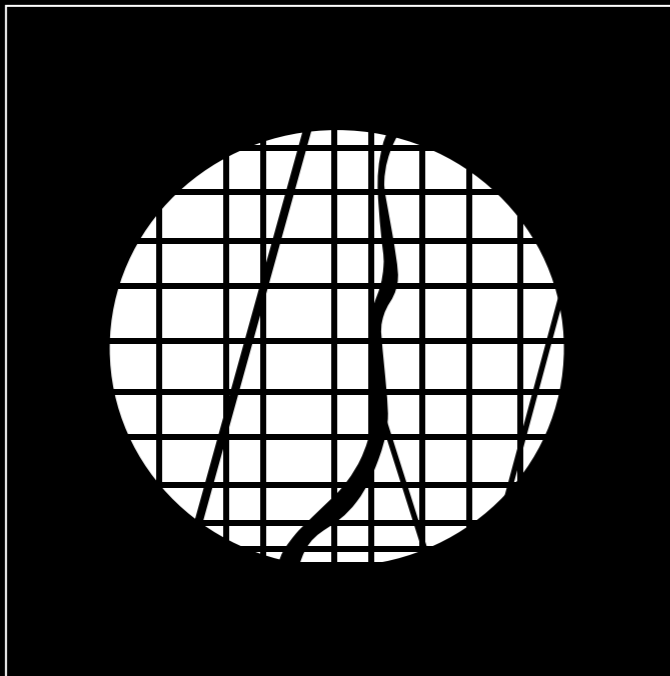
### TERRITÓRIO

A rodoviária do bairro de Piabetá, zona mais densa da cidade de Magé, batizada como Terminal Rodoviário Prefeito Renato Cozzolino é uma construção de extrema importância para o sistema de mobilidade da cidade. Localizada no centro de uma importante área comercial, construída paralela ao traçado da antiga E.F. Barão de Mauá e sobre o Rio Caioba, agora canalizado. É o local de partida da frota de ônibus responsável por fazer a ligação entre a cidade e a capital fluminense. O bairro de Piabetá, foi conhecido por muitos anos como Entroncamento, nome da estação de trem que abrigava, o encontro de duas linhas de trem.

Ao ser incorporada pela The Leopoldina Railway Company Ltd em 1898, a estação passou a ligar o trecho existente da antiga E. F. Barão de Mauá (trecho Guia de Pacobaíba (mar) – Inhomirim (raíz da serra) à malha da E.F. Leopoldina que vinha de Minas em direção ao Rio de Janeiro. A rota se tornou imprescindível para economia cafeeira de fins do século XIX. Portanto, quando é desativado, em 1948, parte do trecho que chegava ao mar, esta será a única estação responsável por conectar a cidade ao Rio de Janeiro. Acontecimento que explica um expressivo processo de loteamento da região na década de 50, ao mesmo tempo que o país presencia um momento de constante êxodo rural, potencializado pela ampliação dos eixos de mobilidade no país.

A ampliação da malha ferroviária no final do século XIX e construção das rodovias BR-101 e BR-116(BR-493 na altura de Magé) a partir da década de 20 passam a delinear a ocupações ao redor dessas estruturas de mobilidade. A estação Entroncamento passa a ser, então, destino de centenas de famílias vindas do interior do país em busca de oportunidades no sudeste promissor.

O solo nas capitais era de alto valor, entretanto as terras ao







Terminal Rodoviário  
Renato Cozzolino



MASP, Lina Bo Bardi. 1968  
Imagens: Nelson Kon

redor da malha de transporte que levava às capitais estavam longe da corrida imobiliária e da regulação estatal. A metade do século XX representa um período de grandes modificações no território brasileiro, com grandes transformações econômicas acompanhadas da consolidação de uma sociedade marcada por uma desigualdade refletida espacialmente nos centros urbanos.

“esse padrão de segregação aparece com enorme importância e potencial explicativo e revela a natureza profunda da segregação. A segregação é um processo necessário à dominação social, econômica e política por meio do espaço”(VILLAÇA, 1998)

Existe, na cidade, um longo histórico de nepotismo e disputas de poder entre antigos coronéis e famílias enriquecidas estrategicamente pela ocupação e manejo de terras durante o processo de loteamento da região. As disputas entre famílias se tornam dignas de folhetins, cada qual tentando marcar o território como faziam reis europeus dos quais se ouvia falar. Em 1988, chegara a vez de Renato Cozzolino materializar o nome e o legado da família em uma grande obra pública. O bairro se adensou em torno do Rio Caioba que, paralelo à estrada de ferro, passou a representar, não uma divisão, mas uma centralidade.

Renato decide, então, canalizar o rio como a mais alta expressão do progresso urbano, construindo sobre ele uma praça linear demarcada em suas extremidades sul pela rodoviária. O equipamento que consolidaria a cidade como integrante do processo de modernização do país, elucidado por um sistema rodoviário. As velhas ferrovias inglesas perderiam gradativamente espaço para um sistema de mobilidade inspirado nos modernos norte-americanos. As obras do prefeito impulsionaram, ainda mais, a ocupação da região que rapidamente passou de lotes residenciais para estabelecimentos comerciais numa velocidade surpreendente. Entretanto, o crescimento populacional não foi acompanhado pelo desenvolvimento infra estrutural da região, uma vez que cada governante tentou deixar seu legado que poucas vezes se relacionava com o legado do anterior, sem seguir planos ou estratégias. Os projetos passam a ser fragmentos que se dissolviam tão rápido quanto os móveis nas enchentes causadas pela canalização do Rio Caioba.

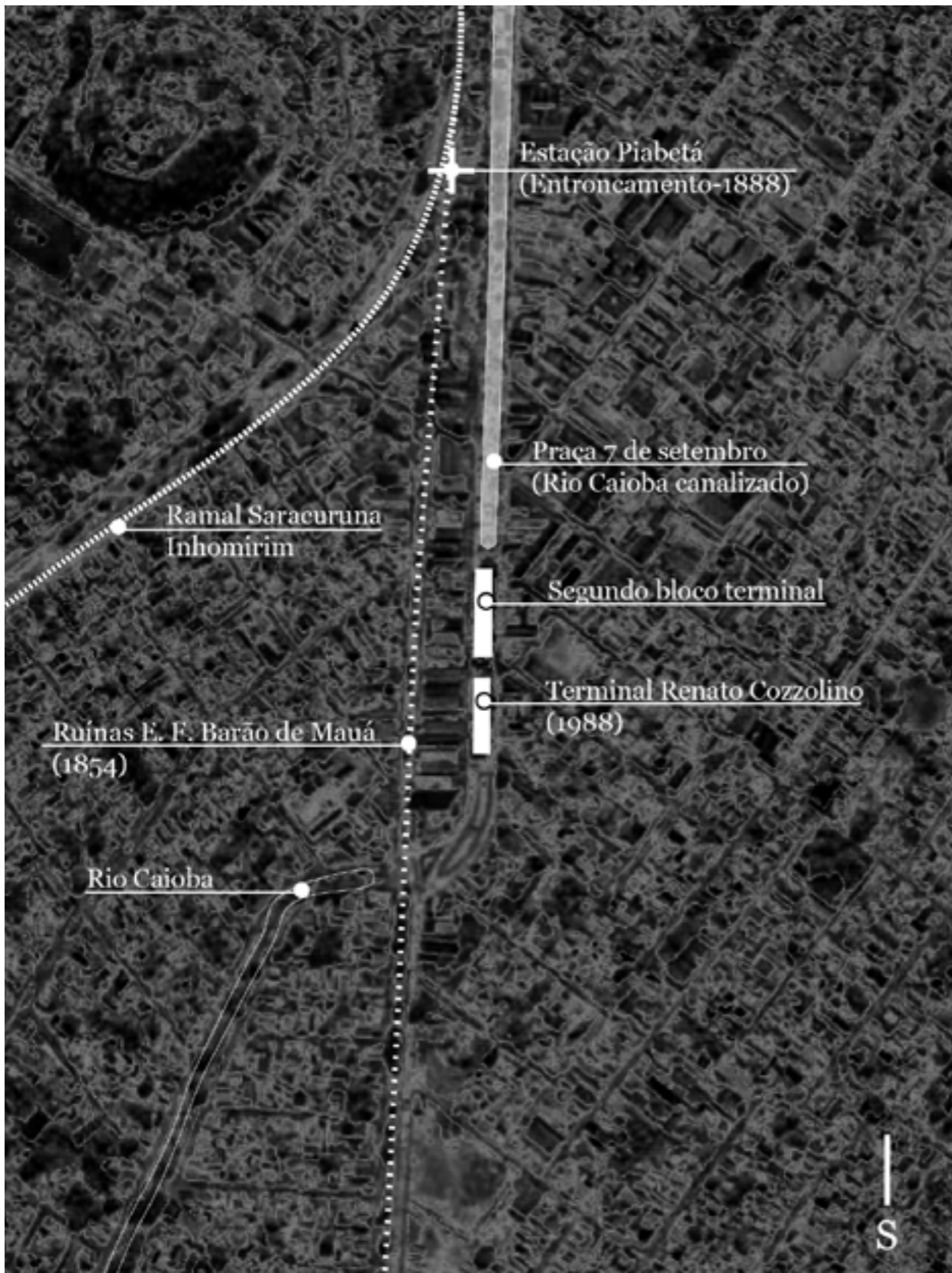
A rodoviária, uma estrutura simples de pilares e vigas metálicas, lajes e pisos de concreto com telhado duas águas, suficiente à época, hoje em decadente processo de deterioração e abandono.

A construção é composta por um volume superior - onde se encontram funções públicas como cartório, uma unidade do Poupatempo e abrigou por décadas uma biblioteca municipal, hoje fechada – concebido como uma planta estritamente funcional. O térreo, elevado 80 cm da rua, consolida um vão ocupado cotidianamente por trabalhadores pendulares que se organizam em longas filas. O comércio informal abastece as filas de passageiros e espaços de apoio à rotatividade dos ônibus. A imagem do ex-prefeito Renato Cozzolino, cujo nome batiza a construção, se destaca.

A família Cozzolino se torna uma peça importante nas últimas décadas da cidade, estando à frente de cargos legislativos e executivos desde a década de 80. Com mandatos embebidos em escândalos de corrupção, alguns integrantes são cassados e muitas acusações se voltam para ex-prefeita Núbia Cozzolino, filha de Renato Cozzolino. Nepotismo, desvio de dinheiro, sonegação e exploração desenham a atuação da família ítalo-brasileira no município. A rodoviária se torna, então, símbolo da busca pela concretização de uma ideia absolutista, materialização da prepotência de um coronel suburbano.

Atualmente, um dos blocos da edificação é marcado pelo destelhamento do primeiro pavimento, processo fruto de uma reforma inacabada, resultando na deterioração dos materiais expostos. O térreo continua ocupado pelas longas filas de passageiros. O espaço passa a simbolizar a deterioração, a insatisfação de toda cidade, e também parte inevitável da experiência cotidiana da população à mercê dos interesses e decisões. Os rios desaparecem, os fluxos se intensificam. A arquitetura, nesse contexto, passa representar um algoz, um capataz adestrado com estruturas frágeis e símbolos questionáveis.

O saneamento é inexistente ou insuficiente. A população passa a realizar longos trajetos em busca de postos de empregos em outras cidades, trajetos que consomem tempo e saúde. As rodovias se tornam grandes funis de automóveis, a malha rodoviária e ferroviária não atende a demanda periférica que sofre cada vez mais com a deficiência dos sistemas de mobilidade, deficiência que contribui para um sentimento de impotência anestésico que conserva a dominação e estratificação social.



A rodoviária de Piabetá é dividida em dois blocos: o primeiro (acima) para ônibus locais e o segundo (abaixo) para ônibus intermunicipais. O edifício paulistano ocupa o lugar do primeiro bloco. O museu, no primeiro pavimento, apresenta em sua primeira exibição a exposição: “Exaltação à conversa fiada”. A Doméstica, participou ativamente das pesquisas e construção do acervo. O edifício logo ficou conhecido como Museu da Conversa. Na periferia o museu permanece em estado de mutação constante. Subestimaram o funcionalismo periférico.



“Harvey, sem fazer análise específica da segregação, mas fazendo uma aguda investigação sobre o significado e o papel do espaço urbano, apresenta uma contribuição fundamental para seu estudo ao relacionar as localizações intra-urbanas com os rendimentos (“income”) das pessoas. Harvey dá a essa expressão um conceito muito amplo, concebendo renda como o “comando sobre os recursos sociais escassos” (1973,53). O autor afirma que “changes in the spatial form of the city and changes in the social process operating within the city bring about changes in an individual’s income” (idem, 54). Propõe-se então a estudar como isso ocorre. Argumenta que “o processo social de determinação do salário é parcialmente modificado por mudanças na localização das oportunidades de emprego (por categorias) comparadas com mudanças em oportunidades residenciais (por tipo)” (idem ibid.). \* Harvey aponta a segregação como um mecanismo de extorsão e deixa implícita a dominação. Campanário (1981, XV) conclui que “the process of exploitation of labor”(VILLAÇA, 1998)

## CORPO

“Sua rotina se inicia às 3h, apanha o trem na estação Entroncamento (Piabetá) e precisa estar pontualmente às 6h na casa de seus patrões no bairro do Leblon, zona sul do Rio. Por conta da distância, é obrigada a permanecer todos os dias da semana na casa em que trabalha, seus dias se reservam à área de serviço, ou o que o mercado imobiliário preservou da senzala em solos urbanos.”

As dinâmicas urbanas vividas pelo corpo que ocupa o espaço de serviço das plantas residenciais das classes mais abastadas, se tornam mecanismos eficazes de controle e manipulação.

As técnicas de aprisionamento escravocrata se refinam espacialmente, mantendo vivos sistemas políticos e sociais que estruturaram os períodos coloniais. Esse corpo passa a ocupar as brechas e espaços possíveis, sempre com restrições e limitações. Espaços que se materializam com objetivo de espacializar estruturas políticas e econômicas muito distantes da pele, que atingida diretamente pelos espaços que vivencia.

A resistência cotidiana, desenvolve mecanismos de sobrevivência singulares em um corpo precisa estar constantemente se defendendo e construindo brechas.



Os ambulantes que serpenteavam a antiga rodoviária agora conseguem se organizar para realizar feiras semanais no grande vão. A doméstica de Magé não costuma perder nenhuma feira. Só deixa de ir quando chove. Em dias de chuva o rio se vinga, o vão é inundado









Depois de tantos alagamentos decidiu-se abrir outro vão na construção, agora vertical. Um vão que trouxe de volta o rio Caiobaba, há muito desaparecido. Os alagamentos se tornam menos frequentes, a luz transpassa o vão. A ideia de recuperação do velho Caiobaba cintila. Na memória a lembrança dos pés molhados.



## INSERÇÃO [MASP - LINA BO BARDI]

Para marcar a reconstrução desse cenário urbano, a celebração do povo como agente construtor da urbe, é recriado no espaço de um dos volumes da rodoviária um edifício gêmeo à grande obra de Lina Bo Bardi, edifício que marcou a paisagem paulistana da década de 60, o Museu de Arte de São Paulo.

Se no cenário paulista a construção abriga um dos maiores acervos artísticos culturais do mundo e tem seu térreo marcado por uma ocupação efervescente e pulsante, a rodoviária Mageense se torna um monumento à conversa fiada. A glorificação do cotidiano, o cenário perfeito para transformação do ordinário em extraordinário.

Antes do sol nascer as longas filas serpenteiam o grande vão. Ambulantes se infiltram entre a multidão e alguns trabalhadores deixam o lugar marcado na fila para dar uma volta pelo acervo no pavimento superior. A fila, em sua conformação essencialmente burocrática, eficientemente organizadora é, por muitas vezes, burlada por acenos entusiasmados e fofocas matinais. Encontros que, para muitas trabalhadoras, se tornam a única experiência de encontro durante o dia. Existe uma resistência e uma persistência do indivíduo que busca a todo momento a troca.

Quando o vão de 80 metros passa a ocupar praticamente as mesmas dimensões da antiga rodoviária em seu comprimento, se estendendo sobre o território periférico, é como se uma grande transformação estivesse ali enterrada durante todo o tempo. Há uma requalificação espacial e principalmente uma ressignificação funcional de uma cidade que não reconhece museus ou espaços de disseminação da cultura, é confrontada pela potencialização de uma força coletiva que serpenteava quase ilegalmente as longas filas. Existe nas novas proporções uma qualidade jamais vista. Em pequenas doses homeopáticas de conversa fiada surgem debates, confrontos e transformações. O monumento à conversa fiada reposiciona Renato Cozzolino, passa a exaltar Maria Conga e transforma a fila num elemento articulador da dinâmica pública. Indispensável à experiência urbana. A arquitetura se torna ferramenta essencial de um processo de emancipação do indivíduo. O vão é um elemento determinante para promover, o que será definido pelo músico Jonh Cage (sobre o MASP), em relação ao vão como “uma peça sem finalidade”

[...] é uma afirmação da vida sem que haja a tentativa de trazer ordem ao caos ou sugerir melhoramentos ao já criado, mas simplesmente uma maneira de acordar para a vida que estamos vivendo”<sup>5</sup>, atendendo as intenções da arquiteta que irá revelar: “o museu era um “nada”, uma procura da liberdade, a eliminação de obstáculos, a capacidade de ser livre perante as coisas.”(PERROTTA-BOSCH, 2013)

O vão se opõe a uma postura estática, condicionante, justificada por uma funcionalidade que quer apenas funcionar para um lado da moeda.

“A regra das localizações funcionais vai pouco a pouco, nas instituições disciplinares, codificar um espaço que a arquitetura deixava geralmente livre e pronto para vários usos. Lugares determinados se definem para satisfazer não só à necessidade de vigiar, de romper as comunicações perigosas, mas também de criar um espaço útil.”(PERROTTA-BOSCH, 2013)

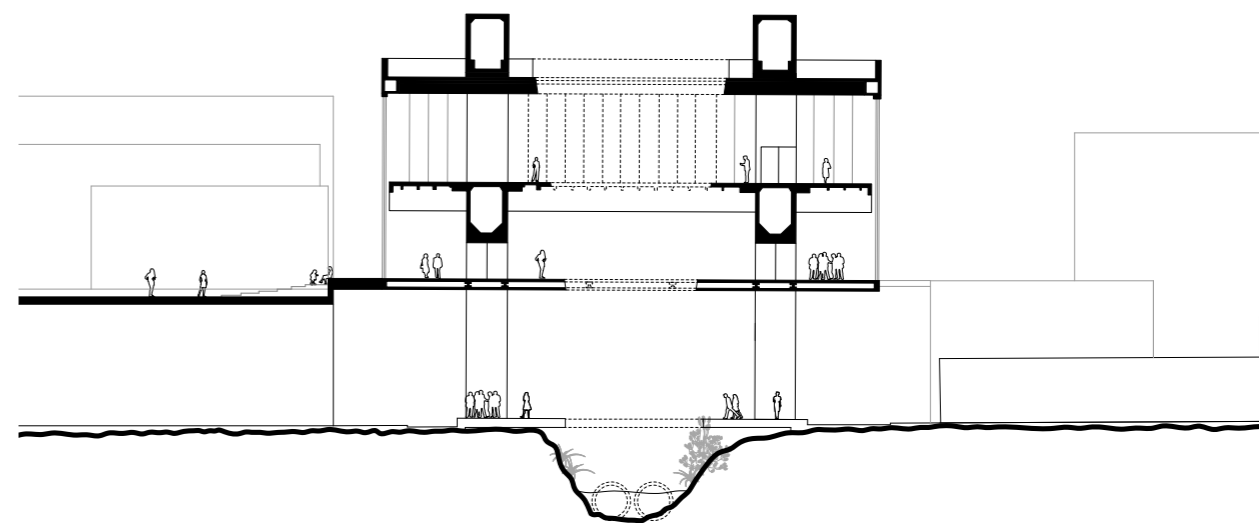
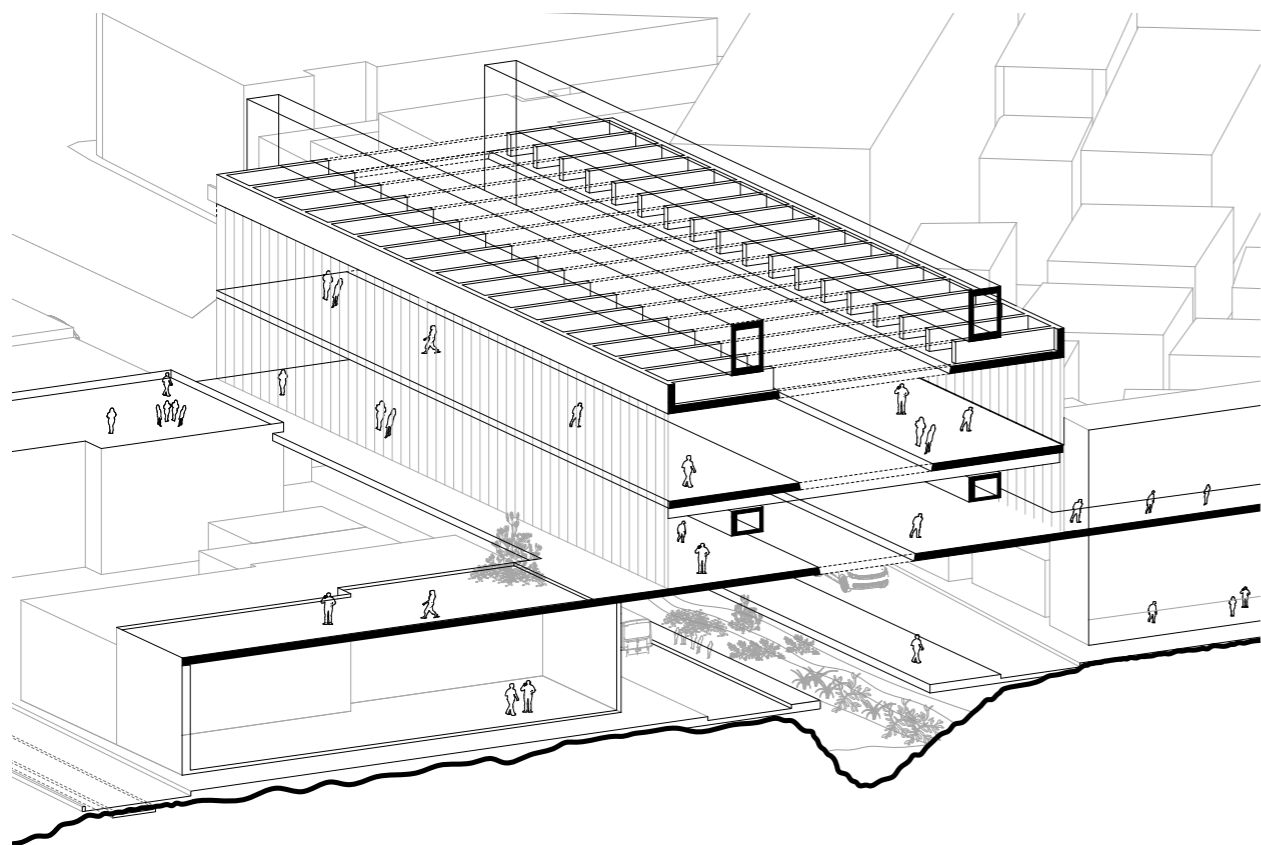
## REAÇÃO

Apesar do novo equipamento conceder uma nova qualidade espacial, era preciso algo mais significativo e potente para iniciari rupturas essenciais para construção de novas perspectivas. Ainda corria solencioso, sobre o vão, o Rio Caioaba, que de certa maneira pulsava enclausurado. O vão ainda soterrava memórias. Os alagamentos se tornaram cada vez mais constantes.

Reinsere esse curso hídrico na paisagem e no cotidiano passa a representar a possibilidade de construir um novo olhar sobre o espaço urbano. O vão não era tão potente quanto se pensava, perde alguns sentidos fora do seu berço.

Decide-se então levar o vão as últimas consequências. O vão horizontal é atravessado pelo que ficou conhecido como vão vertical, gesto que capaz de trazer de volta o rio e abrir espaço para uma luz fertilizante. Num gesto Matta-Clarkiano, o corte arquitetônico se torna real, rompe, desobstrui, redescobre, rompe.

As lajes, num ato de liberdade e euforia se estendem inconsequentes. Se conecatam com as lajes dos edificios vizinhos, tão proximos que se tornam um circuito de lajes. O vão se estende para além do lote, rompe a divisão e descortina novas vistas da cidade, ativando espaços de oportunidade e possibilidades. O território vai consumindo o novo objeto aos poucos até que não seja mais possível diferenciar o que é objeto e o que é cidade. Aos poucos retorna à terra.



Os feirantes, que perderam lugar para o rio, tiveram a ideia de fazer uma espécie de puxadinho. Como a primeira laje do edifício ficava muito próxima às coberturas das edificações vizinhas, a ideia foi ligar as lajes e criar terraços onde se pudesse caminhar nas alturas. Numa parceria com a prefeitura, os donos das coberturas liberaram o espaço para os ambulantes que puderam criar um circuito numa cota jamais conquistada naquela região. O vão corre na horizontal. O vão corre na vertical.

# Circuito Faber:18h

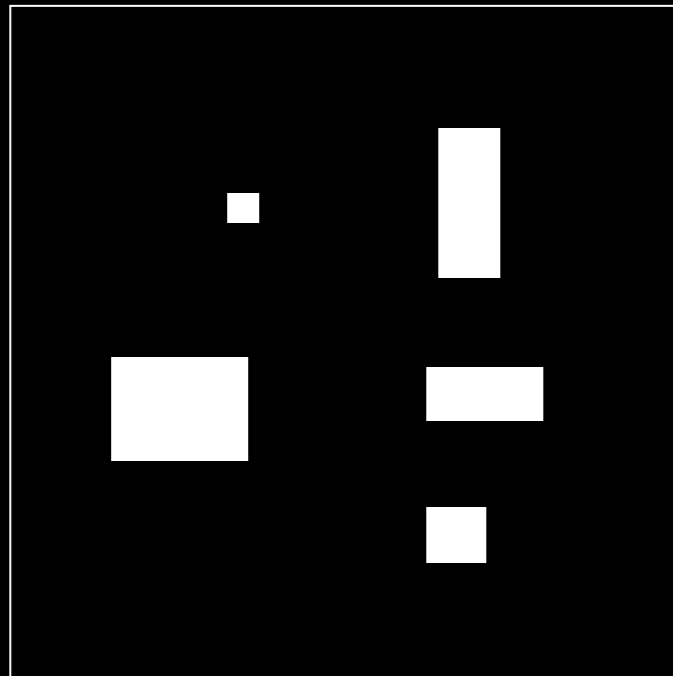
## TERRITÓRIO

A região da cidade mais próxima da Baía se configura topograficamente como uma grande planície interrompida por morros dispersos e cortada por rios e córregos que desaguam no rio Estrela para, então, desaguam no mar e ser Guanabara. A faixa plana, ideal para implementação da primeira ferrovia do Império Brasileiro e, mais tarde, no século XX, seria também atravessada pela rodovia BR-116 (BR-493 na altura de Magé, atualmente) construída perpendicularmente ao traçado da primeira estrada de ferro.

O primeiro trecho ferroviário se tornou ruína e desapareceu sob a rodovia, hoje, paralela ao ramal ferroviário Saracuruna-Guapimirim. A região abriga alguns galpões industriais indolentes, um conjunto habitacional incompleto de residências térreas do programa Minha Casa Minha Vida, algumas pequenas autoconstruções, resquícios de um grande lixão desativado (denunciado como crime ambiental em 2006) e a igreja Nossa Senhora da Piedade de Inhomirim, construída em 1696, rodeada pelo, também centenário, cemitério de Bongaba. A inusitada disposição de todos esses elementos na paisagem e no território é reflexo da história e do desenho do território periférico, alheio a qualquer planejamento técnico a favor de uma ocupação eficiente.

Na década de 50, como parte de um projeto rodoviarista, se consolidava a construção das principais autoestradas brasileiras, responsáveis por ligar norte a sul e perfurar o interior à oeste do mapa. A BR-116 começa a ser construída em 1933, em Fortaleza, chegando ao Rio entre 1948-1951. Na altura de Magé, o asfalto se sobrepõe ao traçado da desativada, E.F. Barão de Mauá. O ponto de encontro entre essas duas linhas, formam no território um cruzamento tão simbólico quanto insólito, hoje, compreendido pelo encontro entre a BR-493 (2014) e a Av. Santos Dumont, encontro consolidado por um grande viaduto que se apresenta como um elemento de transição entre uma via de impacto global e outra responsável pela transição em direção ao bairro.

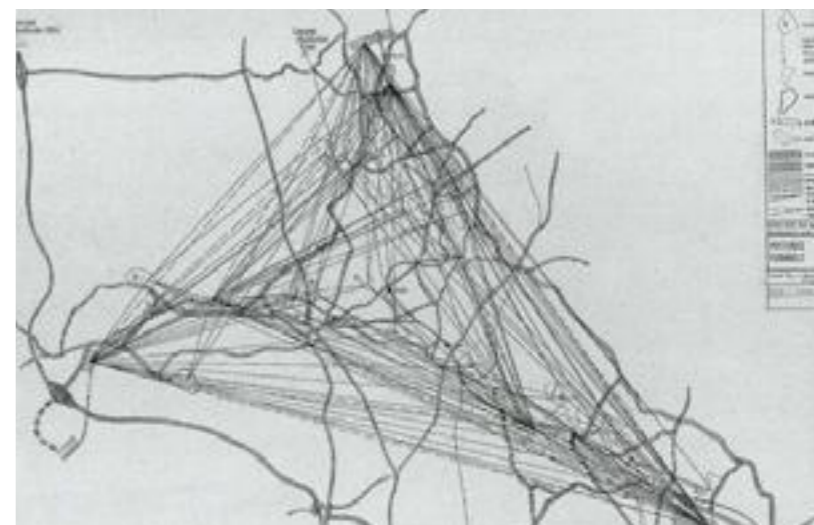
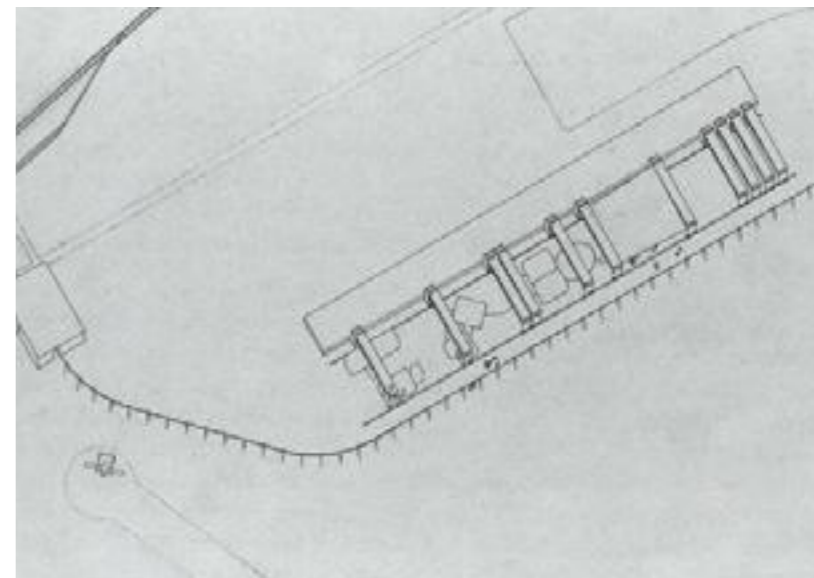
O cruzamento, há um pouco mais de 300 anos, marcava a







Galpões subutilizados ao  
redor das ruínas da E. F.  
Barão de Mauá



Pottery Thinkbelts, Cedric  
Price. 1964

transição entre a Vila Estrela (atuais bairros Parque Estrela e Imbariê), porto de comunicação global, com a Vila de Inhomirm, parte do trajeto para as minas (Ouro Preto).

Junto com as infraestruturas de mobilidade, chegam na região, em meados do século XX, os antepassados das centenas de trabalhadoras domésticas que fariam daquele lugar sua cidade. Muitas nasceram em meio a essas grandes transformações urbanas. A região que se tornara freguesia ainda no século XVII, passara por um longo período de esvaziamento e abandono durante as primeiras décadas do século XX, consequências da abolição da escravatura e proclamação da república. Nos anos 50, a rodovia passava a ditar as dinâmicas urbanas, retirando o protagonismo das ferrovias. A construção dos eixos de transporte rodoviário passa ser principal meio de circulação de mercadoria pelo país e iminente decadência da região que perde importância econômica. Tal processo de desvalorização atrai a população em busca de terra e, em seguida, a grande procura resulta numa alavancagem da valorização fundiária, ainda longe do que acontecia na capital

“Desde a segunda metade do século XX, a ocupação da periferia foi sendo feita pela ocupação do estado com seus vastos conjuntos habitacionais como pela ação privada que implantou vastos loteamentos clandestinos e irregulares sem atender as exigências da legislação. Em outras vezes a falta de condições econômicas para essa aquisição é que explica a ocupação de áreas não loteadas, gerando favelas, caracterizadas pela posse ilegal das terras ocupadas. Na periferia a autoconstrução ainda é uma alternativa de produção habitacional. Também subsistem as invasões em áreas públicas e em áreas de preservação ambiental. Todos esses resíduos da globalização são reflexo da acumulação de uma dívida social e econômica histórica.” (FARIAS, 2012)

A região que crescia sem qualquer tipo de planejamento capaz de assegurar a qualidade urbana, apenas guiada por forças e dinâmicas externas ao traçado, guiadas pelo poder e capital, passa abrigar uma população que representa uma mão de obra desvalorizada, expulsa do campo e desvalorizada na urbe, entretanto necessária para manutenção de um sistema de acumulação e exploração. A população que cresce às margens das rodovias e ferrovias possui altos índices de analfabetização, bastardos da colonização, cidadãos sem-terra, possuindo apenas sua força de trabalho para sobreviver como ferramenta de manutenção de um sistema selvagem, assim como as rodovias.

e ferrovias possui altos índices de analfabetização, bastardos da colonização, cidadãos sem-terra, possuindo apenas sua força de trabalho para sobreviver. Onde era possível ter acesso à terra, ainda que irregular, se tornava muito distante dos centros alimentados por estruturas urbanas mínimas como saneamento e eletricidade. O deslocamento consumia tempo, o relógio consumia a vida, viver se resumia a trabalhar e se deslocar.

A BR-116 ou rodovia Rio-Teresópolis, como é conhecida, é responsável por ligar a região serrana à cidade do Rio de Janeiro. Uma obra que marcou a mobilidade metropolitana e se tornou um dos principais canais do fluxo pendular diário. Por outro lado, foi responsável por redesenhar alguns territórios como uma linha que se impõe sobre o solo, uma fronteira. Hoje, parte integrante do Arco Metropolitano, BR-493, a rodovia constrói uma conexão entre o que restou de um complexo petroquímico com as obras paralisadas e um porto esvaziado, fantasma. O traçado rodoviário impiedoso avança sobre o solo como um rio sólido e enfumaçado, colide com o que restara do traçado da primeira conexão ferroviária testemunhada pelo solo fluminense. Uma sobreposição de tramas, camadas, memórias.

Agora o eixo litoral-serra, trilha Tupinambá, trilho colonial, é soterrado por anos de ocupação urbana acelerada, desenfreada, aflita. No entanto, o eixo ainda é responsável por guardar a histórias silenciadas, a contração e expansão da malha urbana, a solidificação e fragmentação das linhas, eixos e limites denunciam, apontam. Dos nativos restaram palavras, nomes, linguagem. Dos invasores arquitetura, ruínas. Da indústria, a linha dura, resistente. Vieram os carros, Brasil dos automóveis, asfalto. Cada momento uma cicatriz, na cidade, na história, na pele.





O cruzamento entre a Av. Santos Dumont e BR-493(BR-116), próximo à estrada de ferro é um espaço pouco denso e com muitos galpões subutilizados. O encontro de dois eixos de alto fluxo que fragmentam a ocupação. Existe uma circulação intensa de veículos, que apenas passam. O circuito utiliza os fluxos estrategicamente, são reposicionados e redirecionados para repensar o espaço. O circuito devolve tempo.



## **CORPO**

“Nana estudou até a 5ª série, aos 10 anos começou a trabalhar como babá, em sua própria cidade, para conseguir comprar uniforme e material escolar, logo a rotina se tornou insustentável e precisou deixar a escola. Era interessada por história, porém não consegue lembrar de muita coisa. Em Magé, onde vive, não existem museus e marcos, que não exaltem a prefeitura eleita, são incomuns. É uma cidade sem teatros ou cinemas.”

Às 18h, quando grande parte das domésticas estão habitando as rodovias – será possível habitar uma rodovia? – estáticas em relação ao transporte, em movimento em relação a paisagem, sentada observando a cidade pelas janelas ou tentando se equilibrar e se acomodar em meio aos outros passageiros, o tempo é consumido pelo defasado sistema de mobilidade que se torna a cada dia mais ineficiente, mais prejudicial a vida perimetropolitana.

O tempo perdido pelas trabalhadoras que trabalharam em média 25 anos e fizeram esse trajeto duas vezes por dia, cinco vezes por semana, equivale a 4,16 anos ao todo, é importante retomar essa informação. O suficiente para se completar uma graduação e ter, talvez, a possibilidade de repensar a própria condição. Corpo e mente exaustos facilitam a docilização.

## **INSERÇÃO**

### **[POTTERIES THINKBELTS - CEDRIC PRICE]**

Quando Cedric Price propõe os Potteries ThinkBelts na década de 60, mais do que projetar um espaço, seu desenho se compromete a questionar, instigar e impulsionar um debate essencial num mundo borbulhante de uma sociedade pós-guerra, pós-fordista. Price, se alimenta do vazio deixado por um período industrial. Ruínas de um sistema em iminente decadência. Era preciso imaginar uma estratégica arquitetônica e urbana capaz de superar a lógica industrial, as estradas de ferro abandonadas, os galpões vazios.

O projeto constrói um debate em torno das áreas abandonadas pela indústria. O desenho concede potencialidade a essas áreas e se costura junto ao debate sobre a necessidade de impulsionar a educação como meio de quebrar paradigmas e regimes cristalizados. As ruínas ferroviárias e galpões industriais passam

a compor um circuito que se infiltra no meio urbano e perfura os muros entre cidade e espaços de educação. Na busca por uma dissolução física e conceitual entre esses espaços, o projeto se propõe a articular o espaço educacional às áreas habitacionais, promovendo uma integração eficiente e natural. Os Potteries Thinkbelt se infiltram no vácuo deixado entre área de trabalho e área de morar para criar zonas de mobilidade e oportunidade, capazes de expandir a esfera educacional para além dos muros das instituições e ao mesmo tempo contribuir para construção de cidades mais eficientes. Insere movimento no espaço ao se apropriar das estruturas dos vagões como espaços de possibilidades e mobilidade. salas de aula móveis, palestras itinerantes. A quebra da construção estática questiona a rigidez arquitetônica e critica pilares de uma sociedade sólida e rígida.

Quando é possível fundir tempo de locomoção ao tempo de aprendizado, os espaços de ensino se confundem com a própria vida urbana. A educação se torna parte da experiência na cidade. Faz parte do cotidiano. Assim que a antiga estrada de ferro se reinsere no cenário urbano, é ressignificada como elemento possibilitador do deslocamento de conhecimento. O tempo se deslocando é revertido em tempo de aprendizado. O eixo serra-mar se reconstrói não mais com objetivo de movimentar mercadorias. Se refaz como a possibilidade de uma nova experiência responsável por realocar lógicas e percepções, fragmentando a fronteira entre móvel e estático, público e privado, interior e exterior como uma forma de questionamento de estruturas políticas e sociais. Um espaço que transcende camadas físicas e subjetivas. O cruzamento entre rodovia e ferrovia passa a descortinar uma redescoberta do passado e a possibilidade de um futuro. O horizonte além-mar se torna possível.



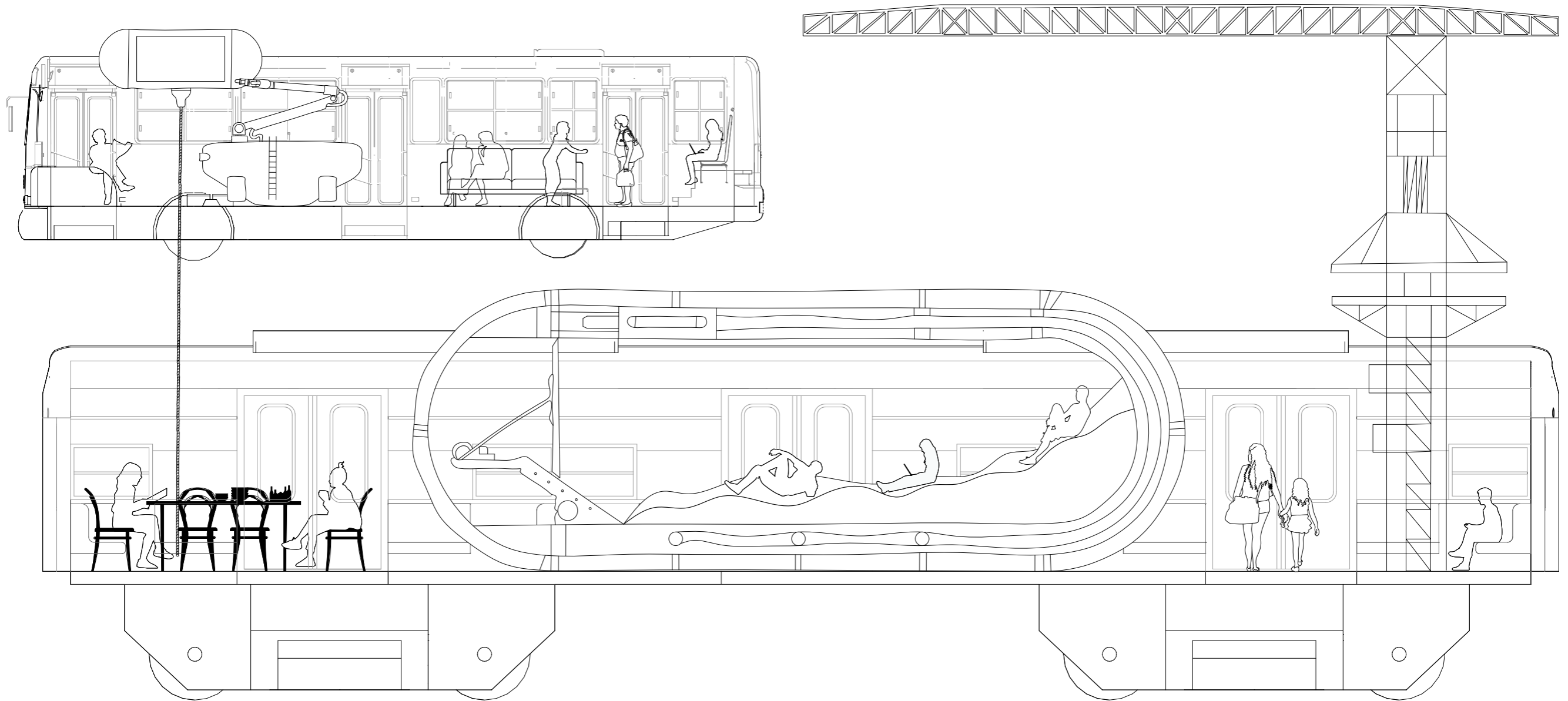


A doméstica de Magé em sua primeira visita a uma estrutura móvel que passou a parasitar os galpões empoeirados. É fascinante testemunhar um espaço que se modifica tão rapidamente e pode ser tantas coisas e nenhuma ao mesmo tempo. O projeto durou pouco tempo.









De todas as estruturas propostas pelo Circuito, as intervenções nas estruturas de transporte foram a de maior sucesso. Os eventos no transporte passaram a ser constantes. Foi possível transforpor algumas fronteiras e limites entre espaço e tempo. A mudança pulsa. Permanência e impermanências.

## REAÇÃO

A proposta inicial foi reativar o antigo trecho ferroviário e conectar todos os galpões industriais subutilizados. Utilizando as estruturas propostas por Price, ser torna possível estruturar espaços completamente flexíveis que pudessem se adequar a qualquer função. Entretanto a falta de investimento e apoio foi decisiva para um rigoroso enxugamento do projeto. Problemas burocráticos e a ausência de interesse político no projeto comprometeu a construção das estruturas abertas que seriam articuladores funcionais.

Com orçamento escasso, a equipe envolvida no projeto precisou ser extremamente precisa com a escolha das etapas a serem implementadas. De todo projeto de um grande circuito educacional que pudesse englobar as áreas inutilizadas e se conformar junto aos eixos de mobilidade, a ideia de transformar o interior dos transportes públicos se mostrou a opção mais acertada e possível.

Parte do trecho da antiga E. F. Barão de Mauá foi reativado, se conectando aos trilhos em funcionamento. Alguns vagões em atividade foram selecionados para receberem as intervenções necessárias. Em dado momento da viagem esses vagões saem da rota tradicional e passam por áreas há muito abandonadas. Contemplam o pequeno conjunto residencial, perdido em meio aos galpões industriais, com aulas e pequenos eventos.

Uma pequena frota de ônibus também foi incluída no projeto. O interior desses veículos são redesenhados, criando um interior flexível capaz de oferecer diversas atividades educacionais aos passageiros. Assim foi possível potencializar a condição móvel das estruturas de transporte a favor dos passageiros e conceder à elas funções capazes de transformar o tempo, antes consumido pelo deslocamento ineficiente, em oportunidade.

As estruturas adaptadas transformavam o espaço em salas de aula, micro-auditórios e espaços de inovação e aprendizado. Dessa forma muitos trabalhadores poderiam utilizar o tempo em trânsito de diversas outras formas. As domésticas puderam assistir sessões de filmes, participar de aulas e debates que aconteciam num espaço que se modificava continuamente.

A intervenção no mecanismo de transporte foi capaz de criar um circuito em uma zona esvaziada. Os galpões revezavam

as funções e a região passava a atrair cada vez mais pessoas. A verdade é que não era possível enxergar o futuro do projeto. Não se sabia até quando duraria, até quando seria conveniente. Tantos projetos e iniciativas sofrem por falta de apoio na periferia e não bastava somente uma intervenção dessas para modificar toda estrutura. Entretanto, se tornara possível vislumbrar realidades possíveis e, até mesmo, impossíveis.

# Dreamland:00h

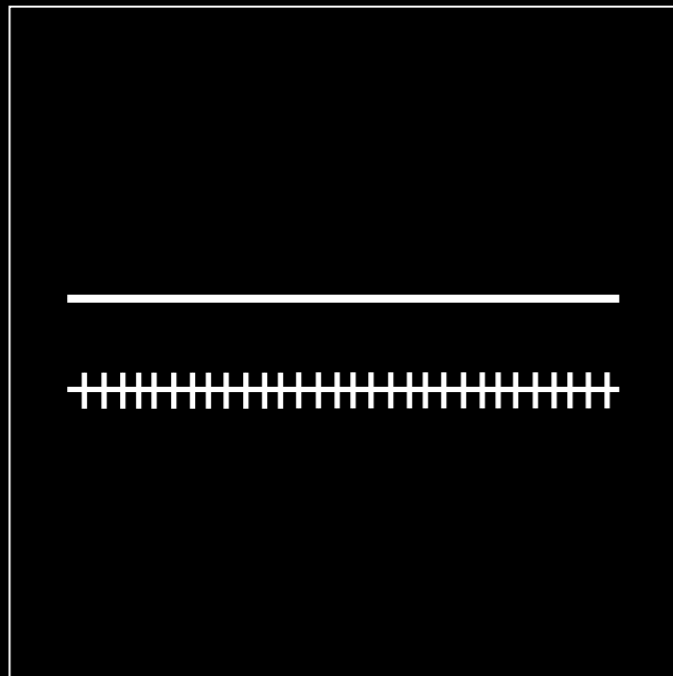
## TERRITÓRIO

O Areal Del Rey é uma empresa de exploração mineral que fornece toneladas de areia a ser utilizada em construções por toda região metropolitana. A extração de areia provoca uma brusca modificação do ambiente natural. Para obter o minério é necessário um longo processo de escavação para retirada da camada sedimentar superficial, como resultado da escavação ocorre o afloramento da superfície freática, facilitando e impulsionando cada vez mais a retirada de areia e resultando na formação de grandes lagos artificiais e uma nova paisagem.

O areal, localizado no bairro Parque Estrela, região que prosperou economicamente durante o final do século XVII e por todo século XVIII, sendo principal entreposto de comércio entre as minas (Minas Gerais) e a Corte. Ocupa uma área de aproximadamente 580 mil metros quadrados. O perímetro compreendido pela exploração mineral se localiza ao sul da BR-493 (2014) e da linha férrea do ramal Saracuruna-Guapimirm, posicionada entre rios, numa planície alagadiça.

A chegada da ferrovia e as transformações nos meios de transportes e interesses econômicos fizeram com que a, extinta, Vila Estrela passasse por um contínuo processo de decadência econômica e esvaziamento populacional. Hoje, as marcas de todo esse processo são traduzidas por um grande vazio urbano no mapa, espaço sem grandes edificações e baixíssima densidade, dominada por uma vegetação tímida, porém pretenciosa, onde se destaca os grandes espelhos d'água provocados pela extração de areia, iniciada há menos de duas décadas. A região ainda conta com ruínas de antigas construções capazes de comprovar o passado da extinta vila, porém gradativamente engolida pelo retorno da vegetação, a submersão de uma Atlântida periférica.

Nesse campo “abandonado”, a exploração desenfreada dos recursos minerais se torna propícia, tornando grandes metragens quadradas de terra em fonte de renda e produção de um capital restrito a poucos. A extração mineral está diretamente relacionada com o valor da terra, quanto mais baixo e menor as condições







Areal Del Rey



Disneyland, Walt Disney. 1955

de fiscalização da mesma, maiores as chances de se tornar um espaço dominado por atividades econômicas de intenso impacto ambiental que acontece sem remorsos ou preocupações.

“Nos países em desenvolvimento, o livre jogo da especulação e a aplicação desigual dos investimentos são em grande parte responsáveis pela formação dos lugares globais simples, como as áreas com degradação ambiental acentuada (exemplificada pelos lixões, desmatamento e mineração) e o deslocamento do habitat popular para periferia, que se mostra assim uma região com menor grau de coesão na estruturação urbana”(FARIAS,2012)

O território passa a ser desenhado pela necessidade de alguns e interesses econômicos de outros. A cidade se espraia e expande de acordo com imprudente dinâmica. O espaço da cidade é moeda de troca e especulação, da qual o interesse comum se torna invisível. Uma população de trabalhadores informais se deslocam diariamente para outras cidades em busca de oportunidades de emprego, movimento responsável por lhes retirar o direito de pertencimento ao espaço urbano onde vivem. O negligenciamento da memória e dos laços contribui para conformação de uma realidade ideal para exploração gananciosa e “livre” do solo, sem resistência ou interferência.

Espaços de lazer e convivência se tornam cada vez mais raros, os existentes e resistentes realçam uma má qualidade espacial, o futuro se perde junto a possibilidade de construção e atuação coletiva. Para as empregadas domésticas dessa cidade, a ausência de espaços públicos contribui e reforça a condição de aprisionamento do corpo que não encontra em nenhum espaço urbano a oportunidade de ação político. Seu deslocamento pelo território é consequência de políticas alheias a sua existência e roubam-lhe tempo, memória e o direito ao mero prazer contemplativo. A alienação do processo de construção da cidade é uma ferramenta crucial para o enraizamento da especulação imobiliária como motor da ocupação do solo, se tornando privilégio das classes dominantes, contribuindo ativamente para manutenção de um processo de exploração herdado dos períodos coloniais.

## **CORPO**

“É atormentada pelo pensamento de que todo tempo se volta para um trabalho interminável, desvalorizado. Pensa no tempo que passou em quartos de empregada, sem janela, nem mesmo ventilador. O tempo que passou uniformizada no parquinho com a filha da patroa, enquanto nem sabia onde estava ou que estava fazendo sua própria filha. É como se tivesse vendido a vida apreço de banana e suas lembranças roubadas.”

As ooh marca um instante em que as cidades periféricas fazem jus ao termo “cidades dormitório”, é o momento em que maior parte de seus habitantes, tendo passado todo restante do dia em outra cidade, em seus postos de trabalho, estão enfim, de volta ao município que recolhe seus impostos municipais.

O retorno para casa, apesar de reconfortante, marca um fenômeno muito comum nas cidades periféricas brasileiras, onde suas populações tem todo seu tempo revertido em trabalho e todo tempo perdido em longas horas de deslocamento: a convivência com a própria família e os momentos de lazer junto aos seus entes desaparecem num cotidiano sacrificante, reforçado pela construção desigual do território. Cotidiano coercitivo que castiga as trabalhadoras domésticas que, muitas vezes, mães, são coibidas do direito de estar junto aos seus próprios filhos.

A ausência e falta de participação na vida dos filhos, muitas vezes é transformado em sentimento de arrependimento e culpa que acompanha essas mulheres por toda vida. Uma relação humana essencial que é amputada por um cotidiano sacrificante que passa marcar não somente o corpo, mas a mente.

## **INSERÇÃO [DISNEYLAND - WALT DISNEY]**

Em pleno 2020, o então ministro da economia do Brasil, diria sobre a alta do dólar: “O câmbio não está nervoso, (o câmbio) mudou. Não tem negócio de câmbio a R\$ 1,80. Todo mundo indo para a Disneylândia, empregada doméstica indo para Disneylândia, uma festa danada.”

O parque temático idealizado por Walt Disney em meados do século 20 representava o transbordamento da fantasia para além das telas, o sonho se confundia a realidade. A ficção se materializou num projeto urbanístico, assinado por Walt Disney, que tinha como objetivo construir uma cidade de contos de fadas,



O lago artificial, consequência da atividade mineradora, parece fazer parte do projeto de Dreamland como um prefácio que antevia a construção da fantasia.



um lugar que pudesse quebrar a fronteira entre conto e fato.

O sentimento de escapismo durante o pós-guerra configurou o cenário perfeito para os grandes musicais hollywoodianos que entorpeciam os olhos com cores e figurinos deslumbrantes. O momento histórico, compôs uma atmosfera perfeita para impulsionar um impulso consumista reconfortante e alavancar as economias fraturadas pela guerra. Se desenhava cenários e realidades inalcançáveis, tão plásticas quanto consoladoras. Uma maneira de alimentar uma fantasia que seria o combustível para construção dessa nova sociedade insaciável. Inaugurado dez anos depois do fim da segunda mundial, o parque temático Disneylandia não foi tudo que seu criador imaginou, porém se tornou o símbolo máximo do sucesso da indústria cinematográfica e do fetiche “American Way Of Life”. A família classe média alta não poderia estar completa sem a viagem de verão aos parques temáticos.

Outrora colônia, em outros modelos e sistemas, após dizimar indígenas e solidificar um sistema segregacionista cruel, os Estados Unidos da América passara de colônia à potência imperialista. Sua principal ferramenta de expansão seria a disseminação de um ideal. A construção de uma fantasia potencialmente vendável. Em um cenário pós-guerra, o mundo se redesenhava a partir de uma bipolaridade ideológica. As potenciais ao norte do globo consolidavam a concentração de um poder bélico, político e ideológico. A Disneylandia passa a representar um sonho escapista, símbolo de um ideal consumista. A família branca burguesa, a partir da metade do século XX precisava realizar esse sonho, todos juntos felizes na Disneylandia, em um belo retrato. Ford na garagem, Coca-Cola no copo e a viagem de verão para o maravilhoso mundo de Walt Disney. Não demorou muito para que o sonho americano afetasse o imaginário mundial. Sonho de muitos, privilégio de poucos.

Enquanto isso, no Brasil, o patrão leva os filhos para Disney. A doméstica mal consegue ver os próprios filhos. O direito de ser a mãe como a mãe dos comerciais televisivos tivera de ser vendido em troca da sobrevivência dos próprios filhos.

A construção de um grande parque temático em uma cidade perimetropolitana representa para seus moradores a fuga de uma realidade cansativa e claustrofóbica. O antigo areal Del Rey se transforma aos poucos em espaço, não só habitado, mas sonhado,

onde o prazer se torna possível em solos distantes do centro. Uma certa fantasia se costura ao solo para construção de uma nova dimensão, um espaço além. Uma realidade possível? Seria a tradução do prazer e do sonho em espaço, em imagem. Seria possível realizar o sonho de passeio no parque com os filhos? O espaço poderia proporcionar experiências capazes de reparar um direito à muito negado? Seria permitido à essa população viver um sonho?

Dreamland é o ópio. Perfeito para uma fantasia herdada não se sabe, ao certo, de onde. Castelos medievais, casas vitorianas, lagos artificiais, fogos e cores materializam desejos de alguém que sempre viu tudo por trás de uma tela. A realidade se torna tão satisfatória que não é possível que seja real, já que a satisfação é um sentimento um tanto quanto desconhecido. A arquitetura de Dreamland é o cenário do grande final feliz, do domingo em família, da celebração entre mães e filhos. Um espaço que penetra camadas de realidade, surrealidade, sonho e ilusão numa catarse de memória e imaginação.



A foto é a única prova da plena existência de uma Disney periférica. O vestígios das futuras atrações se tornaram ruínas de um futuro que jamais chegou.

A doméstica de Magé realiza um sonho. Logo descobre que sonhava um sonho inventado, redescobre seus próprios sonhos. Na verdade descobre que pode sonhar.

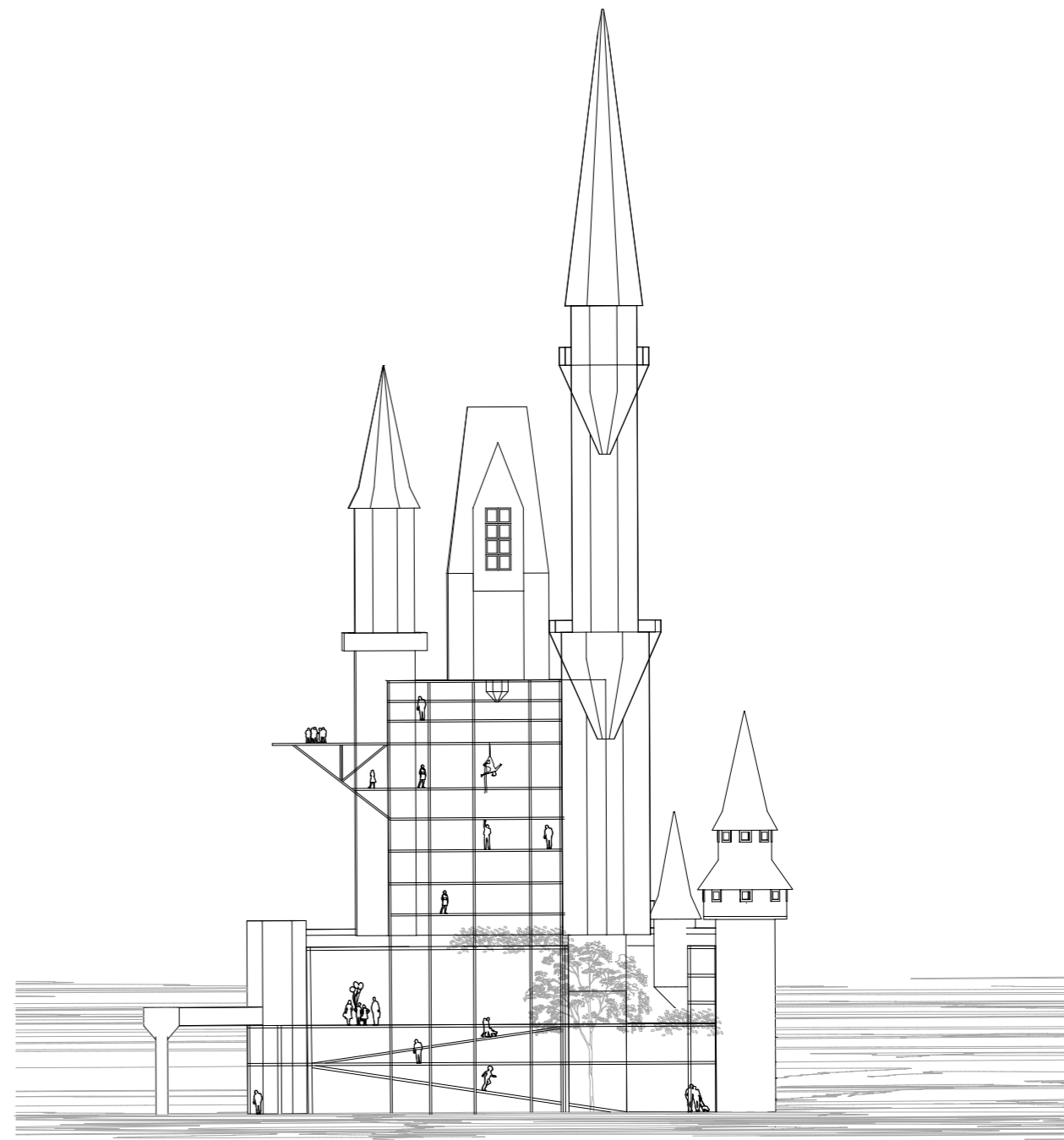
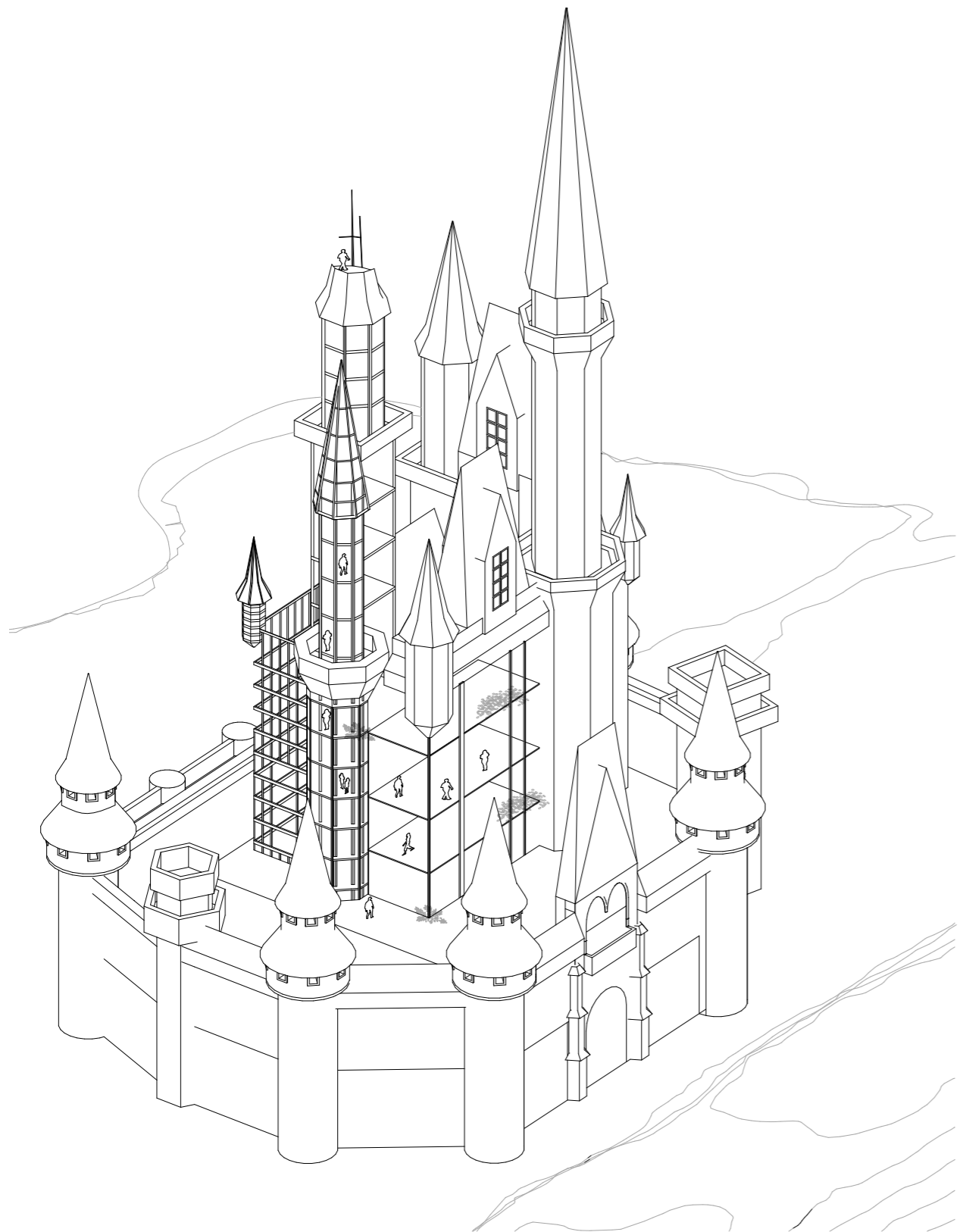






De toda fantasia, somente parte se tornou realidade. O resto é fantasia?





O cenário medieval interminado expõe a estrutura oca. O cenário é passageiro. O que há no interior da fantasia é mais alucinante do que a ideia que se tinha de fantasia. O indeterminado é o espelho de todos os desejos, a união de todas as fantasias

## REAÇÃO

Um dos candidatos à prefeito de Magé foi eleito com a promessa de levar a Disneylandia aos solos mageenses, Dreamland. A população se empolgou com a possível realização de um sonho que construído em solos tão próximos. Como funcionaria e se funcionaria ninguém sabia ao certo, muito menos quem financiaria toda essa alucinação.

Em alguns meses já era possível enxergar o skyline do parque, as torres medievais ultrapassaram as telas, eram reais, um pouco menores do que imaginavam, mas ainda sim dignas de um final feliz. O lago do antigo Areal passou a fazer parte do projeto, parecia ter sido desenhado especialmente para Dreamland.

Não demorou muito para que a obra fosse interrompida. O parque foi aberto com menos da metade do plano construído como forma de abafar a notícia de que ele jamais seria terminado, a esperança é que a euforia do povo passasse antes de que fosse possível reivindicar o termino do projeto. A tempo de sair o resultado das eleições.

Os primeiros meses foram de muita exaltação, multidões e longas filas. A empolgação era tão grande que as placas de “em construção” passaram despercebidas. Alguns meses da eleição do então prefeito as placas foram retiradas junto com os materiais que provavam uma futura conclusão. Durou pouco. O povo teve de se contentar com as poucas estruturas concluídas.

Entretanto, não só a empolgação passou mas logo se percebeu que todo aquele cenário ia ficando cada dia mais tedioso e nem se lembrava mais o nome do candidato. As formas perdiam o significado e os castelos não eram tudo que se imaginava

Toda construção foi aos poucos se tornando ruína. As estruturas expostas pela degradação e passagem do tempo resguardavam um certo mistério, certo dinamismo. Os andaimes e treliças se tornaram espaços perfeitos para uma ocupação livre e flexível. Eram várias lajes dispostas entre fragmentos de fantasia. Aos poucos cada parte era ocupada pela mente mais criativa da forma mais criativa. Dreamland estava na cabeça de cada um, no espaço que poderia ser tocado.

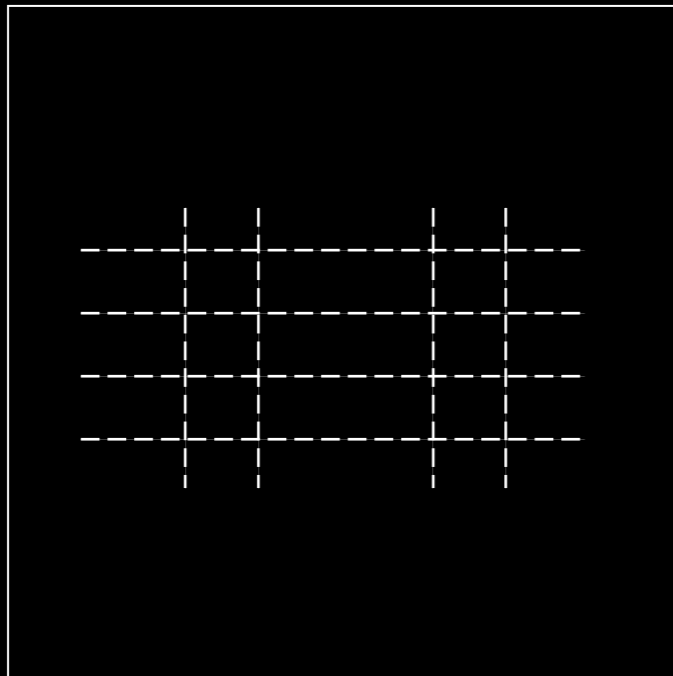
# Piscinão das Marés:00h

## TERRITÓRIO

O envenenamento da Baía representa parte de um processo de esquarteramento cultural, onde a paisagem deixa de guardar imagens e valores responsáveis por assegurar a identidade e memória de uma cidade, de um povo. Quando o banho de mar se torna um risco à saúde, a pesca vai aos poucos perdendo o significado, o mar é sacrificado. Em imagens perdidas da década de 70, durante os finais de semana, as areias da Praia do Anil, próxima a desativada estação Guia de Pacobaíba, eram destino da população operária que encontrava ali refúgio e respiro. Atmosfera propícia para construção de uma potente experiência social. O lazer era fuga, força, direito. O litoral é espaço de disputa. Uma disputa desigual.

A relação da população com o litoral tece tramas essenciais para o entendimento de uma relação entre território, tempo e corpo. A invasão europeia avança do litoral para o interior. A urbanização brasileira tem início à beira mar. Os primeiros grandes centros urbanos se consolidam próximos ao litoral, enquanto a periferia se espalha em direção ao interior, assim como o movimento de recuo indígena. No entanto, a urbanização cresce na mesma medida que a degradação ambiental, o que torna o acesso ao solo escasso e restrito, assim como o acesso a bens naturais preservados. Atualmente, as áreas de maior valor imobiliário nas grandes cidades brasileiras está diretamente atrelada à proximidade de áreas verdes e paisagens naturais. Existe uma parcela da população que lucra indistintamente com a exploração desenfreada do meio natural e utiliza esse lucro para garantir acesso às regiões privilegiadas pela proximidade de paisagens que continua a destruir em espaços desvalorizados.

O ano é 1854, de um lado a elite agrária festejava a abertura da primeira estrada de ferro do Brasil. A Estrada de Ferro Barão de Mauá, nome dado em homenagem à uma figura de







Ruínas da Estação Guia  
Pacobaíba



Piscina das Marés, Álvaro Siza.  
1966

importância na, então, corte imperial. Homem responsável por encabeçar o processo de construção da ferrovia e importação da tecnologia inglesa. A elite agrária poderia então iniciar seu processo de transição para uma burguesia industrial. A festa contou com a presença do imperador Dom Pedro II, e marcava a consolidação da região, ainda Vila, como ponto de mobilidade estratégico para imatura economia brasileira. De outro lado, muito próximo dali, a escrava Maria Conga recebia sua liberdade em assinatura, recebendo a carta de alforria aos 35 anos e se tornando importante figura feminina na luta pela abolição da escravatura e responsável por fundar um dos principais quilombos da época, hoje, conhecido como Quilombo Maria Conga, único reconhecido na Baixada Fluminense. A articulação para receber escravos fugidos se tornou exemplo para construção de outros espaços de liberdade como o quilombo do Feital, também à beira da baía.

No século XX, as indústrias encontraram na região abundância de água e solo de baixo custo. Passaram a despejar nas águas sua mercadoria e também o que não mais lhe era próprio, contaminando rios e, conseqüentemente, o mar.

A fronteira terra-mar e a relação da população com esse eixo são capazes de construir significados e significantes, elucidando inúmeros momentos de disputas e trocas entre povos.

O litoral como espaço de convívio e lazer é uma realidade relativamente recente na história do país. A ocupação colonial e suas novas cidades tinham a região litorânea apenas e simplesmente como meio de deslocamento de mercadorias. Até que um rei, de hábitos higiênicos questionáveis, passa a se banhar na água salgada por prescrição médica após uma picada de carrapato. Dom João VI, ganhou até uma casa de banho no bairro do Caju e não sabia que havia contribuído enormemente para ocupação gradativa das areias litorâneas que passaram a ser cada vez mais frequentadas, até se tornarem as regiões mais valorizadas e disputadas economicamente. A essa altura, já estava comprovada cientificamente os benefícios da água salgada e do banho para o corpo e para mente. Um conhecimento há muito conhecido pelos nativos brasileiros que possuíam o costume de se banhar todos os dias e acreditavam na água como elemento capaz de purificar o espírito.

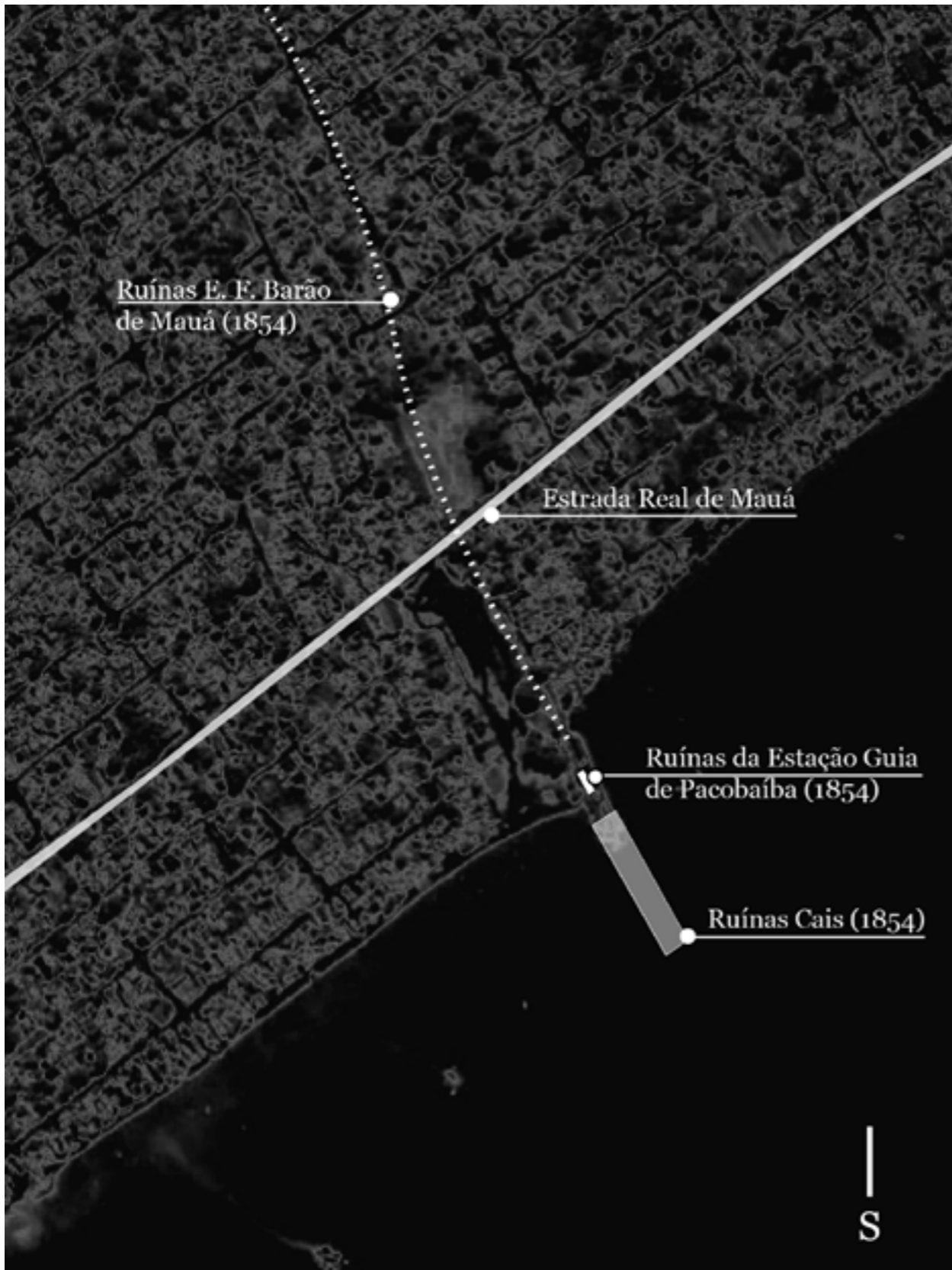
O banho fora um ritual sagrado, também, no Egito Antigo. Um

método civilizador na Grécia e um ato público em Roma. Quase abolido pelo cristianismo durante a Idade Média. No Brasil, um hábito indígena se torna uma prática aderida por europeus vindos de além-mar. Em meados do século XX, durante a ditadura, a praia se torna refúgio marginal de uma jovem burguesia descontente com o regime militar, juventude que despontaria anos depois como grandes nomes da arte popular brasileira. Em 2001, a construção do Piscinão de Ramos, uma piscina alimentada com as águas da Baía da Guanabara, após um processo de tratamento, passa a configurar um dos principais espaços de lazer em uma área periférica da cidade do Rio de Janeiro, chegando a receber 60 mil pessoas em um dia. Apesar de sua importância para comunidade, o espaço se encontra negligenciado pelas políticas públicas.

O banho, o banho de mar, a relação entre um povo e a água elucida transformações culturais, políticas e territoriais. Se em um momento o banho representa para uma sociedade prazer, deleite e sociabilidade, em outras representa uma paisagem de lamúria onde a degradação ambiental se torna espelho da injustiça e impotência. Condenação e esvaziamento do espaço público. É possível acompanhar às margens da baía o desenvolvimento de uma tensão territorial capaz iluminar um longo processo de disputa territorial.

A pequena construção de telhado colonial, com o nome “Guia de Pacobaíba” inscrito em uma das fachadas, resiste ao tempo à beira da baía junto à estrutura de ferro enferrujada que luta bravamente para manter a integridade de quando era um píer movimentado há alguns séculos atrás. Depois que o trecho da linha de ferro, compreendido entre o litoral e a estação Entroncamento, foi desativado a região ao redor da pequena construção passa por um longo período de decadência e carência de infraestrutura urbana. A estação que poderia ser um ponto estratégico de mobilidade para população da baixada fluminense, mesmo sendo o único patrimônio tombado a nível federal da cidade, esmaece com a passagem do tempo.

É necessário perceber o esforço que é feito para manter o corpo perimetropolitano em constante estado de anestesia, em uma interminável condição de cansaço e esgotamento. Um corpo incapaz de se perceber no espaço uma vez que nenhum espaço parece lhe caber. Espaços responsáveis por repelir ou



A estrutura da piscina se adapta às ruínas do antigo píer, um percurso desintegrado. A piscina se prende à extremidade da estrutura, criando um espaço negativo na baía. As águas não se misturam. As lembranças, sim.



sufocar sensações responsáveis por inscrever nesse indivíduo a pena de estar condicionado a uma anestesia política. Há resistência e há ação, porém com um consumo e gasto de energia muito maior do que qualquer indivíduo que não está condenado a passar 4 anos da vida enclausurado em transportes públicos deteriorados e ineficientes. Alcançar o lazer ou qualquer proximidade de uma experiência urbana com potência de transformação social é fruto de muito esforço e sacrifício. A cidade é ambiente hostil, não terra de todos, mas sim terra de ninguém.

## CORPO

“A hora de ir embora, apesar de representar uma certa alegria em poder voltar pra casa, é também motivo de uma angustia entrelaçada a uma frustração e ressentimento. Zuca precisa tomar banho. O banheiro social é espaço proibido aos empregados, à Zuca é destinado um banheiro sem janela de 1m por 1,40m. É importante ressaltar as dimensões, pois elas são responsáveis por gritar nos ouvidos de Zuca, todos os dias, que seu lugar é o espaço é o mínimo, o mais desagradável, a sobra arquitetônica, a senzala mascarada de área de serviço.”

Às 15h, muitas empregadas domésticas estão terminando o trabalho e se aprontando para iniciar a longa jornada de volta para suas próprias cidades. O banheiro da área de serviço da casa dos patrões, geralmente, são um tipo de “solitária” dos edifícios prisionais, porém muito menores. O banho individual e restringido às medidas mínimas se torna uma punição diária. Uma conformação espacial que toca o inconsciente de modo a permitir que esse corpo receba doses substanciais de uma experiência coercitiva de confinamento.

O trecho destacado por Foucault sobre os métodos disciplinares exercidos na colônia penal de Mettray aponta a potência disciplinar do isolamento sobre o corpo:

“O isolamento é o melhor meio de agir sobre a moral das crianças; é aí principalmente que a voz da religião, mesmo se nunca houvesse falado ao seu coração, recebe toda sua força e emoção.”(FOUCAULT, 1975)

Para além do isolamento, existe uma espécie de desvalorização da condição humana desse corpo, tratado-o como passível de habitar as sobras, longe de conforto e cuidado, inferior e menor, sendo lembrado disso a todo momento.



A piscina significa uma espécie de reconquista do litoral. Avança em direção ao mar decidida a alcançar o horizonte. Um reduto de utopia em meio à decadência iminente.

## INSERÇÃO [PISCINA DAS MARÉS - ÁLVARO SIZA]

Ao redor das ruínas do porto, inicia-se a construção de um espaço capaz de questionar os limites entre o construído e não construído, entre o natural e artificial. Uma edificação que se assenta e se conforma poeticamente ao pré-existente. A precisão do desenho e sensibilidade da construção se adequa as sinuosidades das rochas e glorifica a grandiosidade do mar. Uma costura perfeita entre humano e natureza.

O Piscinão das Marés, inspirada na grande obra de Álvaro Siza, é uma reivindicação arquitetônica. Reconstrói a relação com o mar e devolve às vítimas coloniais uma experiência urbana essencial para construção de uma nova ocupação territorial. A obra, se esgueira sobre e entre as vigas e pilares de ferro ingleses, hoje em ruínas, e redesenha um verão há muito perdido. Retornar ao litoral se torna o respiro de um cotidiano asfíxiado e solitário, o banho sagrado.

A poética da estrutura se eleva frente a toda destruição presenciada pelo território. A coexistência harmoniosa entre arquitetura e natureza para o nascimento de um espaço de plena e intensa experiência social guarda em si uma potência capaz de desestabilizar a ordem de um cotidiano disciplinar. A piscina se torna óbvia após ser construída, como não poderia estar ali antes?

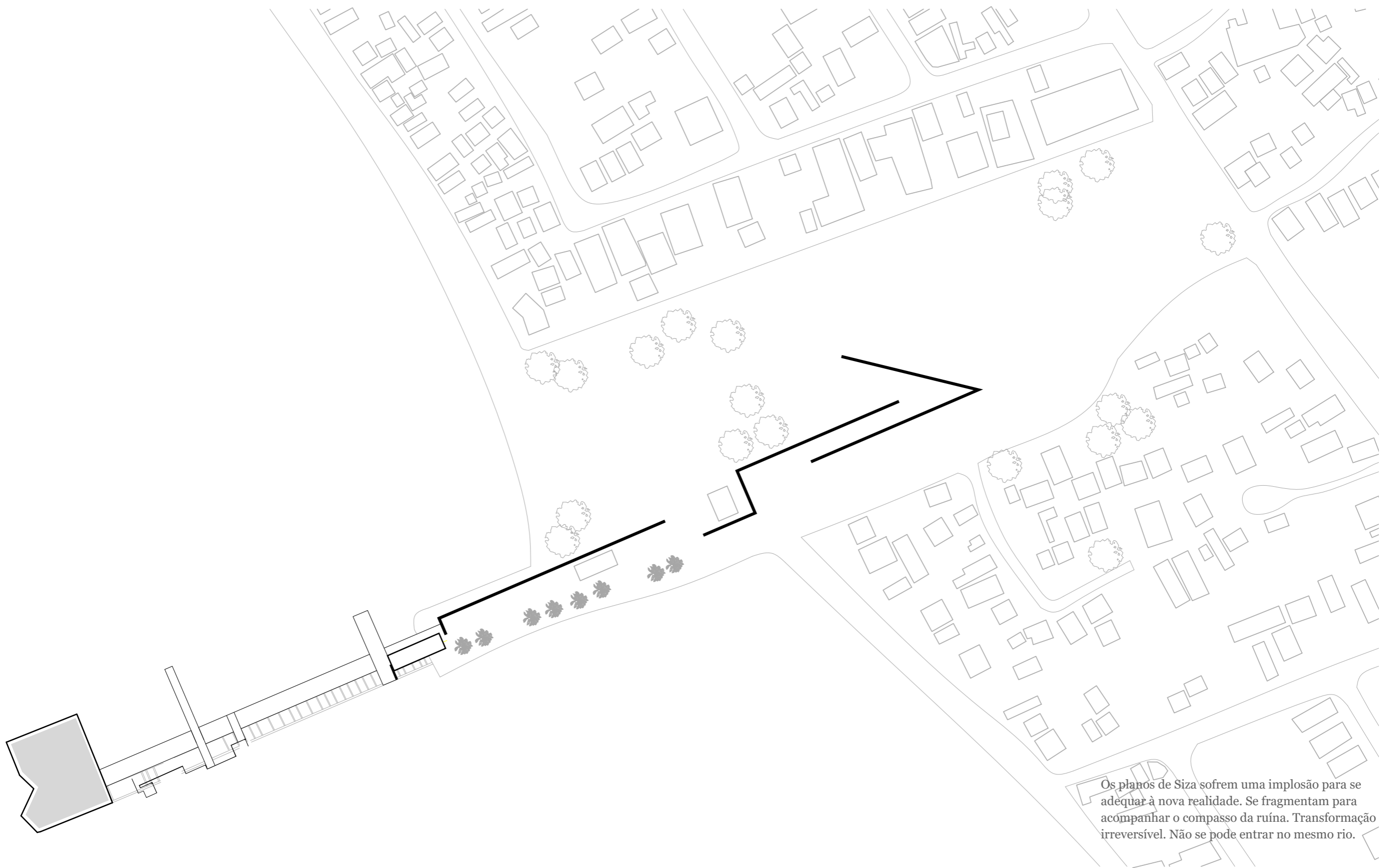
A reconquista do litoral representa mais do que a conquista de um espaço urbano, é a espacialização da possibilidade de implodir estruturas de controle e domínio. A força da piscina está na sua fusão com a paisagem. A elevação de uma imagem à possibilidade de vivê-la como uma experiência real. A experiência aqui pode ser tratada como antônimo de apatia ou anestesia, experiência espacial como uma quebra, ruptura, dor.

Do banheiro de serviço à piscina pública. É necessário visualizar a imagem de um corpo que se esgueira em um ambiente de medidas mínimas onde o chuveiro é posicionado acima do vaso ao corpo que flutua à deriva pelas dimensões de uma piscina que se confunde ou se funde ao mar. Quando a personagem Val, interpretada por Regina Casé no filme “Que horas ela volta?” (2015) entra na piscina da casa onde trabalhou por toda a vida pela primeira vez, numa urgência por ultrapassar limites nunca, sequer, questionados; é possível respirar o aroma

catártico de um corpo que desperta, que se percebe existindo.

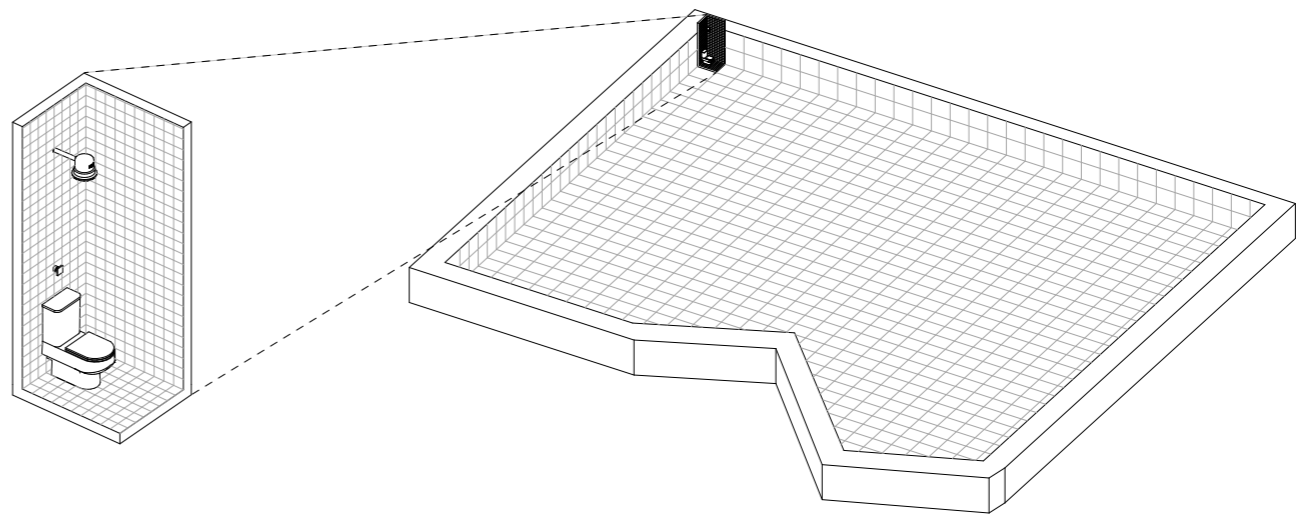
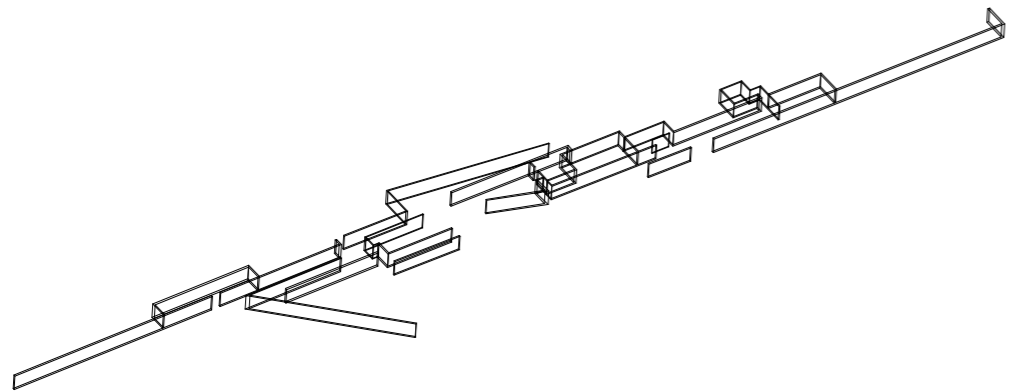
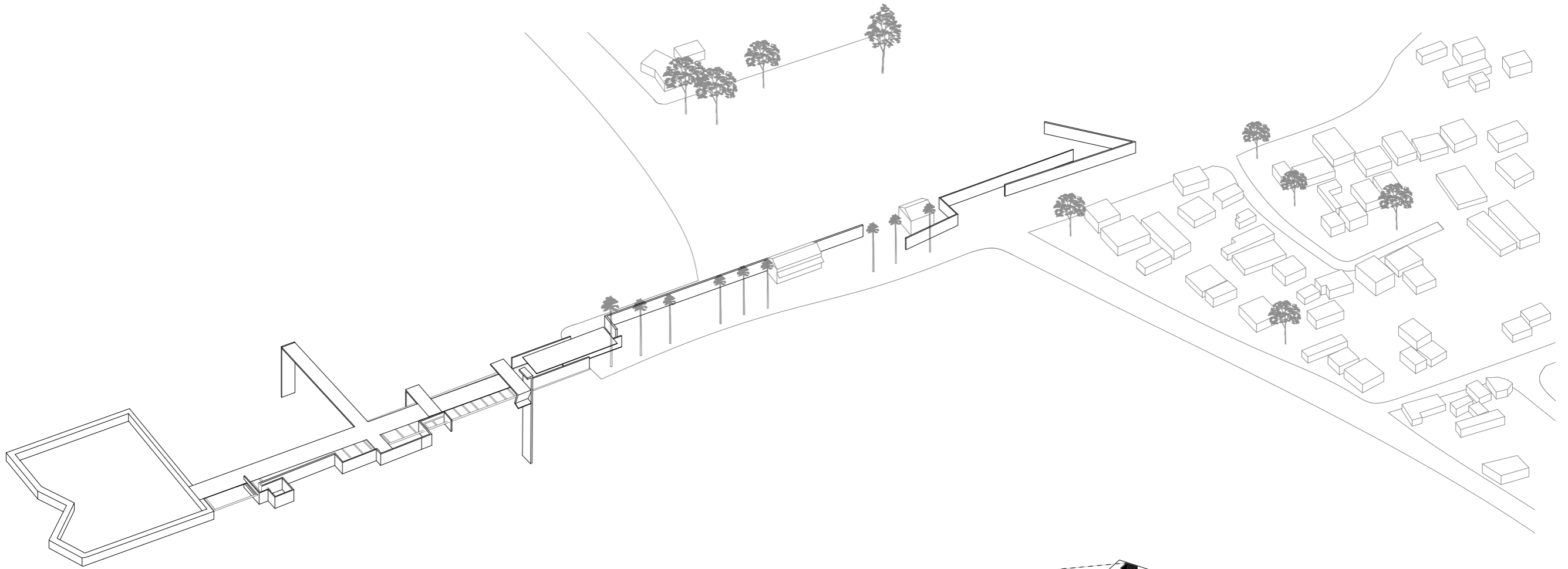
A própria existência de uma piscina com 30 metros de comprimento por 30 metros de largura em meio a baía da Guanabara, declarada morta, impulsiona o olhar para além do horizonte além-mar. Permite acessar desejos internos jamais tocados pela simples aceitação do cotidiano como condição.





Os planos de Siza sofrem uma implosão para se adequar à nova realidade. Se fragmentam para acompanhar o compasso da ruína. Transformação irreversível. Não se pode entrar no mesmo rio.





## REAÇÃO

Para se acomodar as ruínas, os planos angulares de Siza são explodidos e adequados a espacialidade existente. A verdade é que o terreno da antiga estação é um importante ponto de encontro local, mesmo degradado, as pessoas crianças aproveitam do grande espaço para brincar e aos fins de tarde as cadeiras são posicianadas em direção ao sol. Os planos tentam, cuidadosamente, não atrapalhar a dinâmica local, mas potencializar e oferecer conforto e acessibilidade, com toques de uma poesia presunçosa.

O grande ápice é realmente a piscina. A água que ocupa o espaço dentro da água que possibilita conexões intertemporais, sensações inebriantes. O espaço que já possuía certa vibração, rompe barreiras que já nem se tinha esperança de ser quebradas, apesar do desejo adormecido durante todo tempo.

As ruínas são tomadas por cadeiras, cangas e churrasqueiras improvisadas. Logo aparecem os ambulantes e a música. As ruínas do antigo pier são passarela de cores e vibração.

Por estar numa área, majoritariamente residencial, o medo e tensão de valorização fundiária começa a pairar sobre o bairro e os moradores. Sem uma regulação governamental a ameaça é constante e a euforia muitas vezes dá lugar ao temor. O litoral é espaço de disputa, já sabíamos.

# Janela do Mundo:06h

## TERRITÓRIO

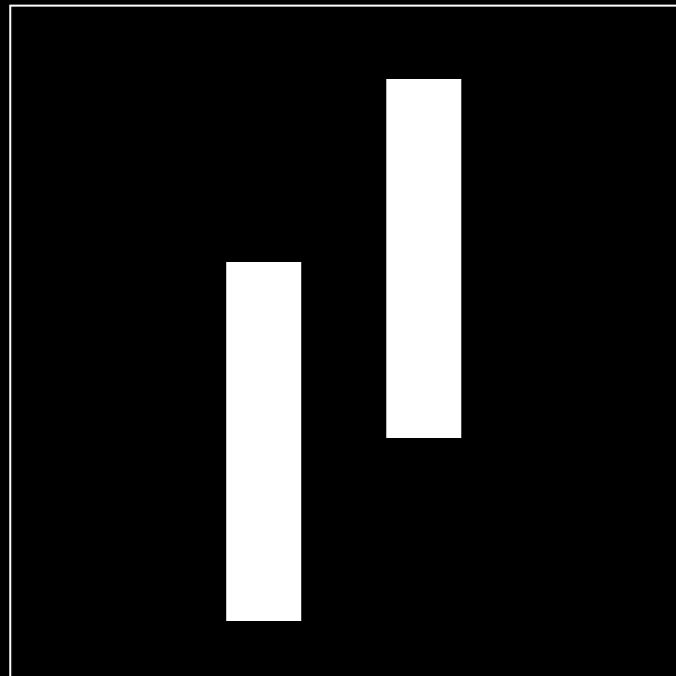
“Somente a morte extingue o pensamento. Somente a ausência de sonhos extingue uma civilização”.

- Andrea Branzzi

A incorporação da E.F. Barão de Mauá à E.F.Leopoldina, em 1898, consolida o trecho ferroviário entre a cidade de Magé e a capital. Em 1926, o trecho marítimo que ligava a estação Guia de Pacobaíba à Praça Mauá deixa de ser utilizado para transporte de cargas<sup>1</sup>. Aos poucos, a baía se distancia do cotidiano urbano da região. Longe da vista, é negligenciada. A neutralização da baía como peça fundamental da construção da urbe a torna passível de uma intensa exploração. A degradação é iminente, uma vez que se torna o principal destino dos resíduos industriais e domésticos que passaram a transbordar dos conglomerados urbanos que se formavam ao redor do litoral.

Dois anos depois, a construção da BR-040, como parte de um processo de consolidação de um modelo rodoviarista vigente no século XX acontece, em contrapartida, o declínio das infraestruturas ferroviárias. A região metropolitana do Rio de Janeiro presencia dois eventos que irão marcar a rodovia como principal estrutura de mobilidade e escoamento: a construção das rodovias BR-101 e BR-116 e, também, a construção da refinaria de Duque de Caxias em 1961, se tornando a mais completa refinaria do sistema Petrobras. Um dos principais agentes de destruição da baía e responsável, atualmente, por cerca de 4,8 bilhões pagos em impostos ao governo. Fazendo valer a vista grossa com relação a degradação ambiental provocada pela empresa.

Quando, em 1948, o trecho entre as estações Guia de Pacobaíba e Entroncamento é desativada, a estação Entroncamento se torna o epicentro de um adensamento jamais visto na região e que viria a se tornar o bairro de Piabetá, atualmente, a região mais populosa da cidade. A estação for a incorporada ao ramal Saracuruna-Inhomirim, fazendo a ligação entre a cidade e a estação Central do Brasil. Nova rota dos trabalhadores que partiam dos fundos da baía em direção à capital. Somada a construção da rodovia







Baía da Guanabara vista do litoral de Magé.



Teatro del Mondo, Aldo Rossi.  
1979

BR-116, em 1951, a expulsão de milhares de trabalhadores rurais do interior do país contribua para o adensamento à beira das rodovias. As décadas que se seguem são marcadas por um crescimento populacional vertiginoso que cresce inversamente proporcional ao desenvolvimento das infraestruturas urbanas e o desenvolvimento socio-cultural da região que se consolida como cidade dormitório e dependente da capital.

O trajeto, outrora realizado pelo mar, fazia da baía um dos principais elementos do território, cenário de fascínio por sua beleza natural. Hoje, longos quilômetros de asfalto se tornam a maneira mais comum de deslocamento na região metropolitana. O trajeto é marcado pela fumaça e o calor que distorce a imagem das longas filas de automóveis. Muitas horas em condição de deslocamento se torna parte do cotidiano perimetropolitano. Trabalhadores das cidades da Baixada Fluminense são expostos diariamente a longos períodos de estresse e tédio. A posição territorial em relação ao centro se torna responsável por uma desconfiguração do sentimento de pertencimento uma vez que a vivência na cidade se resume a uma condição de passagem, a vida atrás do vidro e deformada pela velocidade. A cidade vivenciada como espaço de ação em toda sua potencia é desconhecida por essa população. A desconexão entre corpo e espaço possibilita a manipulação da terra por forças concentradas nas mãos de uma minoria dominante.

Enquanto a maioria dos trabalhadores estão reclusos ao espaço que lhes cabe nos ônibus e trens, a cidade passa como uma vertigem. Uma fração considerável da vida é vivida nesta condição, sempre a observar a construção da cidade que acontece longe de suas mãos e de seus sentidos. A cidade se constrói como fruto da necessidade, sem leis ou diretrizes, entregue à própria sorte, muitas vezes, orquestrada por interesses e poderes questionáveis.

Nos arredores da antiga estação Entroncamento, se concentra a principal zona comercial de toda cidade conformada em torno e sobre o rio Caioba e o trecho desativado da E.F. Barão de Mauá. Atualmente com uma população de aproximadamente 245 mil pessoas, maioria mulheres, a cidade é guiada pelo traço da especulação e interesses pessoais. Não possui cinema, teatro ou qualquer área de convívio e lazer público de expressão e qualidade. A cidade que já contou com aproximadamente 11

salas de cinema, perde sua última sala durante a era Collor, um período de trevas para o cinema brasileiro. Hoje, o espaço existe apenas na memória de antigos moradores que apontam para placa amarela de ACM, do conglomerado comercial Casa e Vídeo, para mostrar o espaço em que puderam viajar, de alguma maneira, por uma janela que se abria para além de sua própria experiência. A cidade perde suas janelas e não existe interesse em reabri-las ou reconstruí-las.

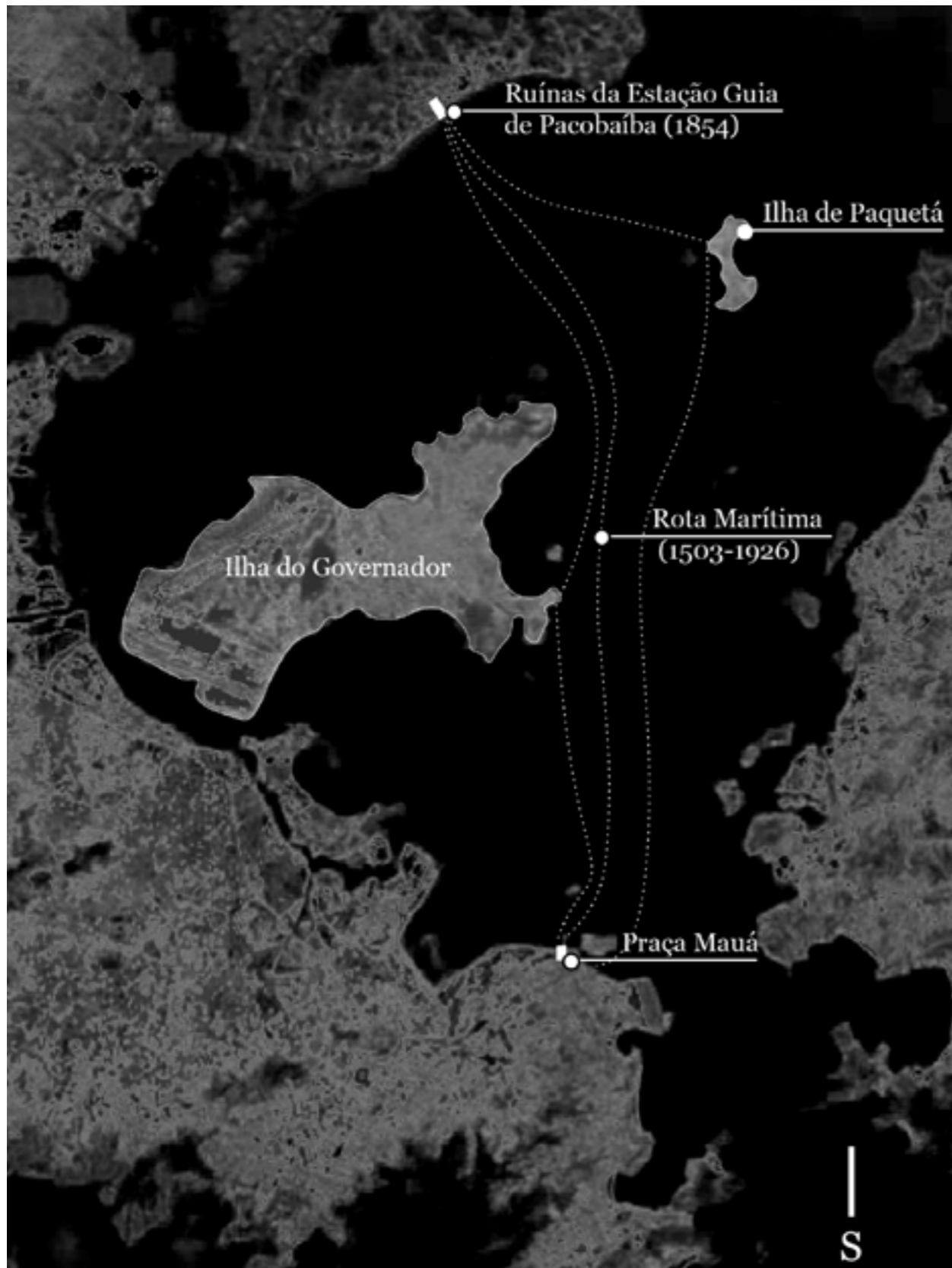
O desaparecimento de espaços de cultura e convívio, representa uma mutilação da esfera pública na vida dos indivíduos que ali habitam. O desaparecimento das salas de cinema, impossibilita qualquer tipo de fuga e prospecção de possibilidades. O cotidiano se torna cada dia mais indelével. A intensa degradação ambiental e desaparecimento dos espaços voltados para experiências coletivas com certa relevância para dinâmica urbana e disposição reflexiva, contribuem para construção de cidades e atmosferas urbanas propícias à manutenção das resistentes estruturas de poder e dominação.

## **CORPO**

“Olha novamente a tela do celular: 6h2m, tenta fazer o cálculo de quanto tempo estivera sentada naquela mesma posição. Se o ônibus saiu exatamente às 4h20m, conclui que passara 1h40m no trajeto, ainda faltava uns 20m até a Central. Somando o tempo no metrô, percebe que só conseguirá chegar no trabalho às 7h30m.”

A vida por trás da janela conforma a realidade de muitas domésticas que às 06h da manhã estão reclusas à seu assento no transporte público, quando não em pé durante todo o percurso.

São longas horas perdidas se deslocando, o que significa a privação da possibilidade de viver outras tantas experiências que gostaria. O consumo do tempo como consequência da construção de um território baseada em disputas desiguais, é uma das ferramentas de punição e disciplina sobre esse corpo que se esgota ao limite. Explorado até que perca a capacidade de ser e estar. Por outro lado, a conformação urbana contribui para conservação desse estado. O espaço público vai perdendo significado e potência.



O pequeno ponto cintilante redescobre rotas apagadas.



## INSERÇÃO [TEATRO DEL MONDO - ALDO ROSSI]

Assim que o Grande Teatro del Mondo, de Aldo Rossi, aporta nas ruínas da antiga estação de Guia de Pacobaíba 40 anos depois de sair de Veneza, é como se uma nave extraterrestre invadisse a pequena cidade fluminense. O objeto se torna estranho tanto por sua forma, quanto pela função: um teatro. A grande estrutura não se encaixa na paisagem, perde camadas teóricas e profana uma realidade há muito em “paz”.

O Teatro del Mondo é uma reverência aos teatros flutuantes construídos nos excêntricos carnavais da cidade de Veneza nos séculos XVI e XVII, uma ode à cultura e ao poder da celebração popular. A construção flutuante e efêmera utiliza a força da iconografia para traçar uma relação estreita com a memória urbana local, do local para onde foi proposto, um jogo de imagem e paisagem onde história e memória são materiais essenciais para o desenvolvimento do projeto e construção de novas percepções sobre o papel da arquitetura na cidade. Formalmente composta por um corpo robusto rodeado por torres que se conectam diretamente com as construções Venezianas. A base octogonal se eleva e recebe gentilmente a cobertura cônica, a composição se assenta pacificamente à paisagem italiana

Perdida em terras tropicais, a construção chega aos fundos da Baía da Guanabara amedrontando as pequenas construções residenciais de humildes pescadores. Um estrangeiro esquisito e perigoso. A cidade se espanta com as dimensões do objeto, porém a estranheza vem, também, do fato de ser um teatro: para que serve um teatro, afinal? Se torna uma pergunta recorrente entre os moradores. A cidade esquecera o significado da palavra e da ação.

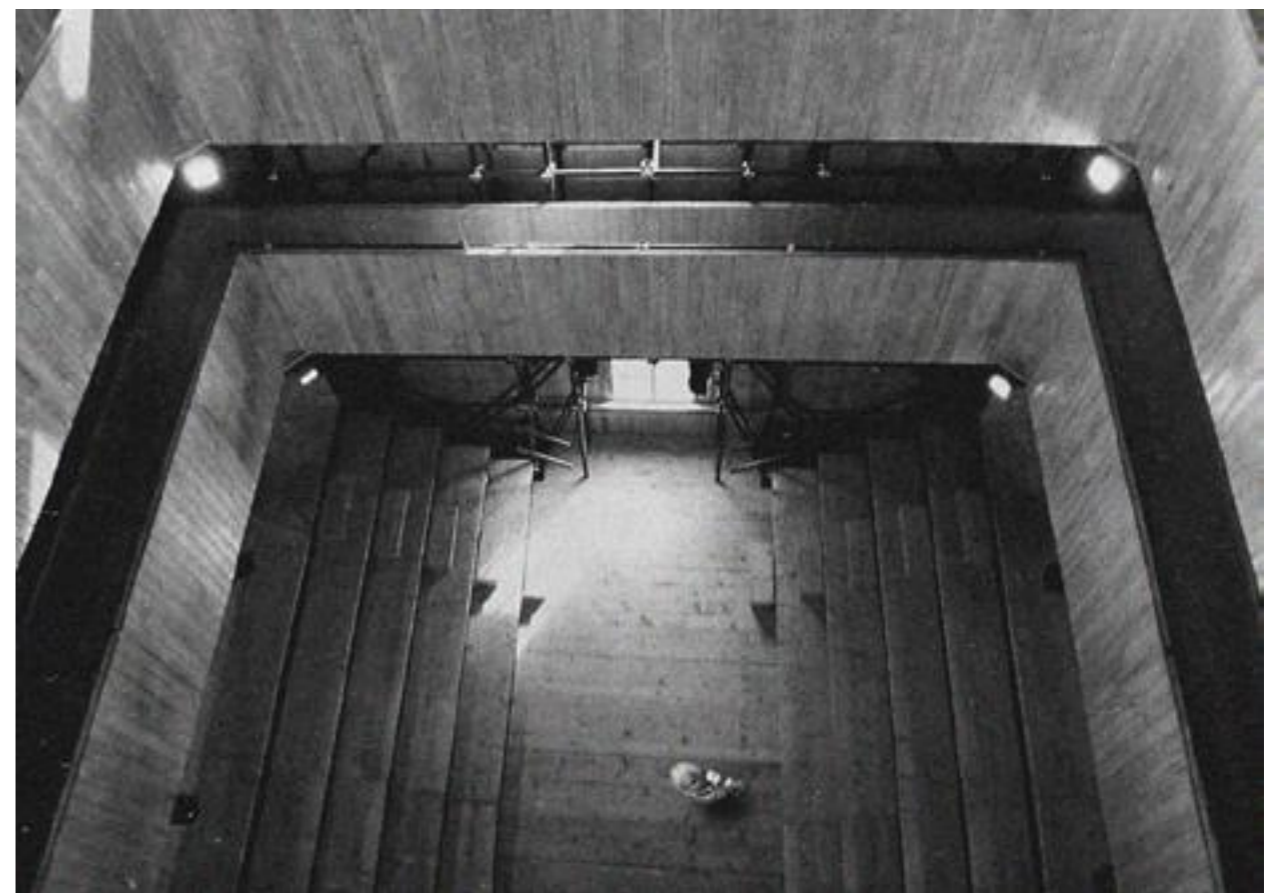
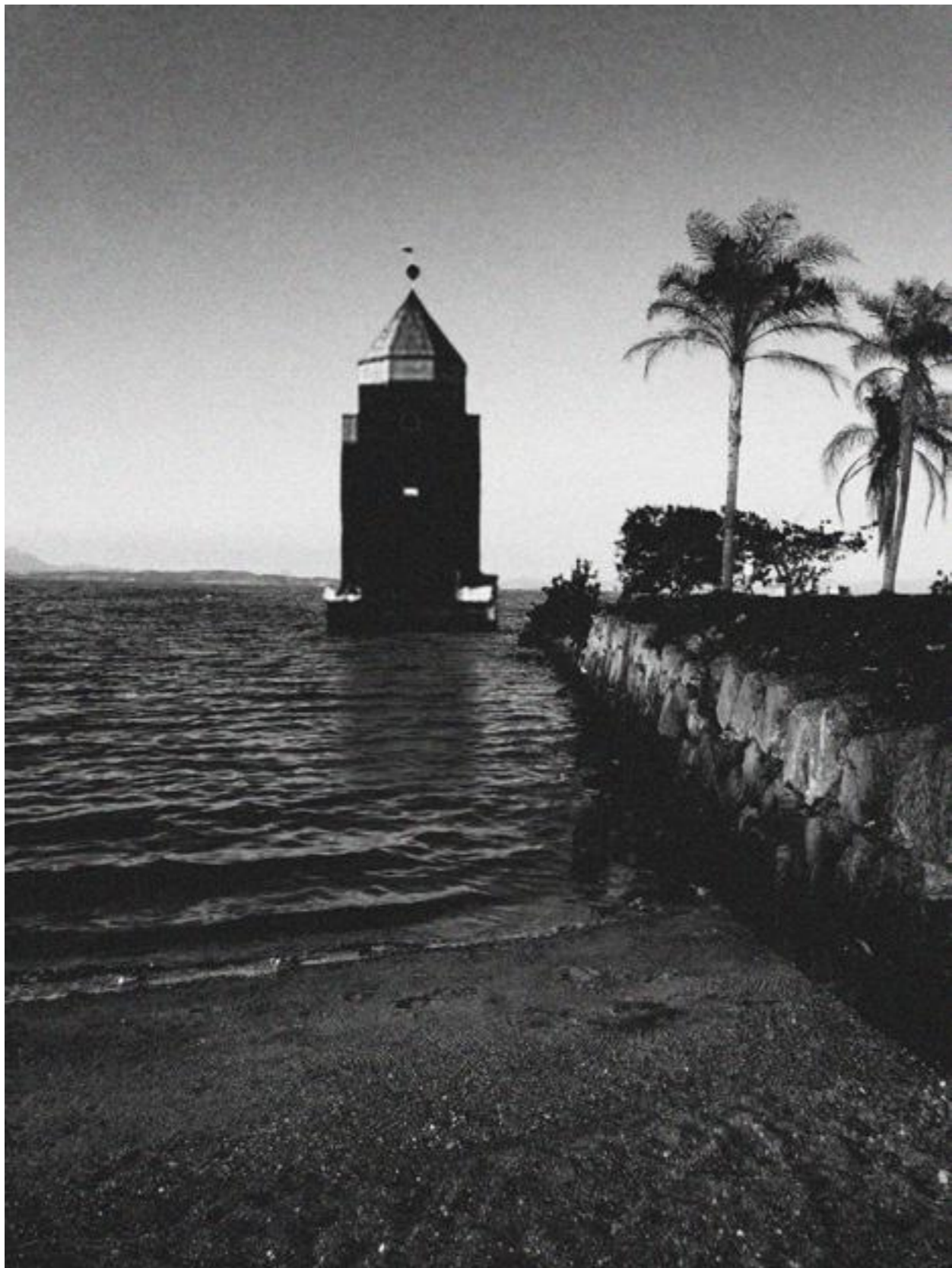
O teatro flutuante refaz o percurso marítimo realizado pelas primeiras embarcações que chegaram na região. Reconecta o centro à periferia via mar. Entretanto, o mais importante da viagem é preservado pela planta do teatro, que guarda o palco no centro das arquibancadas, uma arena que cria pontes entre os espectadores que se sentam um defronte para outro. Um movimento inusitado para pessoas que estavam condenadas a passar horas observando apenas a nuca de quem se sentava a frente, numa fila ordenada. Existe nesse novo espaço um dinamismo tão desconfortável quanto estimulante, os olhares

1.  
Em sua conferência  
“Outros Espaços”,  
em 1967, Foucault  
apresenta o conceito de  
heterotopia e discute  
sobre a condição  
heterotópica de alguns  
espaços: “a heterotopia  
consegue sobrepor, num  
só espaço real, vários  
espaços, vários lugares  
que, por si só, seriam  
incompatíveis”

se cruzam e torna possível enxergar o outro. Juntos se direcionavam para o centro, o ato teatral. A representação de um outro mundo para além daquele espaço e de suas próprias vidas. O objeto se deslocava mecanicamente no território, mas o principal movimento acontecia entre os olhares e as mentes que passavam a despertar de alguma forma. Algumas janelas voltavam a se abrir.

O teatro se torna para humanidade uma espécie de janela onde é possível se transportar de diversas formas. Enxergar além de sua própria pele, às vezes reflexo, às vezes transparência, janela. Espaço de contestação, inovação e reflexão, o teatro carrega em si uma potência heterotópica<sup>1</sup> capaz de contestar fronteiras espaciais e ideológicas. O Teatro del Mondo desafia limites do cotidiano, pontuando possíveis reflexões. Talvez, o único momento em que era permitido tal sensação, enxergar um mundo borrado pela velocidade durante horas pelo eixo centro-periferia. A cidade sem janelas agora se move em uma viagem capaz de transcender o tempo e algumas estruturas. O teatro apresenta a ruptura de um domo opaco e enclausurado.



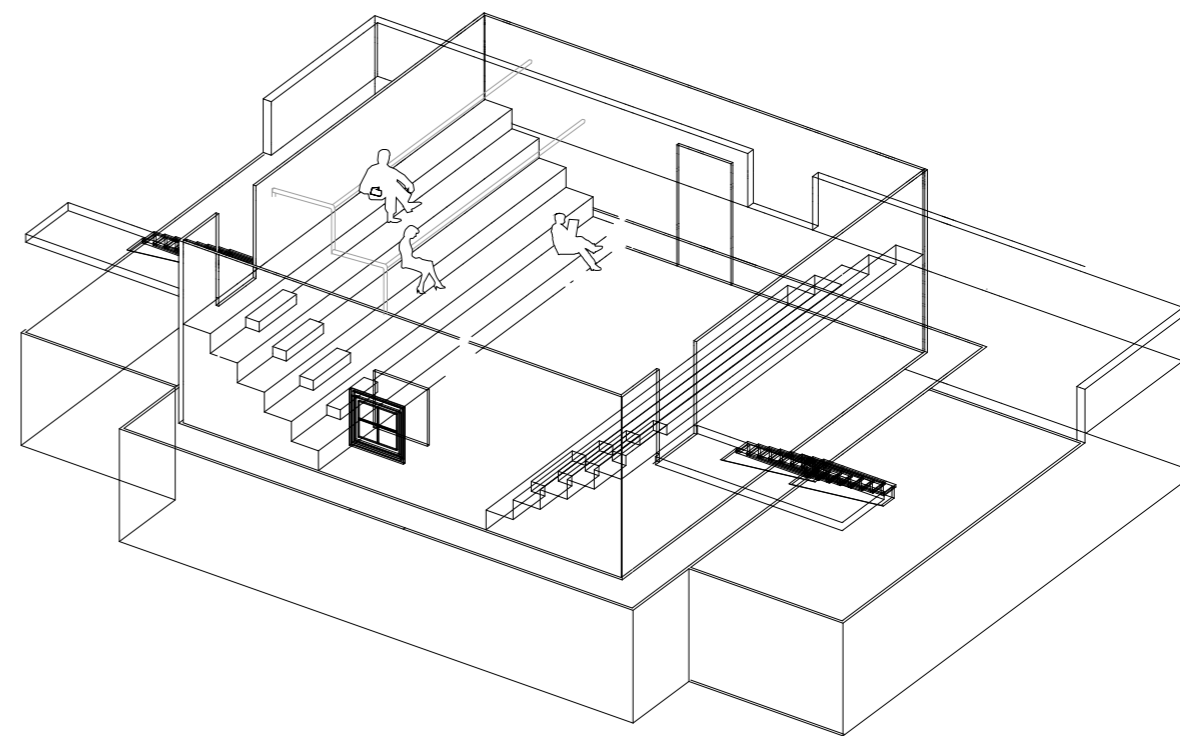
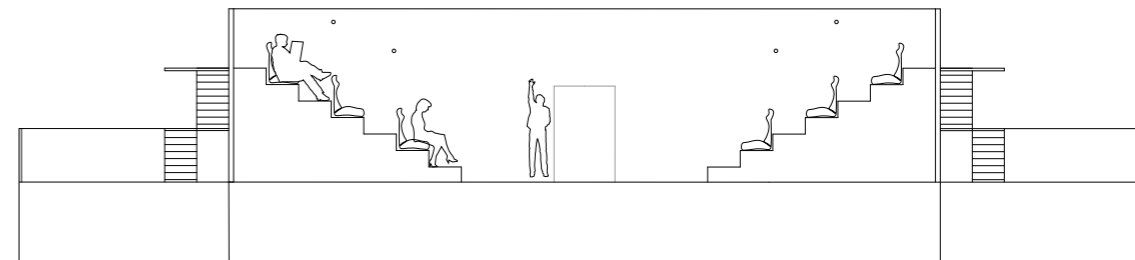
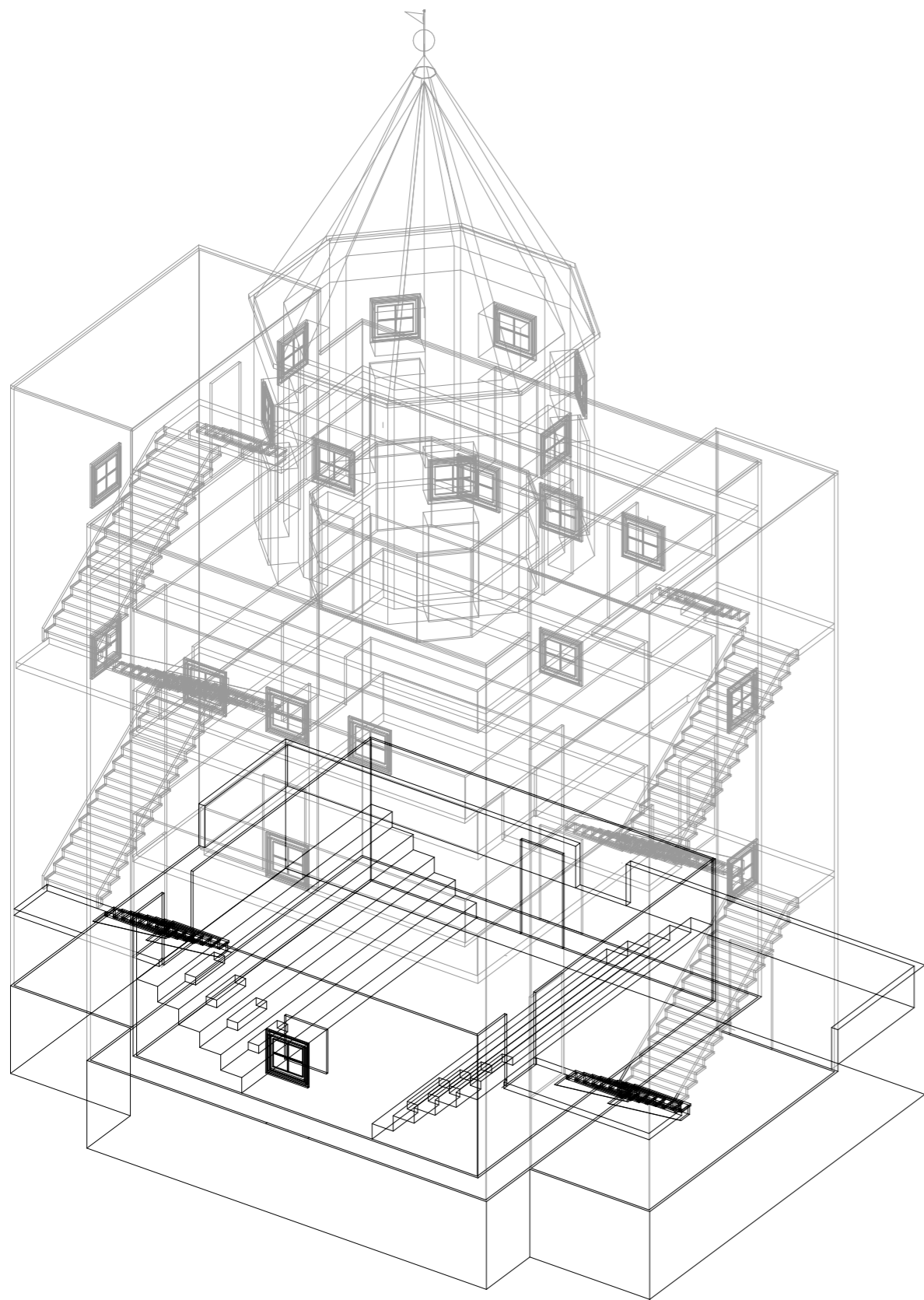


A Doméstica de Magé descobre o palco. Enxerga a cidade por um novo ponto de vista. Alcança o horizonte.

O teatro reconquista o território marítimo. A baía é dividida em atos, o ato final termina precisamente minutos antes de aportar no centro do Rio de Janeiro. É preciso tempo para aplaudir.







Aos poucos o teatro vai se despindo. O sol dos trópicos é maior que o de Veneza e a cidade não possui tanto apego às tradições. Existe um frescor criativo desse lado do hemisfério O espaço reinventa a condição de trânsito. A anestesia é substituída por adrenalina.

## REAÇÃO

Em águas guanabaráinas, o Teatro del Mondo vai se despindo aos poucos. Torres, assim como cas úpulas perdem completamente o significado nessas terras. Aos poucos a altura do objeto vai se adequando à vista das pequenas casas à beira mar. Da estrutura original resta o essencial, o palco central sobre a balsa que continua a atravessar a baía em uma experiência singular.

Apesar da falta de investimentos e inconstância de passageiros, as companhias de teatros que surgiram na região após a chegada do teatro resistem e preservam o espaço que, mesmo não sendo um meio de transporte em sí por não conseguir atender o fluxo dos trabalhadores, se torna uma opção de respiro vez e outra que se quer escapar das rodovias.

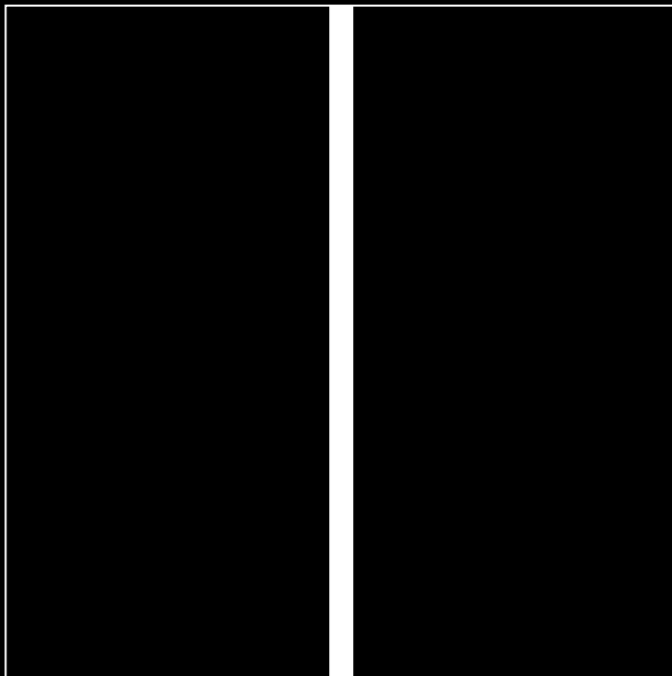
A estrutura e o espaço vai se resiginificando gradativamente e continuamente, se modificando a cada travessia e sendo apropriado de formas que Veneza jamais imaginaria. Às vezes pequenas frestas são essenciais para alcançar outros horizontes. A transformação é utópica, rupturas são como passos largos.

# Monumento Ciborgue:09h

## TERRITÓRIO

O eixo de 14 quilômetros que compreende o trajeto do primeiro trem no país é testemunha de grandes transformações no país. Foi traçado por tupinambás que o utilizavam como rota estratégica de percurso e articulação territorial. Séculos depois a rota fora incorporada pelos colonizadores que se utilizaram do conhecimento indígena para tornar o escoamento das mercadorias mais eficiente e econômico. Pouco mais de 100 anos depois, o trecho foi escolhido para receber uma estrada de ferro que, igualmente, possuía a função de otimização do escoamento da produção. Apesar da ocupação territorial acontecer em torno desse eixo, outras linhas e limites se sobrepuseram ao percurso que aos poucos foi se deteriorando e se perdendo no tempo. Entretanto, existe, ainda, marcas de um espaço que presenciou disputas cruciais para construção do espaço como se conhece atualmente.

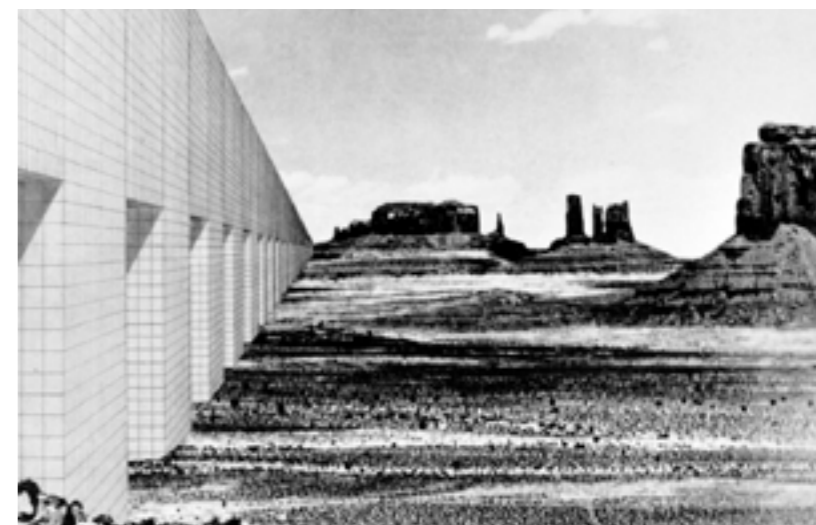
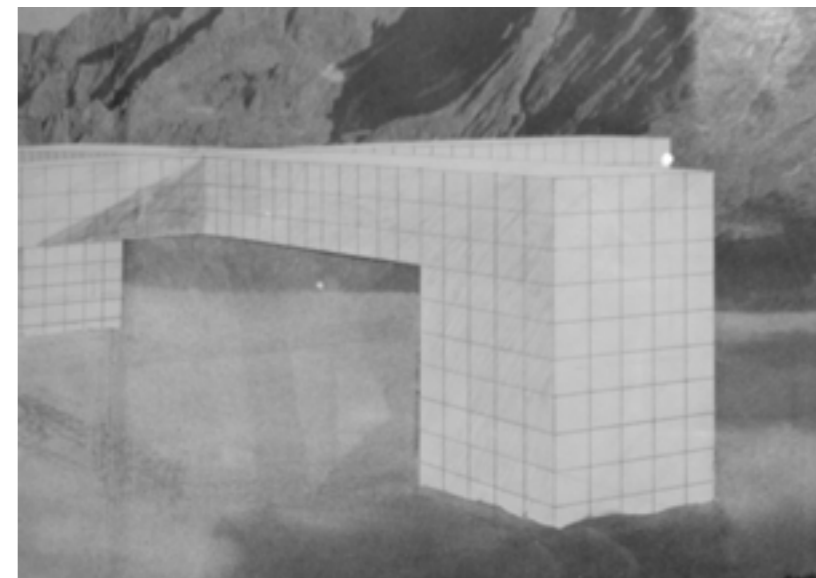
O eixo conector, durante séculos foi sendo reinterpretado por cada sociedade e seu tempo. O que fora conexão para uns, se torna limite para outros e aos poucos vai se degradando sob uma cidade que cresce sem preocupação em preservar qualquer memória. A inexistência de um trabalho de preservação e resgate da memória precede uma certa negligência com o futuro. Uma condenação ao presente contínuo significa uma impossibilidade de construção de perspectivas. A perda da memória significa a perda de uma força de luta e resistência, uma identidade fragmentada e escassa. Existir no presente sufocado pela necessidade constante de simplesmente se manter vivo. O distanciamento de uma esfera para além da sobrevivência biológica é um fenômeno que paralisa a potência de ação humana, passível de adestramento. Tal fenômeno é agravado sobre o corpo feminino e doméstico que, além de preso ao presente, é condicionado aos espaços privados, constantemente afastado de uma ação pública.







A cidade construída em torno do eixo . Fragmentos de memórias



Monumento Contínuo, Superstudio. 1969

“Das coisas tangíveis, as menos duráveis são aquelas necessárias ao próprio processo de vida. Seu consumo mal sobrevive ao seu ato de produção; no dizer de Locke, todas essas boas coisas que são realmente úteis à vida do homem, à necessidade de subsistir, são geralmente de curta duração, de tal modo que se não forem consumidas pelo uso – deteriorar-se-ão e perecerão por si mesmas” (ARENDDT, 1958)

Uma das principais características do trabalho doméstico é a necessidade de refazer as atividades numa cadência cíclica e repetitiva. É comum, por exemplo, a empregada doméstica colocar a mesa do café até 3 vezes pela manhã, uma vez que nem todos os membros da família acordam no mesmo horário. Além disso, ao retornar para casa, a maioria, precisa refazer as mesmas atividades de todo o dia, porém na própria casa. Cuidar, então, dos próprios filhos e do espaço doméstico numa repetição paranoica infundável, capaz de consumir as energias do corpo e da mente até um esgotamento irremediável.

“Os antigos raciocinavam de outra forma: achavam necessário ter escravos em virtude da natureza servil de todas as ocupações que servissem às necessidades da manutenção da vida. Precisamente por este motivo é que a instituição da escravidão era defendida e justificada. Laborar significava ser escravizado pela necessidade, escravidão está inerente às condições da vida humana. Pelo fato de serem sujeitos às necessidades da vida, os homens só podiam conquistar a liberdade subjugando outros que eles, à força, submetiam à necessidade.” (ARENDDT, 1958)

Ao corpo comprometido com trabalho doméstico (98% feminino e 89% negro no Brasil) é exigido a manutenção da vida do outro frente à sua. A condição de manutenção da vida do outro lhe é imposta em todas as esferas da vida, incluindo em seu próprio espaço de habitar, sua casa. Sendo destinado a maioria dessas mulheres toda função de manutenção da vida biológica. Para além das paredes do domus, a cidade se torna responsável por escravizar e limitar esse corpo uma vez que o agravamento das condições de mobilidade e distâncias consequentes do espraiamento da ocupação urbana tiram desse indivíduo grande quantidade de tempo e, no caso das mulheres, restringe a mobilidade de seu próprio corpo em razão da insegurança e de espaços que priorizam a liberdade do corpo masculino. A ausência de infraestrutura urbana básica, como iluminação pública, pode significar um cerceamento do corpo feminino em esferas públicas, assim como esse mesmo corpo muitas vezes é ameaçado e precisa estar sob um constante estado de alerta e medo.

A sobrevivência por sua vez anula qualquer tipo de experiência para além da própria necessidade de se manter viva. Assim, a cidade como ambiente hostil e repulsivo anula qualquer tipo de participação política capaz de incentivar a superação de uma condição alienante e repressora.

## CORPO

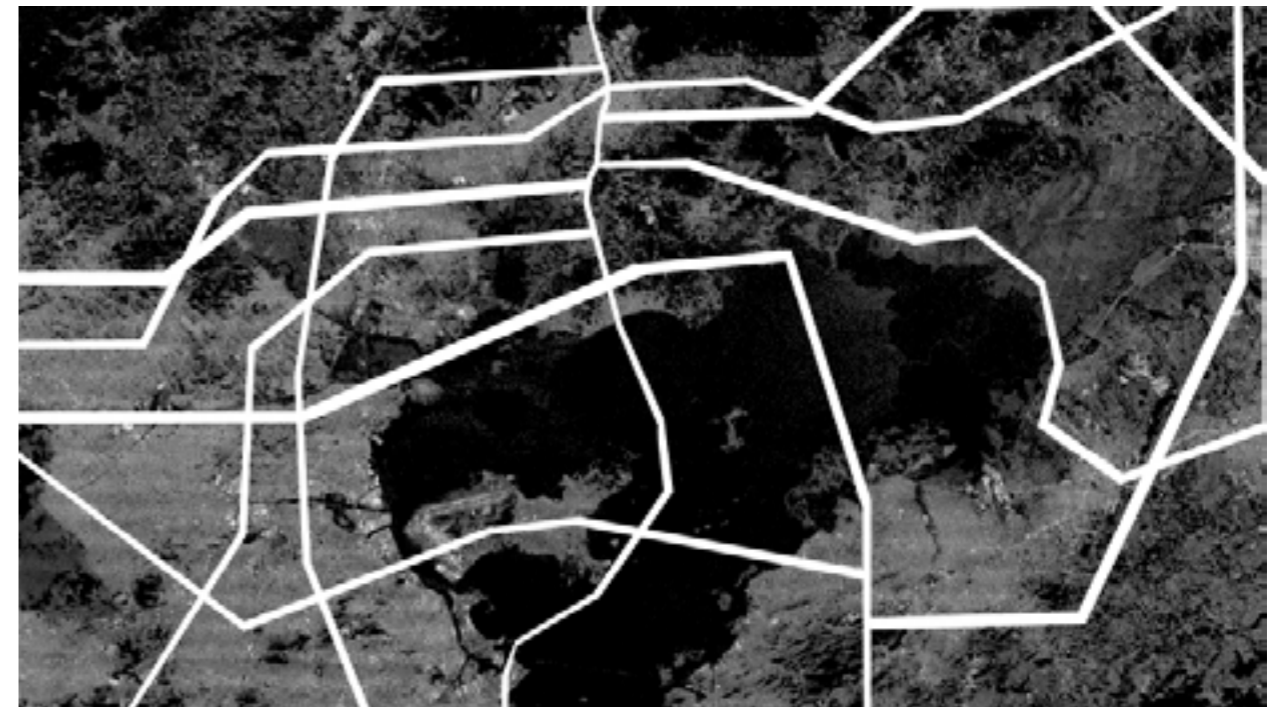
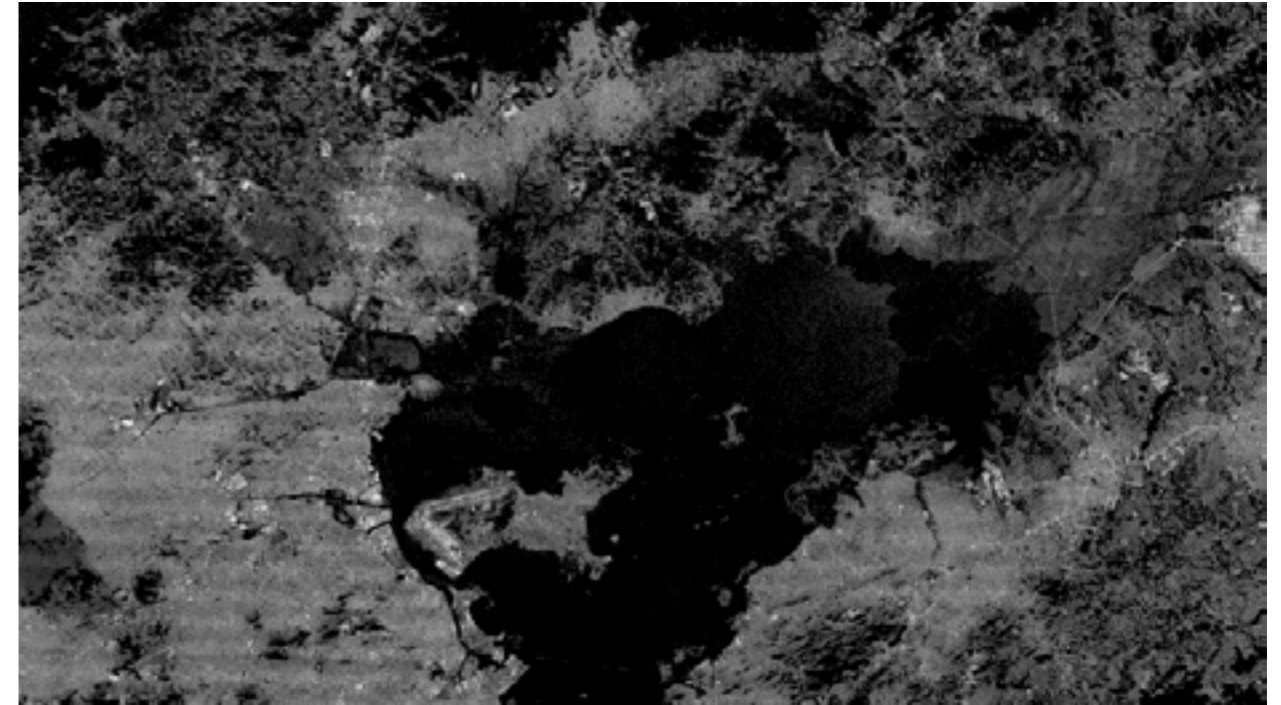
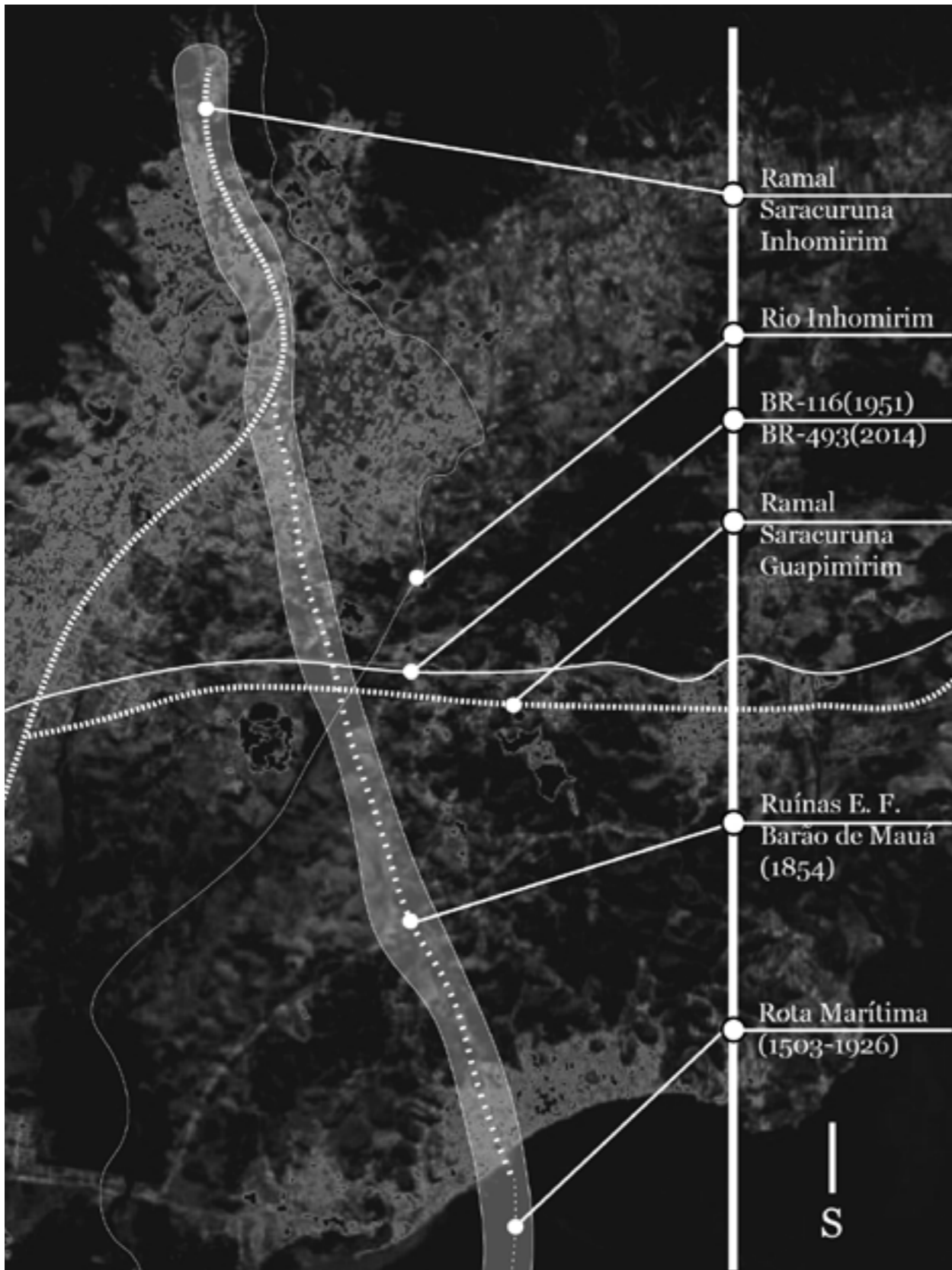
“Cris arruma a mesa do café da manhã pela segunda vez. Às 8h, precisou arrumar a mesa para o Sr. Cavalcante. Às 9h a mesa precisa ser repostada para Dona Claudia que precisa seguir à risca sua dieta, milimetricamente calculada e aproveita para lembrar Cris que ela precisa usar o uniforme. Cris odeia usar o uniforme, a roupa parece marcar seu corpo como pertencente a uma categoria inferior, serve para lembrar à ela e à todos sua posição como serviçal. Após retirar a mesa de Dona Claudia, Cris leva Gucci, o bulldog da família, para passear, enquanto Juninho não acorda, este quando se levantar precisa ter a mesa posta novamente.”

“Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo. Os movimentos internacionais de mulheres têm construído aquilo que se pode chamar de “experiência das mulheres”. Essa experiência é tanto uma ficção quanto um fato do tipo mais crucial, mais político. A libertação depende da construção da consciência da opressão, depende de sua imaginativa apreensão e, portanto, da consciência e da apreensão da possibilidade. O ciborgue é uma matéria de ficção e também de experiência vivida – uma experiência que muda aquilo que conta como experiência feminina no final do século XX. Trata-se de uma luta de vida e morte, mas a fronteira entre a ficção científica e a realidade social é uma ilusão ótica.” (HARAWAY, 1985)

O Ciborgue, para Donna Haraway, é um personagem capaz de elucidar toda sua pretensão e apreensão com relação ao desenvolvimento de ferramentas capazes de atualizar a resistência em relação aos meios de opressão que se atualizam junto ao desenvolvimento tecnológico e científico. Assim como o território se modifica constantemente como reflexo de um mundo em constante mutação e tensionamento que priorizam e selecionam corpos, o Ciborgue seria, também, a evolução do corpo para reagir às imposições dominantes. É o ser que possui a capacidade de borrar as fronteiras.

“É uma imagem condensada tanto da imaginação quanto da realidade material: esses dois centros, conjugados, estruturam qualquer possibilidade de transformação histórica.” (HARAWAY, 1985)

Seria necessário transpor alguns limites para superar condições históricas, lógicas urbanas estratificadas. A cidade que perpetua estruturas e hierarquias coloniais para além da paisagem, para além do que os olhos podem ver, somente pode ser superada a partir de um indivíduo capaz de reagir a tal imposição se munindo de armas à altura, atualizadas. Complementando sua teoria,



Seria possível conectar diversos pontos no espaço por uma dimensão que pudesse superar o real?



Haraway, ainda destaca um fato importante no movimento de resistência:

“Assim, meu mito do ciborgue significa fronteiras transgredidas, potentes fusões e perigosas possibilidades – elementos que as pessoas progressistas podem explorar como um dos componentes de um necessário trabalho político.” (HARAWAY,1985)

## **INSERÇÃO [MONUMENTO CONTÍNUO - SUPERSTUDIO]**

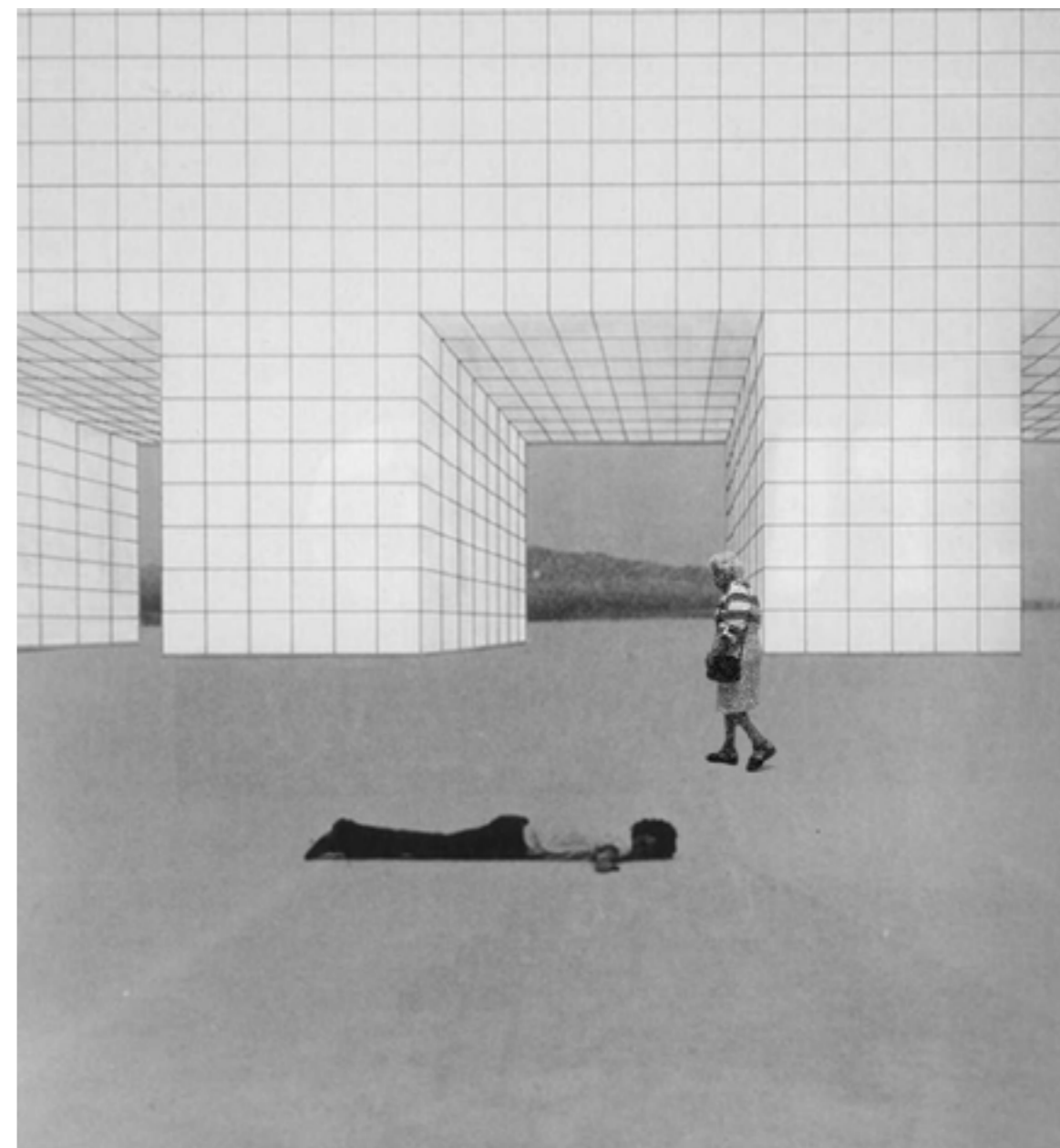
Um monumento capaz de se infiltrar nas sinapses e intercepções urbanas e sociais se constrói como um dispositivo que ultrapassa as fronteiras do material e imaterial, físico e não físico com objetivo de superar amarras sociais solidificadas. Uma dimensão outra se estende sobre a realidade, costurando dados, imagens, corpos. Transpõe telas e ruas como uma rede virtual na qual seus tentáculos podem capturar realidades ordinárias e extraordinárias. Um monumento que inclui e conecta a todos e representa uma realidade possível, ora real ora virtual. Onde seus habitantes estão aptos a trabalhar numa mescla de real e virtual apenas como ferramentas para construção de um mundo outro, um espaço onde todos se igualam e possuem a mesma condição de deslocamento e ação.

“seria a tentativa de destruir o sistema existente para abrir caminho para o estabelecimento de um novo sistema, livre de divisões, do colonialismo cultural, violência e consumismo.” (HARAWAY,1985)

“Nós estávamos perseguindo a utopia de um mundo livre e uma vida livre do trabalho, uma `vida sem objetos”, a planificação das dimensões em uma dimensão única onde todos seriam capazes de se movimentar livremente independente de sua condição biológica ou qualquer outro tipo de diferenciação, uma atmosfera que possibilita uma realidade de vivência que torna a experiencia da vida possível a todo individuo de maneira igual” (HARAWAY,1985)

O monumento ciborgue se fundiria ao corpo tornando possível que todo indivíduo estivesse liberto da manutenção da vida e pudesse então transcender a partir de uma experiencia virtual com repercussões reais. O monumento possibilita a existência de uma rede de comunicação direta e constante que articula a organização de um organismo com força suficiente para alterar rotas e origens.

O monumento ultrapassa os limites territoriais e espaciais, superando parâmetros como velocidade, tempo. Um espaço outro





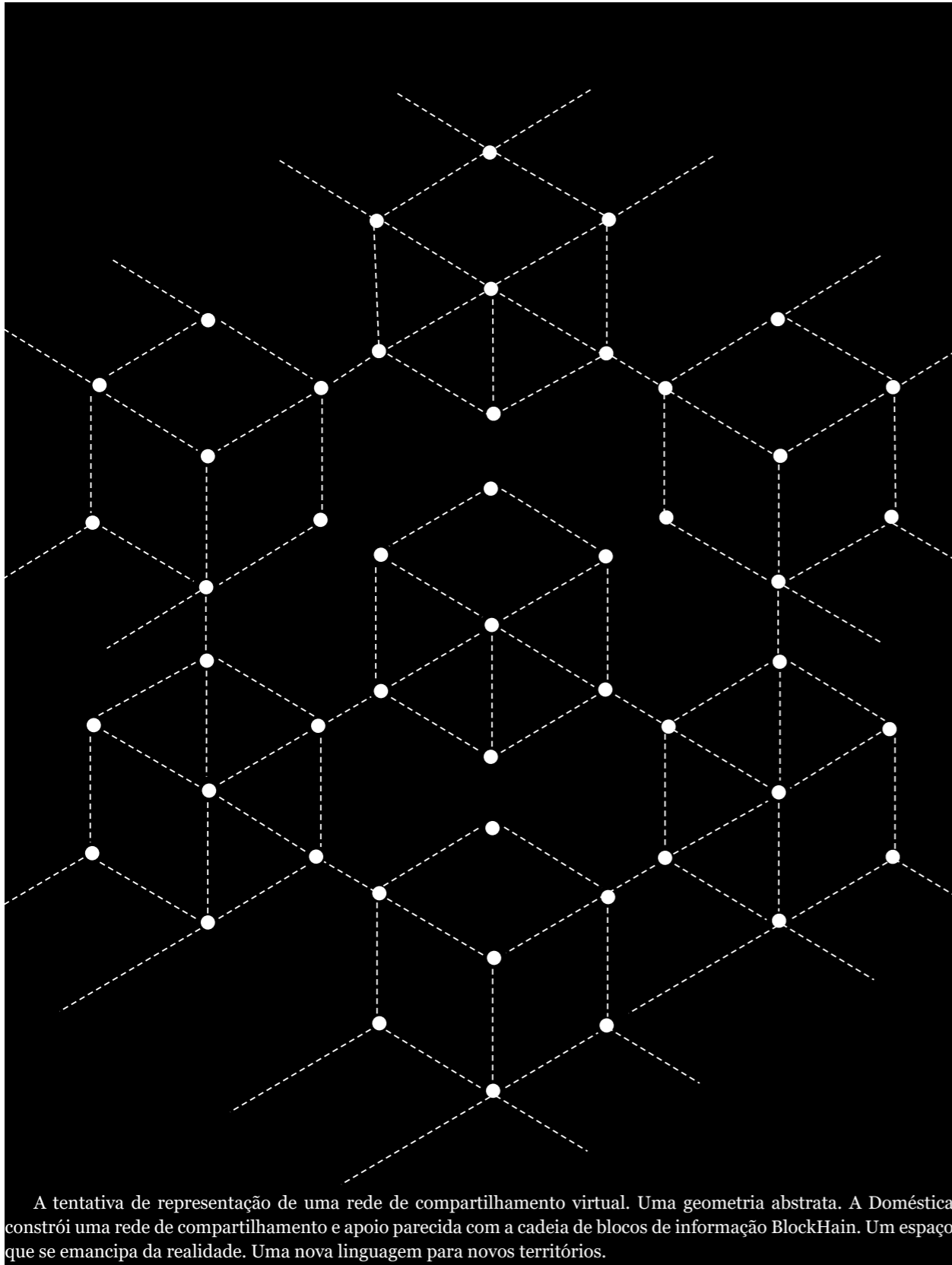
A doméstica de Magé caminha despreocupada. Seu corpo não precisa lutar nem resistir. Se pode estar em qualquer lugar em qualquer horário. A rede concede uma força inimaginada ao corpo. Liberta.

que possibilita a existência de uma rede de compartilhamento de dados e experiências capazes de fortalecer os indivíduos envolvidos e sua própria existência num mundo real, se tornando cada vez maior, eficaz e inteligente, concentrando em si todas as funções para sobrevivência confortável. Promove a libertação do corpo para um estado pleno de existência e limpo de impurezas coloniais. A construção não se entende mais como arquitetura, se arquitetura é apenas o que tange a pele.

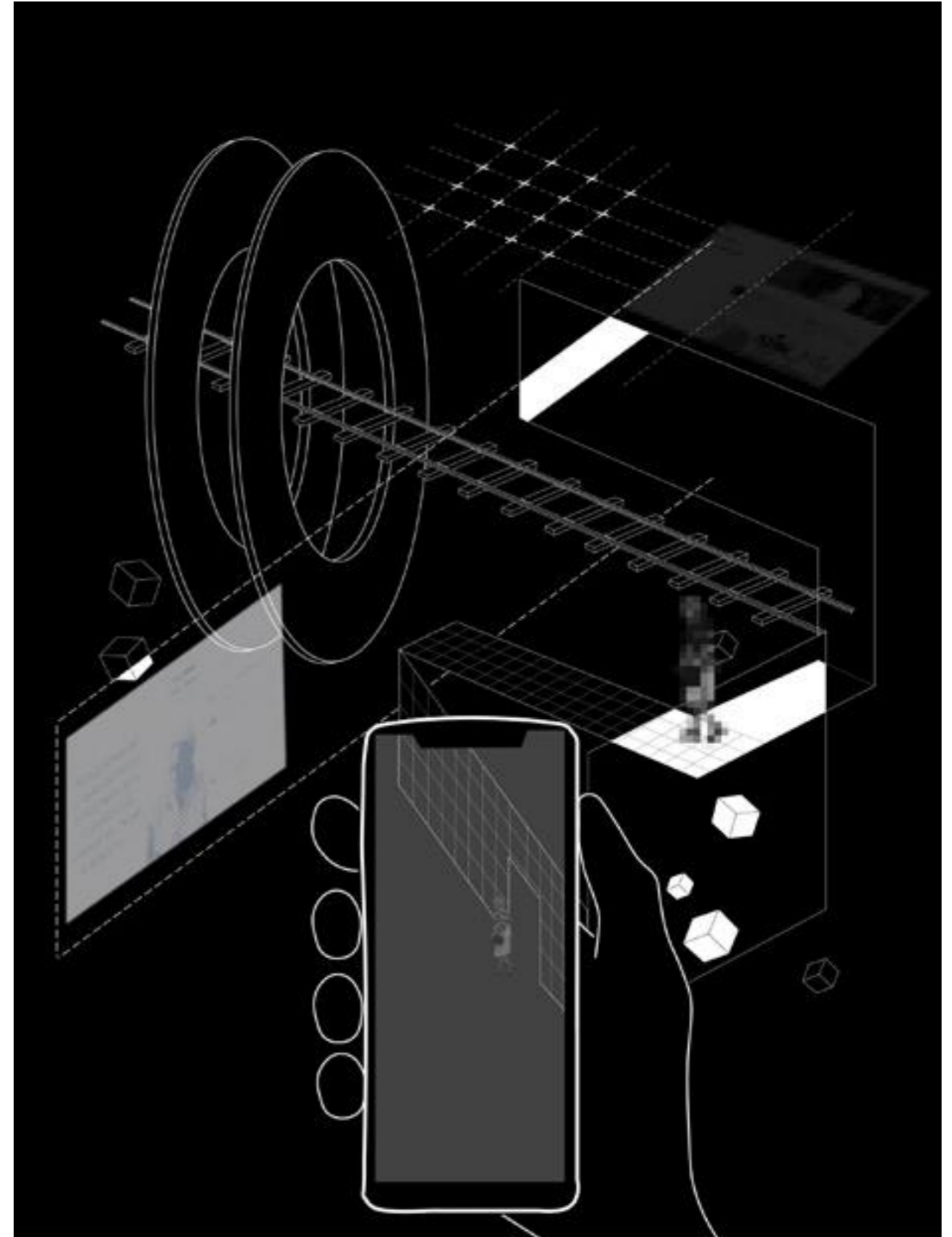
“A arquitetura é alocada, singular e persistente. A mídia é em rede, imediata e dinâmica”(PRECIADO, 2014)

Todavia, ainda assim, é uma construção contínua e em constante expansão que busca a todo momento o inconcebível, a eternidade. Se torna implacável ao romper estigmas culturais e políticos, rasgando horizontes de forma que não reste ao indivíduo o peso do conformismo. O Monumento Ciborgue encontra no Ciborgue de Haraway sua principal fonte de abastecimento. Talvez fosse ela uma releitura do Ciborgue? E, até mesmo, o próprio Ciborgue? Poderia a Doméstica ser Ciborgue?

“O gênero ciborguiano é uma possibilidade local que executa uma vingança global. A raça, o gênero e o capital exigem uma teoria ciborguiana do todo e das partes. Não existe nenhum impulso nos ciborgues para a produção de uma teoria total; o que existe é uma experiência íntima sobre fronteiras – sobre sua construção e desconstrução.” (HARAWAY, 1985)



A tentativa de representação de uma rede de compartilhamento virtual. Uma geometria abstrata. A Doméstica constrói uma rede de compartilhamento e apoio parecida com a cadeia de blocos de informação BlockHain. Um espaço que se emancipa da realidade. Uma nova linguagem para novos territórios.





## REAÇÃO

O esperado é que o Monumento Contínuo fosse apenas uma inspiração conceitual, uma vez, que parece ser o projeto mais utópico de todas as inserções. Entretanto, sua estrutura e pretensão se mostram uma das mais paupáveis e presente nos dias de hoje. Não se sabe se o desenvolvimento dos primeiros estudos e pesquisas sobre a construção de um mundo virtual, uma rede intangível, influenciou o Superestudio ou se seria possível que as colagens surrealistas do grupo poderiam de alguma maneira ter representado horizonte para o processo de desenvolvimento dos sistemas computacionais. A verdade é que uma rede capaz de conectar a todos, um espaço comum e democrático de ação que superasse o material estava contido nas pretenciosas colagens.

A utopia é inconstante e está no que não se pode imaginar ainda. O que pode ser pensado é passível de existência. Existe ao ser pensado. E muitos pensaram, idealizaram um espaço extremamente democrático e livre de hierarquias sistêmicas, onde todos poderiam ter voz e se comunicar. É inegável a potência de luta que pode se tornar, mas também de opressão, inevitável.

Em território periférico as mídias sociais passam a representar essa rede, capaz de conectar vozes e potencializá-las. Entretanto as hierarquias e estruturas de opressão não deixaram de existir nem mesmo nessa nova dimensão. Contudo, se torna um dispositivo impulsionador de conexões e trocas capazes de promover pequenas implosões, pequenas utopias.

# Ruínas Possíveis

Passados alguns anos e tantas estações, não se sabe ao certo se alguns minutos ou milhares de luas cheias, as inserções começaram a ser marcadas por fissuras e rugosidades diante de uma condição inexorável de transmutação. Tudo que há rui, mas não se finda. A finitude é um mito. A ruína é um estado de constante transformação, é a reivindicação da matéria, o retorno ao que pulsa.

As obras escolhidas para as inserções denunciam a colonialidade do saber. Num ato quase automático os cânones se antecipam numa ordem de pensamento e se apresentam como uma materialização da civilidade a ser alcançado, entranhada. Um referencial impregnado no aprendizado e na construção do conhecimento. Recorrer a desenhos e programas tão distantes da cidade, do chão em que pisamos, se tornou hábito natural que não, necessariamente, deve ser demonizado, mas constantemente questionado. Constantemente contestado.

A colonialidade tão presente nos processos de urbanização brasileiras, intrínseca na própria noção de urbanização, insistem em se acomodar nos processos de reurbanização. “Mãos torturadas também podem torturar”<sup>1</sup>. Os espaços urbanos se conformam como reflexo de um tempo e de uma sociedade, a percepção do tempo e do mundo são moldados pelas tensões que permeiam tal sociedade até que seja reivindicada uma ruptura. A reivindicação por si só é uma rachadura. Porém, é necessário entender que a própria contestação também carrega cicatrizes do objeto de contestação. É necessário se entender como corpo. Como matéria consequente para, então, realizar rachaduras mais profundas. A potência das inserções está no processo de desconstrução delas, o início da ausência justifica a presença. Paola Berenstein é extremamente precisa ao resgatar um trecho da entrevista de Viveiros de Castro<sup>2</sup>, em 2011, explicando sua expressão “descolonização permanente do pensamento”:

1.  
Julia Raiz é responsável pelo prefácio de América (2020), o atentado poético performativo de Francisco Mallmann. O texto de Julia é uma reivindicação, uma declaração de guerra. Um desabafo latino-americano.

“Deixar de ser “colonialista de si mesmo”, subordinado às ideias mestras, às ideias-chave de sujeito, autoridade, origem, verdade. A descolonização envolve esse duplo movimento, o reconhecimento da descolonização histórica, sociopolítica do mundo, e os efeitos que isso tem sobre a descolonização do pensamento. O adjetivo “permanente” significa, por isso, que o pensamento tem uma tendência natural ao colonialismo; a inércia do pensamento conduz o pensamento a se acomodar em soluções milagrosas, esquemas fáceis, mecânicos, rígidos, um certo colonialismo intrínseco de todo pensamento. Evita-se, assim, transformar o pensamento em doutrina, em igreja, seita. Resiste-se à padronização, à normatização, à paradigmática do pensamento”.

”Um monge descabelado me disse no caminho: Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha ideia era de fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam. Porque o abandono pode não ser apenas de um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro. (O olho do monge estava perto de ser um canto.) Continuou: digamos a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo. E o monge se calou descabelado.”

Manuel de Barros, Ruína

O contexto vivido pela Doméstica de Magé é fruto de uma história guiada por uma lógica cruel de dominação, geradora de desigualdades crônicas, escravização do pensamento. Esse corpo é fruto de todo esse processo, entretanto, é também um corpo capaz de construir e costurar novas percepções e estratégias de resistência (ROSA, 2014). A condição nômade da Doméstica também lhe concede uma posição de mediadora (VELHO; KUSCHNIR, 2001). Uma vez que transita cotidianamente entre diferentes territórios e classes, promovendo não só conexões e trocas constantes, mas adquirindo uma capacidade de apropriação e interpretação das diferentes realidades que lhes são expostas e impostas.

Essa mulher adquire o que Thais Rosa vai chamar de “saberes de deslocamento”, saberes inerentes a um cotidiano de constante deslocamento. Construído a partir da coexistência ou sobreposição de significados e apreensões. A assimilação de tantas territorialidades, símbolos e códigos passam a compor uma experiência urbana única que carrega a potência de criação de redes e articulação da informação. A partir da percepção de um corpo que perfura cotidianamente diversas dicotomias (formal/informal, legal/ilegal, luxo/precariedade, sagrado/profano, público/privado), se constrói estratégias únicas de construção da vida cotidiana a partir de perspectivas deslocadas de fronteiras binárias, ainda que vítimas dessas lógicas.

As 8 interlocutoras, sem exceção, participaram ativamente da construção da própria casa. Acompanharam a construção desde a marcação da fundação. Algumas atuaram como assistentes do pedreiro que guiava a obra, muitas vezes pais ou maridos. No processo puderam ter amplo conhecimento dos materiais utilizados, do orçamento e da técnica. Sabiam o valor, para além do valor econômico, de cada metro quadrado da construção. As residências, consideradas por elas inacabadas, sofrem constantes subtrações e adições. A ausência de uma imagem final do projeto agrega à construção a possibilidade de transformação de acordo com a vida de sua moradora que, inegavelmente, busca uma “melhoria” constante.

A Doméstica de Magé carrega também a potência da construção que se reflete no território em que vive, marcado pela intensa construção e desconstrução. Muitas vezes ruína e construção se confundem, se sobrepõem. A construção não

caminha para um fim. A construção é fruto de um corpo que vive num espaço descontínuo e instável. A conversa fiada possui uma potência essencial na construção do cotidiano periférico. As longas distâncias percorridas e o tempo em trânsito acumulam brechas para novas narrativas e possibilidades de articulação. A Doméstica de Magé carrega em si, ainda que inconsciente, uma antropofagia genuína.

**“Tínhamos a justiça codificação da vingança. A ciência codificação da Magia. Antropofagia. A transformação permanente do Tabu em totem.”**

**- Oswald de Andrade, Manifesto Antropófago(1928)**

A Doméstica de Magé se vinga. Magé reage. As inserções são devoradas pouco a pouco. Nada sai ileso desse processo. Aos poucos as espacialidades de projetos, vindos não se sabe bem de onde, ganham contornos e intervenções necessárias, inevitáveis.

A inserção, posicionada com mãos positivistas, ganha desdobramentos imprevisíveis, é atingida por um contrafeito, é atingida por um disfuncionalidade amedrontadora. A finitude é um mito. O mais importante está em todos as mortes e nascimentos que cabem dentro da busca pelo mitológico fim. Essa busca se torna insaciável uma vez que se sabe o que acontece entre o nascimento e a morte, mas o que acontece entre a morte e o nascimento? Está aí a parte do círculo que falta para alguns e compreendida por outros.

As inserções vão sendo devoradas e vomitadas num longo e constante processo de digestão. O cruzamento de forças e tensões passam a compor um campo tão vasto, quanto complexo, de possibilidades. O projeto está na palavra, no desenho, no espaço, na pele, no real e no irreal. É preciso compreender as multiplicidades para ouvir as vozes que ecoam de tempos outros, é preciso pausa.

Passados alguns tempos, as inserções traçam trajetórias próprias. A ficção constrói as imagens do que poderia ser, ou foi? (ou é?). Imagens são construídas a partir de desejos e apreensões, mas se mantêm abertas como sendo apenas etapas de um devir implacável. O projeto é a junção de projeções, fragmentos de imaginação. Existe a partir disso. A Doméstica de Magé devora. A reivindicação é a primeira rachadura.

**“TU NOS DEVES UMA HISTÓRIA AMÉRICA, e não temos medo da ruína porque fomos nós que construímos tudo a sua volta!”**

**- Julia Raiz em América (2020)**



**Atos de Transfiguração: Receita para fazer um santo(2015), Antônio Obá.**

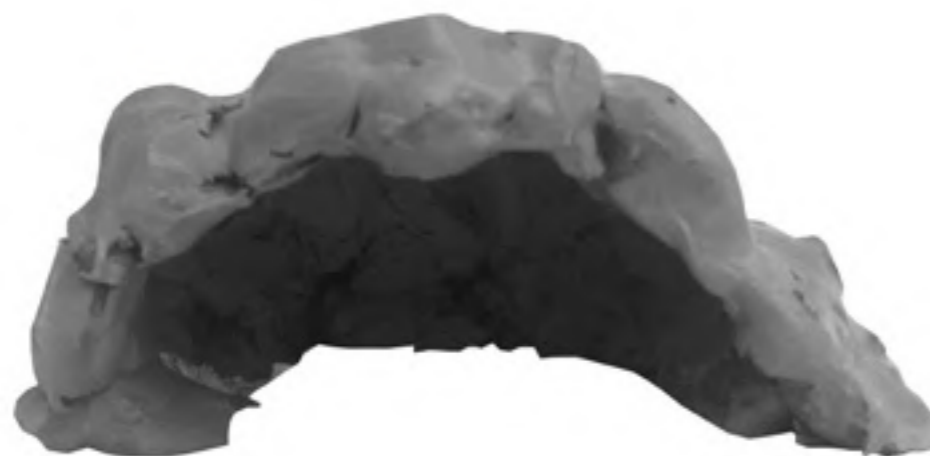
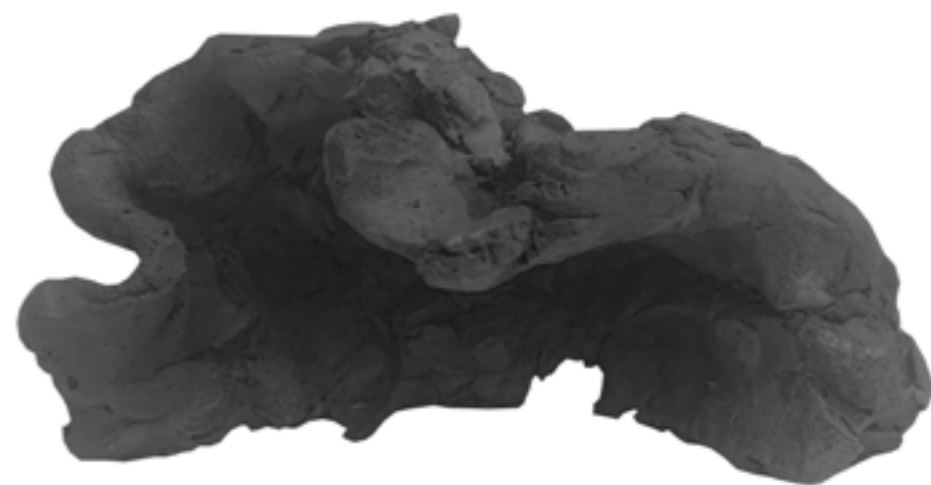
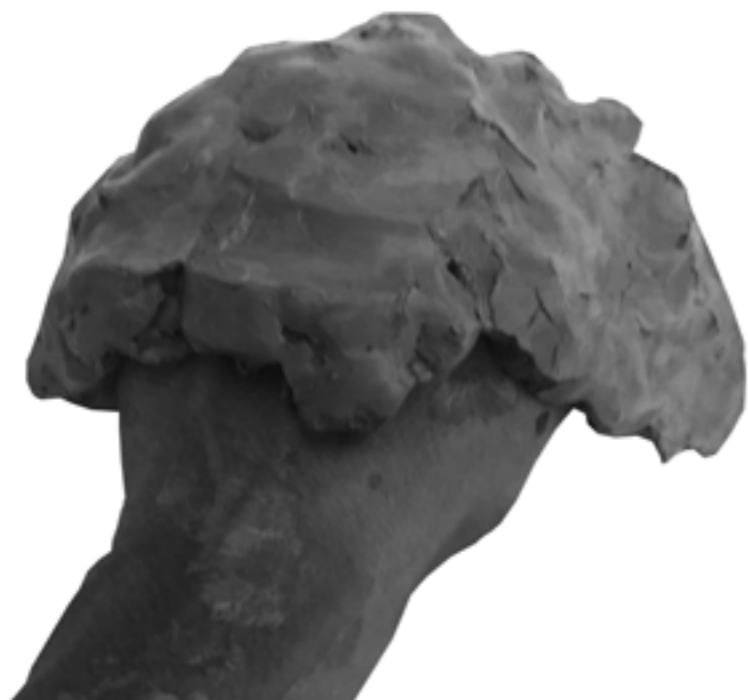
A escultura de uma santa negra. Ralador. Gamela. O artista rala a santa negra no ralador. A santa se transforma num pó branco. O artista se recobre desse pó branco. O branco como um pó ancestral, uma cor que remete, em algumas culturas, um ritual de luto e culto à ancestralidade sob uma perspectiva de celebração. A gamela é um objeto utilizado por religiões de matriz africana como recipiente de oferendas aos orixás, provenientes da madeira da gameleira, uma árvore que carrega o símbolo de memória. O corpo negro é coberto pelo branco num ato simbólico e performativo. A matéria é viva.

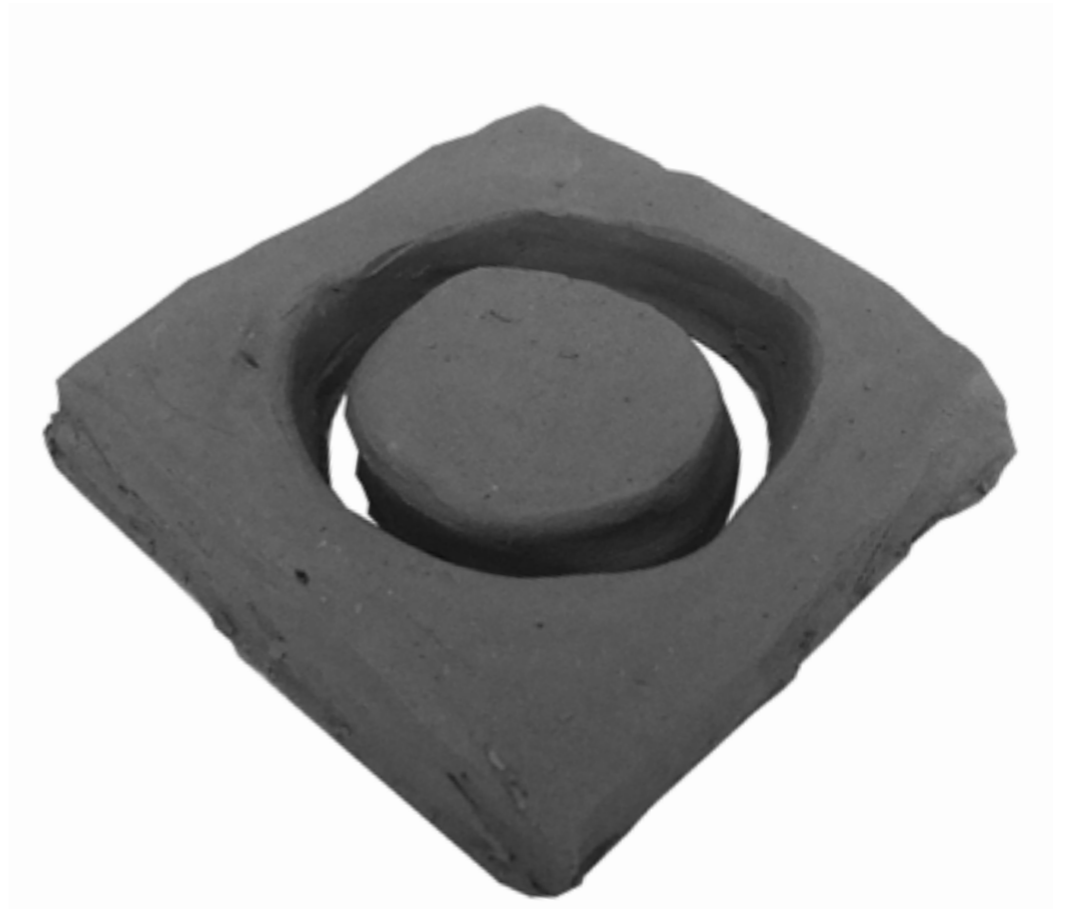
Ainda não se sabe quem veio primeiro a casa ou o círculo.

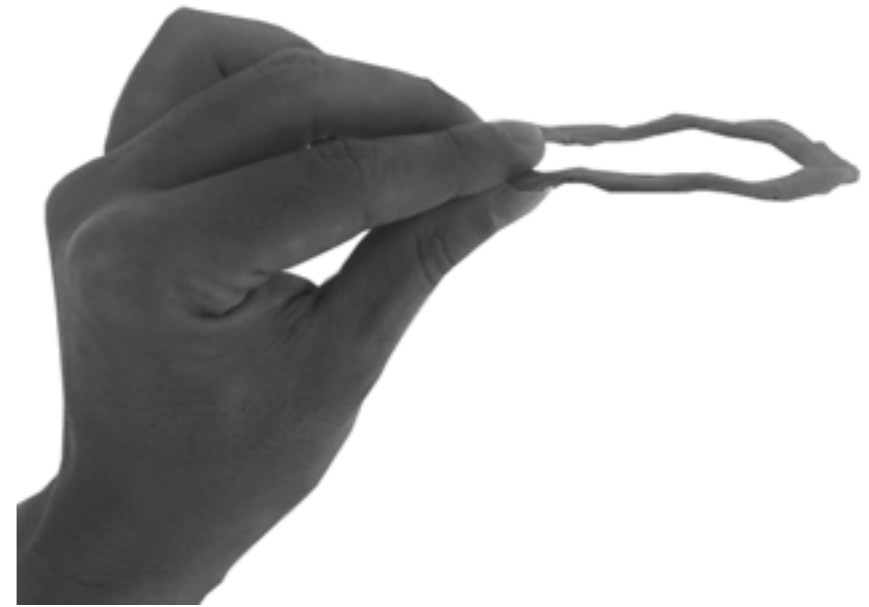
O círculo em sua plenitude irremediável emana de sua própria forma uma força transgeracional. Existe em si a potência da ruptura e da continuidade, o entendimento do tempo e da natureza como poesia previsivelmente fluida. Concêntrica. Magnética. A casa, atrofiada, é invadida. Violentada pela prepotência de um desenho belga. Ação e reação. O círculo não sai ileso. Nada está ileso. Nada é destituído de culpa. Ação e reação.

Quando a ciranda se amarra, há o laço. Há brincadeira e culto. Celebração, a exaltação de estar junto, enlaçado, trançado, em comunhão. Expansão e contração provocam fissuras, ruptura. O tensionamento está no nó que separa e une. Uma operação tão paradoxal quanto complementar. O que veio antes? O encontro das paredes empenhadas em conter e impedir. A grande laje circular chamada casa, desconhecida, irreduzível.



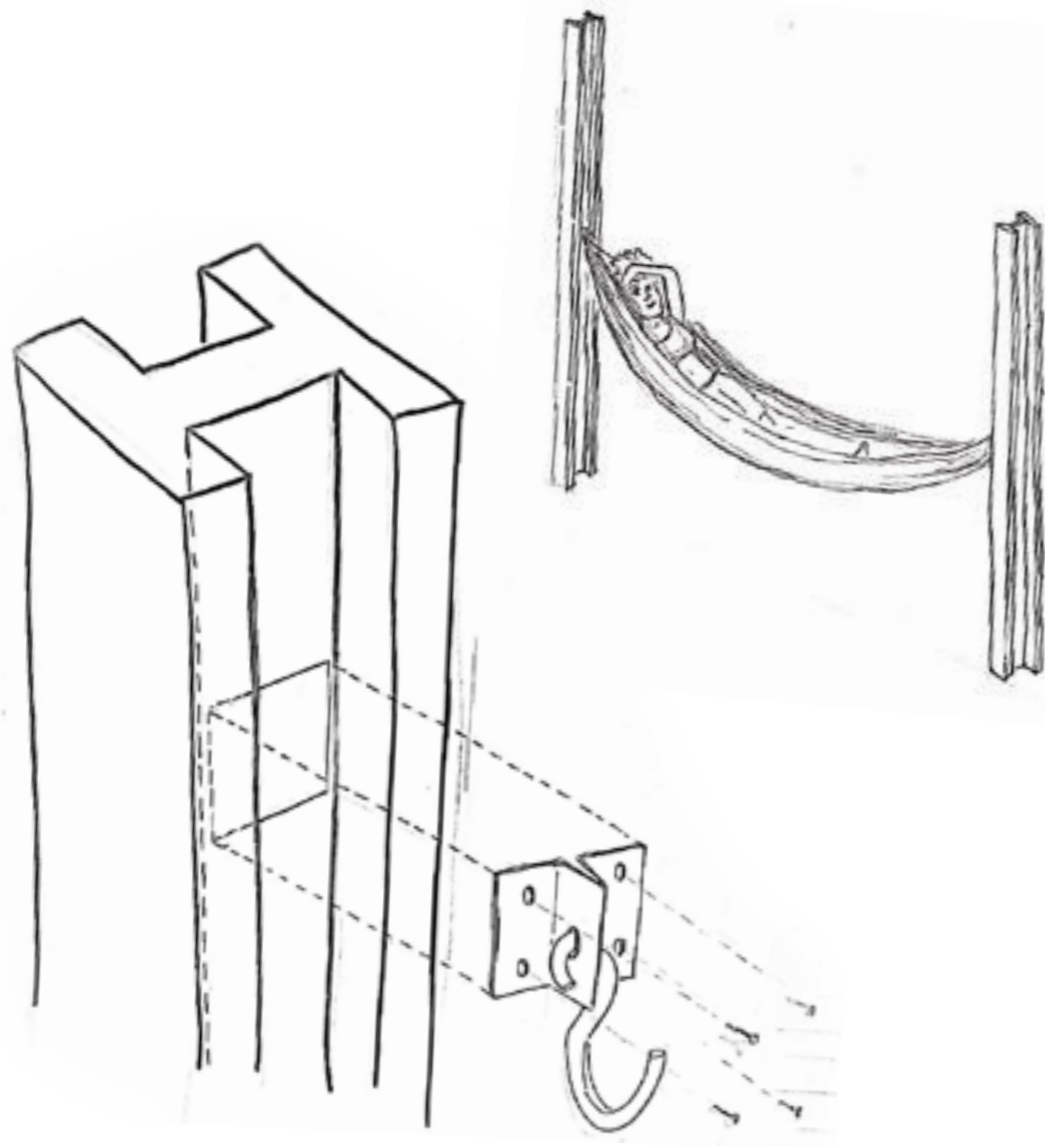




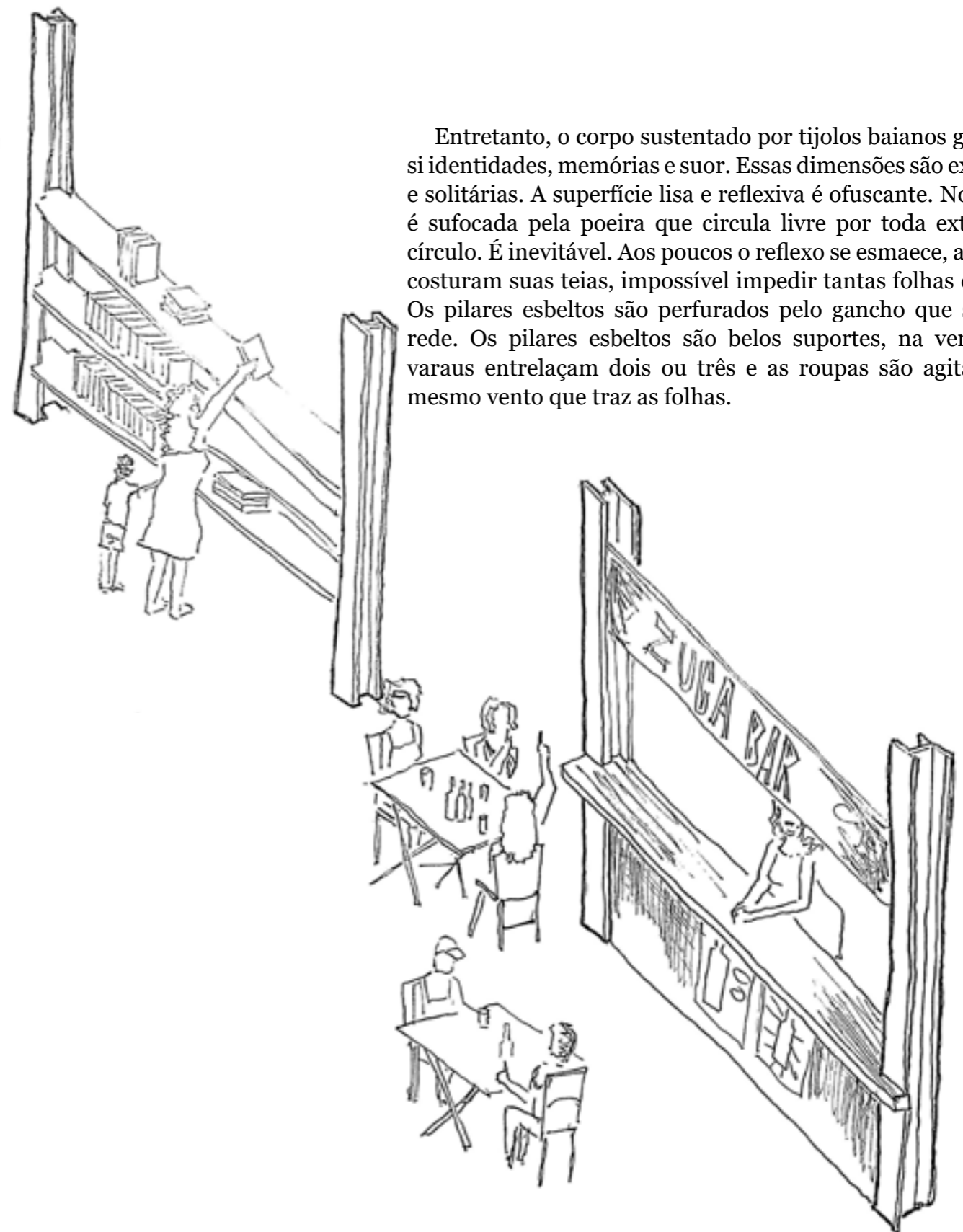








A bela laje circular, maciça, apoiada sobre 36 pilares que carregam uma esbelteza Van Derroniana, extrapolam os limites do que se conhecia sobre casa. Traduzem uma certa liberdade em toda sua irreverência formal. Tece uma atmosfera jamais experimentada. Um deleite tão reflexivo quanto melancólico. Silenciosa. Violenta. Nórdica.



Entretanto, o corpo sustentado por tijolos baianos guarda em si identidades, memórias e suor. Essas dimensões são exageradas e solitárias. A superfície lisa e reflexiva é ofuscante. No entanto, é sufocada pela poeira que circula livre por toda extensão do círculo. É inevitável. Aos poucos o reflexo se esmaece, as aranhas costuram suas teias, impossível impedir tantas folhas de entrar. Os pilares esbeltos são perfurados pelo gancho que suporta a rede. Os pilares esbeltos são belos suportes, na verdade. Os varaus entrelaçam dois ou três e as roupas são agitadas pelo mesmo vento que traz as folhas.

Foi assim, cada tijolo uma vitória



Sabe que eu lembro da história dessa janela, foi uma luta

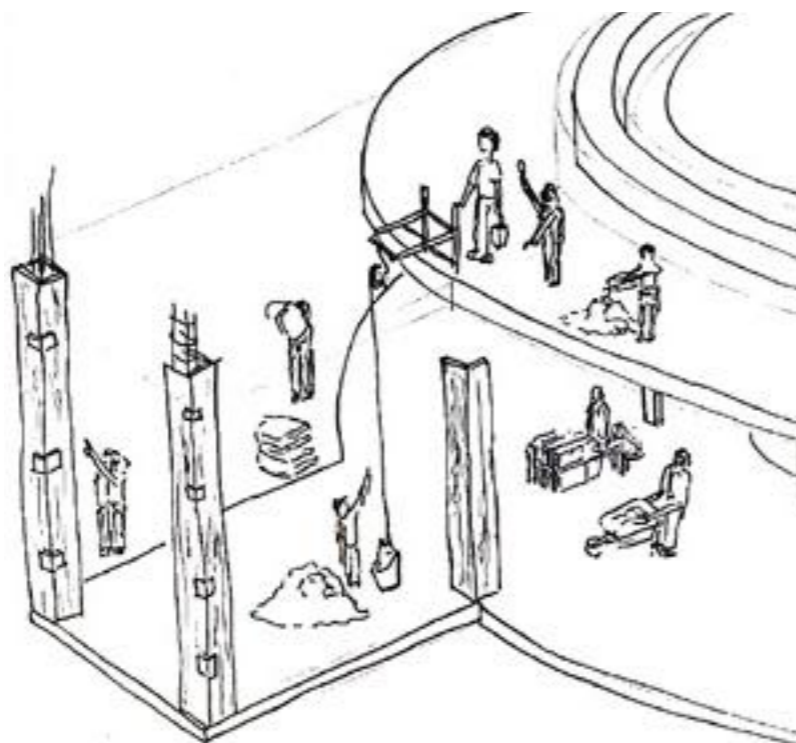
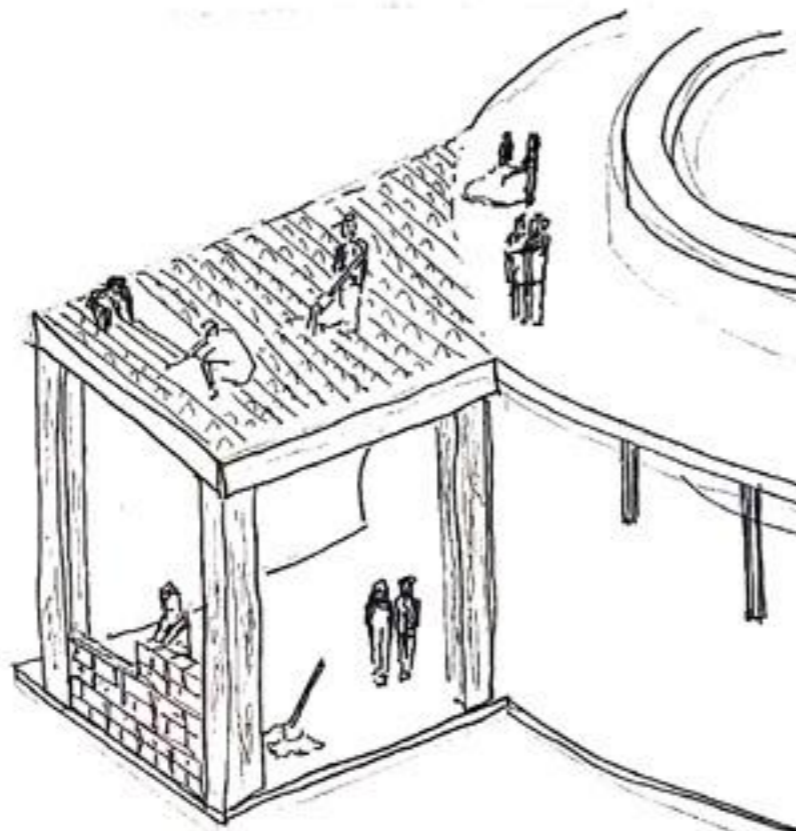
Tudo foi ganhado no braço



Eu sei o peso de cada balde

Muitas lágrimas empenhadas nessa casa





Os dias, as noites, o vento e a chuva são percebidos numa cadência tão circular quanto a própria laje. A pele ganha novos contornos e fissuras. As crianças deixam de correr. A terra custa muito e o círculo se abre. Aos poucos, montes de areia e brita se amontoam ao redor do objeto híbrido. As crianças se aventuram pelas grandes montanhas, desorganizando todo material. A vizinhança é atraída para o centro. Existe uma cumplicidade periférica singular. Os tijolos baianos pouco a pouco se empilham num jogo ágil inspirado pelo cheiro do feijão. A laje circular é conquistada. Um sistema de roldanas é instalado sobre ela, permitindo uma troca constante de objetos que sobem e descem num ritmo ditado por Beth Carvalho. A celebração da laje. A celebração da construção. A celebração.

### FEIJOADA da Gus

- 1K feijão preto - 100g de carne seca
- 70g melho - 70g rabo - 70g pé de porco
- 100g costelinha - 50g lombo - 100g paio - 150g linguiça part.

Temporo: 2 cebolas picadinhas - 1 maço cebolinha verde - 3 folhas de louro  
6 dentes de alho Pimenta lavanja Pimenta Pinga Sal

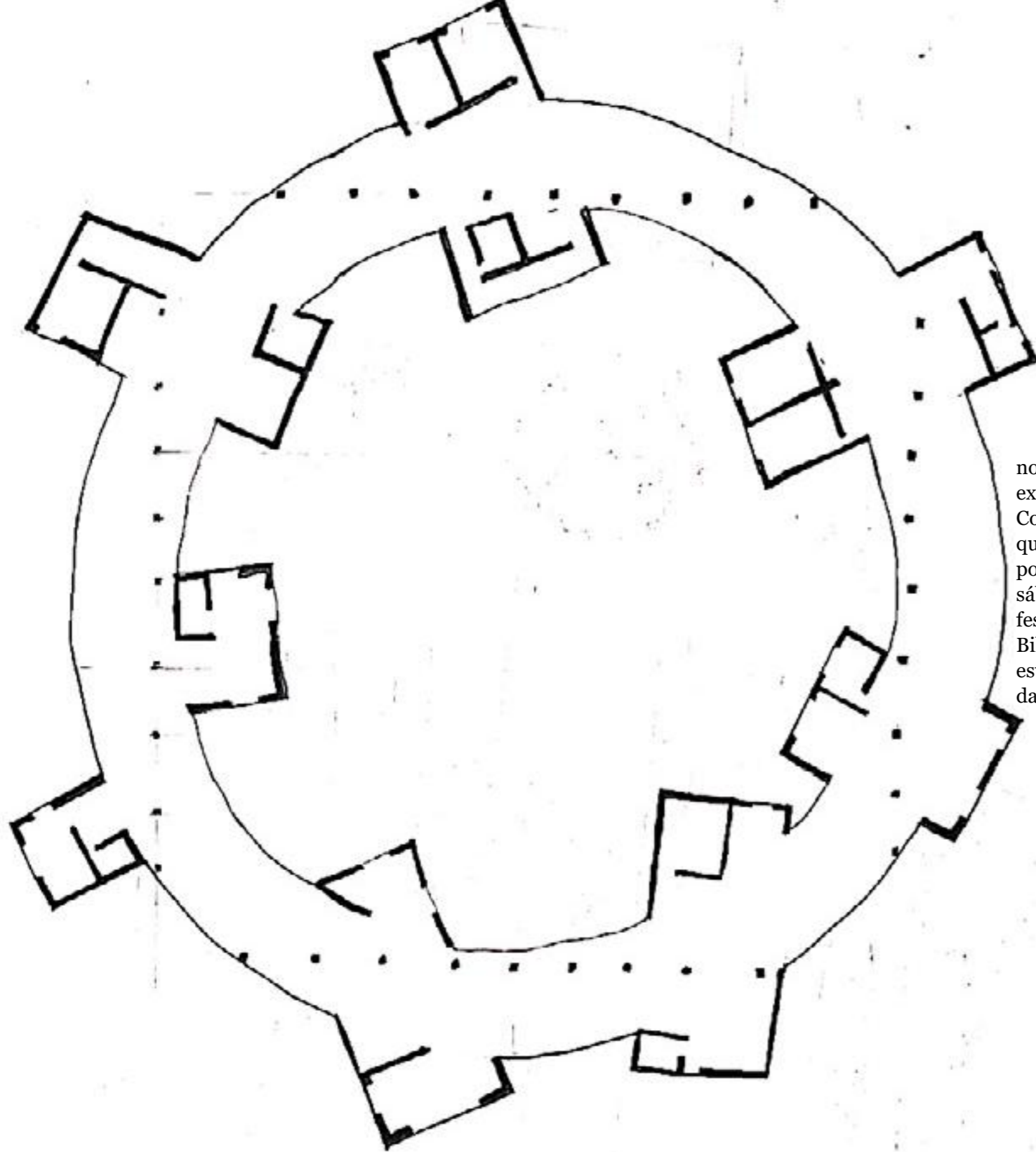
MODO DE PREPARAR: 1. Coloque as carnes de molho por 26 horas.  
Vá trocando a água várias vezes.

2. Coloque para cozinhar passo a passo: as carnes  
duras, em seguida as carnes moles.

3. Quando estiver mole, coloque feijão e retire as  
carnes.

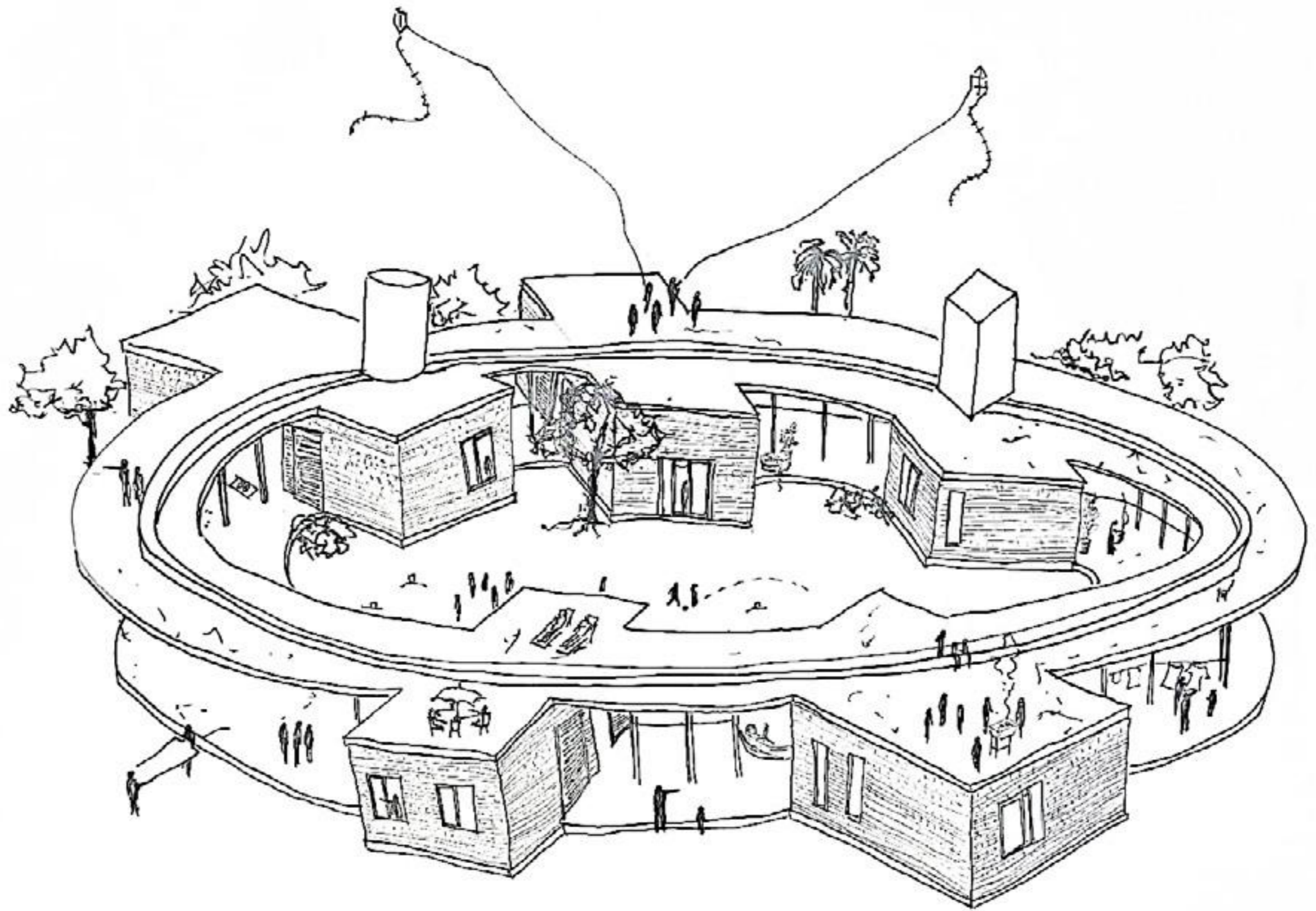
4. Tempore o feijão.





Aos poucos o grande círculo vai acomodando novos cotidianos, novas vozes, novas cores. Nada está ileso. Bila, primeira moradora, exige que a grande “varanda”, seja preservada, sem interrupções. Coincidentemente, as cozinhas passam a ocupar a área circular que se torna uma grande varanda compartilhada, idealizada por Bila, construída a dezenas de mãos. Um espaço entre. Entre sábado e domingo. Entre o estômago e o coração. Incitador de festas e confusões. A vida vibra, suja, quebra e se refaz. Às 21h, Bila se deita na rede e observa o horizonte estrelado. Percebe que está tarde ao ouvir a música de abertura da novela tocar na casa da Cris. Ainda não se sabe quem veio primeiro a casa ou o círculo.







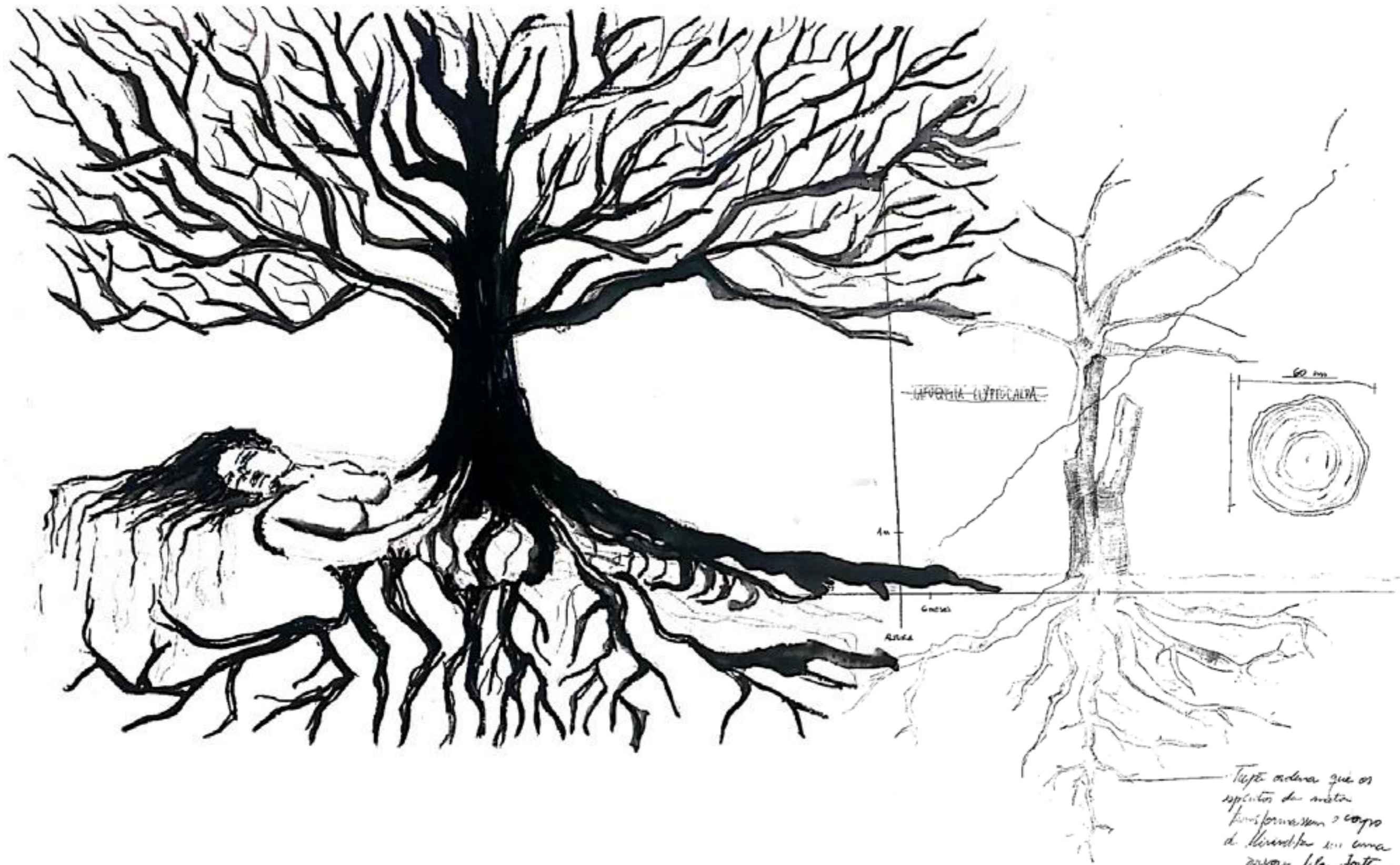
**Amoreiras (2010), Gilberto Prado**

Gilberto Prado se debruça sobre uma pesquisa que entrelaça natureza e tecnologia, questionando novas linguagens e comportamentos. Em Amoreiras, o artista posiciona cinco amoreiras na Avenida Paulista, uma área com altos níveis de poluição atmosférica. Nelas são instaladas microfones e próteses motorizadas que movimentam os galhos e analisam o comportamento das espécies diante dessa exposição à poluição. A dança das amoreiras é traduzida em algoritmos. A amoreira ciborgue se comunica e dança.

Sob tudo que há corre impulso  
Sob a casca corre a seiva  
Sob a pele corre o sangue  
Sob o vão corre o rio  
Mirindiba

A mais belas das timbiras que habitavam a região de Magepe-Mirim  
Ao colher amoras silvestres no alto do monte Ibitira foi atacada por uma Jararacuçu  
Picada em seu braço e seio esquerdo  
Tupã ordenou que Guaiupia transformasse o corpo de Mirindiba em uma árvore  
Bela e imponente sob os olhares de Coiaraci, de Jaci e de Tupã  
Mirindiba permaneceria fincada no alto do monte protegendo seu povo  
Acompanhada de Anhangá e Curupira



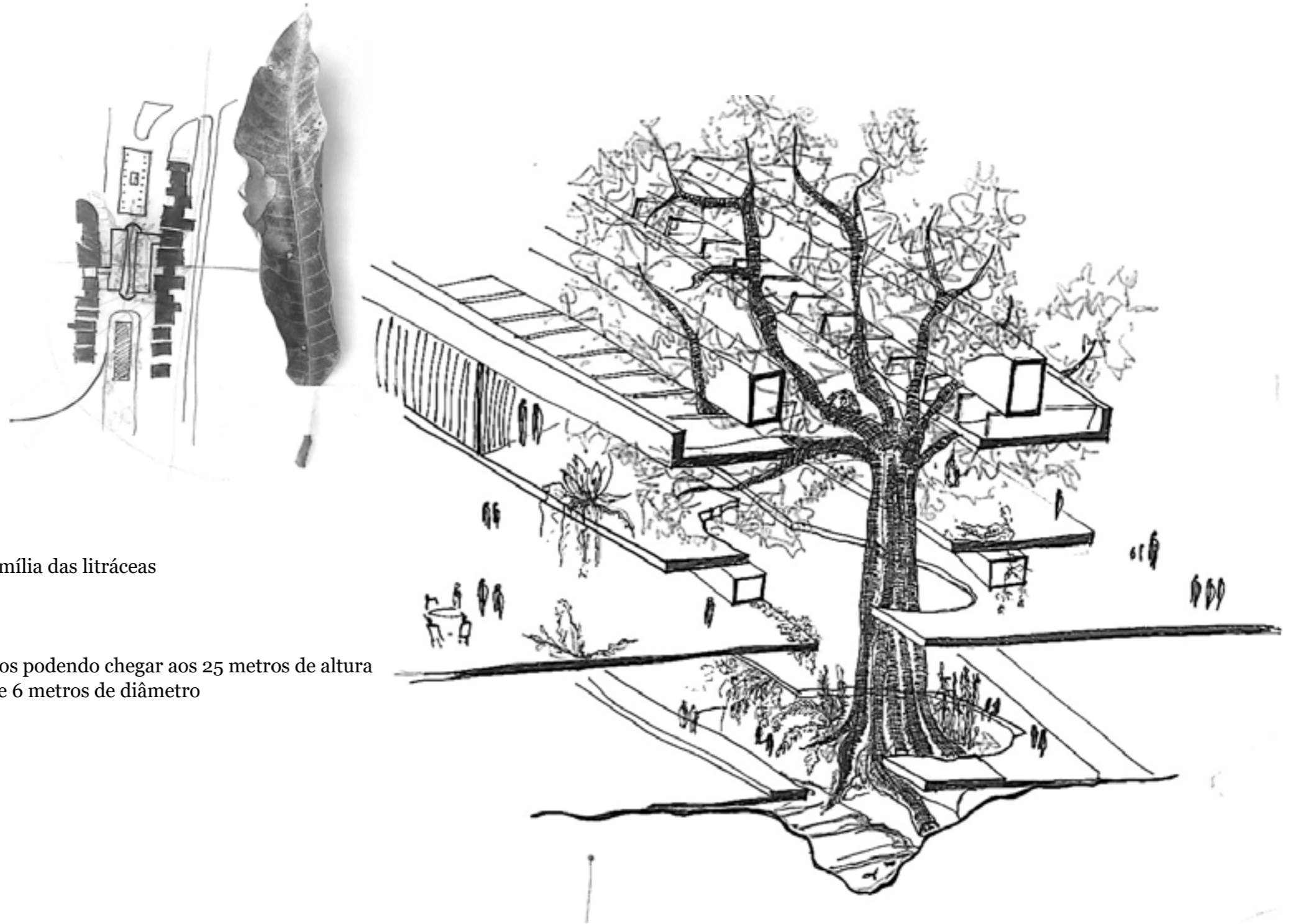


Trepe odava que os  
 splinter da madeira  
 transformam o corpo  
 de madeira em uma  
 massa lisa forte e  
 macia

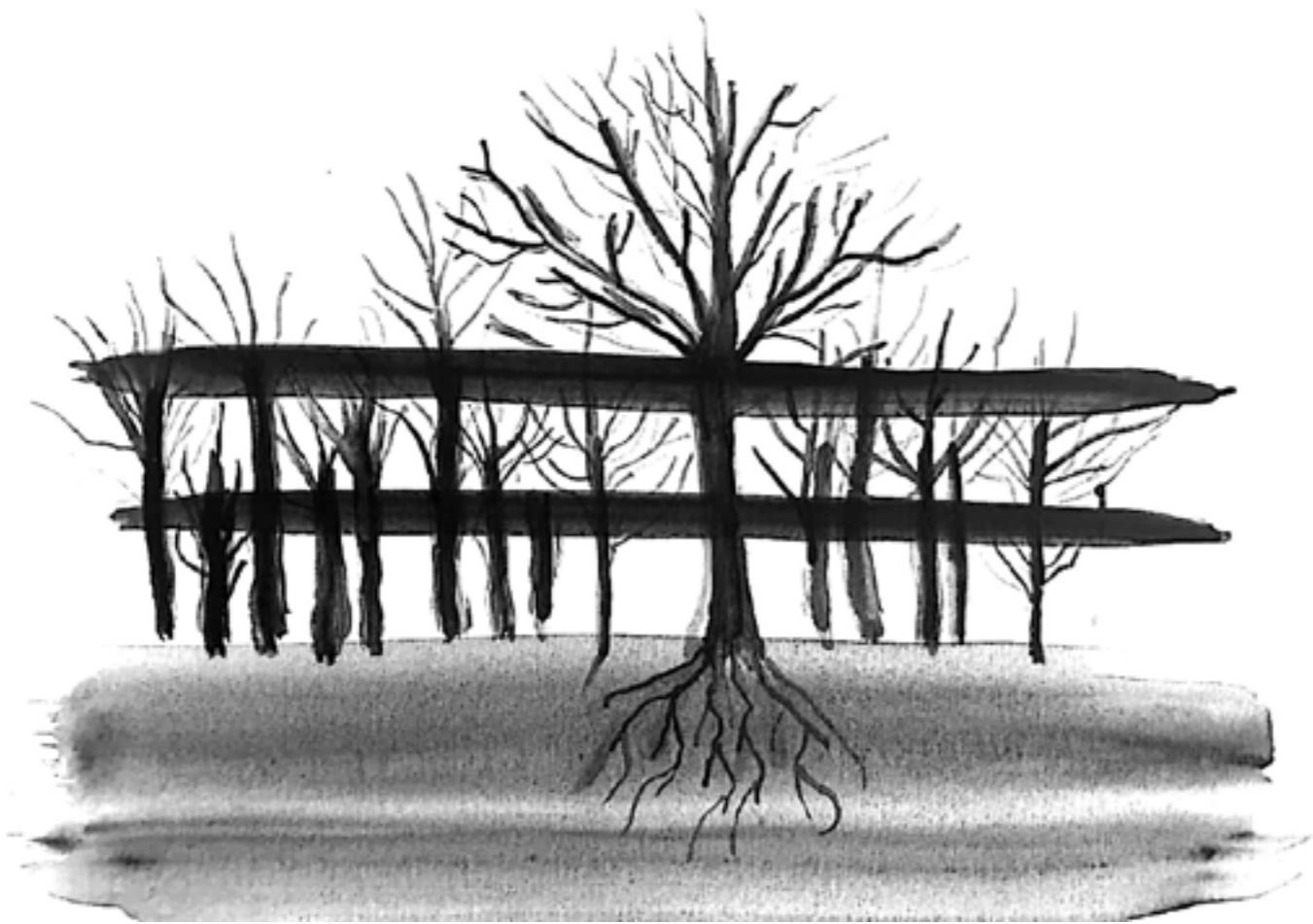
Ibitira se tornou Morro do Bonfim  
Mirindiba permanece

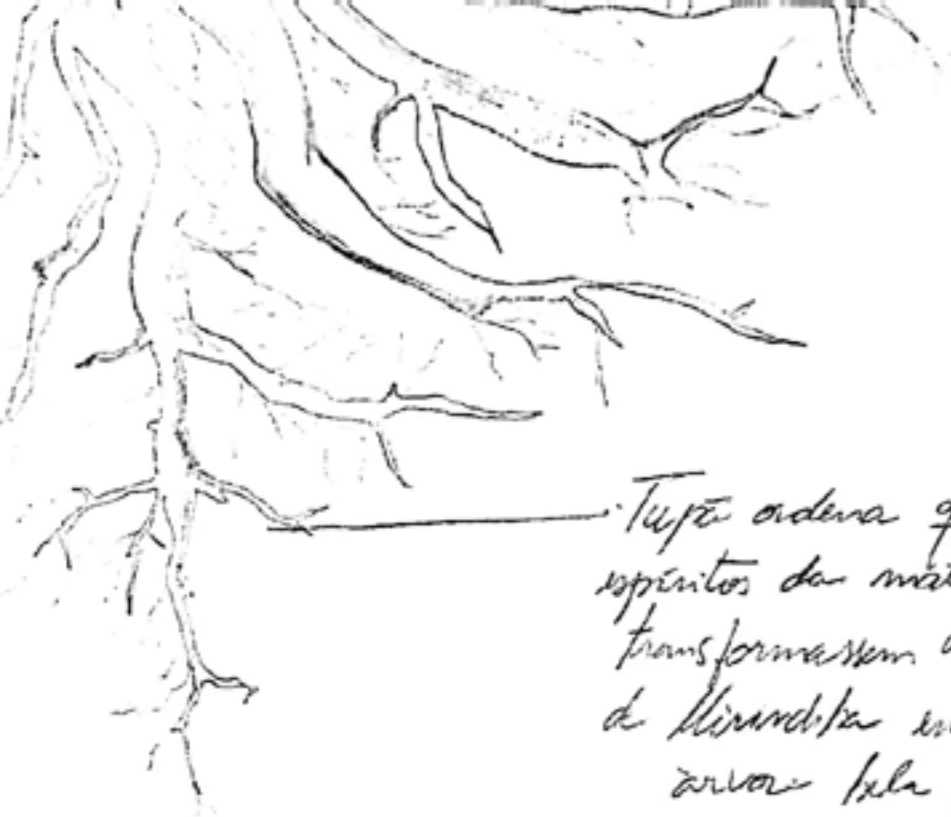
Sob a casca corre sangue  
Sob a pele corre o rio  
Sob o vão corre a seiva  
Sob tudo que há corre impulso  
O rio pulsa  
A memória corre  
O verdadeiro amor é vão  
Estende-se, infinito

Lafoencia glyptocarpa é uma árvore da família das litráceas  
Nativa da Mata Atlântica  
Floresce de julho a setembro  
Pode ter até 60 cm de diâmetro  
Pode chegar a 3 metros de altura em 2 anos podendo chegar aos 25 metros de altura  
Copa arredondada com aproximadamente 6 metros de diâmetro  
Mirindiba permanece  
Corre  
Pulsa

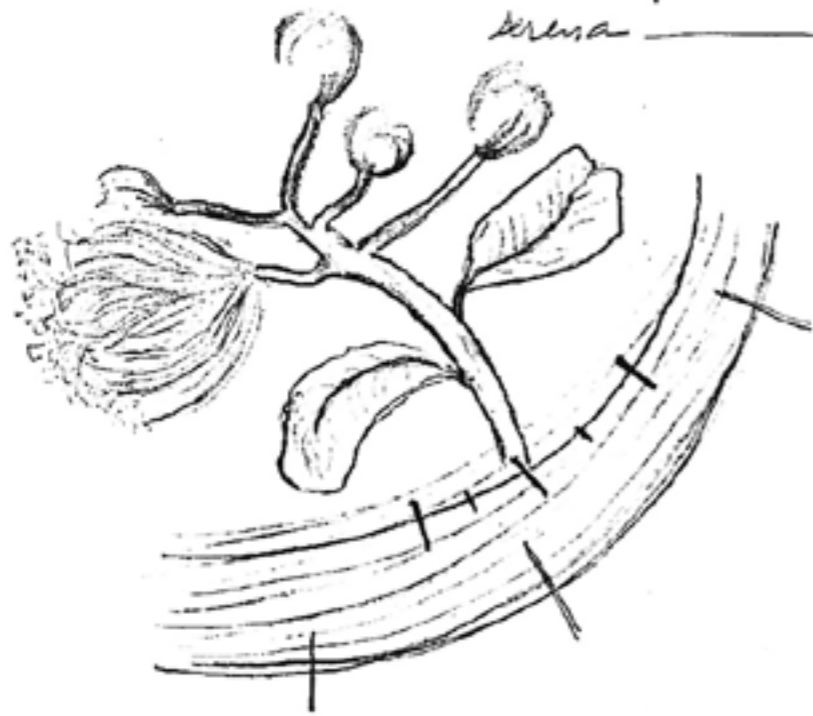








Tupã ordena que os  
espíritos da mata  
transformassem o corpo  
de Mirandiba em uma  
árvore bela, forte e  
serena.



O vão corre na horizontal  
O vão pulsa na vertical  
A conversa é fiada, do latim fidare: de fido + ere: ter confiança  
Crer com confiança que[...]  
Fiada, tecida, trançada, confiada

No vão há trama, horizonte  
Sob o vão há pulso  
A memória rasga a pele  
Estende-se, infinita  
É tecida, trançada, fiada  
A conversa é fiada

Sob o vão se fia, tece, trança  
Sob o vão corre sangue  
Sob a pele corre o rio  
corre seiva  
impulso





### Série Saunas e Banhos: O colecionador (2008), Adriana Varejão

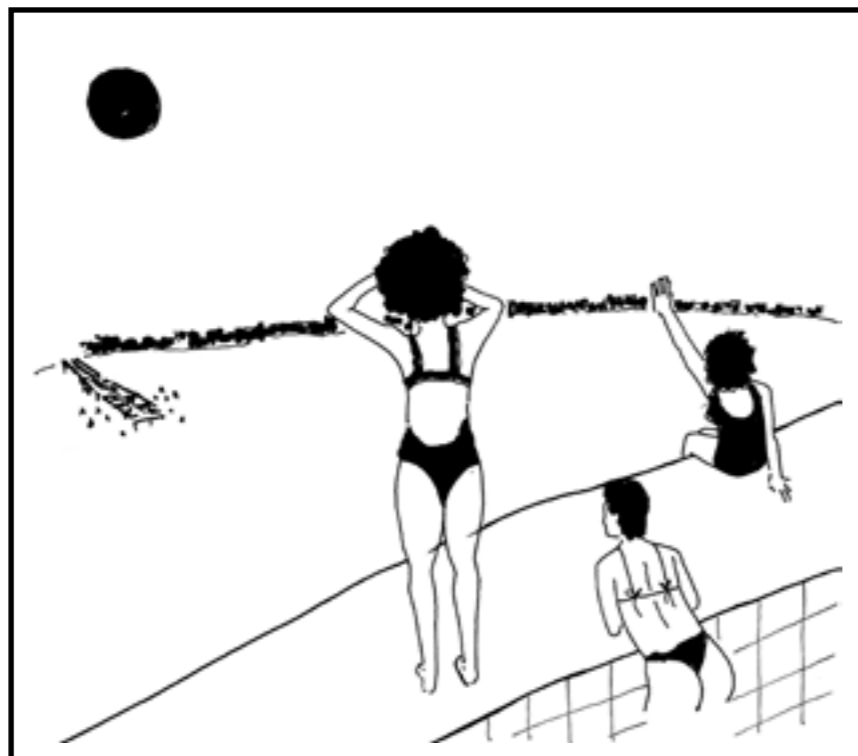
Na série Saunas e Banhos, Adriana continua sua investigação em torno dos azulejos. O azulejo decorado português, marcas do processo colonial no Brasil, presente em diversas obras da artista, dá lugar a azulejos monocromáticos na série. Os espaços retratados, são imagens de diversos lugares visitados pela artista. Em O Colecionador um espaço labiríntico se constrói a partir da repetição e do ritmo, a luz ganha tons dramáticos. O espaço inicialmente vazio, háptico, inicia um jogo psicológico, abre espaço para diversas narrativas. O espaço amedronta e excita. O título personifica a atmosfera numa relação antropomórfica (CERQUEIRA, 2009). O colecionador se apresenta. O labirinto desdenha da função. Incita desordem, não se sabe a direção nem o destino, confunde.

### Personagens

ZUCA  
MARIA  
IRACEMA  
AS BANHISTAS  
A RUÍNA  
A PISCINA  
O MAR  
A ILHA DO SOL  
PESSOAS NA PRAÇA

(À deriva)





## CENA I

### A maré alta

Piscinão das Marés. Antigo Píer da Guia de Pacobaíba, litoral da cidade de Magé. O sol está a pino

As mulheres são maioria na Piscina.

A maré se eleva a níveis que não se via há tempos. O Piscinão das Marés é tensionado por uma corrente inesperada.

Existe uma diferença muito grande entre o litoral de Matosinhos, em Portugal e os fundos da Baía. A piscina de Siza se conforma entre as pedras, se prende às rochas sendo, às vezes, a própria rocha. Fixa. O Piscinão em Mauá se agarra, apenas, nas decadentes estruturas inglesas do antigo píer.

Não se conhece muito sobre o movimento das marés, sobre o mar ou sobre os rios.

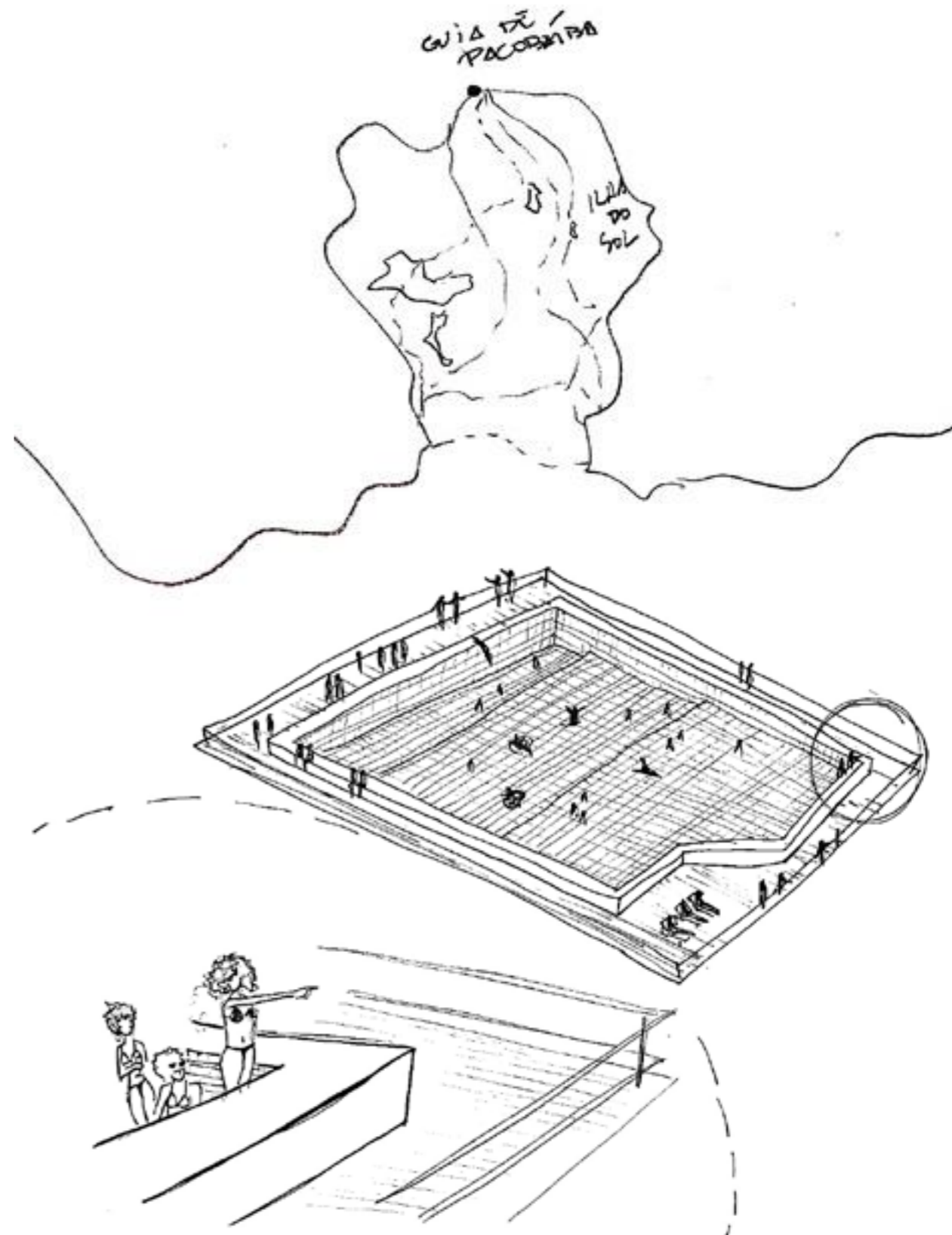
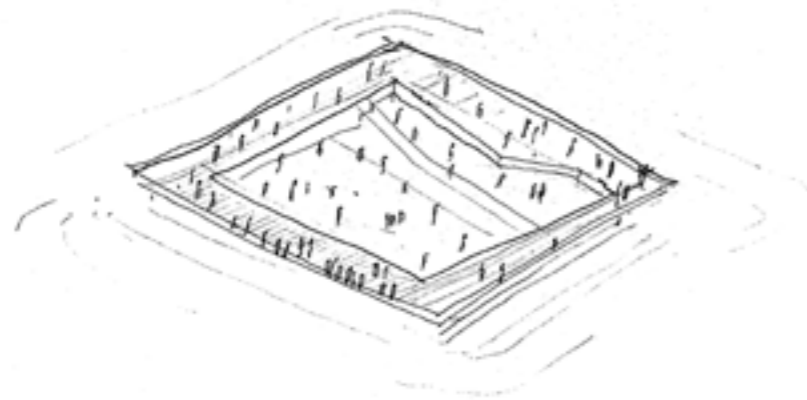
Apesar de resistir, a piscina vai aos poucos sendo separada da estrutura, um processo tão doloroso quanto libertador.

Quando o objeto se emancipa do cais numa ruptura traumática não há mais tempo para fuga. O desespero, o medo se instalam no interior da Piscina, em intensidades e proporções diferentes para cada banhista.

A Piscina está à deriva: “o estado de espírito errante pode ser cego”.

A Banhista carrega na pele uma aversão à errância, a tudo que não tem destino cravado e propósito funcional. Está impregnado no subconsciente dos corpos sacrificados pela modernidade.

O limite se aproxima.



## CENA II

### A ILHA DO SOL

A piscina está solitária vagando em meio à baía

O Mar deixa de ser apenas o Mar.

Após dias em curso sem destino pela baía, as ocupantes da piscina passam a olhar pro céu em busca de um entendimento. É preciso entender o ciclo da água, para saber como receber a chuva. O vento e o Mar são carregados de uma transcendência jamais imaginada:

IRACEMA (em aparente estado de desespero):

- Não somos capazes, não sabemos navegar, não sabemos onde estamos, nos abandonaram

ZUCA (confiante):

- Meu avô me ensinou a pescar debaixo daquela ponte

MARIA:

- Você precisa lembrar o que seu avô te ensinou

ZUCA:

- Não nos abandonaram, nos libertaram!

Depois de entender um pouco as correntes que corriam por baixo da Piscina, depois de entender a própria Piscina e todo seu funcionamento, as banhistas passaram a direcionar o objeto em direção ao pedaço de terra que estava mais próximo. Havia uma dependência de terra firme.

Nunca se passara tanto tempo sem ver a própria imagem refletida no espelho. A imagem se dissolveu sob o sol tropical.

A Piscina se aproxima da pequena ilha, a Ilha do Sol.

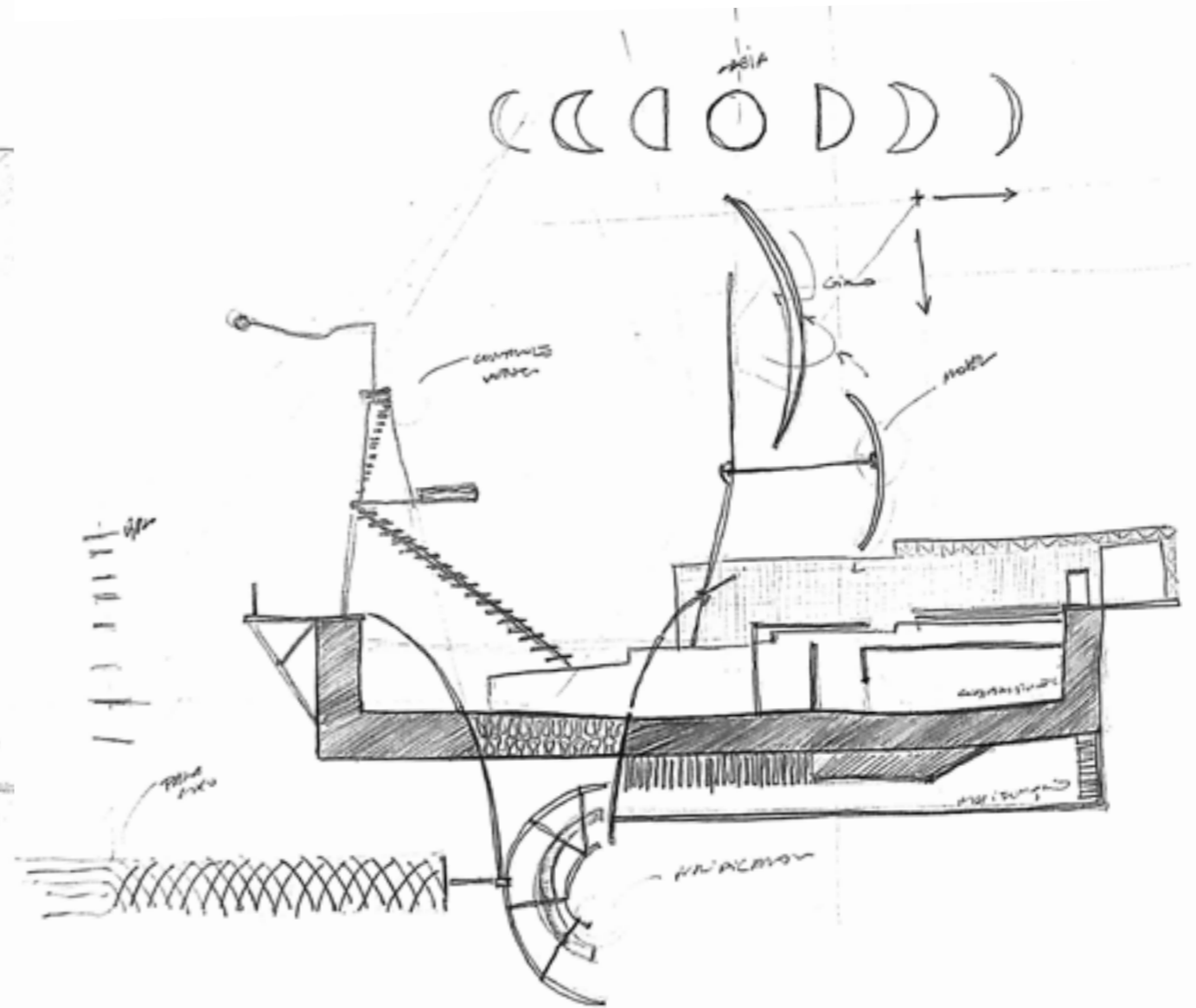
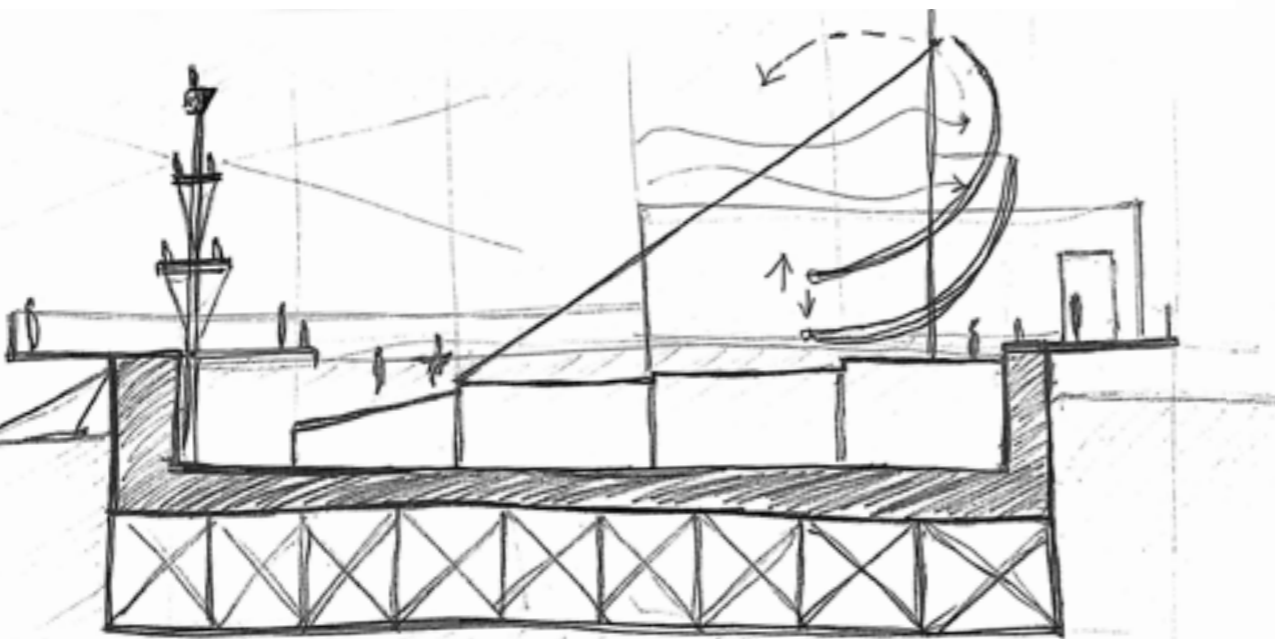
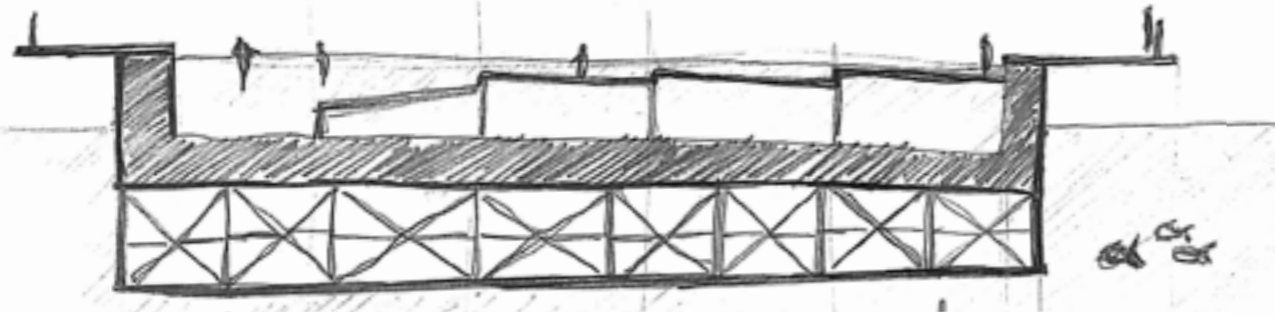
O objeto se choca contra as pedras, logo são alçadas algumas cordas e âncoras encontradas nos compartimentos mais profundos e desconhecidos da Piscina. O desespero é expulso do corpo junto ao suor. A placa na Ilha avisava:

“É expressamente proibido pisar o solo desta Ilha usando quaisquer peça de roupa ou portando máquina fotográfica.”

No interior, uma casa em ruínas emanava primavera

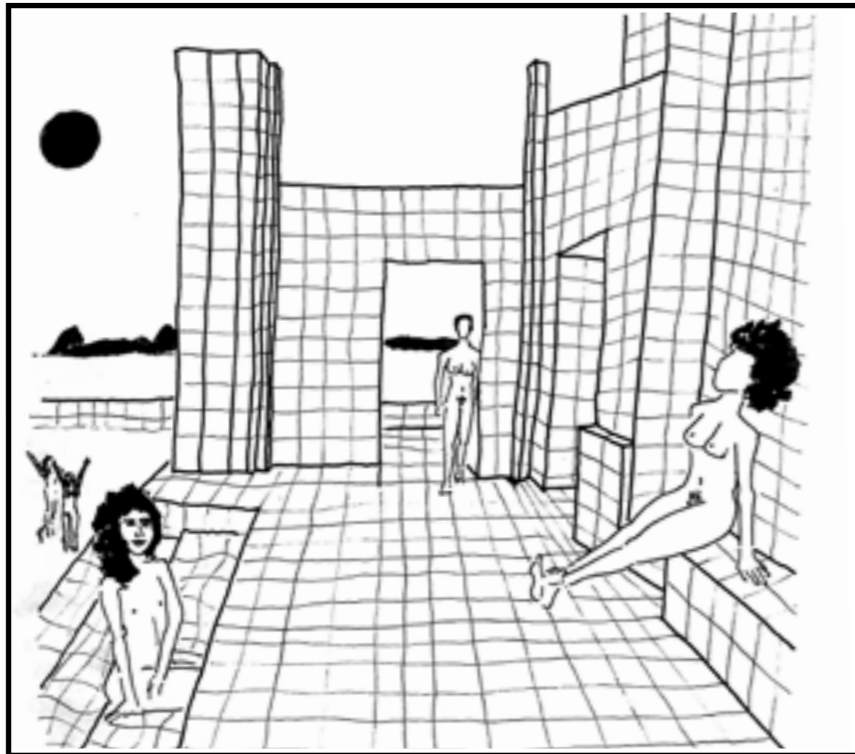
Era preciso recolher ali tudo que pudesse ajudar a navegar, tudo que pudesse ajudar no retorno ao continente.







**CENA III**  
**A MULHER NUA**  
A Piscina desatraca



Com os objetos e materiais recolhidos na ilha, as banhistas projetam estruturas de suporte na Piscina. Sistemas que pudessem se comunicar com os ventos e as correntezas. O objeto ruma para o porto, na velha Praça XV. Antes de sair da ilha, foram encontrados fragmentos da Janela do Mundo que, ao se adequar a este lado do hemisfério se desnudou de torres e cúpulas que, aqui, pareciam dispensáveis. As mulheres recolheram os fragmentos abandonados para domar a Piscina, utilizá-la como uma espécie de prótese. Agora as banhistas podiam pescar, passaram a trabalhar junto ao vento, se tornaram aliadas da chuva. Memórias pulsam. A deriva sublima o relógio. Se desaprende as horas. O tempo é lapidado numa operação trançada à natureza. A Piscina chega na praça XV. Agora o movimento, o vapor, os passos apressados assustam. A mulher desembarca nua no berço esplêndido de uma civilização engasgada. Sem deus, sem propriedade sem matrimônio. Funda a matéria. A piscina entre as barcas e barcos se destaca como um objeto de arte. Logo está nos trending topics, reproduzida em milhões de telas. O grupo para o centro da cidade.

**PESSOAS NA PRAÇA**

- Mas não é carnaval
- Isso é um escândalo, uma balbúrdia, uma baderna!
- É uma afronta!
- É magnífico!

Apesar de famintas estão mais fortes. Apesar de cansadas estão realizadas. A doméstica de Magé re-conquista a si mesma. Depois da confusão armada, abastecidas, as banhistas retornam à Piscina, sabem o caminho de volta. Aprendemos a navegar. Somos o Mar.





# Referências

AMANN, Atxu. *Mujer y Casa*. 2005. Tese de doutorado. Universidade Politécnica de Madrid.

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. *Revista de Antropofagia*. São Paulo, ano I, n.º 1, maio de 1928, pp. 3 e

ARENDT, Hannah. *A. Condição Humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2000.

AURELI; GIUDUCI. *Familiar Horror*. 2016. Black Square, London.

BARAD, Karen. “Posthumanist performativity: toward an understanding of how matter comes to matter”. In: *Signs: journal of woman in culture and society*, vol.28, no.31, 2003.

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica”. In: *Obras escolhidas I*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERENSTEIN, Paola. *Espetacularização Urbana Contemporânea*, Cadernos do PPG-AU especial “Territórios Urbanos e Políticas Culturais”, Salvador, 2004.

BERENSTEIN, Paola. *Notas fugidias sobre nossa herança antropofágica*. Redobra. Salvador. N.15. 2020

BERENSTEIN, Paola. *Estética da Ginga, Casa da Palavra*, Rio de Janeiro, 2001

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. IªEd. São Paulo. Companhia das letras: 1990.

CARRERI, Francesco. *Walkscapes: o caminhar como pratica estética*. Barcelona: Gustavo Gili, SA, Barcelona, 2002.

CERQUEIRA, Fátima. *Memória e persuasão na obra de Adriana Varejão*. 2009. Dissertação de Mestrado em Arte – Programa de Pós Graduação em Artes Universidade Federal do Espírito Santo. Disponível em: [http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese\\_3576\\_disserta%E7%E3o%20MESTRADO.pdf.pdf](http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_3576_disserta%E7%E3o%20MESTRADO.pdf.pdf). Acesso em: 06 nov. 2020.

CERTAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis. Editora Vozes: 2003

CLASTRES, Pierre. 2004. *Arqueologia da violência: pesquisas de antropologia política*. São Paulo: Cosac & Naify. Pp: 325.

CREWDSON, Gregory. *Aestheticsofalienation*, 2004. Disponível em: <<https://atlasofplaces.com/painting/aesthetics-of-alienation/>> Acesso em: Out. 2019.

D’AGOSTINI, Fernanda Figueiredo. *The Heritage Policies and Urban Development in the Paranapiacaba’s Railway Village*. 2014. 143 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

DOURADO, Adahilton. *O Animal Laborans e as origens do totalitarismo*. 2013. Dissertação de mestrado. Universidade de Brasília. Programa de Pós-Graduação em Filosofia.

FARIAS, José. *O projeto urbano ex-cêntrico como instrumento de política metropolitana*. Rio de Janeiro. 2012

Foucault, Michel. 2008. *Security, Territory, Population*. São Paulo: Martins Fontes. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Outros Espaços* [conferência no Círculo de Estudos Arquitetônicos, 14 de março de 1967], *Architecture, mouvement, continuitè*, nº5, outubro de 1984, ps. 46-49

FREIRE-MEDEIROS, Bianca; NAME, Leo. *Epistemologia da laje*. *Tempo social: revista de sociologia da USP*, v.31, n.1. doi: 10.11606/0103-2070.ts.2019.151262. São Paulo, 2018. ps:153-172

GONZALEZ, Lélia. *Cultura, Etnicidade e Trabalho: Efeitos Lingüísticos e Políticos da Exploração da Mulher*. Artigo apresentado em: 8º Encontro Nacional da Latin American Studies Association. 1979. Pittsburg. \_\_\_\_\_. *Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira*. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, São Paulo, p. 223- 244, 1984.





CASO Miguel: Justiça prorroga prazo para Sari Corte Real apresentar defesa. G1, 2020. Disponível em <<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/09/02/caso-miguel-justica-prorroga-prazo-para-sari-corte-real-apresentar-defesa.ghtml>> Acesso em 26 de set. de 2020

GUEDES diz que, com câmbio baixo, até empregada doméstica estava indo para Disney. Infomoney, 2020. Disponível em <<https://www.infomoney.com.br/economia/guedes-diz-que-com-cambio-baixo-ate-empregada-domestica-estava-indo-para-disney/>> Acesso em 26 de set. de 2020.

MÃE de menino que morreu ao cair de prédio diz que patroa, que estava com a criança, é mulher de prefeito: ‘Se fosse eu, meu rosto estaria estampado’. G1, 2020. Disponível em <<https://g1.globo.com/pe/pernambuco/noticia/2020/06/04/meu-rosto-estaria-estampado-diz-mae-de-menino-que-morreu-ao-cair-de-predio-ao-identificar-primeira-dama-de-tamandare-como-patroa.ghtml>> Acesso em 26 de set. de 2020

MUNDO terá 9 bilhões de pessoas em 2050. BBC, 2007. Disponível em <[https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/06/070627\\_relatoriopopulacao2007\\_pu](https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2007/06/070627_relatoriopopulacao2007_pu)> Acesso em 26 de set. 2020

MULHERES e negros são os mais afetados pela covid-19 no Brasil, aponta IBGE. UOL, 2020. Disponível em <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/deutsche-welle/2020/07/24/mulheres-e-negros-sao-os-mais-afetados-pela-covid-19-no-brasil-aponta-ibge.htm>> Acesso em 26 de set. de 2020

NUBIA Cozzolino, Ex-prefeita de Magé, é presa por ocultação de documentos. G1, 2020. Disponível em <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/05/24/nubia-cozolino-e-presa.ghtml>> Acesso em 26 de set. de 2020

O que faz o Brasil ter a maior população de domésticas do mundo. BBC, 2018. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-43120953>> Acesso em 26 de set. de 2020

POR que as mulheres sempre relegadas à cozinha, não são as chefs estrelas da gastronomia? El País, 2020. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/cultura/2020-03-08/por-que-as-mulheres-sempre-relegadas-a-cozinha-nao-sao-as-chefs-estrelas-da-gastronomia.html>> Acesso em 26 de set. de 2020

PRIMEIRA vítima do RJ era doméstica e pegou coronavírus da patroa no Leblon. UOL, 2020. Disponível em <<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/03/19/primeira-vitima-do-rj-era-domestica-e-pegou-coronavirus-da-patroa.htm>> Acesso em 26 de set. de 2020

SANT’ANNA, Lourival. Eleições na Itália confirmam crescimento de fascistas. 2018. Disponível em: <<https://comunidade.rockcontent.com/como-fazer-referencia-de-site/>> Acesso em 23 out. 2019

## AUDIOVISUAL

ILHA das flores. Jorge Furtado. Brasil. Casa de Cinema de Porto Alegre, 1989. (15m)

METROPOLIS. Fritz Lang. Alemanha. 1927.(2h33m)

ROMA. Alfonso Cuarón. México/EUA. Participant Media Esperanto Filmoj. Distribuído por Netflix. 2018. (2h15m)

QUE horas ela volta? Anna Muylaerte. Brasil. Africa filmes. Globo filmes. 2015. (1h54m)

Rio de Janeiro  
2020